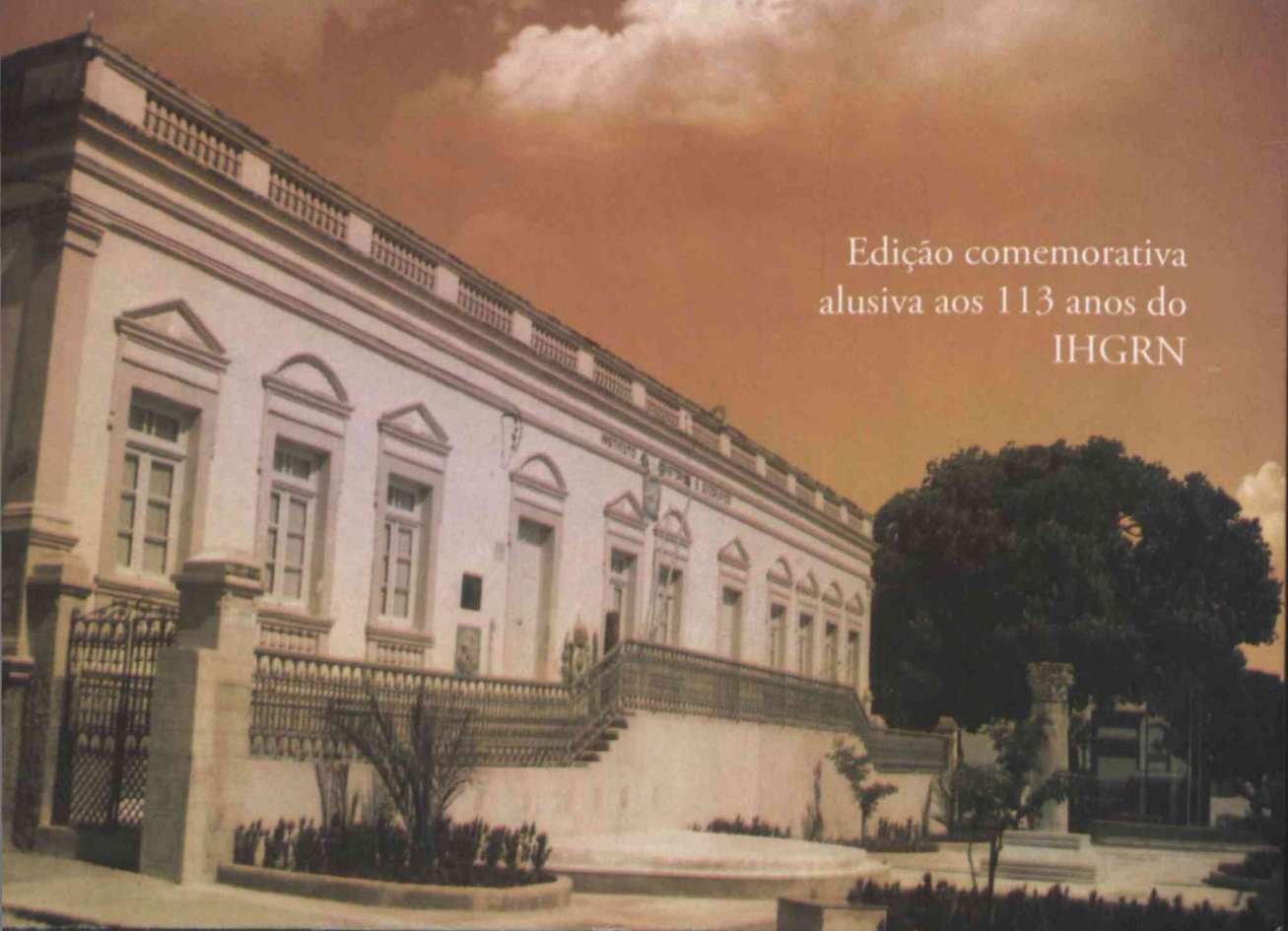
Instituto Histórico e Geográfico do
Rio Grande do Norte - IHGRN

REVISTA

Nº XC – ANO 2015

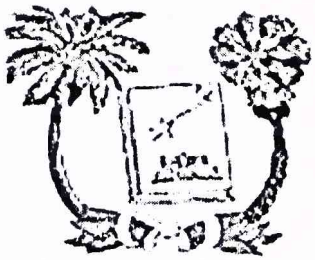


Edição comemorativa
alusiva aos 113 anos do
IHGRN

ARTIGOS E DISCURSOS REVISTA DO IHGRN 2015

- Antonio Ferreira de Melo Junior
- Antônio Luiz de Medeiros
- B. N. Teensma
- Bruna Rafaela de Lima
- Carla Alberta Gonzalez y Gonzalez Lemos
- Carlos Frederico de O. L. da Câmara
- Carlos Roberto de Miranda Gomes (2)
- Ciro Tavares
- Francisco de Assis Câmara
- Geniberto Paiva Campos
- Prof. Itamar de Souza
- José de Anchieta Cavalcanti (2)
- Jurandyr Navarro
- Livio Oliveira
- Levy Pereira
- Por Manoel Moura filho
- Melquíades Pinto Paiva
- Odúlio Botelho Medeiros (2)
- Ormuz Barbalho Simonetti
- Paulo Pereira do Santos
- Pedro Guilherme Cavalcanti
- Pedro Lins Neto
- Roberto Cardoso
- Tomislav R. Femenick
- Valério Mesquita

REVISTA INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE



FUNDAÇÃO EM 29 DE MARÇO DE 1902

Nº 90
2013/2014

FICHA TÉCNICA

Organização de textos: Thiago Gonzaga

Digitação: Os autores

Diagramação e Arte da Capa: (IGRN) Ormuz Barbalho

Tiragem: 100 exemplares

Gráfica: DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

DIRETORIA:

Presidente: VALÉRIO ALFREDO MESQUITA

Vice-Presidente: ORMUZ BARBALHO SIMONETTI

Secretário-Geral: CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES

Secretário-adjunto: ODÚLIO BOTELHO MEDEIROS

Diretor Financeiro: GEORGE ANTÔNIO DE OLIVEIRA VERAS DIRETOR

Financeiro-Adjunto: EDUARDO ANTÔNIO GOSSON

Diretor da Biblioteca, Arquivo e Museu: EDGARD RAMALHO DANTAS

Diretor Orador: JOSÉ ADALBERTO TARGINO ARAÚJO

CONSELHO FISCAL:

EIDER FURTADO DE MENDONÇA E MENEZES

TOMISLAV RODRIGUES FEMENICK

PAULO PEREIRA DOS SANTOS

LÚCIA HELENA PEREIRA

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN volume 90 - anos 2013/2014 – Natal (RN):** Departamento Estadual de Imprensa, 2015,

299 p. : il /

1. **Rio Grande do Norte – Genealogia – História – Geografia**
2. **Periódico.**

CDD 981.32

2013/2014 **CDU 981(813.2)**

SUMÁRIO

ARTIGOS

Antonio Ferreira de Melo Junior - O fio da aranha: dom vital construído pelo jornal A Ordem (1935-1939)..... 07

Antônio Luiz de Medeiros - Padre Joaquim Felix de Medeiros, de São João do Sabugi-RN - *"Os passos fazem o caminho"*..... 19

B. N. Teensma - Os Mocós da Itabiraba do Córrego Retorto..... 23

Bruna Rafaela de Lima - Luís da Câmara Cascudo - *Um homem de fé e um historiador católico*..... 43

Carla Alberta Gonzalez y Gonzalez Lemos - Dilipen: Os territórios, os ciganos e o futuro - *Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer/ "Em cima o céu, embaixo a terra, no meio os ciganos"*..... 71

Carlos Frederico de O. L. Da Câmara - Jornais culturais alternativos nas décadas de 70 e 80 em natal..... 93

Carlos Roberto de Miranda Gomes - A religião na releitura de Marx..... 97

Carlos Roberto de Miranda Gomes - Ao Mestre Américo, com carinho..... 101

Ciro Tavares - Centenário do nascimento..... 105

Francisco de Assis Câmara - Recepção de novos sócios..... 113

Geniberto Paiva Campos - O Estádio "Mané Garrincha" e as Políticas Públicas. 117

Prof. Itamar de Souza - A educação pública do Rio Grande do Norte no governo do interventor Mário Câmara..... 119

José de Anchieta Cavalcanti - Solar dos Antunes..... 127

José de Anchieta Cavalcanti - 1º Casarão: O templo..... 129

Jurandyr Navarro - Ao cadáver desconhecido..... 131

Livio Oliveira - O poder político e a cultura no Rio Grande do Norte... 137

Levy Pereira - O percurso da expedição em busca das minas de prata no Rio Grande Holandês em 1650..... 139

Por Manoel Moura Filho - De aboio e de ferro..... 207

Melquíades Pinto Paiva - Um índio potiguar: Enélio Lima Petrovich (1934 – 2012)..... 209

Odúlio Botelho Medeiros - Antônio Francisco - *Somente Deus Explica* 211

Odúlio Botelho Medeiros - Carlos Roberto De Miranda Gomes: uma instituição..... 215

Ormuz Barbalho Simonetti - A praça André De Albuquerque Pede Socorro 219

Paulo Pereira do Santos - O Santo Tomás de Aquino - *Economia da época..* 225

Pedro Guilherme Cavalcanti - Familia Camarão - *A história de como o pai e os tios de felipe camarão transfomàram o nordeste brasileiro*..... 227

Pedro Lins Neto - Frei Herculano o construtor de obras sacras..... 239

Roberto Cardoso - Homo natalensis..... 247

Tomislav R. Femenick - Em busca da verdade histórica..... 261

Valério Mesquita - Discurso de posse..... 279

APRESENTAÇÃO

Valério Alfredo Mesquita
Presidente do IHGRN

Este é o nonagésimo volume correspondente aos textos dos nossos confrades, dos anos de 2013 e 2014. Por oportuno, ele celebra os 113 anos de aniversário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte - IHGRN. Com este número, obedecemos a tradição, ao tempo e ao senso. A revista transmite o pensamento e as ideias do escritor potiguar, todos aliciados pelo desejo insofreável de ressurreição da história, pela inestimável compreensão da alma coletiva das gerações cristalizadas em todos nós. São páginas evocativas, de estudos e de pesquisas. O que desejamos, penso, é respirar o oxigênio cultural através da atividade literária pluralista e tradutora, da simbiose entre o passado, o presente e o futuro.

A comemoração dos 113 anos da nossa Instituição, com a edição da revista, atinge a sua essência de existir como veículo e fonte natural de pesquisa, de estatística, de estudo e principalmente de relicário, da história do Rio Grande do Norte. Nunca devemos nos esquecer que o IHGRN é patrimônio do povo potiguar.

Natal/RN, 29 de março de 2015.

O FIO DA ARANHA: DOM VITAL CONSTRUÍDO PELO JORNAL A ORDEM (1935-1939)

Antonio Ferreira de Melo Junior[1]

"Um dos erros mais cometidos quando se investiga as posições da Igreja é o de levá-las ao pé da letra, de considerá-las como uma resposta de curto prazo para os problemas conjunturais. Isso ignora que a Igreja não tem que arcar com o fardo da democracia; que seu tempo não é o tempo dos indivíduos, nem o de outras organizações da sociedade. A Igreja tem a paciência de uma aranha, ela trabalha em perspectivas temporais que não são medidas em anos ou décadas, mas em séculos" (GRAZIANO, 2006, p. 54)

Este texto tem como objetivo discutir a forma como Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1844-1878) é construído nas páginas do jornal católico norte-rio-grandense *A Ordem,* entre 1935 e 1939. Figura proeminente da Igreja Católica brasileira, Dom Vital é mais conhecido pela sua atuação na chamada Questão Religiosa no final do século XIX, ocasião em que, enquanto bispo de Olinda, lutou sem cessar contra a Maçonaria, no intuito de manter a integridade da doutrina católica. Assim, devemos fazer o esclarecimento: nossa proposta não é discutir o bispo de Olinda em si, mas a construção política- religiosa- social relativa à sua imagem no principal período católico do Rio Grande do Norte. Qual a importância do personagem pernambucano para a realidade norte-rio-grandense? Por que se tornou possível rememorar Dom Vital? Quais os instrumentos dessa rememoração? Por que remeter-se a um personagem do século XIX para significar ações de meados do XX? Se Vital era uma figura de relevância nacional, qual a relação da imagem dele com a demanda local?

Partimos da premissa de que as referências ao sistema religioso são imprescindíveis para a compreensão das ações políticas da Igreja Católica (MAINWARING, 1989) e trabalharemos por meio das hipóteses formuladas por Renato Amado Peixoto em A Crise de 1935 no Rio Grande do Norte (PEIXOTO, 2012) e Católicos a postos! (PEIXOTO, 2010a) de que a atuação da Igreja Católica no estado se caracterizou por uma estratégia espacial que traduzia as condições do nacional no local, cuja implantação transformou e condicionou a sociedade e a política norte-rio-grandense.

***

Desde o início da República em 1889, as lideranças políticas brasileiras vêm do que hoje consideramos a região sudeste do Brasil: Rio de Janeiro, outrora centro administrativo imperial e capital do Brasil; e São Paulo e Minas Gerais,

1 Licenciado (2009-2013) e Bacharelando (último período) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

cujas oligarquias ganharam força com o governo de Campos Sales na presidência da República (1898-1902). Na década de 1930, contudo, o cenário passou a ser outro: a Revolução de 1930, como um movimento de militares e oligarquias dissidentes, produziu uma clivagem no cenário político brasileiro ao trazer novas lideranças políticas, proporcionando-lhes papéis de envergadura (o exemplo precípuo é o de Getúlio Dornelles Vargas, que chegou até a presidência). Nesse sentido, os anos que decorrem entre outubro de 1930 e novembro de 1937 podem ser caracterizados como "dominados por conflitos e negociações, violentos e delicados, conformadores de uma 'incerteza' que só cessou quando as forças vitoriosas definiram que entre o povo e o governo não haveria mais intermediários" (GOMES, 2000, p. 515). Ângela de Castro ainda nota que para tal supressão de intermediários foi fundamental a negação de "uma sociedade fundada no dissenso, postulando-se uma tendência à unidade em todos os aspectos, fossem econômicos, sociais, políticos ou morais (identificação entre Estado e nação)" (GOMES, 2000, p. 516).

Na busca da unidade brasileira e da supressão de intermediários, a relação entre Vargas e a elite política norte-rio-grandense era deveras tensa. Dada a ascensão de Vargas no pós-1930, o estado passou a ser governado por interventores enviados pelo poder central, sendo que entre 1930 e 1935 o Rio Grande do Norte teve cinco interventores diferentes. Como mostrou o sociólogo José Antônio Spinelli (SPINELLI, 1996, p. 127-128), o momento entre 1933 e 1935 marca uma crise política entre as organizações familiares locais e o poder central, porque o Partido Popular, formado pela matriz do antigo Partido Republicano, ganha as eleições para a Constituinte em maio de 1933 e nas eleições estaduais de outubro de 1934, impondo derrotas duras a Getúlio Vargas. Tal crise só chegou ao fim em 1935 quando, em virtude do Levante Comunista e da radicalização das disputas políticas, o poder local e o nacional novamente se unem em prol da manutenção da ordem.

Paralelamente, a Diocese de Natal se encontra em pleno desenvolvimento temporal acelerado, exemplificado e fomentado a partir de 1929 pela fundação do Jornal A Ordem, pela formação de intelectuais católicos norte-rio-grandenses, como Otto de Brito Guerra, por exemplo, e pelo aumento no número de fiéis (FERRARO, 1968, p. 45-51), além do projeto de construção de uma Nova Catedral e da chegada do novo bispo, Dom Marcolino Esmeraldino de Souza Dantas. A tensão entre Vargas e as organizações familiares norte-rio-grandenses é aproveitada pela Igreja no intuito de atuar politicamente. O papel político de destaque da Igreja pode ser endossado, ainda, porque os revoltosos comunistas invadiram as dependências do jornal A Ordem em1935 e destruíram os seus equipamentos, numa resposta clara ao fortalecimento da Igreja.

Assim sendo, é preciso entender que "a 'Crise de 1935' se constitui num reflexo das tensões entre a produção de uma identidade e de uma espacialidade estadual, que se tornam mais agudas no contexto pós-Revolução de 1930" (PEIXOTO, 2012, p.295), como também que "a Diocese de Natal teve participação decisiva na 'Crise de 1935', uma vez que suas estratégias e atuação desencadearam, estimularam ou potencializaram diversos acontecimentos do período" (PEIXOTO, 2012, p. 296)

É o enredamento entre Igreja e política no Rio Grande do Norte que possibilita a construção da figura de D. Vital no Jornal A Ordem, fundado em 14 de julho de 1935. A nossa hipótese é que a figura do bispo de Olinda funcionará como um fio lançado pelo órgão oficial para garantir a participação política dos católicos, a qual fora dirimida com a ascensão da republica e cuja responsabilidade foi atribuída à Maçonaria. Desse modo, entendemos que a apresentação de D. Vital se insere numa teia maior de constituição da própria identidade católica em oposição não só à Maçonaria, mas também ao comunismo e ao protestantismo. Nas páginas seguintes, veremos como é tecido D. Vital.

***

Hoje, falar em D. Vital é lembrar uma modalidade de ser católico. É inculcar um catolicismo às direitas, integral, sem misturas (*A ORDEM*, 1937, 27 de novembro).

Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1844-1878) foi o vigésimo bispo da cidade pernambucana de Olinda e ficou mais conhecido pelo combate à Maçonaria na chama da Questão Religiosa, em que assumiu a posição de interlocutor legítimo da defesa da doutrina católica, ligada à Cúria Romana, em solo brasileiro. Dessa atuação escreveu 'A Maçonaria e os Jesuítas' (1875), consistindo na sua instrução pastoral direcionada aos seus diocesanos quanto ao posicionamento em relação aos maçons. Contudo, talvez a imagem mais forte de D. Vital construída na década de 1930 seja o volume seis da 'História Secreta do Brasil', escrita por Gustavo Dodt Barroso. Chamado de "Atanásio brasileiro" ele é entendido enquanto um símbolo de força da Igreja durante o período imperial que a Maçonaria queria minar, uma vez que para o autor católico, integralista e antisemita a Maçonaria dominava a política brasileira, sob a batuta de "forças secretas" emanadas da degradante ação dos judeus. Assim, a morte precoce de D. Vital, com água envenenada, é atribuída aos maçons, que não se constrangeram em ir à França só para matar o Bispo (BARROSO, 1993, p. 26). Desse modo, a morte de D. Vital consiste numa clivagem histórica na medida em que marca a perda do poder da Igreja e o consequente predomínio da Maçonaria, o que veio a culminar na instauração da República em 1889.

A construção de D. Vital como uma arma em oposição à Maçonaria, portanto, era forte na década de 1930. Existia uma apreciação, digamos, legitimada do bispo de Olinda. A escolha por este bispo tinha um significado político profundo. Tanto assim é que essa arma também será municiada no jornal *A Ordem*, o principal periódico católico no estado. No entanto, os textos estampados no periódico norte-rio-grandense apresentam pelo menos duas distinções em relação à construção à apreciação de Barroso. Vital, a saber: primeiro, ela nunca é um produto pronto e acabado, absoluta; ela é constantemente reelaborada, encorpada, tecida de acordo com o projeto da intelectualidade e com a direção de cada contexto. Segundo: ela não é tingida de antisemitismo, raramente fala em "forças secretas", sendo a explanação antimaçonaria disposta em termos doutrinários, e não políticos como exposto por Barroso. Portanto, temos D. Vital visto a partir dos princípios religiosos. No caso norte-rio-grandense, a explanação religiosa católica baseada em D. Vital fazia mais sentido porque foi neste estado

que ocorreu o estopim da Questão Religiosa, quando o padre da Bartolomeu da Rocha Fagundes, integrante da Loja maçônica 21 de Março, decidiu permanecer na Maçonaria, em detrimento do cumprimento reto da doutrina católica, indo de encontro às instruções pastorais do bispo de Olinda. Até porque os laços geracionais entre os homens de 1930 e os de 1884 ainda estavam vívidos e presentes na mentalidade de homens como D. Marcolino, D. José Pereira Alves, padre Heröncio e monsenhor Landim. Podemos entender, portanto, que a escolha por D. Vital tradução para os fiéis católicos a tentativa de reabilitar a participação política que possuíam- ou imaginavam possuir- no período imperial.

O ano de 1935 não apresenta matérias sobre D. Vital, embora sobre a Maçonaria de modo geral. Neste ano de fundação no jornal, existia certo sentimento de comemoração pela Constituição de 1934, que institucionalizava a cooperação entre Igreja e Estado, e pela concretização do projeto de ereção do Jornal, organizado desde pelo menos 1933 quando D. Marcolino planejara o projeto junto com a Congregação Mariana de Moços. Até novembro de 1935, mês que ver realizar-se o Levante Comunista, a reivindicação das matérias ataca muito comumente elementos como o ensino religioso nas escolas, o descanso dominical, o papel da imprensa, a divulgação das áreas de atuação da Igreja e os propósitos do Jornal. A oposição à Maçonaria e ao comunismo existia, mas era ainda incipiente uma arma simbólica para atacá-las no âmbito internacional, nacional e local, simultaneamente.

Homens outros do século XIX foram mencionados, como padre Miguelinho (A ORDEM, 12 de junho de 1937), mas as menções a Dom Vital foram mais intensas e substanciais. A tendência intelectual do período condicionou a rememoração de D. Vital. Mas que relação tem D. Vital, bispo habitante da pernambucana Olinda do século XIX, com a Diocese de Natal na década de 1930? A rememoração não carrega o pertencimento à Pernambuco, perdera a sua historicidade e toda a sua materialidade. Diante de seus restos mortais, pela pena do jornal *A Ordem* ele deixara o silêncio da morte para tornar-se um símbolo de luta política, cujo significado, como ao sabor da memória, poderia ser moldado; como uma marionete poderia falar por meio do controle e da mediação do Jornal. Assim, como D. Vital é apresentado como "o bispo intrépido", "o grande bispo", pois "a atitude de Dom Vital defendendo, com intrepidez, os direitos da Igreja e da Verdade deve ser sempre apontada aos moços como estímulo e exemplo às lutas cotidianas" (A ORDEM, 1937, 4 de julho) e mesmo o "anunciador dos tempos novos" (A ORDEM, 27 d novembro de 1937).

O acerto de contas veio no momento em que a Igreja novamente se aproximara do Estado, como dos regimes de força europeus, apoiando Mussolini (Itália), Hitler (Alemanha), Franco (Espanha) e Salazar (Portugal). No Brasil, isso ocorre desde o início da década de 1930, mas oficialmente só em 1937, quando Getúlio Dornelles Vargas ascende ao poder por meio de um golpe e instala a ditadura do Estado Novo, encerrada apenas em 1945. Para a manutenção de Getúlio a frente do Estado brasileiro, foi necessária uma série de fatores inerentes à política externa, o impacto da Primeira Guerra, o esfacelamento do monopólio do poder de São Paulo e Rio de Janeiro (a chamada oligarquia do Café com Leite), uma vez que Vargas herdou parte do ideário político da Revolução de 1930 e, sobretudo,

os internos, com destaque para o papel da Igreja, de que a apreciação da figura de Dom Vital traz à mostra:

Como ele [Dom Vital] é atual, atualíssimo neste regime novo! Se fosse vivo como não estaria satisfeito vendo hoje a Maçonaria trancada pelo governo- o governo desvencilhado do liberalismo poliforme- a Igreja isenta das pelas oficiais- as ir mandando se purificando dos seus antigos males [*sic*]. (A ORDEM, 27 de novembro de 1937).

Porque a Igreja foi fundamental para aproximar as massas de Getúlio Vargas, por embasar a crítica ao liberalismo, por defender a hierarquia social, por apregoar a eliminação do dissenso, por negar a luta de classes, ou seja, para participar substancialmente da viabilidade do populismo de Vargas. Era uma troca: a Igreja retomava a sua força política, mas em contrapartida tornava palatável esse período ditatorial. Dessa forma, olhando-se do ponto de vista católico, dentro da história republicana brasileira o governo Vargas foi duplamente inusitado- era uma ditadura e fortalecia a Igreja.

A era Vargas, a geração da elite eclesiástica de Natal, o erguimento dos regimes de força na Europa, o fortalecimento da Igreja no Brasil e a presença da maçonaria na sociedade brasileira fomentaram a rememoração de D. Vital entre 1933 e 1939 em Natal. Esses fatores dão-nos o porquê, faltam-nos ainda a forma e a função dessa construção.

D. Vital do século XIX não é o mesmo do D. Vital da década de 1930, tal como conhecido nas páginas do jornal *A Ordem*. Os atributos são outros. É-se pinçado um traço de sua personalidade e eleva-se à altura de definidora do seu ser. Rememorar é, pois, a tentativa de estabelecer um laço de continuidade entre o passado e o presente públicos, no caso, católicos para produzir uma identidade que vise à intervenção e garantia futura da instituição eclesiástica.

O ano de 1936 ficou marcado na mente de muitos católicos pelos conflitos da Guerra Ítalo-etíope e pela eclosão da Guerra Civil Espanhola. A Guerra Civil Espanhola que foi acompanhada com várias notícias ao longo dela e fora entendida, acima de tudo, como um choque de civilizações- a civilização católica contra a civilização comunista (A ORDEM, 1937, 1° de janeiro). Além disso, em outubro de 1935 ocorre o Levante Comunista que em Natal chegou a tomar governamental ao impor medo nas oligarquias privilegiadas pelo poder republicano e, numa resposta clara ao re-erguimento político da Igreja, destruir as instalações do Jornal *A Ordem* de Natal, mostrando com isso o alinhamento da Igreja com o Estado Novo. Então, 1936 foi o ano agitado por excelência e de muito questionamento ao papel da Igreja. É neste ano, não por acaso, que tem início a tecedura da memória de D. Vital.

Acontecimentos como a Guerra Civil Espanhola teriam pouco significado para a população católica do Rio Grande do Norte, não apenas pela distância geográfica, mas também pela subalternidade da capital norte-rio-grandense frente à majestosa Madri, se não fosse o modo como fora formada a elite eclesiástica de Natal. Basicamente, D. Marcolino, padre Heróncio, monsenhor Landim, padre João da Mata, dentre outros, estudaram fora de Natal, em geral em Pernam-

buco, e se inspiravam no ideário da Nova Cristandade, movimento ligado à Ação Católica e promovido no Brasil pelo cardeal do Rio de Janeiro Dom Sebastião Leme desde a década de 1920 com vistas a converter os próprios católicos à reta doutrina da Igreja, tirando-lhes da ignorância. Os intelectuais ligados, ao Centro Dom Vital e à revista à Ordem do Rio de Janeiro, por seu turno, procuravam interpretar a realidade religiosa brasileira a partir da matriz do pensamento conservador europeu, pois foi a partir dos escritos de De Bonald, Maurras, Maistre e Donoso Cortés que pensadores como Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima raciocinavam. Apoiando-se nesses homens, a elite eclesiástica de Natal tinha como suporte, em consequência, um saber de matriz européia.

Mediada por essa matriz, a memória alusiva a Dom Vital unia um pensamento internacional, nacional e local a um só tempo e cujo conteúdo atacava todas essas dimensões. Dom Vital, assim, é entendido inicialmente como uma pessoa moralmente exemplar e rigorosa no tocante ao cumprimento da doutrina católica; o seu exemplo de lutar "pelo direito da Igreja" deveria ser apresentado no cotidiano dos fiéis católicos. Porque, dado o avanço do *Rotary Club*, era necessário afirmar novamente que "o lugar dos católicos não é nas sociedades secretas, nem entre os rotarianos" (4 de julho de 1936). Havia a consciência de que a presença da Igreja na política poderia ser novamente perdida e não se deveria alimentar a "confiança inerte" no futuro, sendo a figura de D. Vital um elo também fortalecer a união dos católicos. É preciso enfatizar a racionalidade do início da rememoração a D. Vital, pois o dia 4 de julho era o aniversário de cinqüenta e oito anos da morte do bispo.

A Igreja e a Maçonaria

nha ou não tenha abjurado a seita secreta, desde que nella continuou se, abjurando, cahiu novamente, não cumpriu o seu dever de sacerdote de Christo, do jesuita, que deve ser o sal da terra, a luz do mundo, e foi perjuro não a uma seita herética, humana, porém ao Deus Vivo, ao qual prometteu solennemente perseverar "por toda a eternidade" E se jamais deixou a referida seita, mais perjuro e desobediente ainda foi, pois se mostrou empedernido ao erro.

Como quer que seja, errou sempre e peiz, elle que era sacerdote, os direitos de Deus abaixo dos direitos de uma organização condemnada repetidas vezes pela Igreja, continuadora de Christo, no decorrer da historia.

Mas, voltando ao facto historico, saibemos que no Recife e em Natal, é voz corrente que o padre Bartholomeu abjurou, até entre lagrimas, sendo entretanto, logo no proximo dia, á noite, visto a presidir, no Recife, uma sessão maçonica. E a certa a que se refere o autor da contradicta serie, assim, fructo dessa nova quéda obstinada

Lucio José dos Santos, estudando "A MAÇONARIA E O BRASIL" diz nos que o bispo d. Vital convocou todos os padres transviados e coacto-os a abjurar a maçonaria. "Todos, menos dois obedeceram

(*Imagem 1*- Trecho de jornal tratando da relação entre Igreja e Maçonaria, tendo como centro D. Vital. Fonte: *A ORDEM*, 23 de julho de 1936).

Todos os escritos referentes a Dom Vital consistem na exibição de uma foto dele acrescida de pequenos textos em forma de editorial. A imagem 1 exemplifica essa elaboração, que objetiva tornar presente o bispo de Olinda e estabelecer a idéia de que há uma tradução fidedigna entre a atuação do bispo e a atuação da

Igreja na década de 1930, para ratificar a busca pela continuidade e para tornar mais conhecidos os seus traços fisionômicos. A matéria tenta polemizar com um suposto maçom ao defender a tese apresentada por monsenhor Landim no livro *Um perfil de sacerdote* de que o padre Bartolomeu da Rocha Fagundes teria abjurado oficialmente da fé católica antes de decidir permanecer atuando nas Lojas maçônicas. Tal abjuração, conta-se, foi uma imposição de D. Vital, para tanto, o editorial baseia-se na obra *A Maçonaria e o Brasil*, de Lúcio José dos Santos e em artigo da Revista *A Ordem*, do Rio de Janeiro. A idéia básica é eliminar qualquer possibilidade de um católico participar simultaneamente da Igreja e da Maçonaria, idéia esta inicialmente defendida por D. Vital na sua instrução pastoral *A Maçonaria e os Jesuítas* (1875), a qual preconizou o futuro anátema papal de Leão XIII cravado na encíclica *Humanun Genus* (1884). Notar ainda que tal discussão sobre o bispo de Olinda é inserida dentro do propósito inteiramente de esclarecer a condenação da Maçonaria pela Igreja, mesmo se as Lojas defenderem o progresso social brasileiro, como se depreende da manchete do dia: "As sociedades maçônicas, que muitos, enganados ou enganadores, afirmam visarem o progresso ou o bem social, acham-se inteiramente condenadas pela Igreja" (A ORDEM, 1936, 23 de julho).

Dois meses depois, a mesma foto de Dom Vital volta a ser estampada junto com um novo pequeno texto, mas dessa vez inserida na apregoação do Congresso Eucarístico de São José do Mipibú, cuja menção tinge a manchete, mas com uma matéria intitulada "Como repercutiu em S. José a Questão Religiosa" (A ORDEM, 1936, 25 de outubro). O pressuposto do editorial é de que a intransigência do bispo com a "sociedade maçônica" "teve a solidariedade de todo o Brasil verdadeiramente católico", e toma como exemplo e cita na íntegra a ata do dia 10 de julho de 1874, da Câmara Municipal da referida cidade. Esse esforço almeja incluir S. José entre o rol das cidades verdadeiramente católicas, do que seriam exemplos Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Natal. D. Vital surge nesse momento, pois, como o legitimador da bandeira religiosa da cidade, da idéia de cidade católica.

No dia do aniversário natalício do bispo, em que completaria noventa e dois anos, temos a quarta rememoração. Infelizmente, a má qualidade do exemplar não nos permite efetuar a leitura do editorial, porque as letras estão quase apagadas. Restam-nos a foto e algumas frases. De todo modo, sabemos que a manchete do dia trata do papel do escritor na visão católica, o qual deve lutar pelo primado do espírito e pelo verdadeiro homem. Dom Vital é intitulado "Um grande bispo" (A ORDEM, 27 de novembro de 1936); ele é disposto como um exemplo para o escritor, como se os participantes do jornal *A Ordem* ou todos aqueles que produzissem obras sob o *imprimatur* da Igreja tivessem de conhecer a sua história, a sua batalha contra os inimigos da Igreja para escreveram algo útil, rumando no mesmo sentido.

A última rememoração do ano 1936 traz uma notícia do Rio de Janeiro no mesmo padrão das anteriores, isto é, a associação da imagem ao texto escrito. Contudo, há um fechamento magnífico de como a questão é discutida, pois a manchete volta a enfatizar a Guerra Civil Espanhola e o texto trata da abertura do

processo de beatificação do bispo. Diante da "luta que ensanguenta a Espanha", onde "se decide os destinos da civilização ocidental", Dom Vital surge como uma forma de salvação do Ocidente por meio do "amor à Igreja" e do "devotamento pelo Brasil", provenientes de Dom Vital. As características do primeiro santo brasileiro seriam úteis para a resolução da catástrofe em que mergulhara o Ocidente:

Nesta hora de tantas apreensões para o mundo, em que todas as nações a braços com uma crise que, abrangendo o lado econômico, social, intelectual, moral e espiritual, ameaça a todos com uma catástrofe de proporções nunca vistas nem imaginadas, o Brasil recorda, sem dúvida, os exemplos de abnegação, sacrifício e fé que no regime passado, encheram existência do prisioneiro da fortaleza de São João e se volta para o primeiro santo Brasileiro, juntamente numa quadra de vida nacional em que os valores espirituais mais se fazem precisos (*A ORDEM*, 1936, 16 de dezembro).

A santidade para resolver os problemas do Ocidente, os valores espirituais para a instrução dos escritores, o apego à Igreja para a formação de cidades verdadeiramente católicas, o abjuramento à Maçonaria para o fortalecimento da unidade entre os católicos e a intrepidez para a defesa dos direitos da Igreja são os elementos empregados para a rememoração de D. Vital no Jornal *A Ordem* de 1936. Todos esses atributos são organizados a partir da associação entre a foto do bispo e o texto escrito, o qual geralmente é apresentado no editorial, expressando indubitavelmente a vontade do Jornal. Precisamos, agora, investigar a presença de Dom Vital nos anos subsequentes desse periódico católico.

"[...] e a sua obra desenvolveu-se majestosamente no decorrer dos tempos e, ainda hoje, fala ele aos nossos corações e vive entre nós mais do que nunca", diz sobre Dom Vital o editorial do dia dezenove de março de 1937 ao noticiar a ereção de um monumento em homenagem ao bispo na cidade do Recife (A ORDEM, 19 de março de 1937). D. Vital, "o nosso bispo-mártir", é apresentado como o vigário competente que realizou serviços à altura das expectativas do papa Pio XI e que foi perfeitamente submisso à Santa Sé, com trabalho árduo para o bem da Igreja e das almas. Sob a inspiração das "disposições do Altíssimo" a sua obra foi próspera, de tal modo que se dizia que "vamos satisfazer a dívida contraída pelo Brasil para com Dom Vital". Ou seja, se no passado o bispo fizera obra prodigiosa para a Igreja e o Estado, agora a sua monumentalização estaria ali para relembrar sempre da dívida oriunda dessa obra. Tal dívida certamente era dirigida ao Estado brasileiro, para o qual as ações do bispo reverteram, uma vez que a manchete mostra apenas o convite direcionado aos norte-rio-grandenses para participarem da conhecida Procissão do Encontro, evento em geral comandado pelas Irmandades do Santíssimo Sacramento e do Senhor Bom Jesus dos Passos.

A manchete do dia quatro de abril convida os norte-rio-grandenses para participarem da fundação de uma congregação Mariana na cidade de Macaíba e o editorial, por seu lado, intitula-se "Vida e obra de Dom Vital", notícia advinda do Rio de Janeiro. Convida-se o público católico para assistir à conferência de Jorge de Lima que, recebendo convocação do ministro da Educação Gustavo Capanema para falar na série "Nossos Grandes Mortos", pretende discorrer sobre a vida e obra de Dom Vital, desde a sua infância, a sua formação na França, seu

período como bispo de Olinda e sua luta contra o "Governo, seu encarceramento até a sua vitória" (A ORDEM, 1937, 4 de abril). O bispo pernambucano revela-se, assim, "uma das personalidades mais interessantes do cenário brasileiro", um homem que cativa não apenas os fiéis da Igreja, mas também todos aqueles que amam o Brasil.

Exatamente três meses depois, D. Vital passa a ocupar a manchete e o editorial. Este, intitulado "Dom Vital, o Bispo intrépido", apresenta as lições do bispo com o intuito de "convertê-las em atos". Infelizmente, a primeira parte desse escrito está ausente do exemplar do jornal, temos apenas a segunda. A lição apresentada é a de como ser um bom padre, quando se cita o próprio bispo: "Hoje [segunda metade do século XIX] o sacerdote antes de tudo é um homem de sacrifício, deve a Deus fazer todo sacrifício de seu corpo, o sacrifício de sua vida, acostumar-se a considerar o martírio sem temor. Somente por tal preço poderá cumprir sua missão, e defender, até o fim, os direitos da Igreja e da Verdade" (Dom Vital *apud* A ORDEM, 1937, 4 de julho). A lição direcionada aos clérigos, cuja vida deveria ser caracterizada pelo sacrifício em honra a Deus–, e o bispo paira como professor dos padres, – é estendida aos fiéis leigos, de cuja vida, pelo mesmo motivo, se deveria exigir o sacrifício, dada a delimitação do problema alcançada na manchete: "A ATITUDE DE DOM VITAL", defendendo com intrepidez os direitos da Igreja e da Verdade, deve ser sempre apontada aos moços como estímulo e exemplo às suas lutas cotidianas". Desse modo, o atributo direcionado ao bispo pernambucano é o de ensinar a como viver o sacrifício. Os católicos poderiam voltar-se a ele para se instruírem da forma praticarem essa virtude no seio da sociedade brasileira.

A ocupação da manchete e do editorial ocorre novamente no dia 27 de novembro, quando o prelado comemoraria mais um aniversário natalício. Aqui é posta a relação do prelado com o Estado Novo por meio de uma apresentação algo estranha às vistas em 1936 e início de 1937. De fato, D. Vital parece pairar sobre a situação da sociedade brasileira; ele desfruta de uma condição superior ao Estado e à Igreja, seja pela sua vida no século XIX, seja pelas idéias defendidas e que, no presente, influenciam uma geração de católicos. Tal condição é sintetizada no título carregado pelo editorial, "O anunciador dos novos tempos". O significado dele vai muito mais além do combate à Maçonaria, pois ele "rompeu com o imperador, com a maçonaria, com os diplomatas do reino, com o Secretário do Vaticano, com os católicos e os sacerdotes rebeldes" (A ORDEM, 1937, 27 de novembro); ele anunciou com tão intensidade a sua voz contra todos esses elementos considerados malignos que se imortalizou, "formou escola e discípulos". Assim, o grande mérito do bispo foi, pela intensidade da sua luta, cunhar uma nova forma de ser católico, cujo mais marcante seria a busca pela purificação do catolicismo, a começar pelo maior distanciamento das Lojas maçônicas e da maior cobrança no cumprimento da doutrina e das normas divulgadas de acordo com o báculo do pontífice romano.

Esse caráter contestatório de D. Vital, tal como concebido pelo jornal *A Ordem*, contudo, não parece ultrapassar os óbices do governo do Estado Novo, quando lemos afirmações como esta da manchete: "Se Dom Vital fosse vivo esta-

ria hoje satisfeito com o Estado Novo". Ao igualar as idéias do prelado, consideradas sagradas, ao governo estado-novista, o periódico católico parece sacralizar a política ditatorial de Vargas, pelo menos na abertura concedida por ele e por seus ideólogos à participação da Igreja. Contestar o Estado Novo poderia significar a contestação da Igreja e de sua história.

Sendo o momento da sacralização da política o último concernente a Dom Vital no ano de 1937, podemos entender isso como a racionalidade do periódico e como sua intencionalidade ao trabalhar sobre a imagem do bispo de Olinda. Em 1937, Dom Vital aparece monumentalizado, cobrando uma pretensa dívida ao Estado brasileiro; como um das grandes personalidades brasileiras já mortas; como um semiprofessor, capaz de ensinar lições aos seus aprendizes, católicos ou não; e, finalmente, como o anunciador dos novos tempos, já com discípulos conhecidos, voltado para um novo modelo de catolicismo e para o Estado Novo. Existe claramente um progresso linear na forma como Dom Vital é representado, tornando-se cada vez mais complexa com o transcorrer do tempo. Isso ficará mais evidente ao retomamos 1936, tentando enxergar continuidade em relação a 1937.

Inicialmente, Dom Vital foi tratado como o santo, depois como formador de escritores, legitimador de cidades católicas, fomentador da unidade entre os católicos e conquistador dos direitos da Igreja. Isso é 1936. Essa sequência é encadeada em 1937 com o monumento erguido ao bispo em Recife, que traduz o reconhecimento público do conquistador que cobra caro pelos seus serviços. Portanto, 1936 e 1937 estão ligados não apenas pelo recorte cronológico, mas, sobretudo, pela sequência de idéias e da racionalidade com que foi conduzida a relação da Igreja com a Maçonaria em Natal.

Resta-nos, ainda, investigar se essa sequência 1936-37 é continuada nos anos seguintes e analisarmos qual o sentido de a política católica mergulhar em um empreendimento dessa natureza.

Inexistem referências a D. Vital no ano de 1938 e na pesquisa referente a 1939 encontramos apenas uma alusão, na comemoração de mais um aniversário de morte do prelado, como assinala a manchete (A ORDEM, 4 de julho de 1939). A expressão "um grande bispo" aparece duas vezes- primeiro na manchete, depois no título do editorial. O escrito, parcialmente danificado, explana alguns traços biográficos do bispo, tentando matizar a importância dele para a influência da Igreja na sociedade brasileira. Diz-se que a Igreja fala por meio de seus bispos e que a atitude de Dom Vital fora varonil, atuando contra a Maçonaria e o laicismo. Mas qual o porquê disso? Acreditamos que o contexto mudou: a Constituição de 1937, ao aumentar o poder de Vargas, e o desenrolar da Guerra Civil Espanhola trouxeram novos obstáculos à concretização do projeto político católico brasileiro, na forma em que ela teria de justificá-lo a partir de agora. Protestantismo e Nazismo ganharam mais espaço nas matérias e D. Vital era uma arma direcionada quase exclusivamente à Maçonaria. Além disso, devemos ter em mente que a elaboração da imagem do bispo cumprira o seu papel: tornar presente em termos simbólicos a luta contra a sociedade maçônica e associá-la ao Rotary Club. A semente da produção da suspeição estava lançada. Por meio de inferências, e não ainda de provas, o leitor mediano do jornal A Ordem já

poderia associar Rotary e Maçonaria. De todo modo, não obstante essas curiosas mudanças, a grande permanência era a da intervenção política católica.

Entre 1935 e 1939, a construção da figura de D. Vital foi constante nas páginas do principal periódico católico norte-rio-grandense, forjando uma imagem relacionada à sua atuação política na década de 1930, quando voltara a partilhar relações cordiais e de ajuda mútua com as lideranças do Estado, mais fortemente com a partir da instalação do Estado Novo, em 1937. Um traço dessa política foi marcado, indubitavelmente, pela Maçonaria, representada em Natal pelo Rotary Club. Podemos dizer que o Rotary era um dos alvos da construção da imagem de D. Vital. Queremos investigar a recepção do discurso anti-Maçonaria no Jornal *A Ordem.*

***

Dom Vital viveu no século XIX e retomado na década de 1930 pelo jornal *A Ordem*, principal órgão de expressão católica no Rio Grande do Norte. A construção em torno da imagem do bispo de Olinda relaciona o internacional, o nacional e o local e tem a ver com a participação política conquistada pela Igreja na década de 1930 e com o combate aos seus inimigos, com destaque para a Maçonaria, a mesma Maçonaria que, à luz de muitos católicos, teria tirado a instituição eclesiástica do poder em 1889. Existe, pois, uma espécie de acerto de contas em relação à Maçonaria, para tanto, a imagem de Dom Vital funciona como um fio que liga o século XIX ao XX, um fio que funciona uma arma de combate, um fio tecido com uma racionalidade, por uma instituição que, como uma aranha, esperou com paciência o momento adequado para lançá-lo.

REFERÊNCIAS:

Fonte:

Jornal **A Ordem**, Natal, 1935-1939.

Bibliografia:

BARROSO, Gustavo. **História Secreta do Brasil, volume 6**. Rio Grande do Sul: Revista Editora, 1996.

FERRARO, Alceu Ravanello. **Igreja e desenvolvimento**: o movimento de Natal. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lília (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.4.

GRAZIANO, Manlio. L"Église catholique et les "autres": une stratégie universelle. **Outre-Terre**, 2006, no. 17.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PEIXOTO, Renato Amado. A Crise de 1935 no Rio Grande do Norte: a tensão entre as identidades estadual e a nacional por meio do caso norte -rio-grandense. In: **Anais do VI Simpósio Internacional Estados Contemporâneos**. Natal: UFRN, 2012. v. 1. p. 294-301. Disponível em: <http://www.academia.edu/3694330/A_Crise_de_1935_no_Rio_Grande_do_Norte_a_tensao_entre_as_identidades_estadual_e_nacional_por_meio_do_caso_norte-rio-grandense>. Acesso em: 26 out. 2013.

_____. Católicos a postos! A relação entre a Ação Católica e a Ação Integralista no Rio Grande do Norte até o Levante Comunista de 1935. In: **Anais do IV Encontro Estadual de História**. Natal: UFRN, 2010, p. 1-11 (a). Disponível em:<http://www.academia.edu/4896450/Catolicos_a_postos_A_relacao_entre_a_Acao_Catolica_e_a_Acao_Integralista_no_Rio_Grande_do_Norte_ate_o_Levante_Comunista_de_1935>. Acesso em: 26 out. 2013.

SPINELLI, José Antônio. **Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar**: 1930-1935. Natal: Editora da UFRN, 1996.

Padre Joaquim Felix de Medeiros, de São João do Sabugi-RN

"os passos fazem o caminho"

Antônio Luiz de Medeiros

O Padre Joaquim Felix de Medeiros era filho de José Barbosa de Medeiros e de sua primeira esposa, Rita Maria José; neto paterno do Capitão-Mor Manoel de Medeiros Rocha e Ana de Araújo Pereira e materno do Cel. Antônio Garcia de Sá Barroso e Ana Lins de Vasconcelos. Nasceu, possivelmente, em 1810, na fazenda Remédio, Acarí-RN, hoje pertencente à florescente cidade de Cruzeta -RN também na região seridoense. Aprendeu as primeiras letras com professores particulares que se instalavam nas fazendas da região, para depois se aprimorar em Vila do Príncipe, atual cidade de Caicó-RN e, em seguida, completar sua formação religiosa na Diocese de Olinda.

Mons. Severino Bezerra, em seu livro Levitas do Senhor, volume I, págs. 84/85, publicado pela Fundação José Augusto, em 1981, refere-se ao nosso padre seridoense, mas tanto ele quanto o historiador Olavo de Medeiros Filho morreram sem saber a causa da ordenação dos seminaristas da Diocese de Olinda, em 1832, na distante Arquidiocese de Salvador, por D. Romualdo Antônio de Seixas quando a de Olinda já estava ocupada por D. João da Purificação Marques Perdigão. Com o tempo e paciência beneditina esclarecemos tal dúvida. Há dois anos, afirmou-me um membro do Tribunal de Julgamento de Direito Canônico da Arquidiocese de Olinda que, realmente, em 1832, D. Perdigão já tinha sido nomeado e empossado na Diocese de Olinda, mas sua sagração só se deu no ano de 1833, prerrogativa indispensável para o Bispo conferir ordenações.

Ultimamente, todo o antigo acervo da Arquidiocese de Salvador foi transferido para a Universidade Católica daquela cidade, vizinha ao Campo Santo. Lá, estive em janeiro de 2005 e constatei que no Livro de Ordenações, correspondente ao período de 1830 a 1860, fls. 26/27, foi conferida a primeira tonsura, em 23 de abril de 1832, a três seminaristas pernambucanos: Tomaz Pereira de Araújo, Joaquim Felix de Medeiros e José Inácio Ribeiro. Depois, em 6 de maio, só a Tomaz Pereira foi conferida a seguinte. Conta a tradição oral que Joaquim Felix por ter deficiência visual no olho esquerdo teve que pedir licença ao Papa para se ordenar. Não sabemos se foi por essa razão ou por não ter a idade mínima exigida pelo Direito Canônico, mas a verdade é que ao regressarem de Salvador o Pe. Tomaz iniciou seus misteres sacerdotais batizando sua irmã **Porfíria**, na capela de Acari-RN, em 24 de julho daquele ano, cujo padrinho foi o "Pe. Joaquim Felix". Daí em diante, continuou exercendo suas atividades sacerdotais, em toda a plenitude.

Joaquim Felix deve ter se ordenado em Olinda, por D. Perdigão, no primeiro semestre de 1834, mas, lamentavelmente, o Livro de Ordenações daquele período

não existe mais. De julho de 1832 a junho de 1834, não aparece notícia sua em toda a freguesia do Seridó. Seus primeiros batizados devem ter sido: 1 – **Josefa**, filha de Ana Gertrudes, na fazenda Remédio, em 1º de junho de 1834; 2 – **Apolônia**, filha de Cristovão Vieira de Medeiros e Maria Benedita da Encarnação, na fazenda Riacho Fundo, em 21 de junho de 1834; 3 – **Ana**, filha de seu irmão Manoel Valentim de Medeiros e Teresa Maria de Jesus, na fazenda Jardim, São João do Sabugi-RN, em 28 de julho do mesmo ano, cujos padrinhos foram os tios paternos, Alexandre José de Medeiros (Alexandre Chá), solteiro e Maria Eduarda de Medeiros, casada com João Manoel de Medeiros, donos da fazenda Cachorro.

Com a fixação permanente das fazendas de criar gado, às margens do rio Sabugi, como São João, Jardim, Santo Antônio, Riacho de Fora, Cachoeirinha, Mulungu, Pau-a-Pique, Salgado, Cordeiro, Quixeré, Carrapateira, Carnaubinha e outras, população crescente, além da grande distância entre Vila do Príncipe, Serra Negra e Santa Luzia, tornou-se imperiosa a necessidade de fundar uma povoação, com capela e cemitério para os atos religiosos, acrescentando-se a esses fatores, a eventual eleição do Pe. Francisco de Brito Guerra a deputado geral pelo Rio Grande do Norte, no início de 1831. O vigário seridoense apresentou um Projeto-Lei agregando a Província do Rio Grande toda área territorial pertencente à Freguesia de Senhora Santana do Seridó. A bancada da vizinha Província da Paraíba protestou, mas foi compassiva, diante da desigualdade econômica das duas irmãs Províncias Nordestinas. Para apaziguar a região litigiosa, tornou-se ainda mais necessária a presença de sacerdotes prudentes e habilidosos para consolidar a paz entre as famílias, socorrer os pobres, consolar os enfermos, sepultar os mortos e recomendar os vivos, neste mundo, sem se descuidar do outro.

No início do século XIX, os padres Inácio Gonçalves Melo, Brito Guerra, Fabrício da Porciúncula Gameiro, Manoel José Fernandes, os irmãos areienses, Manoel Cassiano da Costa e Joaquim Álvares da Costa Pereira assistiam a região, com intermitência. Com a população necessitando da presença permanente de um sacerdote e já tendo um Oratório do Santíssimo, na fazenda São João, Joaquim Felix reunia, melhor que ninguém, todas as credenciais para ser seu pastor.

Lá, tinha afetivos laços familiares, pois além de sua irmã Maria Eduarda ser casada e moradora na fazenda Cachorro, seu pai, José Barbosa havia casado, em segundas núpcias, com Ana Violante de Medeiros, filha de Sebastião do Mulungu. Muitos primos seus tinham se tornado proprietários e moradores nas fazendas antes referidas, no Sabugi. Joaquim Felix, além de devotado sacerdote, era um professor nato e apesar de poucos recursos, e com visão somente no olho direito, serviu de luz para iluminar a escuridão do analfabetismo daquela mocidade inculta tornando curioso o fato de ter sido um cego quem ensinou São João a ler. Com morada fixa e permanente no incipiente povoado, fez convergir seu rebanho para os cultos religiosos na capela e os meninos para a escola. Sempre ensinou em sua casa, gratuitamente, porém em 1859, foi nomeado professor público interino pelo Presidente de nossa Província, conforme correspondência do Diretor Geral da Instrução Pública do Rio Grande do Norte ao Presidente da Câmara Municipal da Vila do Príncipe.Tal nomeação foi muito feliz e acertada, uma vez que o Padre Professor, apesar de só ter visão plena em um olho, viu mais

longe, corroborando a máxima que diz: "ver bem não é ver tudo, é ver o que os outros não veem".

"Diretoria Geral da Instrução Pública do Rio Grande do Norte, 14 de setembro de 1859.

Ilmos. Srs.

Participo a VSas., para seu conhecimento que, em data de ontem, foi pelo Exmº. Sr. Presidente da Província nomeado para reger interinamente a cadeira de instrução elementar da povoação de São João desse município o Padre Joaquim Felix de Medeiros.

Deus guarde V. Sas. Ilmos. Srs. Presidente e vereadores da Câmara Municipal da Vila do Príncipe.

O Diretor,

José Moreira Brandão Castelo Branco

Em 10 de novembro do mesmo ano, o referido Diretor dirigiu-se novamente àquela Câmara pedindo informação se o dito professor "havia sido juramentado e se estava em exercício de seu emprego."

Com a criação da nova freguesia de Serra Negra, em 1858, Pe. Joaquim Felix nunca aceitou ser seu pároco titular preferindo seu colega Pe. Manoel Salviano de Medeiros, que ocupou o cargo até seu falecimento, em 17 de dezembro de 1902, com 78 anos de idade e 51 de vida sacerdotal.

Nosso padre e educador preferia capelanear sua freguesia em Serra Negra e São João e auxiliar seus colegas Manoel José Fernandes e Francisco Justino Pereira de Brito, em suas visitas pastorais na região seridoense. Na velhice, aceitou, com relutância, sua eleição a deputado provincial para o biênio 1868/69.

Por "fragilidade humana", constituiu família com Josefa Maria das Mercês, mulher solteira, natural do Cariri/CE, que por justiça os perfilhou no tabelionato de Vila do Príncipe e ratificou em seu testamento, de última vontade, que será transcrito a seguir:

TESTAMENTO

Em nome da Santíssima Trindade, amém.

Eu, Joaquim Felix de Medeiros, achando-me na idade de cinquenta e nove anos, em estado de saúde, perfeito uso de razão e entendimento, mas temendo-me da morte porque sou mortal, faço o presente testamento e declaração de minha última vontade, com plena liberdade para que meus testamenteiros, adiante nomeados e

declarados, cumpram fielmente tudo quanto eu aqui dispuser, depois que falecer. Em primeiro lugar encomendo minha alma a deus como árbitro supremo do meu destino na outra vida, e a minha padroeira Nossa Senhora da Apresentação a quem imploro proteção e por cuja intercessão espero alcançar a vida eterna. Declaro que sou natural e batizado nesta freguesia do Seridó, filho legítimo de José Barbosa de Medeiros e de Rita Maria José, já falecidos, que sou presbítero secular do hábito de São Pedro e capelão na capela de São João do Príncipe, freguesia de Serra Negra, deste município do Príncipe. Por fragilidade humana tive dois filhos de Josefa Maria das Mercês, mulher solteira, que são: Antônio Carlos de Medeiros, solteiro, e Ana Lins, que já está casada com meu sobrinho Jerônimo José de Medeiros, os quais ditos meus filhos já os tenho perfilhado por escritura pública nas notas do tabelião desta cidade, pelo presente testamento a ratifico e os reconheço como tais, e os instituo meus únicos e universais herdeiros de todos os meus bens e fazenda. Declaro que o que possuo ao tempo do meu falecimento ficar devendo, e me deverem, os meus testamenteiros saberão, e de tudo darão conta. Que os bens que possuo foram licitamente adquiridos e serão os que por minha morte, se acharem. Declaro que se falecer na povoação de São João, onde moro, serei sepultado onde meus testamenteiros determinarem, e se falecer fora dela, onde comodamente puder ser, cujo funeral e bem d'alma, deixo ao prudente arbítrio dos meus testamenteiros e bem assim todos os sufrágios cuja recomendação em particular lhes faço e espero seja fielmente cumprida, como se aqui fizesse especial menção. Declaro que falecendo qualquer dos meus herdeiros, atrás declarados, deixando herdeiros legítimos passará a sucessão antes e não deixando, passará ao que sobreviver ou a seus legítimos herdeiros. Serão meus testamenteiros, em primeiro lugar, meu sobrinho Jerônimo José de Medeiros, atrás declarado, e casado com minha filha Ana Lins; em segundo lugar, meu filho Antônio Carlos de Medeiros, também, atrás declarado; e em terceiro lugar, o Tenente Coronel José Bernardo de Medeiros, por serviço a deus e assim merecer a obra pia de serem meus testamenteiros, com livre e geral administração de meus bens, como procuradores bastantes, que por tais os autorizo podendo vender por autoridade própria a que for necessário para o cumprimento do presente testamento de minha última vontade. E por ser este o meu testamento, rogo às justiças constituídas do Império a quem o reconhecimento deste pertencer queiram cumprir e fazer cumprir tudo quanto aqui tenho disposto. E se para validade do presente faltar alguma cláusula ou cláusulas todas as hei por apresentadas como se de cada uma delas fizesse especial menção. Em firmeza do que mandei escrever o presente pelo tabelião Inácio Gonçalves Vale, sendo por mim ditado, e depois lido e bem corrigido, e achando-o em tudo conforme com o que ditei e assinei, hoje, nesta cidade do Príncipe, aos três dias do mês de agosto de mil oitocentos, sessenta e nove.

Joaquim Felix de Medeiros

Um esclarecimento deve ser dado com referência à citação... "a minha padroeira Nossa Senhora da Apresentação."...quando na realidade é a padroeira de Senhora Santana do Seridó, Vila do Príncipe. A explicação deve ser porque a época, 1859, o padre Joaquim Felix exercia o cargo de Deputado Provincial e o dito testamento ter sido redigido em Natal.

OS MOCÓS DA ITABIRABA DO CÓRREGO RETORTO

por B. N. Teensma.

RIO GRANDE é o nome da capitania brasileira aonde os europeus só chegaram no decorrer do século dezesseis. Antes daquela época lá viviam os povos autóctones dos potiguares pela costa, e dos povos nômades tapuias no interior. A partir de 1500 diversas nações europeias começaram a tomar conhecimento desse saliente nordestino do continente sul-americano: portugueses, espanhóis, franceses e holandeses navegaram ao longo da sua costa, entrando de vez em quando em relações comerciais com os povos litorâneos. O lugar indicado no norte para tais contatos econômicos era a larga barra onde o Rio Grande — ou seja o Rio Potengi — desemboca no mar. Lá ancoraram, por exemplo, franceses a abastecer-se, em feitorias primitivas, das madeiras preciosas do pais.

Mas a presença deles não foi passivamente tolerada pelos portugueses que, respaldados pelas cláusulas papalmente garantidas do Tratado de Tordesilhas de 1494, consideraram toda a zona oriental sul-americana entre as barras do Amazonas e do Rio da Prata como pertencente à soberania portuguesa. Assim eles expulsaram em dezembro de 1597 os franceses da barra do Rio Potengi, iniciando, já em janeiro de 1598, a construção do Forte dos Reis Magos. Por consequência dessa indesejada fortaleza portuguesa no seu território, parte da população indígena potiguar retirou-se por terra a Mucuripe na costa do Ceará, e outra parte à Baía da Traição na costa da Paraíba. Nesses novos territórios entrariam, nos decênios a seguir, em contato com os holandeses que, como os franceses, não respeitavam servilmente as cláusulas dum obsoleto tratado bilateral concoctado em Tordesilhas em 1494, entre os monarcas de Portugal e da Castela.

No diário do amsterdamês João Baptista Sijens, que visitou Mucuripe em novembro de 1600, encontra-se o seguinte trecho sobre sua entrevista com o cacique potiguar Jacaúna:

Quando Potengi foi ocupado pelos portugueses em 1597, Jacaúna dirigiu-se com sua gente aos Canibais, gastando seis semanas na viagem e passando cinco rios: o quarto Zuponim (= R. Upanema), o quinto Rio dos Canibais e Jaguaribe chamado pelos selvagens; ao qual seguem mais alguns riachos pequenos, e depois Mucuripe. 1)

E a parte que em 1597 se retirara à Baia da Traição, recebeu a visita de holandeses em 1625, quando a armada do almirante Boudewijn Hendricksz lá foi ancorar em agosto desse ano, depois da sua malograda tentativa de romper o cerco que o exército luso-brasileiro montara ao redor dos holandeses na cidade do Salvador. Esta armada de socorro trouxe da Paraíba uma dúzia de índios à Holanda — entre eles o conhecido Antônio Paraupaba — que durante quatro anos foram treinados na língua e nos costumes holandeses, e que, depois da invasão holandesa de Pernambuco no inicio de 1630, serviram à WIC durante

largos anos como intérpretes e chefes de aldeias indígenas. Sobre esses potiguares riograndenses da Paraíba encontra-se o seguinte trecho no roteiro holandês de 1637 de João de Laet, Descrição da costa do Brasil:

A meia légua de Mamanguape está a Baía da Traição, onde o general Balduíno Hendricksz passou algum tempo, e onde muitos brasilianos — potiguares — o visitaram. Deles, oito foram mandados à Câmara de Amsterdã e cinco à Câmara de Groninga, onde apreenderam a ler e escrever por ordem da Câmara de Amsterdã. (...)

Uma légua da Baia de Traição há um pequeno rio para chalupas, chamado Camaratuba. Três léguas rio acima há um engenho de açúcar, que queimaram quando lá esteve o general Balduíno Hendricksz, e que aparentemente foi reedificado. Aqui não mora outra gente senão a do engenho. Quatro léguas além de Camaratuba encontra-se uma grande aldeia chamada Tabussuram, onde moram tiguares sob o comando do seu cacique Jaguarari. Pelo que tinha favorecido a Balduino Hendricksz, ele fugiu aos tapuias, mas voltaria se tivesse ocasião. 2)

Depois de uma estabilização bastante morosa na zona açucareira de Pernambuco, os holandeses pouco a pouco expandiram o território da sua colônia. Um após outro, eles conquistaram a Ilha de Itamaracá (1633), o Forte dos Reis Magos (1633), o Cabo de Santo Agostinho (1634), os Fortes do Cabedelo e da Paraíba (1634/35), e o Arraial do Bom Jesus (1636). E quando João Maurício de Nassau chegou a Pernambuco em janeiro de 1637, foi conquistado seguidamente o Forte do Porto Calvo, e construído o Forte Maurício sobre o Rio São Francisco. Mas uma nova tentativa de ocupar Salvador da Bahia em 1638 malogrou. Nos anos seguintes ainda foram conquistadas as capitais do Sergipe, do Ceará, do Maranhão, como também os Fortes de São Jorge da Mina e de São Paulo de Luanda na costa ocidental da África. Mas essas ações militares tinham esgotado tanto as forças militares e econômicas da WIC, que logo depois da conclusão do mandato de João Maurício em 1644, a estabilidade da colônia se desmoronou, os moradores portugueses se rebelaram, e finalmente a cidade do Recife ficou cercada por forças inimigas a partir de agosto de 1645. Além das várzeas pernambucanas, os holandeses também perderam as da Paraíba, e assim terminaram sem possibilidades de produzir açúcar para a exportação, ou de criar víveres para os milhares de habitantes da capital. Só na Ilha de Itamaracá e nas capitanias do Rio Grande e do Ceará restaram-lhes algumas, mas insuficientes zonas de agricultura e de pecuária. Para seu sustento dependeriam doravante das importações vindas da Europa.

Mas, na ausência da agricultura, uma colônia sempre dispõe de outros meios para ganhar lucros, tais como a pirataria ou a exploração mineira nos territórios ainda acessíveis. E os holandeses se serviram de ambos. No âmbito deste artigo deixo de levar em conta a pirataria, limitando-me somente à exploração mineira, concretamente à tentativa deles de descobrir minas de prata no interior do Rio Grande. Embora seja um tema já amplamente estudado por autores como Alfredo de Carvalho e Olavo de Medeiros Filho, acho que pela pesquisa detalhada dos documentos arquivísticos guardados ainda seja possível acrescentar-lhe novos aspectos históricos e topográficos. 3)

Sabemos hoje que no Brasil não há minério de prata, mas no século dezessete circularam boatos fantásticos sobre supostas minas no interior de capitanias tão diversas como Sergipe, Paraíba, Rio Grande e Ceará. Já foram publicados vários artigos sobre atividades mineiras de pessoas como Jodocus van Stetten na Paraíba, e Mathias Beck no Ceará. Mas no Rio Grande os holandeses nunca chegaram a inaugurar núcleos efetivos ao redor de minas concretas, embora não deixassem de mandar expedições ao sertão no intuito de localizá-las e de apanhar amostras de mineral para ser analisadas no Recife. Nessas expedições entraram no território dos tapuias onde, de vez em quando também acharam aldeias de índios tupis que lá viviam desde há muito tempo para proteger-se das ações vingativas dos portugueses. As zonas montanhosas do interior donde desciam os rios Ceará Mirim, Potengi e Trairí não eram totalmente desconhecidas aos holandeses, porque a WIC servia-se de funcionários aventureiros que atuavam como mensageiros e embaixadores das autoridades no Forte Keulen aos aliados indígenas na Serra de Santana. Nessa altura ela ainda se chamava a Serra de Macaguá. Trata-se de pessoas como Jacob Rabe, Rodolfo Baro, Pieter Persijn e Peter Hansen, que pessoalmente conheciam o cacique Nhandui do povo tarairiú, que falavam tanto o tupi como o idioma dos tapuias, e que sabiam atravessar e sobreviver na caatinga.

Da autoria de Jacob Rabe existe uma "Descrição dos costumes e hábitos dos tapuias", mas traduzida para o latim por Gaspar Barléu, e publicada no livro dele sobre o governo brasileiro de João Maurício de Nassau: Historia Rerum per Octennium in Brasilia Gestarum Historia, de 1647. Esta descrição está eivada de corruptelas em quase todos os termos indígenas. Do livro existem traduções em holandês (1923), português (1944) e inglês (2011), e todas cegamente copiaram os inúmeros erros da edição latina. — Da autoria de Rodolfo Baro existe uma "Relação da viagem ao país dos Tapuias", cujo original holandês se tem perdido, e que unicamente sobreviveu numa tradução francesa de 1651, e brasileira de 1979. Também estas traduções estão eivadas de corruptelas, e assim frequentemente quase incompreensíveis. — Do alemão Peter Hansen subsiste um diário manuscrito sobre suas experiências no exército da WIC no Brasil entre os anos 1643 a 1654, dos quais sete passados no Rio Grande. Este diário foi publicado em alemão em 1995, e uma tradução brasileira está sendo preparada. O autor viajou extensamente pelo sertão riograndense, inclusive à Serra de Macaguá. Fez parte da expedição de 1650 às minas do Rio Potengi, que é o tema do presente artigo. 4)

Pela leitura combinada dos textos de Rabe, Baro e Hansen sabemos que nos anos quarenta do século dezessete a zona central das terras do povo tapuia dos tarairiú se encontrava ao redor da atual Serra de Santana, que nessa altura ainda se chamava a Serra de Macaguá. Para chegar a essa comarca, os emissários dos holandeses no Forte Keulen em Natal soíam subir, nos meses do verão tropical, ao longo do curso do rio Potengi até aproximadamente o lugar da atual cidade de Cerro Corá; e nos meses do inverno tropical pelo "Caminho de Garstman" ao longo do curso do rio Trairí até cercanias do lugar da atual cidade de Currais Novos. No cume daquela serra os tarairiú tinham suas plantações de mandioca, milho e tabaco. Da mencionada serra os leitos de vários riachos descem para o sul na direção da atual cidade de Acari, onde nos meses de inverno se formava um pântano com abundância de peixes traíra. Ao sul de Currais Novos os mencionados riachos juntam-se num riacho maior que hoje se chama Acauã = Maca-

guá. Nela entra, vindo do leste e nascido no município paraibano de Pedras Lavradas, o riacho Picuí. Juntos eles formam, na altura de Acari, a represa do açude da Gargalheira. Além da barragem da Gargalheira o riacho segue com o nome de Acauã à cidade de Caicó, para desembocar-se mais longe no Rio Piranhas, que se dirige para o norte.

Os relatórios riograndenses dos "Comendadores dos Tapuias" Rabe e Baro, cheios de nomes exóticos indígenas de rios, serras, pessoas e animais, foram confiados — em manuscritos sem caligrafia e com gramática reduzida — a pacatos filólogos ignorantes das realidades rústicas do Brasil. O amsterdamês Gaspar Barléu devia resumir o texto alemão de Rabe em latim humanístico, e o burocrata Pierre Moreau traduziu o texto holandês de Baro em francês. Assim nasceram as corruptelas, entre as quais as derivações do nome Macaguá têm a primazia, porque resultaram em: M'ontagina, Tu'rracoa, Q'uoaguho e W'arhauaa. E para ficar com outro nome de rio na mesma região, o Picuí — então escrito como Pycuy — ele degenerou em Igtug; e seu cognome em tupi: Itacoatiara = Pedras Lavradas, em Itaquerra. Para continuar mais um pouco neste terreno das corrupções textuais, menciono ainda que o Senhor Barléu tirou do original de Rabe sobre os tapuias: "Vitrum moscoviticum quod talcum vocant" em vez de "Vitrum muraniticum, crystallum vocant". Trata-se aqui das famosas contas de cristal fabricadas na ilha de Murano, perto de Veneza, e nada têm que ver com a cidade de Moscou, na Rússia. Ele também confere a esse povo nomádico carros para transportar seus utensílios, em vez de [ha]macas = redes. No texto original de Baro sobre os tapuias, o Senhor Moreau menciona em certo lugar "a aldeia Terapíssima do chefe João Vvioauin", em que corrupteliatricamente é possível reconhecer "a aldeia Tabussuram do cacique Jaguarari" do já acima citado roteiro brasileiro de João de Laet de 1637. Mais algumas corruptelas na tradução francesa do texto de Baro são: Incarenigi = Jacaré-Mirim; Vitapitanga = vice-capitán; Vvarrivvuare = Martim Soares [Moreno]. Finalmente nela há questão de "sementes de corpamba", em que reconhecemos como confusões: nl. saeden (= prtg. sementes), em vez de nl. bladen (= prtg. folhas), com corpamba em vez de erva santa = tabaco. Trata-se, portanto, de autênticos charutos sertanejos, devidamente feitos de folhas de tabaco.

A expedição dos Senhores Strucht, Houck e Hansen de janeiro/fevereiro de 1650 foi empreendida por ordem dos "Nobres e Poderosos Senhores", ou seja dos chefes supremos do Governo Colonial no Recife. Ela devia subir ao longo do rio Potengi a uma suposta mina de prata perto da barra do afluente Camaragibe, nas cercanias do atual povoado de Igreja Nova. Além desse lugar deviam procurar uma segunda mina, subindo ao longo do Potengi à barra de um mal identificado afluente vindo do noroeste, e que em holandês se chamava Kromme Revierken, ou seja, Riacho Curvado. Tal nome não ajuda a identificar o afluente em questão, porque todos os afluentes do Potengi são tortuosos. Os melhores candidatos para o afluente aludido chamam-se hoje Boqueirão, Pedra Preta e Poço dos Cavalos. Segundo Peter Hansen, essa segunda mina devia encontrar-se a cerca de 30 léguas = 170 quilômetros do Forte Keulen. Mas tal distância resulta absurda, porque o percurso total do Potengi conta com perto de 180 quilômetros. 3)

Além da barra do Camaragibe a expedição entraria na difusa zona fronteiriça dos territórios tapuias. Verdade é que o centro deles ficava bastante mais para o oeste, mas nem assim já havia uma Serra da Tapuia, ao sul do Potengi, nas cercanias do curso

superior do Riacho Santa Rosa. Se bem que os relatórios dos holandeses e de Peter Hansen inequivocamente declarem que na tarde do 29 de janeiro a expedição deles começou a marchar ao longo dum riacho ao oés-noroeste, o historiador riograndense Olavo de Medeiros Filho não duvidou em mandar a excursão deles ao longo do Riacho Santa Rosa ao sul-sudoeste. Essa errada interpretação invalida irremediavelmente todo o resto das conclusões por ele feitas no — de resto valioso — artigo As minas de Camarajibe e Iporé, inclusive a locação no terreno do sítio da aldeia e das roças dos indígenas do cacique Joan Assoud, cujo nome ele também indevidamente transformou em João Açu. 6)

Quem se ocupa de viagens terrestres feitas por holandeses noutros continentes e noutros séculos, lida com algumas dificuldades. Os viajantes em questão mediram as distâncias percorridas em passos duplos, equivalendo cada 3 mil passos a uma légua de 5.649 metros. Quem ao andar deve contar milhares de passos duplos, se equivocará fatalmente, e as léguas assim contadas perdem sua fiabilidade de medida linear. Uma expedição feita em 1650 ao longo do rio Potengi realizou-se por trechos ziguezagueantes, em terrenos acidentados e sem caminhos calçados. Circunstâncias todas elas para conturbar a medição exata das distâncias percorridas. No entanto, para obter uma ideia pelo menos aproximada das distâncias nesta expedição percorridas segundo a quilometragem da atualidade, fiz uma listinha das distâncias em quilômetros entre Natal e várias cidades situadas no vale do Potengi. De Natal a Ielmo Marinho são 45 km; a São Paulo do Potengi são 70; a Barcelona são 90; e a São Tomé são 107. Resta a vencer a dificuldade de identificar por seu nome atual o afluente Kromme Revierken = Riacho Curvado. Remato esta computação com a provisória conclusão de que a distância entre Natal e São Tomé é de 107 km, e que a distância de São Tomé à poça Iporé pelo leito do Riacho Curvado é de mais uns 30 km. Chego assim ao total de 140 km para a viagem de ida, ou seja a 280 km para as duas viagens de ida e de volta, percorridas nos dez dias entre 25 de janeiro e 3 de fevereiro. O que equivale a perto de 28 km percorridos por dia, média alcançável por infantes bem treinados, mesmo quando marchando por terrenos difíceis.

Em ordem esquematizada a viagem no caminho de ida do Forte Keulen ao ponto mais afastado da poça Iporé na cabeceira do Riacho Curvado decorreu-se como segue. Acompanhados por um grupo de treze soldados brancos, quatro brasilianos e três escravos, os Senhores Strucht e Houck atravessaram, na madrugada do 25 de janeiro de 1650, num bote, a foz do Rio Grande, marcharam por terra à lagoa de Jacaré-Mirim, e pernoitaram lá. Observe-se, entre parênteses, que Peter Hansen menciona dez brasilianos e doze escravos. — Ao outro dia prosseguiram a marcha a oeste, passando a barra do rio Camaragibe, ao longo de imponentes constelações rochosas: "o castelo mais belo que se podia admirar com os olhos" nas palavras de Peter Hansen. Pernoitaram no lugar da "primeira mina de prata", já nove léguas afastado de Natal. Desde Camaragibe o Potengi sobe ao interior a oés-sudoeste. Nos meses do verão tropical seu leito está seco, de maneira que é possível marchar tanto por como ao longo dele. É o que a expedição dos Senhores Strucht e Houck fez nos dias seguintes. — No dia 27 pausaram ao meio-dia num lugar chamado Cuité: "porque nele crescem cabaças pequenas". Pernoitaram dentro do rio a leste duma montanha alta e obtusa que se chamava Itabita. Segundo Olavo de Medeiros Filho é o atual rochedo Pedra Branca, ao norte da cidade de São Pedro. — No dia 28 seguiram marchando por e ao longo do rio. Na pausa do meio-dia tomaram

um banho numa poça ou represa, e pernoitaram ao sopé duma rocha Caicatinga, que se chamava assim "por uma árvore frutífera desse nome que cresce numa pedra grande". A água que encontraram nas poças fez-se cada dia pior e mais salgada.

No dia 29 seguiram andando três léguas por e ao longo do rio por entre montanhas cobertas de arvorinhas secas, interrompendo a marcha ao sopé da montanha Apitanga e na margem duma boa poça que Tingeciade se chamava. Em combinação ligeiramente restaurada estes dois nomes inexistentes produzem o nome tupi de Itapiranga, que significa Serra Vermelha em português. No meio-dia pausaram na barra dum afluente seco na margem direita do Potengi, a que deram o nome holandês de "Kromme Rivier", porque, segundo os índios, ele se chamava Capipe Retouba: corruptela manifesta de Córrego Retorto ou seja Riacho Curvado. Por razão do método aproximativo da contagem das léguas percorridas durante esta expedição não é possível determinar com seguridade de qual afluente concreto se trata, mas não é impossível a hipótese que seja o Riacho Boqueirão da atualidade. De todos modos os relatos dos Senhores Strucht e Houck, e o diário de Peter Hansen dizem inequivocamente que o curso dele subia para o oés-noroeste. Depois da pausa do meio-dia marcharam por este Córrego Retorto por umas duas léguas, passando pelo açude Mereminnewater = Lagoa da Sereia, formado por uma espécie de "stuwdamme" = barragem. Depois de marchar mais algumas léguas pernoitaram num lugar a que deram o nome de Rottepiswater = Água do Mijo dos Mocós, porque o líquido que encontraram nos buracos das pedras estava empestado do mijo e das caganitas desses animais.7)

Aqui estiveram perto da mina de prata que buscavam, porque na opinião do "comendador dos tapuias" Pieter Persijn que acompanhava a expedição como guia e intérprete, ela devia estar riacho acima perto de algumas roças e duma aldeia de índios tupi, e nas cercanias duma montanha reluzente com o nome Itabiraba. Segundo a edição brasileira de 1958 do Dicionário da Língua Portuguesa de Caldas Aulete, Itaberaba significa "pedra reluzente" em tupi, no verbete que o manual define como: "no tempo das bandeiras, designação dada pelos sertanistas às minas fabulosas que buscavam cobiçosamente". E semelhante montanha encontrava-se efetivamente na cabeceira do Córrego Retorto, e perto dela achariam, com efeito, roças e uma aldeia dum cacique tupi. E habitantes dessa aldeia afirmariam na verdade que Pieter Persijn lá tinha estado numa visita anterior.

No dia 30 de janeiro seguiram sua marcha, chegando depois de meia légua ao sopé da montanha Itaberaba, onde Pieter Persijn apontou o local da "segunda mina de prata". Além dele, chegaram finalmente, depois de andar duas léguas mais, à aldeia do cacique Joan Assoud, situada num vale entre as montanhas Iberibetou, Outezakwas e Tabouquaba. O sítio, onde segundo Persijn se encontrava a jazida do minério da terceira mina de prata, estava um pouco adiante, na margem duma poça ou represa que se chamava Iporé. E ainda na tarde desse dia alguns membros da expedição dirigiram-se a ela a apanhar amostras da pedraria. E vale a pena lembrar-se aqui do já antes mencionado cacique potiguar Jaguarari, que por medo das represálias portuguesas se retirara, em 1625, com sua gente da aldeia de Tabussuram da Baia de Traição para o território dos tapuias no interior, porque o aspecto gráfico do nome da montanha Tabuquaba, com certa reserva, identifica-se quase totalmente com o de Tabussura(m), e o aspecto gráfico de JoanAssoud com o de JaguArrary. E também Rodolfo Baro encontrara no interior do

Rio Grande, durante sua embaixada a Nhandui em maio de 1647, uma aldeia tupi: Terapissima, com um cacique de nome Jean Vvioauin, cujos aspectos gráficos igualmente se aproximam bastante aos de Tabussuram e JaguArrary. E no aspecto gráfico dos nomes Iberibetou e Outezakwas será possível reconhecer — de novo com certa reserva — o da já referida e famigerada Serra de M'acaguhá. Finalmente o nome de Utataparaba para esse complexo mineiro na cabeceira do Córrego Retorto com que o alemão Peter Hansen remata o texto do seu relato da expedição de 1650, é interpretável como Yta-ta-paraba = Ita-ta-beraba = Itabiraba.

Entretanto, a partir da data do 30 de janeiro — primeiro de fevereiro segundo o calendário de Peter Hansen — os relatos dos acontecimentos dos Senhores Strucht e Houck por um lado, e do soldado Hansen por outro, começam a distanciar-se notavelmente. O relato do soldado foi confiado a um diário pessoal que não se destinava às autoridades da WIC, ao passo que os relatórios do Engenheiro e do Escotete sim, que se destinavam aos governadores supremos da Companhia no Recife. O soldado, portanto, podia contar detalhes inadmissíveis nos noticiários dos funcionários oficialmente cometidos pelo governo central da colônia. Na versão do soldado lemos que durante a viagem havia doentes de diarreia que deviam ficar atrás, que no caminho caçaram pombos e mocós, e que mataram uma anta. Também que, ainda no princípio do trajeto pelo leito do Córrego Retorto, uma parte da comitiva não continuou sua marcha. E que só o comandante Strucht, acompanhado pelo sargento, dois soldados e os dois Pedros, Hansen e Persijn, seguiram a viagem. Tanto o Engenheiro como o Escotete deixaram de mencionar tal fato importante. Strucht também ocultou o fato de que ele, na noite daquele dia 30 de janeiro, mandou os dois Pedros ao cume do monte Itabiraba, onde se extraviaram e durante vários dias perderam o contato com o grupo. A aldeia indígena do cacique Joan Assoud [= JaguArrary?] e a terceira mina de prata ao lado da poça Iporé foram visitadas portanto só pelo Engenheiro, pelo sargento e por um soldado, porque o outro militar ficara na aldeia para orientar-se sobre a anterior conduta de Pedro Persijn naquela região. E para disfarçar essas irregularidades no seu relatório, o Senhor Strucht manipulou ativamente a verdade e o curso dos acontecimentos no seu texto, intercalando, por exemplo, uma veemente desavença entre ele e Pedro Persijn durante a tarde do 29 de janeiro. Tal incidente falta nos relatos do Senhor Houck e do soldado Hansen.

Como resultado dessa infeliz desavença existem, a partir da tarde do dia 30 de janeiro, duas versões dos acontecimentos da expedição, porque Hansen descreveu desde então a permanência dele e de Persijn no cume do monte Itabiraba e o regresso deles a Natal; ao passo que o Engenheiro prosseguiu à aldeia e às roças indígenas, e à mina de Iporé. Entretanto o Escotete ficou aguardando com alguma gente no leito do córrego, embora fingindo no seu relatório — instigado talvez pelo Senhor Strucht? — de que também tivesse ido à mina de Iporé. Nela tomaram as devidas amostras de mineral, para em seguida começar o regresso pelo mesmo caminho das roças, da aldeia, da "segunda mina" ao sopé do monte Itabiraba, do açude do Rottepiswater = Agua do Mijo dos Mocós, e mais três quarto de légua além. E sempre ainda no leito do córrego. Lá passaram a noite.

Na manhã do dia 31 de janeiro passaram pelo açude da Água da Sereia, onde também apanharam algumas amostras de mineral. Continuando sua marcha chegaram outra vez ao Potengi, por cujo leito seguiram a leste, passando pelo monte e da poça que

conjuntamente se chamavam Apitanga + Tingeciado ou seja Itapiranga = Serra Vermelha. Depois da pausa do meio-dia seguiram marchando até perto do monte Itabita, onde pernoitaram. — E assim por diante, e sempre por terreno já conhecido, seguiram voltando sem novidades durante os dias 1, 2 e 3 de fevereiro, chegando ao Forte Keulen com saúde na madrugada do dia 3 de fevereiro. Mas nem todos chegaram lá com saúde, porque segundo o diário de Hansen muitos ficaram no caminho com "Rothen Lauff" ou seja a mortal disenteria bacilar com fezes sanguinolentas, causada pela água pestilenta que tinham bebido.

Embora o próprio Senhor Strucht não deixara de falsificar e de omitir verdades essenciais no seu relato, reservou bastante espaço nele para criticar e desmascarar as insinceras e mentirosas atitudes de Pedro Persijn que, segundo as informações obtidas de alguns habitantes da aldeia indígena, nunca tinha visitado a última mina do Iporé, nem reunira minerais dela, apesar de ter afirmado o contrário em Natal, antes da saída da expedição. De resto tanto o Engenheiro como o Escotete prestaram nos seus textos, como era de esperar, a devida atenção à disponibilidade de lenha, madeira de construção, água e terra agrícola nas cercanias das três minas em escopo, como também à exata locação e eventual acessibilidade delas.

Voltemos aqui alguns dias no tempo para seguir de perto as aventuras dos dois Pedros Hansen e Persijn a partir da tarde do dia 30 de janeiro, quando eles por ordem do comandante Strucht tinham que subir ao cume do monte Itabiraba. Precisaram de tanto tempo para fazê-lo que só lá chegaram depois de escurecer, de modo que foram forçados a passar a noite do 30 para 31 de janeiro na montanha. Por causa do frio e do zumbido dos ventos noturnos passaram muitas horas em terror. Quando na manhã do dia seguinte estavam de novo ao sopé da montanha, já o grupinho dos Senhores Strucht e Houck se tinha eclipsado na sua viagem de regresso. Contudo encontraram algo mais longe "gente nossa" no lugar da segunda mina. É evidente que neste caso se trata de companheiros da equipe que, por causa da sua disenteria, foram abandonados pelos comandantes. Hansen não relata a decisão que ele e Persijn adotaram a respeito desses pacientes, mas do diário dele colhe-se que a partir do dia 5 de fevereiro um grupinho de várias pessoas regressou durante toda uma semana pelo conhecido trajeto ao longo do Potengi ao Forte Keulen em Natal. Como havia doentes no grupo, por força a velocidade deles durante a marcha de regresso deve de ter sido reduzida, como também a motivação de prestar atenção à minuciosa contagem dos 96.578 passos duplos andados. Assim chegaram ao Forte na noite do dia 11 de fevereiro. 8)

NOTAS

1. Este diário escrito em holandês encontra-se no roteiro manuscrito do cartógrafo-mor da WIC, Hessel Gerritsz, de 1629, na Biblioteca Nacional do Brasil no Rio de Janeiro. A versão original holandesa nunca foi publicada, e o texto é unicamente acessível em tradução francesa no volume 29 (1907) dos Anais da referida Biblioteca. Essa tradução ingenuamente respeitou todas as inúmeras corruptelas do original. Uma edição corrigida deste importante texto em tradução portuguesa é desejável, para que corruptelas crassas como Euwygeu oft Ocuieu = Heilyge Lodowick = Saint Louis / São Luiz possam ser definitivamente erradicadas.

2. Laet, João de. Descrição das costas do Brasil, 1637* Manuscrito da John Carter Brown Library, Providence. Transcrito, traduzido e anotado por B. N. Teensma. Petrópolis, Kapa Editorial, 2009: 134.

3. Carvalho, Alfredo de. Minas de ouro e prata no Brasil oriental. Explorações hollandezas no século XVII. In: Idem. Aventuras e aventureiros no Brasil. Rio de Janeiro 1929: 109-128. — Krommen, Rita. Mathias Beck und die Westindischen Kompagnie. Zur Herrschaft der Niederländer im kolonialen Ceará. Arbeitspapiere zur Lateinamerika Forschung der Universität Köln, 11-01, 2001. — Xavier, L. F. W. Mathias Beck and the quest for silver. Dutch adaptability to Brazil. (Tese de mestrado não publicada defendida em janeiro de 2007 na Erasmus Universiteit, Rotterdam, Países Baixos.) — Teensma, B. N. As frustrações do pastor Jodocus. Uma malograda empresa mineira dos holandeses no sertão paraibano. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, ano 99, no. 40. João Pessoa 2007: 115-141.

— Barléu, Gaspar. História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil. Tradução e anotações de Cláudio Brandão. São Paulo 1974.

— Baerle, Caspar van. The History of Brazil under the Governorship of Count Johan Maurits of Nassau, 1636-1644. Translated with notes and an introduction by Blanche T. van Berckel-Ebeling Koning. Gainesvilie 2011.

— Baro, Rodolfo. Relação da viagem de Roulox (sic) Baro, intérprete e embaixador ordinário da Companhia das Índias Ocidentais, (...) ao país dos Tapuias na terra firme do Brasil (...). Traduzida do holandês para o francês por Pierre Moreau. Tradução e notas de Lêda Boechat Rodrigues. São Paulo 1979.

— Teensma, B. N. O diário de Rodolfo Baro (1647) como monumento aos índios Tarairiú do Rio Grande do Norte. In: Índios do Nordeste: temas e problemas, 2. Maceió, EDUFAL, 2000: 81-99.

— Santos Júnior, Valdeci dos. Os índios Tapuias do Rio Grande. Antepassados esquecidos. Mossoró 2008.

— Ibold, Frank; Jens Jäger, Detlev Kraack, (editores). Das 'Memorial und Jurenal' des Peter Hansen, Hajstrup (1624 — 1672). = Quellen und Forschungen zur Geschichte Schleswig-Holsteins, Band 13. Neumünster 1995.

1. A extensão do Potengi é de perto de 180 quilômetros. Sua nascente é sobre o flanco oriental da Serra de Santana (Macaguá), e sua foz ao lado do Forte dos Reis Magos em Natal.

2. "As minas de Camarajibe e Iporé." In: Olavo de Medeiros Filho. No rastro dos Flamengos. Natal 1989: 87-97.

3. Os funcionários europeus da WIC no Brasil observaram e interpretaram os fenômenos naturais nordestinos segundo critérios europeus. Um quadrúpede sertanejo do tamanho de um coelho era para eles um rato, ou seja, RAT ou ROT, na língua holandesa arcaica. Um rato europeu nada em água, bebe água e deixa seus dejetos em água. Na Europa, as águas

frequentadas por ratos são poluídas, empestadas e infectadas. Elas convertem-se em Rottenpiswater, ou seja, Água de Mijo de Ratos. No sertão, ao lado dos afluentes do rio Potengi, eles encontraram semelhantes águas empestadas, usando sua terminologia holandesa para elas. Na minha tradução portuguesas de tal termo exótico optei pelo nome tentativo de Água de Mijo de Mocós. Fique claro que tal tradução é aproximativa. Saiba-se de passo que o famoso naturalista Jorge Margrave na sua famosa *História Natural do Brasil* (São Paulo, 1942: pp. 223-224), já cita nomes como Veldratte e Boschratte para as espécies de pequenos roedores silvestres brasileiros.

4. Este artigo foi escrito na estreita colaboração de dois especialismos que raramente se combinam numa só pessoa. Refiro-me à georreferenciação riograndense e à linguística luso-holandesa. Como a corrupteliatria é um especialismo linguístico ainda bastante descuidado, não quis perder neste artigo a oportunidade de chamar a devida atenção a ela.

Leiden, junho/julho de 2014.

OS TEXTOS ORIGINÁRIOS TRADUZIDOS PARA O PORTUGUÊS

por B. N. Teensma.

I. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, número do inventário 65, número consecutivo 197: 1-6.

[1] CÓPIA DO ROTEIRO ESCRITO PELO ENGENHEIRO PIETER VAN STRUCHT NA VIAGEM À MINA NO RIO GRANDE.

[2] Relatório da viagem à mina de prata que eu, subscrito, fiz por ordem dos Nobres e Poderosos Senhores, com o escotete Jan Houck e com Pieter Persijn, o qual recentemente entregou algum mineral dela aos ditos Nobres e Poderosos Senhores.

25 de janeiro (de 1650). Na manhã desta terça-feira saímos do Castelo Keulen com o bote pelo Rio Grande, ancorando ao fim do primeiro trajeto 1) no rio Potengi, ou seja no partido (= pontão?) de Dirck Mulder, a três léguas do Castelo, onde os iates chegam com facilidade, e onde a terra é chã; tendo na nossa companhia um sargento e doze soldados, e quatro brasilianos e três escravos para buscar e carregar o mineral, como também nossos víveres e bagagens. Saindo deste partido (= pontão?) seguimos marchando uma légua por terra pelo distrito do Potengi até à casa incendiada do já mencionado escotete, onde nos detivemos à margem do riacho Pabuna. Depois do meio dia marchamos de lá pelo monte de Jan Galdron e pela campina onde estão os cajueiros. Lá achamos o regedor Antônio Perupaba (= Paraupaba) com seu grupo de brasilianos, em Jacaré-Mirim, ou seja, nas casas ante-

riormente de Francisco Macedo e Domingos Lopes, a uma distância de duas léguas da já dita casa do escotete, numa planície com uma lagoa de água relativamente boa, onde dormimos embaixo de uma árvore. 2)

26 de janeiro. Uma hora antes do amanhecer continuamos a marchar. Marchamos por Potengi, passando pela casa incendiada do major Garstmans, pela de Maria Magalhães, e agora de Claes Claesz, e pelo curral de João Francisco, na margem de uma grande lagoa com água boa, onde pausamos. Depois continuamos pelo rio Potengi, que agora está sem água, e que nesse lugar se estende ao noroeste, e no segundo trajeto ao oeste ponto sul. Tendo marchado até à curva do terceiro trajeto, que se estende ao sul ponto leste, encontramos, ao norte, ou seja à mão direita, ao lado da montanha, ou do curso do rio onde o rio Camaragibe entra, a pouca distância, no rio Potengi, algumas pedras enormes e amontoadas como por mão milagrosa uma sobre as outras. Depois de continuar mais um trajeto ao sul-sudeste, Pieter Persijn nos indicou a primeira mina, da qual ele recentemente entregara algum minério, juntamente com minério da outra mina, aos Nobres e Poderosos Senhores. Acha-se, aproximadamente, a 9 léguas do Castelo Keulen na margem esquerda, ou seja a leste duma montanha, onde, pela seca, há muitas arvorinhas sem folhas, como durante o inverno na pátria. Depois de descansar um pouco, investigamos esse lugar, achando por toda a montanha pedras pequenas e também muito grandes, até rochas enormes que aparentemente encravavam-se profundamente na terra; das quais, em diversos lugares, tomamos amostras ou pedras, principalmente ao sopé da montanha [3] no rio, onde, pelo grande desaguamento do rio nos meses da chuva, o mineral se aflora como grandes pedras e rocas sem terra, na altura de 4 a 5 corpos humanos. Perto desse lugar acha-se, sempre, ano trás ano, boa água no rio Camaragibe, e, no outro lado do rio, em frente da mina, há uma franja de terra chã para cultivar; e muita lenha, mas pouca madeira de construção; mas no rio Potengi, numa distância de 3 a 4 léguas, não faltam as possibilidades de cultivar e de construir.

27 de janeiro. Na madrugada seguimos marchando ao longo do rio Potengi, ao sul-sudoeste principalmente, e raramente ao norte ponto oeste, cada trajeto com aproximadamente um quarto de légua, e umas três léguas na sua totalidade. Pausamos um pouco além dum lugar chamado Coyeté, onde abrimos um poço para apanhar água, mas esta era mui salitrosa. Depois do meio-dia seguimos andando umas duas léguas, onde passamos a noite ao sopé dum pico alto e rombo a uma légua, chamado Itabita. A água tornou-se cada vez pior.

28 de janeiro. Seguimos marchando ao longo do rio, por rumos diversos, além do mencionado pico Itabita, que deixamos à nossa mão direita; e, depois de duas léguas e meia, pausamos à beira duma poça parada no leito do rio, onde a gente se banhou num sítio montanhoso e pedregoso. Depois do meio-dia, continuamos duas léguas grandes até um lugar chamado Caicatinga (= Guiratinga? = Garça Branca), dentro do mesmo rio. Encontramos água miserável, e passamos lá a noite.

29 de janeiro. Pela manhã seguimos marchando duas léguas grandes, cortando caminho de vez em quando em linha direta sobre a borda da montanha, a qual, por toda parte, estava coberta de arvorinhas secas; onde, ao lado duma montanha alta e pedregosa de nome Apitange, encontramos no rio uma boa poça de água, chamada

Tingesiade. Ainda prosseguimos por este rio Potengi aproximadamente uma légua, até o assim chamado "Kromme Rivier" (= Rio Curvado), ou Capipo-rie-Retouba (= Corrego Retorto) por outro nome, que aqui entra no Potengi; e que no momento igualmente estava sem água. Aqui paramos, ao meio-dia, no lugar onde este trecho do rio corre preponderantemente ao oés-sudoeste, e o "Kromme Rivier" ao oés-noroeste. Por ele seguimos marchando depois do meio-dia, tratando-se dum riacho muito pedregoso. Antes de sair do rio Potengi ainda subimos a montanha onde tínhamos pausado, donde vimos a duas léguas para o oeste uma montanha muito alta e rochosa. Depois de ter marchado umas duas léguas por este "Kromme Revierke" (= Riacho Curvado) - onde por todas partes encontramos pedras faiscantes e rochas como mineral, mas água muito má e fedorenta - passamos a noite num lugar a que demos por nome "Mijo de Mocó", porque a água nos buracos das rocas estava empestada das caganitas desses animais.

30 de janeiro. Na manhã deste domingo, continuamos meia légua ao longo deste Riachinho Curvado, onde Pieter Persijn nos indicou ao sopé duma montanha de pedra onde cresciam muitas arvorinhas, alguns minerais [4], dos quais disse que também deles recentemente entregara algumas amostras aos Nobres e Poderosos Senhores, junto com as de Camaragibe. Esta montanha chama-se Itabiraba. Para apanhar água devíamos cavar aqui no rio, ao sopé da montanha, um poço profundo, que resultou ser muito má e salitrosa. Como estivemos aqui entre montanhas, não podíamos ver o horizonte, nem observar as árvores na montanha. Seguimos então andando por este riacho, passando de vez em quando os leitos de outros riachos, até chegar às roças de alguns brasilianos que vivem por aqui, e cujo principal se chama JOAN ASSOUD. E a fonte da qual Persijn dissera que se encontraria ao sopé da montanha ou mina, encontra-se pelo menos duas léguas além, ao lado da aldeia e das plantações dos ditos brasilianos, sendo uma poça de água parada no rio, entre os montes Iberibetou, Outezakwas e Tabouquaba. A poça chama-se Iporé, onde por mineral achamos algumas pedras e rochas, das quais levamos uma amostra. Então voltamos à segunda mina de Persijn, onde também apanhamos e levamos algum material.

Enquanto fomos levados à dita poça por Pieter Persijn e um brasiliano Bartolomeu Lopes - marido da filha lusófona Mariana do dito JOAN ASSOUD, e cunhado de Henrique Tirara - nosso colega escopeteiro Filipe Sayaers, na ausência de Persijn, começou a interrogar dita Mariana e outra mulher que também lá estava [a respeito de Pieter Persijn], e elas disseram-nos que nunca em sua vida ele tinha visitado estas últimas minas, mas que a ela tinha mostrado algum mineral, dizendo: "trata de achar pedras como estas, porque contêm prata". Quando as tinham achado e mostrado ao dito Persijn, dizendo que queriam ir entregá-las aos Nobres e Poderosos Senhores, ele as tinha desviado com algumas palavras do intento, e pessoalmente se fora com esse material aos Nobres Poderosos. E voltando, dissera aos brasilianos: "Não presta, porque não passa de chumbo. Os Senhores não pagarão nada por isso." Que isso é aparentemente verdadeiro resulta do fato que, quando na tarde do dia **29** pausávamos na margem do "Kromme Rivier", aliás Córrego Retorto, disse o dito Persijn: «irei à frente» — coisa que nunca antes tinha feito — «para ver o sítio onde passaremos a noite», levando consigo o brasiliano Bartolomeu Lopes e um soldado que se chamava Jan Vergeson. Depois de marchar uma hora aproximadamente, chegamos a uma lagoinha chamada Mereminnewater (= Lagoa da Sereia), represada por uma «Ceutedauve» (= nl.

«stuwdamme» = prtg. barragem), onde Persijn tinha deixado o soldado e continuado com um brasiliano, dizendo ao soldado: «Quando o engenheiro chegar com sua gente, deve ficar aqui; eu vou à mina, e lá não tem água [5] no caminho para beber.» Ouvindo isso dissemos: «Onde ele pode ir sem água, lá nós também podemos chegar sem água.» Perguntamos a Henrique Tirara se ele sabia onde estava a mina, e ele respondeu que sim. Resolvemos então continuar a marcha, de maneira que ao anoitecer chegamos à rocha do "Mijo de Mocó". Meia hora depois lá chegou Pieter Persijn com o brasiliano e um saco cheio de mineral; razão porque fiquei mui zangado, porque já no Castelo Keulen lhe dissera que não só devia ele levar-me à mina, mas ao mesmo lugar donde tinha sacado o mineral. Coisa que voltei a lembrar-lhe, pelo que irritado deitou fora o mineral, dizendo: "A merda fica lá". 3) Sim, antes disso o dito Persijn dissera que a montanha do mineral era calva, sem vegetação, com uma fonte ao sopé, indicando o lugar no mapa dele; o que igualmente prova que o jornal dele não era verdadeiro. Continuamos então a nossa marcha de regresso até 3/4 légua além do "Mijo de Mocó", onde dormimos na noite anterior.

31 de janeiro. De madrugada continuamos nosso regresso ao longo deste riacho, passando pela barragem aliás "sjeutdauwe" (= nl. "stuwdamme") da Água da Sereia, assim chamado pelos brasilianos porque segundo eles esse lugar fica assombrado. Trata-se dum sitio rochoso e pedregoso, donde igualmente tomamos um pedaço da pedra como amostra. Assim continuando, chegamos, de novo, ao rio Potengi e, aproximadamente uma légua além até Apitange ou Tingeado, onde paramos. Seguimos marchando por Caicatinga (= Guiratinga? = Garça Branca) até ao por nós chamado Acampamento de Jan Vergeson, onde descemos um monte íngreme perto duma lagoinha, e ali pausamos no meio-dia. Depois do meio-dia continuamos até ao lugar onde na ida a gente se banhara. Daqui também tomamos algumas amostras do mineral. Passamos a noite meia légua acima ou a oeste da rocha chamada Itabita. Neste dia, e também no anterior, tínhamos marchado muito.

1 de fevereiro. Na manhã cedo voltamos a marchar, passando por Itabita. Pelo meio-dia, pausamos no leito do rio na altura de Coyeté, e depois prosseguimos à tarde ao lugar da mina de Camaragibe, onde passamos a noite. Neste dia, e no seguinte, muito marchamos.

2 de fevereiro. Na madrugada, reunimos o material que lá tínhamos colhido, [6] e seguimos marchando além do rio Camaragibe, onde de novo deixamos o rio Potengi, e continuamos até além do curral de João Francisco, as casas de Claes Claesz e do major Garstmans, e até Jacaré-Mirim, onde pausamos no meio-dia. Então seguimos marchando até à casa de Dirk Mulder, onde passamos a noite sob uma árvore, a três léguas do Forte Keulen.

3 de fevereiro. De noite, a uma hora, seguimos marchando, chegando cedo na madrugada Castelo Keulen. E assim, graças a Deus, terminamos com saúde a nossa viagem.

Foi assinado: P. van Strucht.

II. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, número de inventário 65, número consecutivo 197: 7-10.

[7] JORNAL DA VIAGEM FEITA À MINA DO RIO GRANDE, ESCRITO PELO ESCOTETE (= bailio) JAN HOUCK.

Na terça-feira, **25 de janeiro de 1650**, Pieter van Strucht, Jan Houck: bailio aqui no Rio Grande, e Pieter Persijn, saímos de madrugada num bote do Castelo Keulen pelo Rio Grande, atracando, ao fim do primeiro trajeto pelo Rio Potengi, no portinho (= pontão?) de Dirck Mulder, na distância de aproximadamente três léguas do Castelo Keulen. Tivemos por comboio, um sargento com doze soldados, quatro brasilianos e três escravos para transportar nossas provisões e apanhar minerais. Do portinho (= pontão?) começamos a marchar uma légua em direção à antiga e agora incendiada casa do dito bailio, onde, pelo meio-dia, descansamos na beira do riacho Pabuna. Depois do meio-dia, seguimos marchando pelos montes de Jan Galdron e pelo cajueiral, passando o acampamento dos brasilianos de Antônio Perupaba (= Paraupaba) que lá está. Continuamos assim pela campina a Jacaré-Mirim: uma lagoa assim chamada porque nela vivem jacarés, e onde antes moravam dois portugueses, chamados Domingos Lopes e Francisco de Macedo, achando-se aproximadamente a duas horas de marcha da casa do mencionado bailio, onde passamos a noite.

No dia **26**, continuamos a marcha uma hora antes do amanhecer, passando pela casa incendiada do major Garstmans, o riacho Krombeek que é um córrego de água limpa e fresca, e pela casa de Maria Magalhães que agora pertence a Claes Claesz, até o curral de João Francisco, onde descansamos um pouco na margem duma lagoa grande. E seguindo por um bom caminho chegamos por volta das 10 ou 11 horas ao rio Potengi, que nesse lugar e durante toda a época da seca está sem água. Depois de marchar algum tempo encontramos num ângulo na margem norte dele algumas pedras maravilhosamente amontoadas umas sobre as outras. Perto desse lugar, o rio Camaragibe deságua no rio Potengi, sempre contém água no seu começo o ano todo, se estende ao noroeste e oeste, e está afastado 9 léguas do Castelo Keulen. E deste lugar o Potengi estende-se ao sul-sudeste.4) Marchamos até o fim desse trecho, onde Pieter Persijn nos indicou, ao lado esquerdo, no canto leste da curva, a última mina, da qual disse ter entregado ultimamente algum mineral aos Nobres e Poderosos Senhores. Fomos visitar esse lugar depois do descanso do meio-dia, tratando-se duma montanha razoavelmente grande, ao lado de outra grande. E, como agora é verão, [8] está cheia de arvorinhas sem folhas; e por toda parte achamos no chão pedras pequenas, e também muito grandes, como minério; algumas das quais também metidas muito profundamente na terra, principalmente ao sopé da montanha no rio, onde pela forte correnteza da água nos meses das chuvas as pedras ou minérios ficam descobertos e sem terra por cima. Nele passamos a noite.

Na madrugada do dia **27** seguimos marchando ao longo do próprio rio Potengi, principalmente ao sul-sudoeste, ou mais para oeste, e raramente ao norte ponto oeste: cada trecho com extensão de cerca de um quarto de légua, por aproximadamente três léguas; e descansamos num lugar chamado Cuité, porque nele crescem cabaças pequenas. Depois do meio-dia, continuamos umas duas

léguas, onde passamos a noite dentro do rio a leste duma montanha alta, aguda, pedregosa e calva, que Itabita se chama.

A **28** continuamos marchando dentro e ao longo do mesmo rio Potengi pelos mencionados rumos por duas léguas e meia, quando descansamos no lugar duma poça de má água no rio e ao sopé duma montanha pedregosa, onde a gente se refrescou e banhou. Depois do meio dia continuamos mais duas grandes léguas até um lugar chamado Caicatinga, por uma árvore frutífera desse nome que cresce numa pedra grande. Ali passamos a noite.

A **29** seguimos marchando aproximadamente duas léguas grandes pelo e ao longo do rio, e de vez em quando diretamente pelos montes na mesma direção, onde achamos no rio ao lado duma montanha alta e pedregosa uma poça de água boa, que se chamava Apitange e Tingeyado. Desse lugar seguimos marchando mais uma légua, descansando no leito do rio Potengi, que aqui se estende ao oes-sudoeste, junto à foz do rio chamado Capibo-re-Retouba (= Córrego Retorto) e também Kromme Rivier (= Rio Curvado); ao longo e no qual marchamos depois do meio-dia, e que é seco e muito pedregoso. Aqui se mostrava à distância de aproximadamente duas léguas a oeste uma montanha muita alta e pedregosa, com um cume curto e arqueado em forma de sela. Depois de marchar uma légua ao longo deste Rio Curvado, preponderantemente ao oes-noroeste, e de vez em quando em linha reta, sobre a montanha e por entre as árvores, chegamos a uma poça neste rio que os brasilianos — porque o sitio está assombrado — chamam Mereminnewater (= Água da Sereia). Daqui ainda seguimos mais uma légua, onde passamos a noite num lugar que chamamos Rottepiswater (= Água do Mijo de Mocó), porque a água nos buracos das pedras estava cheia de mijo e caganitas de mocós ou coelhos pequenos, e tinha o cheiro e o sabor fedorentos.

Na manhã do dia **30**, domingo, continuamos marchando aproximadamente meia légua pelo rio, onde Pieter Persijn nos indicou, ao sopé duma montanha pedregosa coberta com um arvoredo seco, o sítio do segundo mineral, que também afirmou recentemente ter entregado aos Nobres e Poderosos Senhores, junto com o primeiro; mas aqui não se via a montanha calva e reluzente chamada Itabiraba que ele anunciara antes da nossa saída, onde também declarara [9] que haveria perto uma aldeia de brasilianos com uma fonte. Razão porque dissemos aos brasilianos que guiavam tanto a Persijn como a nós, que nos conduzissem à aldeia deles e à fonte. Assim seguimos nossa viagem com eles por e ao longo deste rio, cruzando de vez em quando os leitos dalguns outros riachos secos, e sempre entre montanhas altas e cheias de arvorinhas secas por aproximadamente duas léguas. Chegamos primeiro, às roças e à aldeia dos brasilianos, e depois à fonte, que não era senão uma grande poça de água parada, formada pela que descia dos montes ao rio, e que Iporé se chamava. As montanhas de ambos os lados desta poça chamam-se Iberibetou e Outezapoua. Perto desta água tomamos algumas amostras do mineral das rochas; depois voltamos à segunda mina de Persijn, onde também apanhamos algum mineral. Prosseguindo assim nosso regresso até três quartos de légua além da Água do Mijo de Mocó, onde passamos a noite.

Na manhã do dia **31** seguimos marchando até à Água da Sereia, onde também tomamos um pedaço de pedra por mineral, e seguimos andando ao longo deste

Riacho Curvado até chegarmos outra vez ao rio Potengi, prosseguindo aproximadamente uma légua por ele, passando a boa água chamada Tingeyado, e também da Caicatinga, até um lugar que chamávamos o Quartel de João Vergeson, por um soldado que ia conosco; onde descemos dum monte íngreme no leito dum riacho, onde descansamos ao meio-dia. E depois do meio-dia prosseguimos ao longo do lugar onde nós tínhamos banhado — donde também tomamos pedras por mineral — e fomos dormir aproximadamente meia légua a oeste da roca que Itabita se chama. Neste dia, como também no anterior, marchamos muito.

Na madrugada do primeiro de fevereiro continuamos marchando mui cedo de manhã, passando por Itabita, e descansando pelo meio-dia no rio na altura de Coité. De noite fomos dormir perto de Camaragibe, no lugar da primeira mina.

Na manhã do dia **2 de fevereiro** tomamos material também de todos os lugares desta montanha, e seguimos marchando, passando o curral de João Francisco, as casas de Maria Magalhães e do senhor Garstmans, tomando nosso descanso do meio-dia à margem da lagoa de Jacaré-Mirim. Depois do meio-dia seguimos marchando, passando o acampamento de Perupaba (= Paraupaba), que ainda estava no cajueiral, e passamos a noite ao lado da casa de Dirck Mulder, distante três léguas do Castelo Keulen.

No dia **3 de fevereiro** começamos a marchar quatro horas antes do amanhecer, chegando cedo na manhã ao Castelo Keulen.

[10] No que se refere à perfeita direção e distância deste caminho às minas, refiro-me ao Engenheiro Pieter van Strucht; mas acho que — como não marchamos em linha direta — a distância chegará a ser um quarto mais curta. Mas se precisará medir os trajetos entre os arvoredos e sobre as montanhas quando servindo-se de carros e cavalos. Isso porque agora o acesso à mina mais afastada só é possível com pessoas que andam a pé. Mas à primeira mina de Camaragibe há um bom caminho para carros puxados com cavalos, e ela só dista nove léguas do Castelo.

No que se refere à situação e ubicação da dita mina situada na distância de 26 ou 27 léguas: três léguas afastadas dela e no lugar entre as montanhas onde estão as roças dos brasilianos, e perto delas e do riacho Iporé, há pouca madeira para a construção. Mas, confio que entre essas montanhas que agora não pudemos investigar, sim que haja bastante madeira e água. Cavamos agora ao sopé da montanha da mina um poço no rio de profundidade de uma braça, mas com água de má qualidade. No entanto a lenha não falta em nenhuma parte; e na ausência de boa madeira para construção, uma vez construída a estrada, sempre seria possível trazê-la com carros do distrito de Potengi.

No que se refere às minas mais próximas a 9 léguas sobre o rio Camaragibe, lá há bastante água na distância de um quarto de légua, e também em poços ao sopé da própria montanha; e há boa terra para plantar, e lenha suficiente; mas a madeira para construir também deveria vir do distrito de Potengi, que lá está suficientemente disponível numa distância de duas ou três léguas.

Este rio Potengi é navegável por grandes iates até ao lugar onde desembarcamos do bote, e por mais duas léguas rio acima por botes. No bom período está

seco, mas na época das chuvas — que maximamente dura três meses — está cheio pelas enchentes que vêm do interior do sertão, e aonde ainda ninguém tem ido para investigá-lo. E então é impossível navegar o rio mais para cima, por causa das árvores que boiam na água por razão da enchente.

Feito no Castelo Keulen do Rio Grande neste dia 4 de fevereiro de 1650.

Foi assinado: J. Houck.

III. PETER HANSEN. VIAGEM À MINA DE PRATA DE UTATAPARABA (= Itabiraba).

Fragmento do manuscrito Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen (1624-1672), pertencente ao Schleswig-Holsteinisches Landesarchiv zu Schleswig, assinatura: Abt. 400.1, Nr. 343. Editado por Frank Ibold, Jens Jäger e Detlev Kraack, e publicado na série Quellen und Forschungen zur Geschichte Schleswig-Holsteins, vol. 103, Neumünster 1995: 86-89.

[86] A **26 de janeiro (de 1650)** veio o Engenheiro Strucht da cidade do Recife com ordem do Alto Governo para procurar a mina de prata no sertão que estaria a cerca de 30 léguas interior adentro. Para tal expedição foram mobilizados um sargento com 12 soldados do forte do Rio Grande; e como seria difícil para o Engenheiro contar tantos passos, eu fui mandado com ele ao sertão. Tínhamos 12 negros para transportar nossas provisões, e 10 brasilianos para nos guiar. 5) No primeiro dia chegamos à Lagoa Jacaré-Mirim, onde passamos a noite debaixo de um cajueiro.

A **27** do dito seguimos a Camaragibe, onde passamos a noite numa velha aldeia queimada a 9 léguas de Rio Grande.

A **28** do dito seguimos marchando umas 4 léguas, e passamos a noite na margem do Rio Potengi. E como devíamos marchar pelo leito do rio que consistia de areia seca e espessa, tínhamos que cavar nela por água. E todos os passos andados deviam ser contados pelo engenheiro e por mim, de modo que não andávamos rapidamente.

A **29** do dito seguimos marchando umas 5 léguas, e passamos a noite ao sopé duma alta roca de pedra. Havia lá uma lagoa grande e profunda, Caicatinga chamada pelos brasilianos. Os brasilianos não queriam beber dessa água. E dizendo que o diabo vive nela; mas alguns dos nossos beberam. [87] Mas os que tinham bebido caíram logo doentes de diarreia.

A **30** do dito marchamos de novo umas 2 léguas. Outra vez encontramos uma lagoa, chamada Tingeciade pelos brasilianos. Foi a melhor água que encontramos em toda essa viagem, porque sempre devíamos cavar por ela, e sempre a achávamos terrivelmente salgada a minerais, enxofre e salitre, e por conta dessa água muitos dos nossos adoeceram de diarreia; de modo que não podíamos seguir viajando. Nessa viagem matamos muitos pombos, que deles o sertão abunda.

A **31** do dito seguimos marchando até ao sopé duma grande roca de pedra, onde pernoitamos.

De madrugada deixamos lá um soldado nosso porque estava doente e não podia andar. Deixamos um soldado e um brasiliano com ele, que deviam cuidar dele enquanto vivesse ou se restabelecesse. Os outros seguimos marchando do lado direito do rio Potengi até chegarmos a outro riacho seco que se chamava Riepe Ratuba (= Córrego Retorto). Subimo-lo umas 2 léguas, e passamos a noite ao sopé duma roca mui alta. Cavamos por água e não achamos nada. Devíamos contentar-nos assim com uns restos de água de chuva e o mijo dos mocós, cujo líquido devíamos coar por um lenço, por conta das muitas caganitas, e que era salgado como a água do mar. Os mocós nos serviam também de alimento, porque havia muitos deles nas fendas das rocas, e eram muito saborosos. 6)

A **1 de fevereiro** seguimos viajando, e por volta do meio-dia chegamos à mina de prata. Lá logo cavamos por água, e nos refrescamos com algo. Deixamos aqui o resto da nossa gente, continuando com um grupo de apenas seis pessoas, a saber o Engenheiro Strucht, Pedro Persijn, um sargento com dois soldados, e eu. Depois de andar umas 2 léguas, chegamos a um monte altíssimo cujo topo era invisível. Ao sopé do monte brotava uma fonte cristalina, mas quando tentamos beber dela a água era tão salgada e salitrosa,devido à presença do mineral que provavelmente havia no monte. Também era impossível observar o monte por causa dos raios ofuscantes do sol que brilhava nele, e que se estendia por uma légua de distância. Havia nele algumas árvores secas, e pelo resto era como se fosse um monte de prata só. O engenheiro queria escalá-lo uma parte, e assim fui lá com Pedro Persijn, o comandante dos tapuias; e fomos subindo ao topo até à entrada da noite. Quando lá chegamos apenas podíamos distinguir os cumes dos outros montes. Tínhamos marcado todas as árvores com um machado [88], para reencontrar o caminho para baixo. Mas como já escurecera, fizemos fogo debaixo duma árvore seca, e lá passamos a noite. Também demos dois tiros com os mosquetes, mas nossa gente embaixo não nos ouviu. Depois de termos ficado sentados uma hora, e porque estávamos muito cansados, fiquei no primeiro turno da guarda, porque ele [Pedro Persijn] dormiu. Então começou — se bem que tudo estava quieto — a zumbir e farfalhar tão forte que pensávamos que o mundo estava acabando. Depois seguiu uma medonha série de relâmpagos e trovões, e era como se todo o monte estivesse cheio de soldados e cavaleiros sussurrando entre si como se estivessem conversando. Mas não podíamos entender uma palavra. Trazia comigo uma toalha e deitei-me ao lado do fogo para ler e orar. Assim passamos a noite em grande terror e quase enlouquecidos, sem saber se devíamos subir ou descer. Além disso não podíamos achar o nosso caminho marcado para baixo.

No outro dia (**2 de fevereiro**) por volta das 10 horas estávamos outra vez ao sopé do monte, mas sem encontrar nossa gente. Marchamos então à bússola até chegarmos à fonte onde tínhamos deixado nossa gente. Mas lá não havia ninguém, porque eles já tinham regressado, pensando que não voltariam a ver-nos. Nós então voltamos à mina de prata onde achamos nossa gente que, devido à sua preocupação, ficou mui contente com a nossa volta. Entramos na galeria onde os portugueses anteriormente tinham extraído o minério; onde achamos alguns velhos carrinhos de mão que tinham deixado. Tomamos conosco umas 100 libras de minério para provas, e regressamos.

A **5 de fevereiro** saímos da mina de prata e marchamos 3 léguas. Então cavamos por água, e lá ficamos a noite.

A **6 de fevereiro** marchamos de novo umas 5 léguas, quando achamos ao sopé de uma alta roca de pedra uma grande e profunda poça de água, onde permanecemos a noite.

A 7 do dito de manhã seguimos marchando por 6 léguas, e passamos a noite à margem do rio Potengi sob uma grande árvore, num lugar que os brasilianos chamam Tabiane. Matamos lá um animal chamado anta, com a cabeça de um boi, o tamanho de um cavalo, e os pés como três cascos de cavalo juntos, como numa folha de trevo. [89] Penso tratar-se do alce brasileiro. A pele dele também tem a qualidade duma pele de alce.

A **8** do dito seguimos marchando por umas 2 léguas quando chegamos a uma altíssima roca, modelada pela natureza como o castelo mais belo que se podia admirar com os olhos. Desse lugar seguimos marchando umas 2½ léguas, onde passamos a noite.

A **9** de fevereiro seguimos marchando de Utapemba (= Itabita) a Camaragibe, que são 4 léguas.

A **10** do dito seguimos marchando de Camaragibe à Lagoa Jacaré-Mirim, onde descansamos um pouco. De noite chegamos à casa dita de Rodrigo Mollero (= Dirck Mulder), que foi a primeira casa que voltamos a ver.

A **11** do dito seguimos marchando antes da madrugada, e de noite chegamos ao Castelo de Rio Grande, que são 6 léguas. De toda esta viagem o Engenheiro Strucht fez um mapa completo e um relatório, e eu contei a seu lado todos os passos que marchamos. Achamos no nosso registro que no trajeto da nossa volta da mina de prata ao Rio Grande marchamos 96.578 passos duplos, sendo a norma para uma hora holandesa ou légua 3.000 passos de 3½ côvados. Essa mina de prata chama-se Utataparaba (= Itabiraba) pelos portugueses, e é muito rica de prata, porque supõe-se que as verdadeiras veias de prata que nela se observam foram destiladas pelo calor do sol e terrível dureza da rocha.

FIM DA VIAGEM À MINA DE PRATA DE UTATAPARABA. 7)

NOTAS

1. Trajeto, também algumas vezes no texto de Jan Houck, é tradução da palavra holandesa rak = segmento direito dum rio entre duas curvas.

0. Em janeiro estão maduros os cajus. Os habitantes das aldeias indígenas desceram então aos cajueiros a aproveitar-se dessas frutas. Viveram então em acampamentos temporários.

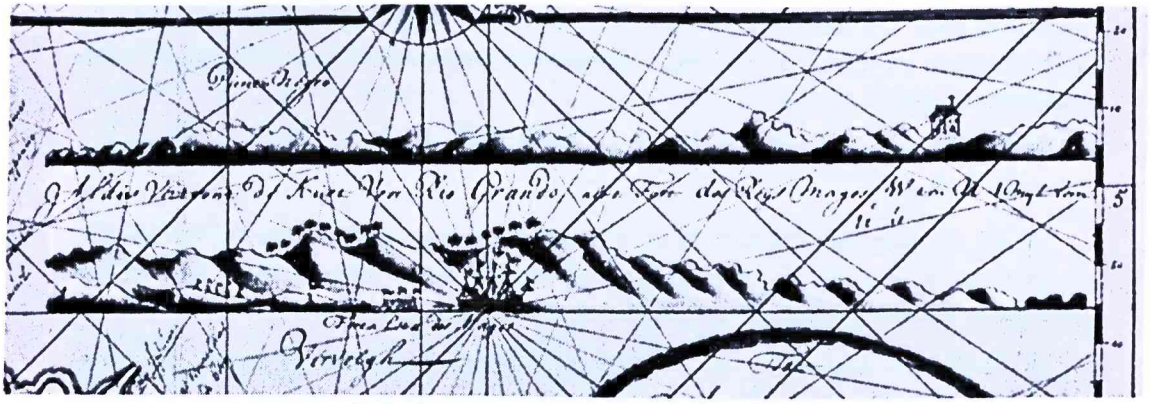
1. "A merda fica lá." Tradução aproximativa da obscenidade "Daer leght den dreck, seght Uilenspiegel", que significa algo como "Podeis limpar-me o cu".

2. O Potengi efetivamente tem alguns trajetos que se estendem ao sul-sudeste.

3. "Doze negros para transportar nossas provisões, e dez brasilianos para nos guiar." Veja nos textos de Van Strucht & Houck: "quatro brasilianos e três escravos para carregar".

4. "De madrugada deixamos lá um soldado nosso (...)." Deste parágrafo sem data resulta que o texto de Peter Hansen não é muito fidedigno cronologicamente.

5. UTA-ta-PARABA. Por igual CAPIPO-rie-RETOUBA e CAPIBO-re-RETOUBA nos textos de Van Strucht e Houck. O infixo ta em Hansen, e rie/re em Strucht & Houck, explica-se, na minha opinião, pelo artigo definido holandês DE / HET que em holandês se intercala às vezes entre palavras compostas de um substantivo e um adjetivo para realçar a intensidade do adjetivo. ITA-BIRABA e CORREGO-RE-TORTO como corruptelas.



Detalhe da paisagem da costa vista do mar 'Aldus Vɛrtoont ∂ɛ Kust Voor Rio Granɔo als t Fort dos Rɛÿs Magos W tɛn N 1 Mÿl Van U is› (Assim apresenta-se a costa do Rio Grande estando o Forte dos reis Magos 1 légua a NO de você) no mapa ‹Ɛɛn Gɛdeeltɛ Van ∂ɛ Kust Van Brazilia tussen Bahia Baxa ɛn Punto dɛ Lucɛna', 'T Amstɛrdam by G. Van Keulen Aen ∂e Nieuwe Brugh' (Uma parte da costa do Brasil entre a Baia Baixa e a Ponta de Lucena - Em Amsterdam por Gerardo van Keulen na Ponte Nova) - UBLCKA COLLBN 003.10.026.

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO
um homem de fé e um historiador católico[2]

*Bruna Rafaela de Lima**

Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) nasceu e cresceu em uma família católica. Seu batizado – feito pelo padre João Maria, tornado santo pelo povo potiguar[3] –, ocorreu em maio de 1899, quando ele contava com menos de um ano de idade, atestando o respeito que a família tinha pelo ritual católico[4]. Os anos que se seguiram, marcados – como não poderia deixar de ser – pela religiosidade familiar, exerceram influência não apenas sobre o menino *Cascudinho*, mas também sobre o intelectual que se manifestaria, anos mais tarde, em artigos[5] e memórias[6], sobre temas que diretamente ou indiretamente tinham relação com a História da Igreja e com as manifestações de devoção religiosa popular[7].

Cascudo é tido como um escritor excêntrico, "não apenas por sua personalidade plural e, tantas vezes, desconcertante [...] mas por ter-se mantido voluntariamente afastado dos grandes centros urbanos onde concentravam-se instituições e homens

---

2 * Professora de História do IFRN; Sócia do IHGRN; Mestre em História pela UNISINOS.

Esse artigo é parte do terceiro capítulo (O *Homem de Fé* e o Historiador Católico) da minha Dissertação de Mestrado, intitulada: "Da rede ao altar: vida, ofício e fé de um historiador potiguar. Defendida em 06 de abril de 2009 pelo Programa de Pós Graduação em História da UNISINOS.

3 O termo potiguar é o gentílico usado para designar quem nasce no estado do Rio Grande do Norte e, em tupi, quer dizer "comedor de camarão". As tribos potiguares habitavam as regiões do litoral do Nordeste brasileiro e eram inimigas dos portugueses. Ver mais em MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 3. ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2007. Nessa texto, empregamos o termo potiguar para designar não apenas as pessoas que nascem no Estado, mas também o próprio Estado do Rio Grande do Norte.

4 Os pais de Cascudo integravam a elite norte-rio-grandense, marcadamente católica, e viveram num período que antecedeu o fim do Padroado, em decorrência da Proclamação da República. Já Cascudo, apesar de ter sido criado nesse mundo, viveu os efeitos da cisão entre Igreja e Estado e do movimento da Restauração Católica, um "projeto bem concreto de restauração da influência do catolicismo dentro da sociedade brasileira, contando, para isso, com o apoio expressivo do próprio poder político". AZZI, Riolando. **A neocristandade:** um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994. p. 9. (História do pensamento católico no Brasil, v. 5).

5 Referimo-nos ao artigo de abertura da Revista Província II, a qual traz uma homenagem da Fundação José Augusto a Cascudo pelos seus setenta anos de vida e cinquenta de trajetória intelectual. O artigo de Cascudo a que nos referimos intitula-se *Provinciano Incurável.*

6 Como exemplos, podemos citar o artigo **Provinciano Incurável** e o livro **O Tempo & Eu.**

7 Seus trabalhos enfocavam tanto as manifestações devocionais populares católicas, quanto o candomblé e o catimbó.

de letras" [8]. O pronunciamento do Cônego José Adelino Dantas parece confirmar a originalidade de Cascudo em relação aos demais intelectuais da década de quarenta do século XX, tanto em função do seu provincianismo, quanto pela explicitação de sua condição de homem de fé. Acreditamos que um aspecto que viria, justamente, a reforçar essa excentricidade seria a convivência pacífica – para muitos, incompreensível – do homem de letras com o homem de fé em Cascudo.

É preciso lembrar que a primeira etapa da produção intelectual de Cascudo se insere claramente no período da Restauração católica, movimento da Igreja Católica que contou com a adesão de clérigos e intelectuais que se empenharam na construção de um Estado forte baseado na moral e nos valores do catolicismo: "Liderada no Brasil pelo Cardeal Dom Sebastião Leme, as atividades de recatolização apresentaram especificidades regionais na construção dos seus discursos. O apoio dos homens das letras comprometidos com os dogmas católicos foi fundamental para a expansão do projeto restaurador, entre tais destacamos Jackson de Figueiredo[9] e Alceu Amoroso Lima[10] (Tristão de Athayde)" [11].

8 NEVES, Margarida de Souza. **Roteiros para descobrir a alma do Brasil: uma leitura de Luís da Câmara Cascudo.** 2000. Disponível em: <http://www.modernosdescobridores.com.br>. Acesso em: 13 ago. 2008. Relatório parcial de pesquisa CNPq.

9 Jackson de Figueiredo foi figura importante e atuante entre os intelectuais do início do século XX, empenhando-se na concretização da Restauração Católica. Entre suas muitas atuações, destacamos a organização e direção da Revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, que iniciaram suas funções em 1921 e 1922 respectivamente. Para Riolando Azzi, os nomes adotados para as instituições refletem o sentido sócio-político da Igreja naquele momento, isto é, a utilização da palavra "Ordem" como denominação de uma revista, refletia o combate que a Igreja pretendia travar contra as doutrinas que seus integrantes acreditavam promover a desordem social, como o comunismo e a laicização do Estado. Com o Centro Dom Vital, os clérigos prestaram uma homenagem ao Bispo pernambucano Dom Vital Maria, por ter combatido a maçonaria e o regalismo imperial, além da constante defesa do poder eclesiástico na política nacional. Ver mais em: AZZI, Riolando. **A Neocristandade:** um projeto restaurado. São Paulo: Paulus, 1994. p. 105. (História do pensamento católico no Brasil, v. 5).

10 Pensador católico e intelectual com uma das mais longas carreiras jornalísticas na imprensa brasileira (cerca de 4.000 artigos publicados). Formado em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Em 1919, quando iniciou a sua colaboração em "O Jornal", começou a assinar com o pseudônimo que o tornaria famoso, Tristão de Athayde, nome de um pirata português que atuou na Índia. Anos mais tarde, Alceu Amoroso Lima disse que optou pelo pseudônimo para não confundir a atividade literária com a de industrial, já que três anos antes, com a morte do pai, havia assumido a presidência da fábrica de Tecidos Cometa. A empresa somente deixou de pertencer à família pouco antes do começo da 2ª Guerra Mundial, em 1939. Nesta época, passou a demonstrar interesse por assuntos religiosos, o que o fez trocar uma intensa correspondência com o pensador católico Jackson de Figueiredo. Lançou o seu primeiro livro, "Afonso Arinos", em 1922, mesmo ano em que se engaja no movimento modernista. Como líder da renovação católica no Brasil, fundou o Instituto Católico de Estudos Superiores, em 1932, três anos antes de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras. Disponível em: < h t t p : / / www.academia.org.br/ abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid =359>. Acesso em: 20 jan. 2009.

11 A atuação desses dois intelectuais foi significativa para a consolidação da proposta de Restauração da Igreja, no contexto do início do século XX, orientada para a recuperação dos valores católicos. MOURA, Carlos André Silva de. A Revista A Ordem e o discurso recatolizador em Pernambuco (1930 1937). In: SEMINÁRIO NACIONAL PODERES E SOCIABILIDADE NA HISTÓRIA, 1., 2008, Recife. **Anais**... Recife, PE: Editora da UFPE, 2008. v. 1, p. 2. 1

Em consulta ao acervo da biblioteca de Câmara Cascudo, localizamos vários livros – a maioria deles com dedicatórias – de intelectuais católicos na década de trinta, com destaque para os de Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Nilo Pereira[12] e de Jackson de Figueiredo, autores que devem ter, sem dúvida, influenciado o pensamento de Cascudo e estimulado a sua adesão ao conservadorismo católico do período[13]. Cabe relembrar que foi também durante este período que Cascudo aderiu ao movimento integralista no Rio Grande do Norte, o que o aproximou ainda mais de uma postura católica e conservadora. Essa adesão fica também evidente na sua forte ligação com Dom Helder Câmara e na admiração que declarava ter por Gustavo Barroso[14]. Admiração que se confirma na liderança absoluta de Barroso entre os dezessete autores mais presentes no acervo e nos quarenta e seis livros de sua autoria – alguns deles com dedicatória do próprio autor a Cascudo – que encontramos na *Babilônia*[15].

CD-ROM.

12 Nos tempos da Faculdade de Direito, em Recife, Cascudo tomou contato com as ideias do estudante Nilo Pereira que defendia o ensino religioso como alternativa para a crise educacional nos anos de 1930. Ver mais em: MOURA, Carlos André Silva de. A Revista A Ordem e o discurso recatolizador em Pernambuco (1930 1937). In: SEMINÁRIO NACIONAL PODERES E SOCIABILIDADE NA HISTÓRIA, 1., 2008, Recife. **Anais**... Recife, PE: Editora da UFPE, 2008. v. 1, p. 7. 1 CD-ROM. Segundo depoimento de Nilo Pereira, durante a década de 1930, a "Faculdade de Direito do Recife era considerada o berço da intelectualidade nordestina. De suas salas e corredores, ebuliam ideias que conduziam os discursos da sociedade, reproduzidos em diversos ambientes sócio-políticos da região" Cfe. PEREIRA, Nilo. **A Faculdade de Direito do Recife (1927–1977)**. Recife, PE: Editora Universitária, 1977. v. 1, p. 23-38.

13 Embora Cascudo não tenha se colocado como herdeiro de Jackson Figueiredo e de Alceu Amoroso Lima, acreditamos que ele tenha se identificado com o conservadorismo católico desses autores.

14 Gustavo Barroso foi advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta e romancista, tendo produzido128 livros e até um dicionário. Nasceu em Fortaleza, em 29 de dezembro de 1888, e faleceu no Rio de Janeiro, em 03 de dezembro de 1959. Eleito em 08 de março de 1923 para a Cadeira nº 19. Em 1933, após ouvir a conferência de Plínio Salgado, Gustavo Barroso aderiu ao Integralismo, tornando-se seu mais importante doutrinador. No mesmo ano publicou o livro "O Integralismo em Marcha", e, no ano seguinte, produziu a obra que daria ao Movimento Integralista seus mais sólidos fundamentos teóricos: "Brasil, Colônia de Banqueiros". Embora não concordasse com o rumo dos acontecimentos, a partir de 1937, manteve-se fiel à doutrina filosófica do integralismo.

Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ ev_bio_gustavobarroso.htm>. Acesso em: 20 jan. 2009.

15 Dentre os quarenta e seis livros de Gustavo Barroso que encontramos na *Babilônia*, alguns versam sobre a temática religiosa e sobre o Integralismo e cuja leitura podem ter influenciado Cascudo, sobretudo, em sua postura de militante católico conservador. São eles: **O Integralismo em marcha** (1933); **O Integralismo e o Mundo** (1933); **O Integralismo de Norte a Sul** (1934); **Espirito do Século XX** (1936); **Integralismo e Catolicismo** (1937); **Comunismo, Cristianismo e Corporativismo** (1938). As dedicatórias que constam nos livros de Gustavo Barroso que integram o acervo da biblioteca remetem à amizade entre os dois ou trazem saudações próprias do movimento do Integralismo. Do último que mencionamos – o livro de 1938 –, transcrevemos a dedicatória feita pelo autor no exemplar: *"Ao Cascudo, com um grande e apertado abraço do Gustavo"*.

Ao analisarmos a produção cascudiana, encontramos elementos que revelam a grande familiaridade e conhecimento que ele tinha sobre as origens do catolicismo no Brasil e sobre a História da Igreja no estado do Rio Grande do Norte, como em seu livro *Religião no Povo*[16], no qual afirmou que "O português quinhentista foi base e cúpula dos fundamentos religiosos no Brasil" [17]. Na plaquete *Paróquias do Rio Grande do Norte* – na qual ele reconstitui a história das paróquias do Rio Grande do Norte – isto fica bastante evidente

> Paróquia e freguesia são sinônimos perfeitos. Pelo exposto são amovíveis ou inamovíveis na pessoa de seus párocos ou vigários. O pároco é demissível *ad nutum* ou colado, vitalício. 'Freguesia' e 'vigário' são funcionalmente sobrevivências de nomenclatura outrora oficial e, no presente, apenas sobrevivências. Nada mais. Os títulos populares, consagrados pelo tempo, são realmente 'freguesia' e 'vigário' que em nada dessemelham de 'paróquia' e 'pároco' [18].

Dada a sua ligação com o clero potiguar – coube a Câmara Cascudo[19] a reconstituição – e divulgação – de aspectos da História da Igreja no Rio Grande do Norte[20], em especial, o resgate da história de algumas de suas paróquias mais antigas, fundadas mesmo antes da fundação da Arquidiocese de Natal, em dezem-

16 CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo.** João Pessoa, PB: Imprensa Universitária, UFPB, 1974.

17 CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo,** p. 310 apud CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1985. O livro "Superstição no Brasil" foi publicado pela primeira vez em 1985 a partir da reunião de três livros já publicados anteriormente: *Anúbis* e *Outros Ensaios*, publicado em 1951, *Superstição no Brasil*, publicado em 1958 e *Religião do Povo*, publicado em 1974.

18 CASCUDO, Luís da Câmara. **Paróquias do Rio Grande do Norte.** Natal, RN: Departamento de Imprensa, 1955. p. 05. Plaquete.

19 Além de Cascudo, também Nestor dos Santos Lima (1887-1959) produziu obras que enfocaram a História da Igreja Católica no Rio Grande do Norte, tais como *A Matriz de Natal*, de 1909, e *O clero na história do Rio Grande do Norte*, 1954, obra que serviu, muitas vezes, de fonte para o próprio Cascudo em seus escritos. Nestor Lima foi professor de Direito Penitenciário da Faculdade de Direito da Universidade do Estado e lecionou também a Cadeira de Direito Internacional Público. Foi sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, instituição que presidiu durante trinta anos. Foi também sócio-correspondente de diversas instituições culturais do país, deixando uma obra extensa que abrangeu as áreas de educação, história e cultura popular.

20 Cabe, no entanto, ressaltar que apesar dos trabalhos de Nestor dos Santos Lima e de Câmara Cascudo, ainda está por ser feito um estudo abrangente e com perfil de síntese histórica – e que se estenda até os dias atuais – sobre a História da Igreja no Rio Grande do Norte.

bro de 1909[21]. Na plaquete escrita por Cascudo, em 1955, para a comemoração do centenário da Paróquia de Nova Cruz, encontramos elementos que atestam a confiança que era depositada em Cascudo e a atribuição de guardião que lhe foi designada pelos membros da hierarquia católica potiguar.

A Paróquia de Nova Cruz não podia comemorar um Centenário sem ouvir a palavra autorizada do ilustre historiador riograndense, Luís da Câmara Cascudo. De um lado o testemunho eloqüente dos livros paroquiais, marcando desde o ano de 1855 até hoje a presença de Vigários, como também dando á antiga capelinha de Anta Esfolada o título de Matriz de Nova Cruz; e do outro, documentos autênticos do tempo do Império, mostrando que só em 1868 é que surgiu a Paróquia de direito, deram lugar ao nosso historiador a um acurado estudo do passado desta Paróquia, para nos dizer depois, conforme determinou o Exm. Sr. Arcebispo Metropolitano, se devíamos ou não comemorar um centenário [22].

Alguns membros da Igreja chegaram a referir a liberdade – e a familiaridade – com que Cascudo tratava de temas tão importantes para a religião católica, muitas vezes esquecidos ou abordados de forma errônea, e a importância de suas produções para a informação dos fiéis católicos. O Monsenhor Primo Vieira, colaborador do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte (IHGRN), ao expressar sua admiração pelo interesse demonstrado por Câmara Cascudo pelos temas religiosos e, principalmente, católicos, afirmou

> O seu livro 'Religião no povo' merece leitura atenta pela sua atualidade, especialmente agora, depois de Puebla, que a religiosidade popular é objeto de altos ensaios pelos teólogos da Igreja. [...] É com essa convicção que Câmara Cascudo desce à análise de certos hábitos e crenças religiosas, de certas rezas ingênuas, tocadas de um halo supersticioso, indo às fontes orais, com perguntas sábias que não condicionam jamais as respostas. Estas vêm na sua pureza original, espontânea e fidedignas. Tem ele a preocupação de salientar, na sua pesquisa, que essa fé simples 'exprime a convicção de uma ortodoxia hereditária. E acrescenta: 'Em verdade vos digo que a imaginação não participa da minha narrativa [23].

21 "A Diocese de Natal foi criada a 29 de dezembro de 1909, pela Bula *"Apostolicam in Singulis"* do Papa Pio X, após desmembramento da então Diocese da Paraíba. Foi sufragânea, sucessivamente, das Arquidioceses de São Salvador da Bahia (até 1910), de Olinda (até 1914) e da Paraíba (até 1952). A 16/02/1952, pela Bula *"Arduum Onus"* do Papa Pio XII, foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana, com duas Dioceses sufragâneas: Mossoró e Caicó". CRIAÇÃO. **Arquidiocese de Natal.** Disponível em: <http://www. arquidiocese denatal.org.br/ arquidiocese/historiaarq. htm.>. Acesso em: 23 nov. 2008. Desde 2007, a Arquidiocese vive um momento de festa, em função da celebração do Centenário de sua criação. Até final de 2009, serão realizadas visitas pastorais, "encontrões" com os agentes pastorais, peregrinação da imagem de Nossa Senhora da Apresentação, Padroeira da Arquidiocese, entre várias outras atividades.

22 MOURA, Pedro (Monsenhor). Apresentação. CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas para a História da Paróquia de Nova Cruz.** Natal, RN: Arquidiocese de Natal, 1955. Plaquete.

23 VIEIRA, Primo. (Monsenhor). Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 71-72, p. 65-66, 1979-1980.

Cascudo dedicou-se também a escrever sobre as igrejas do Seridó, numa série de Actas Diurnas que viriam a ser publicadas pelo IHGRN. Em um dos artigos, ele destacou que "Os dois pontos mais antigos de povoamento na região do Seridó são o Acari e Caicó. As Igrejas, nascidas das primitivas Capelas locais, devem ser as veteranas no bom-combate da Fé" [24], advertindo que "Não tenho documentação para acompanhar a marcha da construção da atual Matriz da cidade de Serra Negra. O que se deduz é ter Manoel Pereira Monteiro iniciado as obras, senhor como era de fartos recursos e administrador do patrimônio da Santa" [25], para, então, concluir que "Na região do Seridó, a mais antiga Igreja é a matriz de Nossa Senhora do Ó, em Serra Negra, nascida e presente na Fé desde 1735..." [26].

Além de escrever sobre as origens das paróquias, Cascudo também manifestou sua preocupação em relação ao estado de abandono que se encontravam algumas igrejas históricas, como neste artigo em que fala da Capela de Cunhaú e faz um alerta às autoridades potiguares

> Fiquei com Edgar Barbosa, perdão, com o Juiz de Direito Edgar Barbosa trocando mágoas pelo abandono das ruínas. E acalorados fizemos pacto de uma campanha obstinada pela defesa das ruínas, duplamente sagradas pelo heroísmo da Fé e do Martírio, até que se estabeleça a capelinha modesta e para ela volte, em lenta procissão romântica, a doce Nossa Senhora das Candeias, que testemunhou o massacre de 16 de julho de 1645. Juro à fé do meu grau que há muitos anos me bato por esse ideal como Dom Quixote por Dulcinéia del Toboso. Já escrevi, falei e pedi a meio mundo. [...] A Capela de Cunhaú é o santuário do Rio Grande do Norte. Lugar de morte pelo ódio e em louvor da fidelidade à tríade antiga consagradora, a Deus, ao Rei e à Família. A Pátria, terra dos pais, era a soma desses elementos. [...] Será possível a continuação desse abandono injustificado? Tanta verba espalhada e nessa chuva benéfica de ouro não caberão algumas moedas na mãozinha branca de Nossa Senhora das Candeias? Cunhaú se reergueria com pouco dinheiro. [...] Ninguém vai esperar, num colapso de burrice herética, a recusa a um apoio à Capela histórica, sagrada, tradicional e evocadora. Creio firmemente que os senhores Bispos de Caicó e de Mossoró emprestariam todo o apoio. De cada paróquia do Rio Grande do Norte havia de vir uma pedra, com o nome da Paróquia, solidárias para a reconstrução da velha e gloriosa Capelinha mutilada [27].

24 CASCUDO, Luís da Câmara. A mais antiga Igreja do Seridó. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte:** 1951-1952, Natal, RN, v. 48-49, p. 187, 1952.

25 Ibid., 191.

26 CASCUDO, Luís da Câmara. A mais antiga Igreja do Seridó. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte:** 1951-1952, Natal, RN, v. 48-49, p. 193, 1952.

27 CASCUDO, Luís da Câmara. Pela Capela de Cunhaú. **Diário de Natal**, Natal, RN, 03 dez. 1949. Acta Diurna. Disponível em: < http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>. Acesso em: 25 jan. 2009.

Cascudo fazia questão de mencionar e valorizar as amizades que mantinha com autoridades eclesiásticas[28], enfatizando a admiração e a afeição que sentia por alguns dos representantes do clero potiguar, como por Dom Marcolino Dantas

> Considerei Dom Marcolino, o primeiro bispo de Natal, amigo sempre presente. A morte existe, os mortos não. Já levei ao altar, como padrinho, mais de uma centena de crianças. Tenho um voto na minha vida: o de nunca levar aos outros as más notícias. Bastam os meios de comunicação para transmitir a tristeza. Sou Comendador da Ordem de São Gregório Magno (Santa Sé) e da Ordem Militar de Cristo, de Portugal [29].

De um artigo de Monsenhor Primo Vieira, publicado na Revista do IHGRN, depreende-se que Cascudo e Dom Marcolino – um dos mais representativos membros do alto clero norte-rio-grandense – eram amigos, e que o intelectual potiguar era presença constante em eventos e homenagens promovidos pela hierarquia católica do Rio Grande do Norte[30]

> Falou-me naquela tarde, com grande simpatia de Dom Marcolino Dantas, primeiro Arcebispo de Natal que considerava um verdadeiro santo e um amigo sempre presente. E para confirmar o que dizia apelava para aquela passagem do Evangelho em que Jesus fala do Deus do Jacob, de Isaac e de Abrahão. 'Se é também o Deus de Dom Marcolino e Deus é sempre o Deus dos vivos, Dom Marcolino continua vivo e bem vivo... os mortos são aqueles que não são lembrados'. Sorrindo, confessava-se, ao contrário de um Marcolino, como um pecador profissional. Os outros são amadores [31].

28 Ressaltamos que os contatos que Cascudo mantinha com as autoridades eclesiásticas iam além do Rio Grande do Norte, como atesta essa fotografia tirada durante uma viagem que fez a Sergipe (não conseguimos obter a data da referida viagem). Cascudo aparece na foto, entre leigos e autoridades católicas e locais. Ver anexo C (Foto de Cascudo no Convento São Francisco de Sergipe).

29 CASCUDO, Luís da Câmara. In: PETROVICH, Enélio Lima. Câmara Cascudo – Imortal. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal-RN, v. 77-78, p. 176, 1985-1986.

30 Ver anexo C (foto da cúpula do Episcopado potiguar, por ocasião da homenagem feita a Dom Marcolino, e na qual Cascudo se fez presente).

31 VIEIRA, Primo. (Monsenhor). Câmara Cascudo. **Revista do Instituto** Histórico **e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 71-72, p. 65-66, 1979-1980.

Reconhecido por seu catolicismo – pelo clero católico do Rio Grande do Norte –, e prestigiado – em vida – com as Comendas da Ordem de São Gregório Magno e da Ordem Militar de Cristo, Cascudo teria sua fé celebrada em elogios fúnebres após sua morte, como se pode constatar no discurso de Dom Nivaldo Monte[32], proferido durante a missa de corpo presente celebrada na Academia de Letras potiguar:

> O Brasil, o Rio Grande do Norte e o mundo perderam um dos seus grandes filhos, a maior cultura folclórica do país, autor de trabalhos originais, pioneiros, de modo que vão frutificar no nosso meio, porque ele fez escola no Estado. [...] Se por um lado, a morte dele foi uma perda, por outro, sabemos que o seu exemplo permanece vivo, com ressonâncias eternas e universais. [...] Esse homem na sua vida, procurou ser, no meio que viveu e trabalhou, epifania de Deus, ou seja, espelho e revelação da eternidade. [...] Cascudo não tinha medo de ser tenro, terno, criança. O humanismo foi uma de suas características principais [33].

A fé de Cascudo voltaria a ser referida pelo Cônego Jorge O'Grady de Paiva, que era potiguar e membro do IHGRN e da ANL-RN, durante a missa celebrada no Rio de Janeiro, pela passagem do trigésimo dia do seu falecimento: "Quem não vê, na fé cristã de Câmara Cascudo a influência de seu lado humano, universalizado por todos os povos e raças que jamais existiam sem crença? " [34].

Em julho de 2006, por ocasião da semana em homenagem aos vinte anos de "encantamento" de Câmara Cascudo, Monsenhor Francisco de Assis Pereira – personalidade de destaque na Arquidiocese de Natal, por ser um respeitado pesquisador da História da Igreja local e por ter sido o postulador da beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu[35] – ao discursar na sessão solene do IHGRN, des-

32 Era o Arcebispo de Natal por ocasião da morte de Cascudo. Foi o segundo Arcebispo da Arquidiocese de Natal, com bispado entre os anos de 1967 a 1988. Foi o mesmo Dom Nivaldo quem celebrou também a missa em homenagem ao centenário de Cascudo, em 30 de dezembro de 1998, na Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. Ver anexo C (foto do convite da Missa em homenagem ao centenário de Cascudo).

33 Dom Nivaldo Monte destaca a fé inabalável do mestre da cultura. CASCUDO sepultado com honras de Estado. **Tribuna do Norte**, Natal, RN, 01 ago. 1986. Cidade, p. 05.

34 PAIVA, Jorge O'Grady. (Cônego) apud PETROVICH, Enélio Lima. Câmara Cascudo – Imortal. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal-RN, v. 77-78, p. 177, 1985-1986.

35 "Uma das maiores conquistas da Arquidiocese foi a beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, reconhecidos pelo Papa João Paulo II como os Protomártires do Brasil. No ano de 1645, quando a colonização do Rio G. do Norte ainda estava recente, os padres André de Soveral e Ambrósio Francisco Ferro, mais o leigo católico Mateus Moreira e 28 companheiros, foram assassinados por calvinistas holandeses. Durante o martírio, eles afirmaram a fé na Eucaristia. Mateus

tacou a inestimável contribuição prestada por Cascudo para a história do Estado. Nesse discurso, intitulado "*A contribuição de Câmara Cascudo para a História da Igreja no Rio Grande do Norte*" e publicado sob a forma de artigo no livro que resultou das homenagens prestadas ao longo daquela semana, o Monsenhor Assis Pereira assim se referiu a Cascudo: "Todo ramo da ciência tem os seus clássicos: Platão e Aristóteles na filosofia, Homero na literatura grega, Machado de Assis para a Literatura Brasileira. Na historiografia do Rio Grande do Norte, o grande clássico, o verdadeiro "ícone", é sem dúvida, Luís da Câmara Cascudo" [36].

Referindo-se, especificamente, à contribuição para a Igreja Católica norte-rio-grandense, o Monsenhor destacou o interesse que Cascudo demonstrou pela temática em seus dois principais livros de história, *História da Cidade do Natal* e *História do Rio Grande do Norte*, nas plaquetes e nas Actas Diurnas que já foram mencionadas nessa Dissertação: "do conjunto de crônicas publicadas, oitenta trataram de assuntos relacionados com a Igreja; das oitenta, 40 são sobre figuras de sacerdotes ilustres de nosso Clero, desde Se a Cascudo coube, por sua estreita – e até afetiva – ligação com representantes do alto clero potiguar, reconstituir episódios da História da Igreja no Rio Grande do Norte, por sua condição de historiador oficial da cidade do Natal – e por extensão, do Rio Grande do Norte – dedicou-se também à reconstituição histórica dos períodos da conquista e da colonização, atribuindo à Companhia de Jesus um papel bastante destacado nesse processo[37].

A seguir, iremos nos deter na análise de alguns capítulos de livros e artigos em que Cascudo abordou a atuação dos missionários jesuítas, procurando relacioná-los ao contexto histórico e político específico em que foram produzidos. Interessa-nos, especialmente, analisar as informações que esses escritos divulgam, as

---

Moreira, no momento em que lhe arrancavam o coração pelas costas, exclamava: "Louvado seja o Santíssimo Sacramento". No dia 5 de março de 2000, após vários anos de trabalho do Postulador da Causa dos Mártires, Mons. Francisco de Assis Pereira, o Vaticano elevou os mártires potiguares aos altares. A beatificação aconteceu no Vaticano, com a presença de vários cristãos da Arquidiocese". PROTOMÁRTIRES. **Arquidiocese de Natal.** Disponível em: <http//: www.arquidiocesede natal.org>. Acesso em: 13 out. 2007.

36 PEREIRA, Francisco de Assis. (Monsenhor). A contribuição de Câmara Cascudo para a História da Igreja no Rio Grande do Norte. In: CASCUDO, Daliana (Org.). **Câmara Cascudo:** 20 anos de encantamento. Natal, RN: Ed. da UFRN, 2007. p. 82.

37 Esses trabalhos, cuja realização foi confiada a Cascudo pelos representantes da Igreja Católica potiguar e pelas autoridades políticas do Estado, nos remeteram às reflexões propostas por Pierre Bourdieu. Segundo o sociólogo francês, quem dispõe de autoridade legítima, ou seja, de autoridade conferida pelo poder, detém os mecanismos para impor suas próprias definições de si e do outro. Ver mais em BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. F. Tomaz (Org.). Rio de Janeiro: DIFEL, Bertrand Brasil, 1989. Em **Economia das trocas lingüísticas**, Bourdieu reforçaria este aspecto, ao afirmar: "O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador". BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 89.

representações dos missionários que veiculam e as avaliações que estes capítulos e artigos trazem do trabalho desenvolvido pela Companhia de Jesus na Capitania.

Os escritos de Câmara Cascudo sobre a atuação dos jesuítas em terras potiguares, é preciso ressaltar, obedeceram aos interesses da elite intelectualizada que integrava o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, e foi justamente desse lugar institucional que provieram alguns de seus mais representativos escritos sobre a temática. A elite potiguar a que nos referimos formou-se, em sua maioria, dentro da tradição e do modelo conservador da Igreja católica, razão pela qual a fé e a moral difundida pelos jesuítas inspiravam homens – como Cascudo – a escreverem sobre as ações desses religiosos.

Estas razões, com certeza, determinaram as representações[38] cascudianas dos jesuítas e levaram o *homem de fé* e historiador católico a enfatizar a ação "heróica" dos padres da Companhia de Jesus

> A conquista pela espada seria consolidada pela catequese dos espíritos. Mosquetes, canhões, lanças, espadas e pelouros nada fariam. Vencido recuava o indígena como uma onda e voltaria mais forte, quebrando-se nas muralhas da pedra do 'Reis Magos'. O processo era embainhar a espada e dar a palavra ao padre. É a vez dos jesuítas no futuro do Rio Grande do Norte. Padre Francisco Pinto conquista o tuixáua dos Potiguares, o Camarão-Grande, Potiguassú. O padre Gaspar de Samperes percorre, num largo círculo, o próximo distrito, arrebanhando os chefes para as pazes. Tudo se apazigua[39].

Em alguns de seus escritos, também encontramos passagens bastante reveladoras da visão de Cascudo sobre os indígenas. Referindo-se à primeira solenidade celebrada – com ar de festividade e certa organização e que teria ocorrido em Salvador, durante a procissão do corpo de Deus –, Cascudo informa que para atrair os índios e instruir os colonos, os jesuítas teriam adotado e propagado esse ato devocional conferindo-lhe caráter penitencial[40]

---

38 Ressaltamos que empregamos o conceito de *representação* na acepção de Roger Chartier: "As representações do mundo social assim construídas, [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza". CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre praticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

39 CASCUDO, Luís da Câmara. Fundação e nomes da cidade. In: _____. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. p. 21.

40 CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br /docs/text/ ciclo.html>. Acesso em: 30 jan. 2009.

> Não conheciam Deus. Era o depoimento unânime dos cronistas. Nem uma fé têm, nem a adoram a Deus algum (frei Vicente do Salvador). Esta gentilidade nenhuma coisa adora, nem conhecem Deus (Padre Manuel da Nóbrega). Além de não revelarem conhecimento nenhum do verdadeiro Deus, não adoram nem confessam deuses falsos, celestiais ou terrestres (Jean de Léry). Nenhuma criatura adoram por Deus (Padre Anchieta). Este gentio não tem conhecimento algum de seu Criador, nem de coisa do céu (Padre Fernão Cardim). Não adoram coisa alguma (Pero de Magalhães Gandavo). Não tinham espécie alguma de religião (Cláudio [sic] d'Abbeville). Sem fé, sem lei, sem religião (André Thevet) [41].

Perseguindo o objetivo de desvendar a visão de Cascudo sobre a atuação dos jesuítas na conquista da Capitania do Rio Grande e os resultados que os missionários deixaram em terras potiguares – quando foram responsáveis pela pacificação dos índios – e, posteriormente, durante a colonização – quando atuaram no apaziguamento das relações entre índios e colonos –, selecionamos alguns artigos publicados em jornais e revistas e capítulos de livros da vasta produção histórica cascudiana[42], para identificação e análise das representações dos jesuítas e da Companhia de Jesus neles presentes.

O primeiro artigo que analisamos, *As lendas de Extremôz* (sic), foi redigido entre os anos de 1935-1937 e publicado na Revista do IHGRN em 1940. Nele, Cascudo trata da Vila de Estremoz, primeira vila da Capitania do Rio Grande e antigo aldeamento de São Miguel de Guagirú, contemplando o período que se estende de fins do século XVII, quando se criou o aldeamento, até o final do século XVIII.

Cabe ressaltar que à época da escrita e da publicação do artigo referido acima, Câmara Cascudo era sócio efetivo do IHGRN, além de redator da Revista na qual o artigo foi publicado. Esta informação é relevante para a análise que propomos, uma vez que reafirma a importância do lugar ocupado pelo autor, como bem observado por Michel de Certeau ao apontar para o condicionamento da pesquisa histórica ao lugar institucional[43]. Mais uma vez, Cascudo enfatiza a importância dos missionários jesuítas para a conquista e a colonização da Capitania do Rio Grande, ressaltando a sua missão evangelizadora: "[...] Guagirú era um aldeamento. Quer dizer que se compunha de algumas famílias, entregues à agricultura, presididas por um sacerdote. Em Guagirú,

41 CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros.** Brasília: José Olympio, 1976, p. 54.

42 Para proceder a análise, definimos algumas categorias-chave , nas quais enquadramos as representações dos jesuítas e da Companhia de Jesus presentes na produção cascudiana. São elas: *pacificação, conquista, salvação e catequese.*

43 CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

no aldeamento de São Miguel, **era um jesuíta o pastor dos homens**. [...]" [44]. (grifo nosso).

Ao apresentar os jesuítas como "pastor [es] de homens", Cascudo evidencia não apenas a sua visão sobre o trabalho evangelizador desenvolvido pelos missionários durante o período colonial, como expressa a sua percepção sobre a função primordial de um religioso, a de guiar os homens nos princípios e na moral católica.

Nesse artigo, Câmara Cascudo, além de apresentar as muitas lendas ligadas à história da Vila de Estremoz, atribui aos jesuítas a manutenção e a criação de algumas delas. O historiador potiguar inicia o artigo informando que coube aos padres da Companhia, que dirigiam o aldeamento Guagirú, posteriormente transformado em Vila de Estremoz, a construção das igrejas do lugar. Reproduzindo as lendas que se criaram em torno dessas igrejas, Cascudo informou que todas elas possuíam subterrâneos que levavam a um lugar secreto, no qual eram guardados os "tesouros dos jesuítas": "Era destino do jesuíta esconder dinheiro, alfaias, armas e jóias. **Onde ele andou semeando a sabedoria da moral, do trabalho, as lendas do trabalho foram também semeadas**" [45]. (grifo nosso).

Em outro momento do artigo, Cascudo volta a destacar o papel de civilizador desempenhado pelo missionário jesuíta, responsável pelo treinamento dos indígenas para o trabalho e pelas construções das igrejas nos aldeamentos

> Depois da guerra dos índios é que se deu o aldeamento Guagirú. [...] Depois a redução cresceu... A cidade do Natal estava perto. Os terrenos eram férteis. A indiada ajudava também. **O jesuíta a tudo olhava e chegava a tempo para ensinar trabalho doméstico às cunhãs desocupadas**. A Igreja deve ser dos fins de XVIII, ou princípios, como é mais provável, do século XVIII. Era um barroco jesuítico. [...] As três portas e três janelas, com ornatos escuros e típicos, **lembram o punho inegualável** [sic] **e fino do jesuíta construtor**, em toda plenitude do seu estilo despido e impressionante. **Ele conservava a aridês e austeridade de Loiola** [46]. (grifo nosso).

44 CASCUDO, Luís da Câmara. As lendas de Extremôz. Revista do Instituto **Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 87, 1940. Percebe-se nessa passagem a importância que Cascudo dá à ação missional e civilizadora desempenhada pelos jesuítas, visão que nos parece decorrer tanto de sua identificação e adesão ao modelo historiográfico em vigor no período, quanto de sua fé - seu catolicismo - e de sua identificação com a atuação da Igreja católica no Rio Grande do Norte.

45 CASCUDO, Luís da Câmara. As lendas de Extremôz. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 86, 1940.

46 Ibid., p. 88.

Revelando uma visão extremamente positiva dos tempos em que os jesuítas administravam os aldeamentos, Cascudo contrapõe a pobreza de Estremoz, no século XX, à riqueza que os jesuítas teriam acumulado no período colonial. Embora demonstre uma certa perplexidade diante das informações que dão conta do "grande tesouro" acumulado pelos jesuítas – apesar das terras pobres, da "vida primitiva" e do inexpressivo número de padres –, Cascudo não deixa de expressar sua verdadeira admiração diante da "projeção dos inacianos" junto à população e das demonstrações heróicas de fé e caridade dos missionários, parecendo considerá-las como o maior tesouro que teriam conseguido efetivamente reunir

> [...] Extremôz (sic) continua sem história, silenciosa, pequenina, ignorada, sem lances heróicos que não fossem os da fé e sem maiores trabalhos afora os da caridade e do rythmo (sic) moral que o jesuíta imprimia como uma projecção (sic) de sua presença. Nesse ambiente, terra pobre, meia dúzia de padres (não há informes sobre o número) famílias indígenas, trabalhadores ruraes (sic), raro homem branco, vida primitiva e serena, pautada pela oração e pelo hábito das madrugadas e dos somnos (sic) ao cahir (sic) da noite, o jesuíta juntou um thesouro (sic). Um grande thesouro (sic) que inda (sic) faísca e deslumbra toda diversidade de gente. Como teria o jesuíta arranjado tanto ouro? E para que, Santo Deus? [47].

Ao escrever sobre o período da conquista e colonização do Rio Grande do Norte, como demonstrado nesse capítulo, Câmara Cascudo enfatizou o papel civilizador dos missionários jesuítas, inspirando-se e valendo-se, sobretudo, da produção[48] do Pe. jesuíta Serafim Leite [49]. As consultas a essa produção ficam evidentes – dentre as muitas que podemos referir – numa passagem do primeiro capítulo de seu livro *História da Cidade do Natal*, aquele que o consagrou como historiador, no qual Cascudo refere explicitamente a Serafim Leite, a propósito da controvérsia em torno da data da chegada dos portugueses à região: "A esquadra entrou a barra do rio Potengi em dia discutido ainda. O Pe. Serafim Leite, S. J., divulgou o 25 de dezembro de 1597"[50].

---

47 CASCUDO, Luís da Câmara. As lendas de Extremôz. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 89, 1940.

48 LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5.

49 Serafim Leite nasceu em Portugal, em 1890. Veio ao Brasil, ainda rapaz, aos 15 anos, quando entrou para a Companhia. Por indicação do Provincial, foi incumbido de escrever a *"História da Companhia de Jesus no Brasil"*, produzida entre 1938 e 1950. Morreu em 1969.

50 CASCUDO, Luís da Câmara. O "Santos Reis". In: _____. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. p. 18.

Esta *reverência* a Serafim Leite não impediu que Cascudo atualizasse algumas informações sobre a Capitania do Rio Grande, outrora divulgadas pelo historiador jesuíta. Em um exemplar original da obra de Serafim Leite – que encontramos na biblioteca do Memorial Câmara Cascudo –, deparamo-nos com um pequeno texto – escrito à mão por Cascudo – ao final do capítulo III do livro III, que trata das antigas aldeias jesuíticas de Guajuru e Guaraíras[51] .

Na conclusão do capítulo, Serafim Leite informa: "O exílio dos Padres destas duas Aldeias não se fêz (sic) sem protestos e lágrimas de Índios e Brancos, que de Guajuru os vieram acompanhar por espaço de duas milhas até a Cidade. [...] Episódio apenas significativo, conclui Francisco da Silveira, do amor e reverência dos nacionais do Brasil para com os seus benfeitores de quem assim os privavam" [52]. A este último parágrafo, Cascudo – valendo-se, com certeza, da sua condição de historiador oficial de Natal e das informações de que dispunha através de pesquisas realizadas – acrescentou à mão: *"O último diretor era o Pe. Alexandre de Carvalho, com o escolástico José Ferreira deixou a aldeia em junho de 1759. O Padre [M.] do Colégio de Recife. Embarcou em Bahia a 1-5-1760 com 52 companheiros para Lisboa"*[53].

Alguns outros capítulos da obra de Serafim Leite também foram alvo da leitura atenta e criteriosa de Cascudo, como se pode perceber nas correções e anotações que fez à margem de algumas páginas. Uma das que nos chamou a atenção é a anotação que fez ao lado da seguinte passagem: "E, ao mesmo tempo, se cuidaria dos Potiguares, tanto dos do Rio Grande, <<como dos que se desceram para Paraíba e Gueena, que é Aldeia que está entre a Paraíba e Pernambuco, que nós, por missão, conservamos>>" [54]. (grifo de Cascudo). Além de sublinhar a palavra que considerou estar incorreta, Cascudo a corrigiu, substituindo-a por *Goiana*. Em outro capítulo, Cascudo – preocupado com a precisão de nomes, lugares, datas e personagens – complementaria a informação dada por Serafim Leite sobre o padre Bourel: "A vida da Aldeia continuou neste ambiente de apostolado em meio versátil e difícil, durante alguns anos, até que em 15 de maio de 1709 faleceu nela o P. Filipe Bourel" [55]. (grifo de Cascudo). Ao lado do nome do missionário, Cascudo acrescentou: *1659-1709*.

---

51 Trata-se, efetivamente, do capítulo II, *Fundação do Rio Grande do Norte*, e capítulo III, Aldeias de Guaraíras e Guajuru da obra de LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, cap. 2-3, p. 504-535.

52 LEITE, Serafim. Aldeias de Guaraíras e Guajuru. In: _____. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3,tomo 5, p. 535.

53 Ver anexo C (a página 535 – do capítulo 3, do livro 3 da obra **História da Companhia de Jesus no Brasil**, de Serafim Leite, que integrava o acervo pessoal do historiador. Passagem escrita à mão por Cascudo).

54 LEITE, Serafim. Fundação do Rio Grande do Norte. In: _____. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p.506. Ver anexo C (foto da página 506 de Serafim Leite do capítulo 2, do livro 3).

55 LEITE, Serafim. Nas Fronteiras do Rio Grande e Ceará. In: _____. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p.548. Ver anexo C (foto da página 548 de Serafim Leite do capítulo 4, do livro 3).

Esses indícios de uma leitura crítica e atenta – que não se limitou à obra de Serafim Leite e nem às anotações que fazia à margem dos livros que lia e consultava – nos comprovam o espírito inquieto e investigador de Cascudo, aspecto que viria a ser destacado por ele mesmo: "Sempre fui curioso, indagador, grande memória e sem atração pelo que seduzia os contemporâneos, Pecúnia, Poder, Luxúria [e] Ostentação. Nunca me saciara do conhecer" [56].

Cascudo também publicou artigos que enfocavam a atuação dos missionários jesuítas durante o período colonial em um importante veículo de divulgação da Igreja Católica no estado do Rio Grande do Norte, o jornal *A Ordem,* da Arquidiocese de Natal[57]. Fundado em 1935, o jornal circulou diariamente até 1953, e após sete anos sem ter sido impresso, voltou a circular semanalmente em 1960. A partir de 1967, tornou-se mensal, sendo divulgado a partir das paróquias. Para dar continuidade à análise que pretendemos fazer a seguir, selecionamos dois artigos publicados no ano de 1938: *Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte* e *As grandes festas de hoje em Estremoz: uma povoação que é uma relíquia histórica.*

Vale destacar que o jornal *A Ordem* foi lançado em uma época em que a Igreja Católica do Rio Grande do Norte se mostrava preocupada com os problemas sociais decorrentes da Primeira Guerra Mundial, com o fortalecimento do catolicismo e com a moral. A primeira fase do jornal, de 1935 a 1953, segundo Alceu Ferrari[58], se caracterizou por uma linha editorial que seguia idéias integralistas. Seus dirigentes, na primeira fase, foram jovens intelectuais católicos. De acordo com relatos de leitores e de funcionários do jornal, em sua primeira fase, *A Ordem* tinha grande importância na sociedade natalense, sendo não só instrumento da ação católica, mas fonte de informação e opinião sobre assuntos locais, nacionais e internacionais[59]. Corroborando esses relatos, em 1967, Dom Nivaldo Monte, então Arcebispo da Arquidiocese de Natal, chegou a afirmar: "se saía em *A Ordem* todo mundo acreditava" [60].

Ao analisarmos os artigos divulgados n'*A Ordem*, constatamos que eles reafirmam o discurso apologético em relação à Companhia de Jesus, tão evidente no artigo *Os jesuítas no Rio Grande do Norte,* publicado na Revista *Estudos Brasileiros,* e no capítulo do livro *História do Rio Grande do Norte* que já mereceram a nossa atenção. Neles, Cascudo enfoca a situação das populações indígenas do

56 CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio e fuga do real.** Natal, RN: Fundação José Augusto, 1974. p. 137-138.

57 Os dois artigos foram publicados no mesmo dia. O artigo sobre as festas de Estremoz é matéria de capa e o artigo sobre as aldeias se encontra na pág. 6 da edição do dia 14 de agosto de 1938.

58 Ver mais em FERRARI, Alceu. **Igreja e desenvolvimento**: o movimento de Natal. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1968.

59 Informação contida em: JORNAL A Ordem: origem. **A Ordem online**. Disponível em: <http://www. arquidiocesedenatal.org.br/aordem/ao historia.htm>. Acesso em: 19 set. 2007.

60 Ibid., 2007.

Rio Grande do Norte após a "Guerra dos Bárbaros" [61], ressaltando a importante contribuição dos missionários jesuítas para a pacificação e para o aldeamento dos índios: "As Missões apasiguadoras [sic] estavam ao redor dos antigos centros de resistência selvagem. **O missionário empregou a tática infalível da bondade, da alegria e da tolerância.** O cariri taciturno e agressivo virou cordeiro. [...]" [62]. (grifo nosso).

Cascudo não descuidou de ressaltar as habilidades dos missionários e da sua atuação em áreas muito distintas: "O jesuíta nestas duas reduções[63] multiplicou-se [sic]. [...]. O padre, mestre escola, feitor, arquitecto [sic], era ainda um animador de festas tradicionais. [...]" [64]. Isto, no entanto, não o impediu de, curiosamente e discordando da visão apologética tão difundida em outros de seus trabalhos, afirmar que: "**Os jesuítas viviam explorando os pobres índios**" [65]. (grifo nosso).

Em outra passagem, Cascudo refere-se aos efeitos negativos da colonização, sobretudo da exploração da mão-de-obra indígena, contrapondo-os ao bom tratamento que os jesuítas haviam lhes dado nos aldeamentos: "Os índios desapareceram. Resta, no meio das duas praças silenciosas e devastadas, espectral, abrindo os dois grandes braços de rija madeira, **os dois Cruzeiros, derradeiras testemunhas [...] dos homens que por ali passaram, ensinando e sofrendo por eles, os padres da Companhia de Jesus...**" [66]. (grifo nosso).

Em um artigo divulgado no Jornal *A Ordem,* intitulado *As grandes festas de hoje em Estremoz: Uma povoação que é uma relíquia histórica*, também identificamos representações cascudianas sobre os jesuítas e o papel que desempenharam em terras potiguares.

---

61 As guerras movidas contra os indígenas que resistiam à ocupação de suas terras foram chamadas pelos colonizadores de "guerras justas". Segundo a legislação portuguesa, os "índios bárbaros" que eram nelas aprisionados poderiam ser escravizados ou vendidos como escravos – assim como seus descendentes –, ao contrário dos "índios mansos", ou seja, os já batizados e, portanto, já supostamente submetidos à colonização. A "Guerra dos Bárbaros", por sua vez, consistiu numa série de conflitos que ocorreram entre 1651 e 1704, nas capitanias do Norte, sendo a Capitania do Rio Grande uma das mais atingidas por tais conflitos. MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte.** 3 ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2007. p. 46-49.

62 CASCUDO, Luís da Câmara. Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte. **A Ordem**, Natal, RN, p. 06, 14 ago. 1938. Constatamos que essa caracterização da atuação dos missionários será feita por Cascudo em outro artigo, de 1940, no qual voltará a reforçar sua percepção elogiosa sobre a conduta dos padres na Capitania.

63 Referência às duas missões no Rio Grande do Norte que ficaram sob o comando dos jesuítas, a de Guagirú e de Guaraíras.

64 Ibid., p. 06.

65 Ibid., p. 06.

66 CASCUDO, Luís da Câmara. Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte. **A Ordem**, Natal, RN, p. 06, 14 ago. 1938.

> As raízes do Brasil, aquelas que o sustentam, estão na tradição. Quem quiser conhece-las (sic) precisa mergulhar em nosso passado histórico. A poucas léguas de Natal, em Estremoz, o Brasil pode ser visto no que ele possue (sic) de eterno e superior a todos os atrativos do progresso atual. Aquelas ruínas tem uma eloquencia (sic) singular, porque nos revelam o verdadeiro Brasil sem articular palavra ou desferir um gesto. O Rio Grande do Norte é feliz porque, além de Estremoz, conserva outros tesouros históricos como Arez, Uruassú (sic), Cunhaú, Papari, Vila-Flor, Assú, Port'Alegre (sic), Apodi, São José de Mipibu e tantos mais. **Quanta espiritualidade se respira numa visita a esses velhos monumentos do passado! Precisamos, vez por outra, empreender visitas coletivas a esses logares (sic) sagrados, para conhecer, sentir e amar as nossas tradições positivas. A romaria de hoje a Estremoz tem este sentido** [67]. (grifo nosso).

Nesse trecho que transcrevemos, Cascudo, além de caracterizar a antiga aldeia jesuítica de Guagirú como uma das "belas e louváveis" raízes do Brasil, incentiva os potiguares a manterem a romaria a Estremoz e a manterem as tradições religiosas populares.

Nesse mesmo artigo, Cascudo procura convencer os leitores do Jornal *A Ordem*, de que o legado jesuítico foi de suma importância para o *patrimônio espiritual e material* do Rio Grande do Norte, pois, segundo ele

> Ali, há três séculos, os jesuítas estabeleceram a aldeia de Guagirú; dali a ira do marquês de Pombal expulsou, em 1760, os beneméritos filhos de Santo Inácio de Loiola; ali foi edificada, nesse ano, a Nova Vila de Estremoz sobre as ruínas da antiga aldeia. Na primitiva capela construída pelos jesuítas existiam, em 1760, tantas imagens que fariam hoje uma santa inveja a muitas de nossas matrizes. [...] Tudo isto é muito significativo. É uma <<raiz>> que contém muita substância. No solo da pátria estão enterradas muitas dessas raízes![68]

Na continuidade, passamos a analisar um outro artigo de Câmara Cascudo, intitulado *Os jesuítas no Rio Grande do Norte,* escrito em fins da década de 1930

67 CASCUDO, Luís da Câmara. As grandes festas de hoje em Estremoz: Uma povoação que é uma relíquia histórica. A **Ordem**, Natal, RN, p. 01, 14 ago. 1938.

68 Ibid., p.01.

e publicado em 1940[69] na revista *Estudos Brasileiros* [70], do Rio de Janeiro. É importante lembrar que Cascudo era, à época, um dos mais destacados intelectuais norte-rio-grandenses e integrava o IHGRN, instituição cujo maior interesse era o de construir uma história e uma memória sobre o Rio Grande do Norte, e que este artigo, apesar de não ter sido publicado pela Revista do IHGRN, se enquadrava perfeitamente no tipo de produção que o Instituto estimulava e divulgava[71]. Vale ressaltar, ainda, que a produção histórica dessas duas décadas foi marcada pelas tentativas de interpretação e pela publicação de sínteses do passado brasileiro[72], que se caracterizaram, especialmente, pela amplitude temática, de difícil classificação teórico-metodológica, apesar de profundamente marcadas pelos estudos comparativos[73].

---

69 Vale ressaltar que foi durante a década de quarenta que Cascudo se consagrou como historiador, integrando-se, efetivamente, ao esforço de construção de uma memória do estado do Rio Grande do Norte.

70 A **Revista Estudos Brasileiros,** publicada no Rio de Janeiro, teve como fundador João Augusto de Mattos Pimenta, idealizador do Instituto de Estudos Brasileiros.

71 Como já observado em outro momento, o Rio Grande do Norte havia passado pela Revolução de 1930, sem muitas mudanças em sua estrutura política. Dessa forma, o IHGRN continuava congregando a elite pensante que se responsabilizava pela história do Estado, sendo que uma grande parte dessa elite era composta por políticos importantes que detinham o poder local. Cascudo fazia parte desse universo, escrevendo seus livros sobre diversas áreas, tais como etnografia, história e folclore.

72 Como exemplo dessas sínteses, podemos citar a renomada tríade da historiografia brasileira, formada por Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior. Sérgio Buarque que publicou em 1936 o seu renomado livro: **Raízes do Brasil.** Hollanda escreveu sobre a formação do Brasil, diagnosticando o português como elemento predominante, o que difere da perspectiva de Gilberto Freyre, que responsabilizou a mestiçagem entre as raças e que em 1933 lançou sua obra prima: **Casa Grande & Senzala**. De acordo com as idéias defendidas no livro por Freyre, a própria estrutura arquitetônica da Casa-Grande expressaria o modo de organização social e política que se instaurou no Brasil, qual seja o do patriarcalismo. E, posteriormente, consolidando esse modelo de grandes construções sobre o Brasil que dessem conta de aspectos cruciais da sociedade e do espaço brasileiro. No livro **Formação do Brasil Contemporâneo**, Caio Prado Júnior faz uma síntese dos três primeiros séculos da colonização, até inícios do século XIX, momento caracterizado por ele como uma etapa decisiva na evolução do país, visto que se constitui num período de transição para uma nova fase. Através de uma abordagem inovadora, Caio Prado descartou a tendência predominante na época de enquadrar o sistema colonial em um modelo de economia feudal, afirmando que o processo colonial não passou de uma das manifestações de um fenômeno de maior amplitude, a expansão comercial iniciada no século XIV, ou seja, criando uma visão do colonialismo como parte integrante do capitalismo mundial. esses três grandes livros publicados alimentaram, no dizer de Antônio Cândido, a imaginação dos jovens brasileiros e os estimularam a refletir sobre seu país: **Casa-Grande & Senzala** (1933), de Gilberto Freyre; **Raízes do Brasil** (1936) de Sérgio Buarque de Holanda e **Formação do Brasil Contemporâneo** (1942) de Caio Prado Júnior.Vale ressaltar que cada um desses autores apresenta particularidades que os diferenciam entre si, possuindo como semelhança na maioria das vezes apenas o fato de tratar do processo de formação histórico e cultural do Brasil e terem marcado a historiografia brasileira do século XX.

73 Ver mais em. DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980**: experiências e horizontes. 2. ed. rev. e ampl. Passo Fundo, RS: UPF, 2004. p. 17-18.

No artigo em questão, Cascudo atribuiu grande importância aos jesuítas, tanto por sua formação e condição de pregadores – para a salvação das almas dos indígenas[74] –, quanto para a instalação dos primeiros núcleos populacionais, em função das suas habilidades. Este último aspecto, aliás, fica bem evidenciado na passagem que faz referência à construção do Forte dos Reis Magos, um dos principais marcos da conquista do Estado: "O padre Gaspar de Samperes fôra (sic) soldado, batalhando em Espanha, sabendo dirigir uma construção militar. Ergueu-se a fortaleza dos Reis Magos debaixo do desenho e naturalmente da fiscalização do **Jesuíta Engenheiro**" [75]. (grifo nosso).

Constata-se que os jesuítas são apresentados como os grandes responsáveis pela fundação da Cidade do Natal, dada a sua persistência e habilidade para negociar e estabelecer alianças

> De 1597 a 1599 as missões jesuíticas desdobraram-se para possibilitarem a fundação da Cidade do Natal. Alianças com 'tuixáuas'potiguares, "pazes" solenemente proclamadas, trocas de presentes, moradia avisinhada (sic), todos os processos foram praticados, **com aquela paciência irresistível** [sic] **e continua (sic) do Jesuíta** [...] [76]. (grifo nosso).

Reforçando esta representação positiva dos jesuítas, Câmara Cascudo afirmou: "Os dois jesuítas[77] são a velocidade inicial da **conquista católica**. Procu-

74 Constata-se que, ao escrever esse artigo, Cascudo estava claramente influenciado pelo evolucionismo próprio do século XIX, pois entendia os índios – a "indiada" – como "selvagens", "ariscos", "suspicazes" a quem os jesuítas, com muita paciência conseguiram "civilizar". Ele não deixa de enfatizar a importância do trabalho catequético e de destacar os benefícios que as Missões haviam trazido para os índios: nelas eles tinham sua casa, faziam seu roçado, cultivavam a mandioca e a vendiam, as moças aprendiam a tecer, a fiar e a coser, enquanto os rapazes iam à escola e aprendiam um ofício. Isto fica bem evidente quando ele se refere à expulsão dos jesuítas do Brasil e ao processo da transformação de cada Missão em Vila. Nele, Cascudo não deixa de esboçar uma crítica em tom de ironia: "Os índios, restituidos (sic) a sua liberdade e comercio (sic), ficaram otimamente servidos. El-Rei nomeou um bando de tecnicos desinteressados para inicia-los (sic) nas contentisas (sic) da administração civil. Começaram, naturalmente, dividindo o expolio (sic) do Jesuíta." E concluiu o texto afirmando que, após a expulsão dos jesuítas, os índios ficaram desorientados e se entregaram à preguiça e a uma vida errática, o que fez com que eles se destruíssem a si próprios, pois perderam completamente a sua identidade. CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 206-207, jul./out. 1940.

75 Ibid., p. 199.

76 CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 201, jul./out. 1940.

77 Referência aos padres Gaspar de Samperes e Francisco Pinto. Ibid., p. 200.

ram os Potiguares[78] ariscos, **conversam, discutem, convencem**" [79]. (grifo nosso).

Em outro momento do artigo, Cascudo vincula a "pacificação", a conseqüente civilização dos índios pelos jesuítas, ao estabelecimento de colonos na região: "Deve o Rio Grande do Norte aos Jesuítas o plano da fortaleza, a escolha provável do local e denominação da Cidade, **a pacificação do indígena indispensável para o estabelecimento regular dum (sic) núcleo europeu**" [80]. (grifo nosso). A passagem expressa o posicionamento de Cascudo sobre a forma como se deu a conquista e a colonização no Rio Grande do Norte. Uma visão que exalta a atuação dos missionários da Companhia de Jesus – representantes da Igreja Católica – e de conformidade com o processo de sujeição a que foram submetidos os indígenas, tido como fundamental para o estabelecimento da cultura européia na região.

Ao exaltar a ação do Estado português no período inicial da conquista e colonização e ao valorizar a conduta e as estratégias de atração e de aldeamento empregadas pelos missionários, Cascudo acaba por apresentar os efeitos negativos que o posterior afastamento dos jesuítas trouxe para os indígenas do Rio Grande do Norte.

> As Missões apaziguadoras estavam ao redor dos antigos centros de resistência. [...] Aldeiados (sic), El-Rei entregou-os ao Missionário. O Padre empregou a tativa (sic) infalível da bondade, da alegria e da tolerância. O Cariri, taciturno e agressivo, virou ovelha de quadro de Watteau. Quando lhe tiraram o Padre, o Cariri foi desaparecendo, roído de sífilis, inchado pelo álcool, expoliado (sic) das terras, expulso das roças, sem estímulo para trabalhar. Quando lhe deram a Liberdade o índio morreu [81].

A passagem acima evidencia um *discurso* de enaltecimento da "empresa colonizadora" – bem de acordo com a postura historiográfica do IHGB –, na qual os jesuítas se engajaram como "funcionários" a serviço do Estado português[82], bem

78 Os Potiguares falavam o Tupi e habitavam o litoral da Capitania do Rio Grande. Nesta passagem que transcrevemos fica evidente que Cascudo incorporou a percepção dos jesuítas e reproduz a dos cronistas clássicos, fazendo a distinção entre os Potiguares e os Cariri. Estes índios, para Cascudo, eram os habitantes do sertão – muito mais arredios que os Potiguares –, tendo sido – pela persistência dos jesuítas – transformados em dóceis "ovelhas" pela catequese.

79 Ibid., p.200.

80 Ibid., p. 201.

81 CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 203, jul./out. 1940.

82 Para esclarecer essa questão, recorremos a Thomas Bruneau, que afirma: "A base legal para o controle do Estado sobre a Igreja foi a série de bulas papais que concediam padroado aos Reis de Portugal. (...) Padroado é a outorga, pela Igreja de Roma, de certo grau de controle sobre uma Igreja local, ou nacional, a um administrador civil, em apreço de seu zelo, dedicação e esforços para difundir a religião, e como estímulo para futuras "boas obras". De certo modo o espírito do padroado pode ser assim resumido: aquilo que é construído pelo administrador, pode ser contro-

como dos procedimentos de conquista[83] e, sobretudo, dos benefícios decorrentes da instalação de missões jesuíticas. A "infalível e inteligente" ação dos jesuítas mereceria destaque em outra passagem do artigo: "O padre Miguel de Carvalho foi o aquietador dessa multidão turbulentíssima (referência à resistência dos indígenas). **E só podia ser Jesuíta** (grifo nosso). Os padres seculares não eram aproveitados no serviço das missões" [84]. O historiador, ao ressaltar a formação qualificada e a habilidade dos jesuítas para a atividade missionária junto aos indígenas, não apenas revalida a importância da Companhia no processo da conquista do Rio Grande do Norte – já apontada por outros historiadores –, como reforça o discurso laudatório da atuação missionária jesuítica durante o período colonial.

Cascudo também se referiu aos jesuítas em ocasiões solenes, como na sessão organizada pelo IHGRN, em 1940, por ocasião das comemorações do quarto centenário da fundação da Companhia de Jesus. De acordo com a Ata da sessão, publicada na Revista do IHGRN, o orador oficial do Instituto.

> [...] produsiu (sic) uma brilhante oração, pela qual historiou toda a obra patriótica e christã (sic) dos discípulos de Inácio de Loiola. O orador demonstrou o heroísmo de Anchieta e continuando, disse que tivemos paginas maravilhosas nas epopéias da Catequese dos indígenas e que os nomes gloriosos de Nóbrega, José de Anchieta, Aspicuelta Navarro e centenas de outros **fazem parte integrante da própria civilisação** (sic) **brasileira, como os mais decididos fatores de progresso, ao lado das forças colonisadoras** (sic). Disse que o Rio Grande do Norte deve muito aos padres jesuítas. De um jesuíta é a planta da fortaleza dos Reis Magos e as vilas de Estremoz e Ares (sic), hoje cidades, foram aldeias entregues ao seu cuidadoso pastoreio espiritual. [...] [85]. (grifo nosso).

O trecho que destacamos da Ata – "fazem parte integrante da própria civilisação [sic] brasileira, como os mais decididos fatores de progresso, ao lado das

lado por ele." BRUNEAU, Thomas. **O Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974. p. 31.

83 Entendemos esses procedimentos de conquista como as estratégias utilizadas para garantir a conquista, dentre as quais se destacaram: "a aprendizagem das línguas indígenas pelos agentes de colonização, a criação da língua geral que homogeneizava as línguas nativas e o ensino da língua portuguesa. [...]". Ver mais em: LOPES, Fátima Martins. **Em nome da liberdade**: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII. 2005. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

84 CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 204, jul./out. 1940.

85 ATA da sessão solene comemorativa do quarto centenário da Fundação da Companhia de Jesus, do dia 27 de setembro de 1940. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. 32-37, p. 178-179, 1935-1940.

forças colonisadoras [sic]"– expõe – de forma muito evidente – a visão que Cascudo – representando o IHGRN – tinha da Companhia de Jesus e do papel que havia desempenhado na Capitania do Rio Grande durante o período colonial. Os missionários jesuítas são apresentados como "decididos fatores de progresso" e responsáveis pela "própria civilização brasileira", em consonância com a postura historiográfica da primeira metade do século XX[86], que tinha nos Institutos Históricos um espaço privilegiado para sua consagração e difusão.

Outros confrades, além de Cascudo, publicaram artigos enfocando a atuação da Companhia de Jesus na Revista do IHGRN, como Monsenhor Paulo Herôncio, que, em 1953, definiu os jesuítas como personagens essenciais para a conquista do território potiguar

> [...] É nesta alvorada de conquista da nossa terra que aparecem os primeiros jesuítas integrando-se na história da Capitania [...]. Ninguém melhor do que elês (sic) estava credenciado para os entendimentos de paz com os indígenas. [...] Foram os jesuítas que descortinaram o futuro da nossa terra, numa antevisão que o presente está a confirmar, insistindo no estabelecimento de Missões na Capitania, alegando ser o Rio Grande do Norte a "Chave do Brasil". [...] Recolhendo com carinho os feitos do passado, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte presta, no jubileu áureo de sua fundação, comovida homenagem aos jesuítas que ajudaram a construir os alicerces da nossa nacionalidade[87].

Analisamos também uma *Acta Diurna* escrita por Cascudo em 1940, na qual ele se referiu especificamente a passagens da atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande, a Acta foi intitulada: *PADRE GASPAR DE SAMPERES E OUTROS TEMAS JESUÍTICOS*. Nesse texto, Cascudo ressaltou mais uma vez a "essencial" participação dos padres jesuítas nos processos de conquista e colonização das terras potiguares e dos ensinamentos e práticas cristãs que difundiram.

> A 'Semana Santa' de 1598 foi realizada durante as tarefas da Fortaleza. Os índios assaltavam sempre. Não havia segurança. Os dois Jesuítas temiam uma batalha e nela conspurcar-se a sagrada partícula. Mascarenhas Homem teimou em assistir uma 'Semana Santa' nessa solidão selvagem. Enquanto o Santíssimo Sacramento esteve

86 LIMA, Bruna Rafaela de. **A atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande na visão de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo**. 2006. f. 45-46. Monografia (Graduação em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2006.

87 MELO, Paulo Herôncio de. Os jesuítas nas primeiras horas da colonização da Capitania. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 50, p. 47-48, 1953.

encerrado, duzentos arcabuzeiros vigiavam, os capitães compareceram, arrastando as bandeiras, rojando ao chão os estandartes, em homenagem. Fez-se o 'Ofício das Trevas' e houve 'Procissão'. A Cidade do Natal nasceria um ano depois... Regressando Mascarenhas Homem à Paraíba teriam os dois Jesuítas o acompanhado, sem que ficasse um deles no apascento do rebanho que surgia? Não é crível. O Padre Francisco de Lemos seguiu, mas Gaspar de Samperes ficou e parece ter sido a nossa primeira autoridade eclesiástica no Natal que ainda não se fundara[88].

Nessa *Acta*, Cascudo, novamente, reproduz a versão do historiador jesuíta Serafim Leite, como se pode constatar nesta passagem que deixa explícita a consulta às informações por ele divulgadas:

Ao lado de Manuel Mascarenhas Homem, Capitão-Mor de Pernambuco, comandante da expedição colonizadora do Rio Grande do Norte, vinham dois Jesuítas, os padres Francisco de Lemos, por superior, e Gaspar de Samperes ou São Peres. Quando aportaram as naus no estuário do rio Potengi, logo chamado Rio Grande? Uma 'Relação' inédita que o Padre Serafim Leite S. J. divulgou, informa: - 'O Rio Grande está em cinco graus e meio de altura à parte do sul da linha equinocial. Entraram os Portugueses neste rio e terra para conquistar o ano de 97, a 25 de dezembro'. Sabemos agora ter sido os dois Jesuítas, Pinto e Samperes, os artífices das pazes entre Potiguares e Portugueses. **O Padre Pinto, Francisco Pinto, o "Pai Pinto" dos indígenas, foi à serra da Cupaóba apaziguar a indiada submissa. Samperes conquistou Potiguassú, o Camarão Grande, Pai de Dom Antônio Felipe Camarão. Não lhe custou pouco, andando o Padre pelo sertão, subindo e descendo serras, comendo o que lhe davam, na esperança de serenar o ambiente.** Em documento público, atestava Mascarenhas Homem que os Jesuítas haviam palmilhado cinqüenta léguas pelo interior, entrando em vinte e cinco aldeias bárbaras. [...] O sonho do Padre Francisco Pinto, sacrificado pelos Tocarijús em Ibiapaba, era uma "residência" jesuítica no Rio Grande do Norte. Mas o Padre Pero de Toledo, Reitor do Colégio de Pernambuco, contrariava, opinando que a casa se abriria se El-Rei a sustentasse. [...] E o Padre Gaspar de Samperes, construtor da Fortaleza e possivelmente quem escolheu o lugar para a fundação da Cidade do Natal? Sei apenas que a 24 de setembro de 1616 estava em Natal, dizendo aqui 'residir'. Depois, infelizmente, perdi-o de vista e notícia...[89]. (grifo nosso).

88 CASCUDO, Luís da Câmara. Padre Gaspar de Samperes e outros temas jesuíticos. **A República**, Natal, RN, 20 jul.1940. Acta Diurna, p. 01.

89 CASCUDO, Luís da Câmara. Padre Gaspar de Samperes e outros temas jesuíticos. **A República**, Natal, RN, 20 jul.1940. Acta Diurna, p. 01.

Da *Acta* em questão, depreende-se que as cartas escritas pelos jesuítas que atuaram na Capitania do Rio Grande foram a fonte primordialmente utilizada por Serafim Leite e que as informações por elas trazidas são utilizadas [e reproduzidas] – sem qualquer questionamento – por Cascudo: "O Provincial dos Jesuítas Padre Pero Rodrigues, em carta de 19 de dezembro de 1599, aclara uma passagem escura, escrevendo que *'E vindo-se o dito capitão para a Vila de Pernambuco, pediu aos ditos Padres quizessem ficar, como ficaram, assistindo na Fortaleza do Rio Grande'*. Da Fortaleza seguiram para Cupaóba e vararam o desertão, em catequese"[90].

Na seqüência, e perseguindo o mesmo objetivo, dedicamo-nos à análise do capítulo primeiro de seu livro *História do Rio Grande do Norte*[91], concentrando nossa atenção – como vimos fazendo até o momento – nas referências feitas pelo historiador potiguar aos missionários jesuítas. Em várias passagens do livro, encontramos o jesuíta associado à catequese, pacificação, salvação, conversão, colonização e conquista, e a algumas características, tais como a de ter sido um pregador paciente e tenaz. Já os índios, aparecem descritos como insubmissos, indomáveis e selvagens.

No item IV, intitulado **A Expedição Colonizadora de Mascarenhas Homem. Construção do Forte dos Reis Magos**, o jesuíta é, mais uma vez, apresentado como alguém dotado de formação qualificada, o que teria sido fundamental para o êxito da conquista do território: "a planta **(do Forte)** é do Pe. Gaspar de Samperes que fora mestre nas traças de engenharia na Espanha e Flandres antes de entrar para a Companhia de Jesus" [92]. (grifo nosso).

Em **Pazes com os indígenas,** no item V, Cascudo enfatiza a habilidade dos missionários no trato com os índios, e a importância de sua "pacificação" – a quebra da resistência – para a execução do projeto colonial na região.

> Era indispensável a **pacificação** da massa indígena, insubmissa, reatacando sempre, transformando a vida dos brancos num estado permanente de inquietação bravia e áspera. É missão dos jesuítas, dos missionários. Gaspar de Samperes, Francisco Pinto, Francisco de Lemos **fazem milagres de persuasão**, com as forças irresistíveis da **paciência e da tenacidade em Serviço da Fé** [93]. (grifo nosso).

Em uma das passagens de *História do Rio Grande do Norte,* Cascudo, não apenas nos revela quais foram os autores que consultou para a elaboração do livro, como identifica uma divergência de informações, sem, no entanto, posicionar-se sobre as duas visões.

90 Ibid., p. 01.

91 Para tanto, nos valeremos da segunda edição da obra, datada de 1984.

92 CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984, p. 24.

93 Ibid., p. 26.

> [...] Não somente a indiada que residia às margens do Rio Potengi, chefiada pelo tuixaua Potiguaçu, o Camarão Grande, mas as aldeias distantes na serra paraibana da Capaoba (Serra da Raiz), com os chefes Mar Grande, o valoroso Pau Seco (Ibiratinin), o mais atacado mentor indígena, foram visitadas e o padre Francisco Pinto (segundo a <<carta>> de Pero Rodrigues, **divulgada pelo Pe. Serafim Leite, S.J.)** ou Gaspar de Samperes **(segundo Frei Vicente do Salvador)** conseguiu perfeita harmonização [94]. (grifo nosso).

A menção explícita a Frei Vicente do Salvador[95] e a Serafim Leite é confirmada pela presença dos dois historiadores nas referências bibliográficas, tanto do livro, quanto do artigo já analisado, e que incluem, também, o livro de Henry Koster[96], de significativa importância para a trajetória do intelectual potiguar[97].

Pudemos constatar que, ao tratar da atuação dos missionários no Rio Grande do Norte, Cascudo se aproxima, efetivamente, da posição do historiador jesuíta Serafim Leite, para quem os padres, além de atuarem como "redentores" dos "sem alma, foram os responsáveis pela consolidação da conquista e pela colonização: "[...] os resultados da catequese jesuítica em Serra do Copaoba foram definitivos para a colonização. Copaoba vale Iperoig para o Rio Grande do Norte" [98].

No livro *História do Rio Grande do Norte*, o capítulo IX foi inteiramente dedicado à História da Igreja no Rio Grande do Norte, tema que foi desenvolvido a partir dos seguintes tópicos: (I) – Início histórico. As três Dioceses. (II) Aldeias e Missionários. (III) As Paróquias vivas. (IV) Religiões acatólicas. Nele encontramos

94 Ibid., p. 26.

95 Frei Vicente, ou Vicente Rodrigues Palha, nasceu em Matuim, Bahia, em 1564. A sua obra *História do Brasil é de* 1627, tendo permanecido inédita até 1888.

96 Henry Koster era filho de ingleses; nasceu em Portugal e viveu em Pernambuco durante 16 anos. Sua obra *Viagens ao Nordeste do Brasil* foi publicada em Londres, no ano de 1816, tendo alcançado grande sucesso, o que pode ser constatado nas sucessivas reedições e publicações em outros países. No Brasil foi publicado em 1898. Em razão disso, tornou-se, fonte de consulta e citação obrigatória para todos que escreveram sobre o Brasil, a partir de então. No século XX, a obra ganhou uma especial tradução, feita por Luís da Câmara Cascudo. Além de traduzir, Cascudo prefaciou e acrescentou notas e comentários à edição.

97 Cascudo deve ter se utilizado dessas fontes para conferir maior credibilidade às informações que seus livros traziam. Vale relembrar que a operação historiográfica, como afirma Certeau, "é animada por um desejo de verdade, produzindo resultados de verossimilhança e credibilidade através de um discurso que se legitima pela autoridade da fala, pela lógica da argumentação e da retórica e pelas evidências de pesquisa, com as citações, as notas de rodapé, a bibliografia e o arrolamento de fontes, a desafiar o leitor ainda incrédulo a refazer o mesmo caminho percorrido pelo historiador". PESAVENTO, Sandra J. **Palavras para crer**: imaginários de sentido que falam do passado. Paris: CERMA/EHESS, 2006. História Cultural do Brasil (Dossier coordenado por Sandra Jatahy Pesavento 28.01.06). Disponível em: <http://nuevomundo. revues.org>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

98 CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984, p. 26.

mais evidências da visão que tem o autor sobre a atuação dos missionários jesuítas, apresentando-os como os "responsáveis" mais diretos pelo sucesso da conquista.

> Na conquista do Rio Grande do Norte os serviços da assistência religiosa estavam confiados aos jesuítas Gaspar de Samperes e Francisco de Lemos [...] e ficaram os jesuítas Samperes e Lemos na luta da catequese, reunindo-se-lhes o Pe. Francisco Pinto, jesuíta que se popularizou entre a indiada que o chamava de Pai Pinto e o apelidaram "Amanaiara", senhor da chuva, porque o supunham dispor dos elementos naturais[99].

Para confirmar a presença inequívoca desses missionários na Capitania do Rio Grande, Cascudo dedicou-se a desvendar a origem da expressão *Curral dos padres*[100]: "Há no município de Angicos um topônimo que possivelmente identifique o local. Dizem *Curral dos Padres*. Curral é sinônimo do que dizemos hoje fazenda, criação de gado. Padres é quase o mesmo que jesuíta porque os demais missionários eram frades" [101].

Para legitimar as informações e conferir credibilidade a seu trabalho, Cascudo, mais uma vez, recorre à obra do padre e historiador Serafim Leite[102], como se constata nesta passagem: "Serafim Leite S. J. mostrou que os Jesuítas pastoreavam o rebanho antes e depois da criação da freguesia, em data ignorada até hoje. Padre Gaspar de Samperes estêve (sic) quase sempre em Natal e temos sua presença nos anos de 1606 e 1616. É o autor da planta do Forte dos Reis Magos" [103].

As inúmeras referências que Cascudo faz à Companhia de Jesus não apenas reforçam a visão elogiosa que a historiografia clássica brasileira já havia se encarregado de difundir, como inserem a Ordem e seus missionários na História oficial do Rio Grande do Norte, atribuindo-lhes o papel de "fundadores da civilização nas terras potiguares": "Os jesuítas tinham S. Miguel de Guagiru (a futura Estremoz) e S. João Batista de Goaraíras que depois seria a Vila de Arez. [...] Os missionários empregados eram dedicados e tenazes" [104].

---

99 Ibid., p. 237.

100 Na Acta Diurna, publicada no jornal A República em 12 de outubro de 1945, sob o título *Curral dos Padres*, Cascudo revela ter se dedicado a descobrir a origem do local e a quem pertencia. Ao fim da breve Acta, Cascudo assinalou que: "Curral dos Padres, até prova em contrario, é um vestígio de aldeia jesuítica, ainda não registrada pelos nossos historiadores, vivendo, normal e prolífera, nos princípios do século XVIII". CASCUDO, Luís da Câmara. Curral dos Padres (identificação de um topônimo). In: _____. **O Livro das velhas figuras**: (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte). Natal, RN: EDUFRN, 2002. v. 8, p. 119.

101 CASCUDO, op. cit., p. 241.

102 LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5.

103 CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte.** 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984, p. 237.

104 Ibid., p. 238.

Ao escrever sobre os missionários jesuítas, as primeiras igrejas do Estado, a importante função moralizadora desempenhada pela Igreja Católica, as manifestações de religiosidade popular ou sobre as expressões tão particulares de sua fé, Luís da Câmara Cascudo conseguiu – como demonstramos nesse artigo – conciliar o *homem de letras*, prestigiado pelo poder público, pelos seus pares intelectuais e confrades de Instituto Histórico e, ainda, pela Igreja Católica, com o *homem de fé*, que não deixou de expressar sua religiosidade ao longo de sua vida.

Após sua morte, esse *homem de letras* seria conduzido – simbolicamente – da *rede*, na qual, muitas vezes, podia ser encontrado escrevendo ou lendo, ao *altar*, tanto pelos contadores de histórias que o transformaram em seu santo padroeiro – *São Cascudo* –, quanto pelos adeptos da *cascudolatria*, que reverenciam o Cascudo historiador, tomando-o como referência obrigatória da e para a História potiguar até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATA da sessão solene comemorativa do quarto centenário da Fundação da Companhia de Jesus, do dia 27 de setembro de 1940. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte,** Natal, v. 32-37, p. 178-179, 1935-1940.

AZZI, Riolando. **A neocristandade**: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994. (História do pensamento católico no Brasil, v. 5).

BRUNEAU, Thomas. **O Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

CASCUDO sepultado com honras de Estado. **Tribuna do Norte**, Natal, RN, 01 ago. 1986. Cidade, p.05.

CASCUDO, Luís da Câmara. Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte. **A Ordem**, Natal, RN, p. 06, 14 ago. 1938.

_____. As grandes festas de hoje em Estremoz: Uma povoação que é uma relíquia histórica. **A Ordem**, Natal, RN, p. 01, 14 ago. 1938.

_____. Pela Capela de Cunhaú. **Diário de Natal**, Natal, RN, 03 dez. 1949. Acta Diurna. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>. Acesso em: 25 jan. 2009.

_____. A mais antiga Igreja do Seridó. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1951-1952, Natal, RN, v. 48-49, p. 187-193, 1952.

_____. **Paróquias do Rio Grande do Norte**. Natal, RN: Departamento de Imprensa, 1955. Plaquete.

_____. **Notas para a História da Paróquia de Nova Cruz**. Natal, RN: Arquidiocese de Natal, 1955. Plaquete.

_____. **Religião no povo**. João Pessoa, PB: Imprensa Universitária, UFPB, 1974.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984.

_____. Padre Gaspar de Samperes e outros temas jesuíticos. **A República**, Natal, RN, 20 jul.1940. Acta Diurna, p. 01.

_____. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 199-208, jul./out. 1940.

_____. Curral dos Padres (identificação de um topônimo). In: _____. **O Livro das velhas figuras**: (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte). Natal, RN: EDUFRN, 2002. v. 8.

DIEHL, Astor Antônio. **A Cultura Historiográfica Brasileira**: do IHGB aos anos 1930. Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1998.

FERRARI, Alceu. **Igreja e desenvolvimento**: o movimento de Natal. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1968.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5.

LIMA, Bruna Rafaela de. **A atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande na visão de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo**. 2006. 69 f. Monografia (Graduação em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

LOPES, Fátima Martins.**Em nome da liberdade**: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII. 2005. 701 f. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

MELO, Paulo Herôncio de. Os jesuítas nas primeiras horas da colonização da Capitania. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte,** Natal, RN, v. 50, p. 41-52, 1953.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 3. ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2007.

MOURA, Carlos André Silva de. A Revista A Ordem e o discurso recatolizador em Pernambuco (1930 1937). In: SEMINÁRIO NACIONAL PODERES E SOCIABILIDADE NA HISTÓRIA, 1., 2008, Recife. **Anais**... Recife, PE: Editora da UFPE, 2008. v. 1, p. 2. 1 CD-ROM.

NEVES, Margarida de Souza. **Roteiros para descobrir a alma do Brasil: uma leitura de Luís da Câmara Cascudo.** 2000. Disponível em: <http://www.modernosdescobridores.com.br>. Acesso em: 13 ago. 2008. Relatório parcial de pesquisa CNPq.

PETROVICH, Enélio Lima.Câmara Cascudo – Imortal. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 77-78, p. 172-181, 1985-1986.

PESAVENTO, Sandra J. **Palavras para crer**: imaginários de sentido que falam do passado. Paris: CERMA/EHESS, 2006. História Cultural do Brasil (Dossier coordenado por Sandra Jatahy Pesavento 28.01.06). Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

VIEIRA, Primo. (Monsenhor). Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 71-72, p. 65-67, 1979-1980.

DILIPEN: OS TERRITÓRIOS, OS CIGANOS E O FUTURO

entre a amnésia e a vontade de nada esquecer

"em cima o céu, embaixo a terra, no meio os ciganos"

Carla Alberta Gonzalez y Gonzalez Lemos *

RESUMO: O etnocentrismo passa exatamente por um julgamento de valor da cultura do outro nos termos da cultura do "eu", portanto falar de diversidade e patrimônio étnico cabe a lembrança dos estereótipos e rótulos através dos quais nos guiamos para o confronto cotidiano com a diferença. As idéias etnocêntricas que temos sobre "ciganos" perpassam a fronteira das diferenças étnicas, dizem respeito às diferenças regionais e sociais. E nesse momento precisamos entender que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição e nisso estamos relativizando os fatos.

Quando o significado de um fato é visto não na sua dimensão absoluta, mas no contexto em que está inserido estamos relativizando. Quando compreendemos o outro nos seus próprios valores e não nos nossos estamos relativizando. Cujo único objetivo é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim e capaz de ter uma transformação.

O Estado e os universos acadêmicos precisam trabalhar a valorização das identidades numa perspectiva da própria história e cultura regional com seus alicerces na promoção da cidadania, na Educação emancipadora e libertadora e na própria sobrevivência de seus valores identitários e históricos.

"deixem passar a minha raça..."

PALAVRAS CHAVES: Cigano; Cultura; Identidade; Educação; Território; Direito; História

1)Os Ciganos e o futuro

Tem razão a contextualização da história, as etnias brasileiras precisam tomar para si a luta e se tornarem protagonistas de suas próprias histórias, sair da condição de coadjuvantes e entrar definitivamente na construção de suas cidadanias e seus direitos cerceados em todos os períodos históricos. Apoderar o povo que viveu a margem de todos os projetos de desenvolvimento social e econômico da nação brasileira.

É acima de tudo uma correção histórica. Corrigir o que não foi bem feito no passado é uma obrigação dos movimentos sociais e uma condição profissional dos que fazem parte do judiciário e dos que se propõe a escrever uma nova história. A história dos de baixo: é um problema jurídico, histórico e antropológico.

A frase abaixo é do livro "The Gypsies" do inglês Fraser (1992:1) e retrata bem a sobrevivência dos ciganos de forma temporal e geográfica que soube resistir a todas as perseguições impostas pela ordem majoritária.

> "Quando se consideram as vicissitudes que eles encontraram – porque a história a ser relatada agora será antes de tudo uma história daquilo que foi feito por outros paRa destruir a sua diversidade – deve-se concluir que a sua principal façanha foi a de ter sobrevivido".

Perseguições que envolvem os povos Ciganos estão envoltas em preconceitos, estereótipos e discriminação. Conceitos bem fundamentados que teve como objetivo primordial reter os ciganos em uma célula de afastamento e exclusão. O estereótipos vem atrelado a uma idéia pré concebida com resquícios de ignorância. O preconceito em quase todos os movimentos de apoderamento se fez presente, frases como: "tranquem as portas, os ciganos estão chegando" foram usadas nas reuniões de gestores municipais (como relato de um prévio conhecimento), todos na verdade guardam na memória uma fala que comprova o estereótipo e justifica os preconceitos que resistem aos contextos históricos e os espaços geográficos . E por fim a discriminação. Seria o último estagio de uma tríade que afasta , exclui, diminui e torna invisível uma das mais impressionantes resistências humanas: a resistência dos povos Ciganos pelos territórios por onde passaram.

Ate mesmo a nomenclatura dita "Cigano (a)" carrega em si uma carga violenta de discriminação, tanto que na Europa as populações já exigem ser chamados de Rom. No Brasil ainda percebe-se uma distancia bem considerável do próprio povo Cigano em se posicionar de forma contraria a uma literatura que persiste. Aqui se pensa em divisões e se esquece que ROM é todos os que compactuam da mesma língua ancestral, ou seja, o ROMANI. O próprio Caló é um hospedeiro da língua ROMANI, constamos vários vocábulos e palavras comuns. E muito mais impressionante: a chib dos Caléns foi produzida cerca de 1850 pelos ciganos espanhóis como forma de fugir das perseguições, portanto a chib dos Calons/Caléns brasileiros que desde , segundo registros 1574, estão em território nacional nada mais é que A VARIAÇÃO LINGUISTICA entre o português e o ROMANI ... A língua mãe de todos os ciganos do mundo.

Essas organizações que colocam o povo cigano na frente das disputas políticas em prol de cidadania e reconhecimento iniciam após a II Guerra Mundial de forma gradual e impactante. A União ROMANI é fundada em 1971, a chamada União Romani Internacional (URI) com status consultativo na ONU (MOONEN, FRANS) conquistas importantes que materializaram um hino e uma bandeira que representa todos os povos ciganos.

No Brasil a questão é mais complicada, parte de separatismo e divergências locais. Fronteiras previamente determinada e que ao longo ,tenho certeza, de todo um processo de conscientização do povo Cigano brasileiro será conquistada a mediação e a promoção da UNIAO ROMANI INTERNACIONAL no Brasil. O passo mais importante é o resgate da identidade do povo Cigano que sofreu ao longo de todos esses séculos uma gradativa interferência de atores não Ciganos em seus processos, principalmente quando passaram a sedentarização. O assistencialismo e o clientelismo é o maior problema enfrentado em quase todos os Estados Brasileiros das populações Ciganas.

Um dos problemas enfrentados pelas populações Ciganas é justamente a sedentarização. Dizer que todos os ciganos eram nômades é uma situação incomoda como incomodo é dizer que muitos Ciganos nunca foram nômades porque simplesmente esse fato pode estar carregado de fronteiras políticas, ou seja, não lhe era permitido permanecer em determinados territórios por perseguição dos gestores municipais como o fato relatado abaixo pelo cigano, hoje semi sedentário: Erasmo Calon:

> "20 anos atrás arranchados nessa arvore, que cidade preservou, um grupo de mais de cem ciganos chegaram a cidade de Apodi. Nas mediações uma fazendeira sempre dava cobertura, deixava que os ciganos pousassem próximo ao seu sitio. Ao amanhecer do segundo dia chegou a policia e pediu que todos se retirassem, era ordem do então prefeito local disse então: se retirem imediatamente, não queremos ciganos aqui. O povo calon com crianças e velhos, mulheres e toda a suas coisas nas costas saiu corrido".

Era o povo dos Torós que hoje está fixo em Apodi e que desde a década de cinqüenta (pesquisas apontam mais de cem anos antes) já tinha o mapa de Apodi nas suas delimitações territoriais. Na atualidade a rua não mais possui o sitio, mas na memória oral do povo a história está intacta e a rua passou a se chamar "Rua dos Pereiras" ou "Rua dos Ciganos".

Eram expulsos de uma cidade para outra, portanto por motivos econômicos, suas vendas e necessidades assim exigiam ou por perseguições políticas como o caso relatado acima ou por rejeição social. A verdade é que havia toda uma conjuntura que assim os fazia nômades. Existe um documento na Fundação José Augusto que faz a seguinte colocação:

> "A resolução de 18 de novembro de 1838 ordenou o arrolamento da população pelos juízes de paz, vedou a demora dos ciganos na província, proibido sob multa imposta pelos juízes de paz que os proprietários de terras tivessem agregados

sem ocupação honesta e acoitassem mal feitores e criminosos" (RESOLUÇÃO DE 18 DE NOVEMBRO DE 1838: FALAS E RELATÓRIOS DOS PRESIDENTES DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE)"

Portanto é claro e recorrente o discurso que mantém a uma distância considerável o povo Cigano. Hoje século XXI apesar de semi – sedentários, sedentários e em passagem os Ciganos enfrentam o discurso do descaso e da indiferença por todos os municípios onde se fixaram. Transpor barreiras e fronteiras faz parte da inclusão do povo Cigano no Estado do Rio Grande do Norte e obviamente de todo o território Nacional.

Nomadismo no Estado Moderno significava falta de comprometimento com o sistema econômico majoritário e, portanto é perseguido pela maioria das Nações Mundiais e proibido no Brasil os chamados "brasileiros de passagem". A partir do processo de Industrialização promovido na década de 60-70 torna-se cada vez mais difícil os territórios antes de passagem de caravanas que tinham mais de 200 pessoas inclui nesse processo o aumento de pequenos estabelecimentos nos municípios que vai coibir com o mercado ambulante do povo cigano.

Assim o foi no Estado do Rio Grande do Norte a sedentarização e a semi-sedentarização dos ROMS CALONS. Os fazendeiros que davam proteção e alimentos as "caravanas" passam pelo processo de afastamento da terra por questões econômicas e políticas e até mesmo pelo aumento considerável das populações de campo em busca do desenvolvimento urbano que se iniciava no estado. Não mais havia os "arranchamentos" com a proteção dos fazendeiros e sitiantes.

Tudo isso obedeceu a regras impostas pela própria conjuntura nacional entre meados de 80 a 90 o povo Cigano vai se fixando nos seus antigos territórios previamente determinados por suas necessidades econômicas (onde exerciam seus negócios) e por suas relações de poder e território de lideranças.

Isso não trouxe em curto prazo uma melhoria em suas condições de vida. Como jamais freqüentou uma escola a maioria, porque não dizer todos, não tinha uma qualificação profissional que os inserisse no mercado de trabalho. Mais esse fato, essa mudança de ordem cultural no grupo vai trazer em longo prazo a consciência e a necessidade da importância da Escola pelos mais jovens do grupo. Mais mesmo assim ainda enfrentaram e enfrentam pelo corpo escolar todo um arsenal de preconceitos. As escolas não estão preparadas para o estudante Cigano e mais constante a recusa da matricula por não possuírem registro civil.

Essa aproximação fez com que muitos elementos de ordem cultural sofressem grandes transformações. A língua antes tida como a grande "guardadora" das memórias e historias do povo Cigano está sofrendo uma baixa. Muitos já não falam e a grande maioria não tem mais como traduzir a contemporanei-

dade dos tempos. Os ofícios que diziam respeito somente aos povos Ciganos foram substituídos por outros: quem vendia cavalo ou mula hoje se contenta com celulares e relógios. As ciganas que antes liam a sorte hoje amargam vergonhosamente o "caminhar" que leva a mulher Cigana a crises existenciais e a doenças emocionais.

O "estar cigano" hoje tem outra conotação política e cultural. É necessária para a inclusão. Mas acima de tudo existe uma necessidade do próprio povo Cigano de manter a tradição e se manter "incluído" dentro das sociedades em que estão inseridos.

O anticiganismo fundamentado em séculos de preconceitos ainda levará alguns anos (quiçá décadas) a serem rompidos. São fronteiras que envolvem conhecimento e reconhecimento. Mentalidade social e vontade política.

Esta artigo tem por objetivo registrar a evolução do Movimento Cigano no Rio Grande do Norte em busca do reconhecimento político dos municípios onde há mais de vinte anos estão sedentários e semi sedentários partindo do principio dos territórios que antes eram de passagem e hoje são de direito e de fato a terra prometida aos Ciganos potiguares que desde o século XVI peregrinam pelos espaços do Ceará , Rio Grande do Norte, Paraíba e todo o Nordeste Brasileiro.

Territórios esses que guardam toda a memória de grupo

A história da formação de um Cigano politicamente engajado no Rio Grande do Norte terá como base as comunidades onde esses documentos já são uma orientação política e jurídica para a construção do espaço territorial que vai além da auto declaração identitária do grupo. O reconhecimento é pleno, não mais do grupo para fora, mas de fora para dentro do grupo.

José Sebe diz que a história oral no Brasil nasceu de fora para dentro:

> "Em decorrência de uma ditadura persistente como a nossa, de mais de duas décadas, os primeiros trabalhos publicados usando entrevistas com o viés do exílio foram escritos longe do Brasil, contando as experiências de homens e mulheres que tiveram que deixar o espaço nacional por razões políticas."(http://www.historiagora.com)

Dessa forma Sebe aborda a questão para pontuar questões que se prevalecem dos discursos escritos em contrapartida aos pressupostos da oralidade que seriam: à vontade e a necessidade de transformar situações. Para Sebe a história oral tem haver com a democracia: Oralidade é um estado democrático da cultura social.

Viabilizar, portanto não apenas um DIREITO, mais acima de tudo romper a fronteira do desconhecimento que a sociedade norteriograndense tem da presença Cigana no Estado.

2)Territórios alternativos: sobre a autonomia do outro

Constituímos dentro de nós uma visão burguesa: casa, família, ascensão social e bens materiais e esquecemos a frase de David Rousset:- "Os homens normais não sabem que tudo é possível ". Vivemos a banalidade do mal em estruturas montadas para aumentar o eurocentrismo e o etnocentrismo com estigmas culturais profundamente enraizados. Sabemos que historicamente o homem sempre procurou distinguir e discriminar grupos no interior da sociedade.

O mundo contemporâneo assiste a esse longo processo de formação de uma civilização complexa e diferenciada na qual, diversos grupos procuram conquistar seus espaços e seus diretos e as possibilidades de acesso a produção de bens e mecanismos da distribuição desses bens na sociedade.

A história da humanidade depara-se a luz do século XXI com um dos maiores desafios humanos: o do reconhecimento de si e do reconhecimento do outro e porque não dizer o desafio do próprio conhecimento. Jamais Paulo Freire foi tão atual quando nas entrelinhas de toda a sua produção intelectual convoca a todos para uma ação reflexiva, pedagógica, cidadã que sustente o outro *como sujeito autônomo.*

Os problemas e as desigualdades na etnia Cigana são uma conseqüência das políticas educativas, das demandas sociais, de vontade política e das estruturas territoriais negadas durante toda a permanência do povo Cigano em território Nacional.

Como a língua portuguesa, a segunda língua do povo cigano, faz a leitura do então chamado "cigano":

Segundo o novo dicionário Aurélio a definição de cigano é: cigano. [do grego bizantino athinganos, pelo fr. tzigane ou tsigane.] S. m. 1. Indivíduo de um povo nômade, provavelmente originário da Índia e emigrado em grande parte para a Europa Central, de onde se disseminou, povo esse que tem um código ético próprio e se dedica à música, vive de artesanato, de ler a sorte, barganhar cavalos, etc. [Designam-se a si próprios rom, quando originários dos Balcãs, e manuche, quando da Europa Central.] Sin.: boêmio, gitano, calom. (Novo Aurélio[2], Séc. XXI, p. 470)

Como um ROM CALON expressa seu sentimento de pertença de grupo:

> "A gente não precisa das coisas como vocês (gadjes). Pra nós, o que vale é o hoje, é o ser feliz, dormir em baixo de uma árvore, ter a lua como enfeite, ter a noite como manto. Do que adianta ter tanto objeto se a gente vai embora e não leva nada? Deus está no coração, nos amigos, na natureza, só tenho saudades do tempo que andava pelo mundo. Ali eu estava realmente perto de Deus" (Raimundo Ferreira- Chico)

Chico Calon faleceu de câncer três meses depois. A etnia Calon, cuja origem é na Península Ibérica, através do projeto colonizador chega às colônias para o assentamento, o cumprimento de penas (todas fundadas no preconceito e na exclusão social) iniciando dessa forma o processo pelo qual se determinou a história dos Ciganos no Nordeste do Brasil e a mobilidade a que se submeteram os grupos desde o fim dos Cassacos e a invasão das empresas norte-americanas no Nordeste até a sedentarização imposta pelo capitalismo e pela estruturas urbanas e sociais (de grupo) nas cidades construídas para o progresso nos fins do século XX.

De domadores de cavalos a negociante de feiras, estava o Cigano inserido na História do Brasil. Disse certa vez um cigano a um construtor de Barragens e Açudes- "Cigano não come orelha de jumento" , afirmando dessa forma que a troca tinha volta e era essa volta que dava e ainda dá o sustento de famílias Ciganas até os dias de hoje.

Nas últimas décadas, historiadores, sociólogos e antropólogos discutem o conceito de identidade, os espaços que se agregam a essa identidade e as contradições que a esses conceitos se associam, contradições essas que partem sempre de uma pluralidade cultural e diversidade social. E nesta pluralidade vamos tentar confrontar o conceito de ocupação, territorialização, espaço urbano que Certeau define como "artes de fazer".

O território nada mais é do que toda a projeção do passado e a esperança de um futuro promissor numa simbiose progressista que Certeau mesmo define: "*planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a própria pluralidade do real e dar afetividade a este pensamento do plural: é saber e poder articular*".

Raquel de Queiroz disse que: "contar uma vida é tarefa difícil, susceptível a toda espécie de controvérsias. E contar vidas que de muito transcende o terreno pessoal para se entrelaçar com a própria História do País e do Estado - em alguns dos seus momentos mais graves - é trabalho que exige, além da necessária base de verdade, muito tato, muita inteligência e, sobretudo responsabilidade. Responsabilidade porque trata objetivamente de grupo que transgrediram a ordem social estabelecida, transgrediram os elementos da cultura política que determina " lugar comum é lugar onde o Estado interfere" e portanto como transgressores os Ciganos resistiram culturalmente a toda a ordem estabelecida , hoje a AFIRMAÇÃO É ATRAVÉS DA IDENTIDADE (e os direitos e deveres a ela atribuídos) E DE TERRITÓRIO (para a própria manutenção da cultura cigana) : a luta revolucionária pela terra é uma transgressão. A busca pelos territórios tão bem determinados em toda a permanência dos ciganos ROMS CALONS DO RIO GRANDE DO NORTE.

Foram essas experiências anteriores ao processo de semi-sedentarização dos Ciganos do RN que foi, por cada grupo familiar (as imensas famílias ciganas), que se construiu sua relação de espaço com sua presença constante e sua segurança a partir do senso de localização.

São os chamados lugares comuns. Os espaços onde se praticava a autorização do território pelo grupo, os espaços de lembrança, onde tudo se repete se recorda e onde a memória silencia e guarda e o espaço primitivo onde se sonha e se idealiza o simbólico construído. O espaço/território, portanto nesse sentido forma e mantém culturalmente um grupo étnico.

Em "paisagem e memória" Schama problematiza a questão da paisagem com um objeto ativo mo processo formador de uma identidade e como espaço/território de memória acessível aos indivíduos e as sociedades, Segundo Schama a noção de pertencimento a uma determinada paisagem não é algo natural, pois os elementos significantes dos acontecimentos políticos e praticas sociais como um todo, em tempos e circunstâncias diversas são simbolicamente anexados a paisagem.

Nesse sentido podemos entender a paisagem como uma construção histórica, é uma imagem que se realiza através da memória, compõem-se de camadas de lembranças.

A paisagem segundo as idéias de Schama , é um conjunto de signos que estão relacionadas com a história dos grupos humanos. Signos que juntos formam a história dos territórios e suas paisagens e signos que formam a história econômica, social e política dos grupos que pertencem a esse território.

Essa perspectiva aponta para a incorporação de aspectos históricos e culturais aos espaços/territórios numa particularidade a partir de agentes históricos, pois a natureza selvagem não demarca a si mesma, não nomeia e não institui .

É essa percepção transformadora que estabelece os territórios Ciganos é o direito a memória histórica. O direito a terra nesse processo de semi-sedentarização é um DIREITO HISTÓRICO A TERRA DO ESPAÇO MEMÓRIA.

O espaço/território do povo Cigano do RN é uma impressão de marcas culturais, econômicas, sociais, políticas e de identidade de grupo. Forte e constante em toda a história dos municípios potiguares.

Cada paisagem norteriograndense tem a marca cultural do povo Cigano. O território Cigano é o ponto de chegada e a própria criação narrativa da memória de grupo e quiçá a historia da formação social, política e econômica do Rio Grande do Norte.

As apropriações territoriais nos grandes centros urbanos ou nos campos representam á luz do século XXI ferramentas decisivas nas lutas e reivindicações sociais.

É por esse direito que o Cigano do presente luta. Pelo espaço/território que vai salvaguardar o que lhe foi negado em todos os momentos políticos da Nação Brasileira.

3)Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: OS ROMS CALONS DO RIO GRANDE DO NORTE.

Os Ciganos fazem parte de uma etnia própria e por variadas razões encontram-se dispersos por todo o mundo, tendo passado em suas peregrinações por diferentes países, em diferentes contextos temporais. Existem varias hipóteses para o conceito do povo cigano. A hipótese mais salutar é que são oriundos da Índia. Alguns historiadores assim definem a origem dos ciganos pela temática lingüística. O idioma ROMANI falado por toda a comunidade ROMA (os assim chamados ciganos) .

O idioma é um só, a chib dos calens , falado pelos Calons, é uma adaptação do Romani porque foram perseguidos e proibidos de falar a língua de origem na Espanha, são particularmente semelhantes a dialetos indianos como o Hindi , o Punjábico, o kotgahrie o Gujerete e especialmente o SINDHI.

Mais isso são hipóteses como sabemos não se pode agregar vínculos intrínsecos entre a língua e a raça porque simplesmente os códigos lingüísticos podem sofrer mudanças ao longo dos tempos. E aqui damos como exemplo a Espanha, cujo Romani foi proibido e eles para salvaguardar a cultura lingüística adaptaram. Mais sem duvida é hipótese mais viável.

Houve uma descoberta de um documento em 1378, onde um rei búlgaro teria cedido um monastério e algumas vilas povoadas por CIGANOS. Daí provavelmente teria chegado a Europa (aproximadamente em 1417).

A lenda também que foi repassada através da oralidade é que seriam de origem egípcia, seriam oriundos do pequeno Egito, mas sabemos que essa região do pequeno Egito era do Peloponeso- península montanhosa em sua maior parte ao sul da Grécia ligada ao continente pelo istmo de Corinto.

Está na memória de alguns ROMS Calons do Rio Grande do Norte esse território de origem.

Os preconceitos foram forjados pelas convicções e lendas, narrativas e alegorias, foram criados para respaldar os juízos de valores, por exemplo: *que teriam os ciganos roubado os pregos da crucificação de Cristo*. Para explicar sua dispersão: que seriam supostamente descendentes de Caim e ainda que houvessem negado a hospitalidade a Santa Família e como punição teria sidos obrigados a vagar numa vida errante.

Existe uma lenda mais antiga a de um poeta persa Firdausi no século V d.c que mandou vir da Índia dez mil LUROS (nome também atribuído aos ciganos), para entreter seu povo com musica, fato esse, confirmado pela oralidade do povo Cigano europeu que dá conta de "certo rei que os protegia e os teria buscado a todos de uma região da Índia chama SIND".

Porém com conflitos com os mulçumanos haviam sido expulsos e desde então foram obrigados a vagar de uma nação para outra.

São três grandes grupos de ciganos no mundo. Distintos por laços de poder, língua e território:

ROM ou ROMA – mantém o Romani (essa conceituação hoje designa A TODOS OS CIGANOS DO MUNDO COMO ROM)

SINTI ou MANOUCH OU MACHUO- falam Sintó

CALON OU KALÉ – falam Calo ou Kaló

Mais é somente em 1417 que eles surgem na Europa.

E quem chega à península ibérica no período que antecedeu as grandes navegações é o povo que habitou o Brasil desde o inicio da colonização brasileira: Os ciganos ibéricos, os Calons ou Calens de Portugal e Espanha.

Domadores de cavalos, feirantes, negociantes de todo tipo de produtos, as leituras de mãos pelas mulheres ciganas. Foi sem sombra de duvida o motor das feiras, o comercio do sertão. Que fizeram do nordeste terras habitáveis.

Oficialmente os Ciganos chegaram ao Brasil, está documentado, pelo degredo de João Torres e sua mulher Angelina em 1574, condenados e deportados para o Maranhão. Mais é inegável que já estavam presentes antes desta data.

Se contarmos a data da efetiva colonização, ou seja 1530 , temos a presença dos Ciganos no então território brasileiro.

Em 1594 o cigano Diogo Sanches residente em Igarassu (PE) é citado no livro denunciações de Pernambuco como "mercador de lógea de mercearia sedentário e rico" sinal claro de que havia uma permanência antes e assim socialmente havia progredido segundo o conceito da então colônia.

Em 1603 a câmara municipal de são Paulo de Piratininga concede licença para a abertura de uma casa comercial na cidade, recebendo a alcunha de cigana Francisca Roiz – totalizando aqui a cultura cigana não como machista, mas masculinizada, contudo abrindo para a mulher um espaço importante na economia familiar de um Brasil que desenhava seu projeto colonizador.

A deportação maciça, segundo Frans Moonem, ciganologo e antropólogo foi a partir de 1686 quando a entrada no novo mundo passou a ser para as coroas portuguesas e espanholas uma estratégia para livrar-se dos grupos que insistiam em permanecer em seus territórios. Os locais por onde entravam no Brasil era: Pernambuco, Maranhão e Bahia.

Inicia-se com a entrada dos Ciganos no Brasil uma perseguição implacável sendo acusados durante todo o período colonial de roubos, assaltos e mortes e até mesmo de epidemia como no caso a varíola onde foram apontados como sendo os responsáveis. Existe um documento em Minas Gerais que dá conta que TIRADENTES FOI UM CAÇADOR E MATADOR DE CIGANOS: "ele comandou por mais de uma vez a tropa de assalto ao reduto desses malfeitores, prendendo e matando ciganos ás dúzias" segundo Frans Moonem, com documentos publicados.

Como chegaram A CAPITANIA DO RIO GRANDE?

A primeira tentativa de colonização do Rio Grande do Norte foi em 1535 quando partindo do lendário Tejo, divididos pelo floral das cinqüentas léguas da então terras do Maranhão, João de Barros na pessoa representado pelos seus filhos e seu sócio, chegam em solo para explorar e reconhecer a terra. Ao todo foram três tentativas. E nessas tentativas com seus navios abarrotados de homens vinham também os apenados, ou seja, o povo cigano Calon de Portugal que preso negociava seu perdão com o compromisso de povoar o novo mundo.

O passado dos Ciganos do RN é extremamente invisível e cheio de hiatos. Existem em alguns documentos coloniais termos que muito provoca curiosidade: *errantes, assistentes, cuja discrição se assemelha muito ao modo de vida dos ciganos.* Estaria relacionado com atores sem moradia fixa.

Os viajantes do sertão. Seriam os ciganos? .estou certa que sim.

Em um documento da capitania do Ceará o padre Domingos Ferreira assim cita:

> "E como nestas capitanias há muitos portugueses, mulatos e mamelucos que andam vagabundos sem ocupação nem domicílio vivendo como ciganos a que chamam peralvilhos os quais são de grande encargo e prejuízo, não só aos Índios, mas ainda aos mesmos brancos, por que vivem e se sustentam a custa alheia com embustes, violências e roubos (...)

Percebem-se claramente quando se descobre o véu da invisibilidade histórica a presença dos ciganos no RN e nos Estados vizinhos.

(para acessar parte da documentação Projeto Resgate: www.cmd.unb.br.)

Tive acesso a alguns documentos no Instituto histórico e também na Fundação José Augusto. Um dele de muita importância é as falas dos Presidentes das Províncias, onde reza:

> "A resolução de 18 de novembro de 1838 ordenou o arrolamento da população pelos juízes de paz, vedou a demora dos ciganos na província, proibido sob multa imposta pelos juízes de paz que os proprietários de terras tivessem agregados sem ocupação honesta e acoitassem mal feitores e criminosos" (resolução de 18 de novembro de 1838: falas e relatórios dos presidentes da província do rio grande do norte)

A deportação em massa para as terras do Maranhão abriu uma fonte de memória oral extremamente importante na história dos Ciganos do Rio Grande do Norte desde a colonização: alguns grupos nos dias atuais vão pelo menos uma vez por ano ao Maranhão, existe uma relação espacial e geográfica nesse ritual: uma vez por ano as mulheres (em um determinado grupo essa mobilidade ainda é muito forte) vão ao Maranhão, com a justificativa de que lá é melhor de ganhar dinheiro lendo mãos, porque lá se respeita a Cigana. Então eu me fiz uma pergunta... Por que o Maranhão e não a Paraíba ou mesmo o Ceará? Ou qualquer outro Estado do Nordeste?

Em 1612 se inicia efetivamente a colonização do Maranhão e os ciganos eram enviados para a colonização do território no enfrentamento com os índios (quiçá não se justifica aqui a imagem criada pelo colonizador de um cigano "violento", violência essa construída pelo próprio estado português), entretanto desde 1574 (quando chegou o primeiro cigano com documentos de deportação) chegavam às famílias Ciganas para o cumprimento das penas. A partir de 1686 a documentação é mais clara nesse envio do povo cigano de Lisboa para o Brasil e a ordem é que chegando ao Brasil fossem enviados ao Maranhão, onde a colonização foi extremamente difícil pela reação indígena.

Hora, o Cigano por Cultura e Identidade própria (ou essa identidade foi construída) tinha o "caminhar" (motivado pela cultura ou muito mais provável pelo banimento por todos os lugares por onde passou) como referência da própria vida, portanto HAVIA sim Ciganos no RN, o que se pretende é mapear esse movimento, essa mobilidade, esses territórios demarcados por eles e que hoje, no século XXI clamam por espaço/território nos seus lugares de memória comum.

O território/espaço e o reconhecimento Cigano são um DIREITO e uma indenização moral (OBRIGAÇÃO) do Estado do Rio Grande do Norte a todo o processo de exclusão pelo qual foram legados todas as gerações de Ciganos POTIGUARES.

Se não for dessa forma estaremos sendo coniventes com todo o processo de genocídio étnico/cultural pelo qual passou e passa até hoje os grupos Ciganos Potiguares.

O nazismo que levou mais de oitocentos mil Ciganos aos campos de concentração para morrerem por não serem uma raça pura, segundo a teoria nazi, continuará no holocausto étnico do século XXI, caso os governos federais, estaduais e municipais não reconhecem o que a história já reconheceu: QUE OS CIGANOS FIZERAM E FAZEM PARTE DA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA.

Reconhecer A HISTÓRIA DO POVO CIGANO DO RIO GRANDE DO NORTE é inserir os ciganos nas políticas publicas.

O maior problema do povo Cigano não é somente a discriminação étnica, mas é principalmente a NEGATIVA, se nega vergonhosamente, o acesso do povo Cigano as estruturas curriculares Educativas do Rio Grande do Norte e principalmente os DIREITOS as Políticas Publicas adotadas pelo Estado que segue alheio a um silencio barulhento.

4)IDENTIDADES PLURAIS: conceito e anacronismo.

Nas últimas décadas, historiadores, sociólogos e antropólogos discutem o conceito de identidade e as contradições que a ele se associam, contradições essas que partem sempre de uma pluralidade cultural, dessa forma se percebe nitidamente a omissão histórica de alguns sujeitos, omissão essa que passa a ser vista sobre um prisma de infinitas discussões e debates.

Estudos sobre Ciganos ganham uma dimensão dialética na historiografia. Essa liga, a área comum entre a história e a antropologia, é o elo de uma cultura dinâmica entre as estruturas sociais através do tempo em uma flexibilidade questionadora e complexa.

No lugar anteriormente delimitado pelo determinismo histórico, com uma rígida fronteira cultural ideológica abre-se espaço para um universo sistematicamente desordenado e reordenado nos processos históricos sociais. Chamo isso de a "entrada do maravilhoso".

Leva-nos a crer que através desse universo, o homem orienta-se numa mobilidade que obedece a interesses e objetivos, que através dos tempos históricos se transformam e se reformulam as identidades, as memórias, os valores e as lutas. E a dinâmica contínua da luta social.

Essa construção fluida descortina uma série de elementos externos de um determinado grupo, portanto identidades regionais, religiosas, étnicas, dinâmicas e flexíveis se constroem através de complexos processos de apropriações, ressignificações culturais nas experiências entre grupos e indivíduos que interagem, daí se falar em identidade inter e intracontrastivas.

> "Os historiadores, conquanto microcósmicos devem se posicionar em favor do universalismos, não por fidelidade a um ideal ao qual muitos de nós permanecêssemos vinculados, mas porque essa é a condição necessária para o entendimento da história da humanidade, inclusive a de qualquer fração específica da humanidade.Uma história que seja destinada apenas para judeus ou afro americanos, ou gregos, ou mulheres, ou proletários, ou homossexuais) não pode ser boa história, embora possa ser história confortadora para aqueles que a praticam. Por todas as coletividades humanas são e foram necessariamente parte de um mundo mais amplo e complexo," (HOBSBAWM, Eric. "sobre história, op., p.292)

À distância em relação á nossa sociedade é uma distância que faz com que nos tornemos extremamente próximos daquilo que tomávamos por natural em nós mesmos, é de medo cultural e aquilo que evidentemente se mantém no isolamento de nós mesmos é infinitamente problemático.

Esse estranhamento, essa perplexidade provocada pelo encontro das culturas que são para nós mais distantes e cujo encontro vai levar a uma modificação do olhar que se tinha sobre todo o complexo estrutural das relações sociais abre em nós mesmos a necessidade de se debater e buscar referencias historiográficas para entender e reescrever as modificações e os movimentos sociais.

Somos não apenas cegos á cultura do outro, mas somos míopes em relação á nossa própria cultura. A excelência da vivência da alteridade nos faz crer que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa direção no que nos é habitual, familiar, cotidiano e que consideramos "evidente".

Esse artigo tem por objetivo abrir uma discussão entre movimentos históricos com forte apelo tradicionalista, como a disputa pela terra, e movimentos societais com uma singularidade histórica e teórica e profundas particularidades com os movimentos culturais.

A luta dos Ciganos do Brasil cuja bandeira se faz por uma maior consciência social e afirmação de sua cultura dentro do próprio grupo e tenta uma afirmação identitária dentro de um sistema capitalista excludente e uma omissão histórica vergonhosa busca uma sociedade mais justa e o direito inenarrável ao acesso a terra.

Classes e Movimento social dentro de um Brasil contemporâneo e em profunda transformação.

O Movimento dos Ciganos do Rio Grande do Norte segue a diretriz do entendimento teórico do que seja nos dias atuais um movimento social. Partindo de particularidades entende-se que movimentos sociais contemporâneos apontam para uma reorientação da ação coletiva, implicando obviamente em uma ampla revisão teórica:

> (...) os movimentos sociais como ações sociopolíticas construídas por atores coletivos de diferentes classes sociais, numa conjuntura específica de relações de força na sociedade civil. (Gonh. 1997: p.78)

Laclau (1986) abre a discussão para o surgimento de movimentos sociais centrados em questões identitárias, que passava a ser denominada de Novos Movimentos Sociais (NMS) cujo foco dialógico era a problemática da pertença do sujeito, movimentos que iriam abrir e debater politicamente (em ações) espaços alternativos de lutas. Esses movimentos (NMS) que contrariavam toda a lógica do entendimento de luta e classe pautados não mais em um modelo que totalizava a sociedade, surgiam a partir daí movimentos fragmentados nas diversas classes sociais que se estabelece nas estruturas contemporâneas, não mais justificado pela dialética da história marxista da luta de classes, vai mais além.

Essas estruturas ideológicas tradicionalistas que envolviam os movimentos sociais tinham características próprias (Laclau, 1986. P. 77): a identidade dos atores determinada por categorias relacionadas á estrutura social- camponeses, burgueses e trabalhadores; o tipo de conflito definido por um paradigma evolucionário ou haveria um esquema teleológico e objetivo que guiaria as lutas(o socialismo) e por fim os espaços conflitantes reduzidos a uma dimensão política fechada e unificada(representação de interesses, institucionalidade política).

As novas condições contemporâneas de luta destruíam no campo teórico essas características apontando um novo foco que necessariamente não envolve o sujeito numa determinação de relação de produção e não se pode determinar a realidade por meio de estágios que apareceriam em sucessivas fases do desenvolvimento da sociedade e mais importante o sujeito político é uma dimensão presente em toda a prática social e não um espaço específico.

A teoria da Mobilização de Recursos (MR) entende os movimentos sociais como grupos de interesse e a mobilização Política (MP) orientam para a noção da oportunidade política. Touraine revitaliza o conceito de movimentos sociais e propõe um novo enfoque para conceituar esses movimentos diferenciando os movimentos societais, culturais e históricos.

Os movimentos societais combinam por excelência um conflito social com um projeto cultural e que defendem um modo diferente de uso de valores mo-

rais, portanto baseiam-se na consciência de um conflito com um adversário social (Touraine, 2003, p.119). Segundo Touraine nos movimentos culturais, voltados para a afirmação de direitos culturais põe em questão a elite e apelam ao povo contra o Estado. A caracterização dos movimentos históricos, todavia perpassa a uma situação revolucionária, é a práxis dos movimentos anteriores. Define-se mais limita-se a discussão embora no entendimento da luta os movimentos sociais obedecem um "chamamento ao sujeito"(Touraine, 1998).

A luta pela necessidade da sociedade civil em reconhecer os direitos da Cultura Cigana, entretanto é bem mais subjetiva e mais ampla, no sentido de politicamente serem transformadas em ações como as reivindicações pela terra. Não há na historiografia um movimento Cigano contra a ordem estabelecida tão pouco comporta uma invasão, ou uma organização de cunho ideológico. É simplesmente a afirmação de direitos culturais, a própria necessidade, não de reescrever a história, mas a de ESCREVER a história. É um movimento de cunho Cultural/ Territorial e para isso vamos teorizar a partir de Foucault.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu de objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos ai o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (Foucault, Michel. A ordem do discurso).

Na ordem do discurso Foucault abre os pontos entre as práticas discursivas e os poderes que as impõe, fundamenta toda a sua ordem teórica nos discursos que controlam a sociedade, os discursos que neutralizam as lutas de um sistema que cerceia o poder do nosso próprio discurso, o discurso que queremos ter.

Para isso usa de forma clara e objetiva uma anedota que reduz a uma só figura todas as formas de intimidação e poder do discurso.

"No inicio do século XVII, o xogum ouvira dizer que a superioridade dos europeus- em termos de navegação, comércio, política, arte militar- desvia-se a seus conhecimentos de matemática. Desejou-se apoderar-se de saber tão precioso. Como lhe haviam falado de um marinheiro inglês que possuía o segredo desses discursos maravilhosos, ele o fez vir a seus palácios e ai o reteve. A sós com ele, tomou lições. Aprendeu a matemática. De fato, manteve o poder e teve uma longa velhice. Foi no século XIX que houve matemáticos japoneses. Mas a anedota não termina aí: tem sua versão européia. A história conta, com efeito, que aquele marinheiro inglês, Will Adams, fora um autodidata: um carpinteiro que, por ter trabalhado em um estaleiro naval, aprendeu geometria. Deve-se ver nesta narrativa a expressão de um dos grandes mitos da cultura européia? Ao saber monopolizado e secreto da tirania Oriental, a Europa oporia a comunicação universal do conhecimento à troca indefinida e livre do discurso." (Foucault: A ordem do discurso, p. 37)

Quando tratamos de historicizar o discurso da etnia Cigana no Rio Grande do Norte estamos nos referindo a sujeitos silenciados pela ordem do dis-

curso dominante. Os discursos obedecem a uma ordem dialógica que representadas por signos define gestos, comportamentos, circunstâncias, valores morais, o efeito devastador da palavra nas omissões e exclusões intimidadoras que fazem parte de um ritual que estabelecem para os sujeitos que falam propriedades e símbolos pré estabelecidos. Essa é a ordem teórica dos discursos historiográficos sobre a História dos Ciganos.

Não é uma história que precisa ser reescrita, é uma história que precisa ser ESCRITA. Há 437 anos circula pelo território brasileiro os Ciganos oriundos da península Ibérica, uma história que margeia perseguições, preconceito e barreiras sociais, no mesmo ano em que os japoneses atacaram Pearl Habor se iniciou o uso do gás como método de execução em massa, boa parte delas eram da etnia Cigana.

Movimento de cunho puramente cultural permeia as questões do acesso as condições mínimas de vida: educação, moradia, saúde, escolas, cidadania, território e acima de tudo reconhecimento identitário.

Parece contraditório, sociedades nômades em busca da territorialização, e de fato não o é, os Ciganos sofreram uma alteração nas suas estruturas sociais forçadas pelo sistema capitalista e pelo processo de globalização no qual a sociedade contemporânea passa. Isolados nas ilhas periféricas dos grandes centros urbanos os Ciganos são neutralizados pelo sistema através de um discurso democrático de uma sociedade cada vez mais consciente dos seus direitos e instrumentos de luta. É necessário se impor diante dessa neutralização orquestrada por um Estado que ainda vagueia cego nas questões de identidade étnica.

As duas medidas do sistema econômico capitalista. O punhal que fere a dignidade do povo Cigano em todo o território potiguar.

Diante das transformações por que passam os movimentos sociais, transformações de práxis e teóricas são inegáveis a construção da democracia e da cidadania numa sociedade que caminhava em silêncio, cujas lutas estavam pautadas entre a dialética de duas forças sociais que escondia uma sociedade repugnante, desigual e diversificada, entretanto a igualdade por qual seguimos as regras do sistema neoliberal acabou por excluir os diferentes.

Os novos movimentos sociais trazem a tona às discrepâncias construídas a partir do modo de produção capitalista.

O fortalecimento de uma sociedade democrática é basicamente os sujeitos dessa mesma sociedade se organizar discursos e signos que contribuam para a garantia dos direitos e da cidadania. Quando nos deparamos com os estudos, as identidades são discretas, quando não ausentes.

Essa ausência é a falta dos principais atores. Estudo historiográfico contado no inicio da história brasileira por cronistas, ou seja, o estado português, oculta toda uma tradição oral que "maravilhosamente" (invoco o maravilhoso da cultura popular) guardou os elementos essenciais para explicar o passado que não foi registrado em nenhum livro de história do Rio Grande do Norte.

O apagamento das identidades nativas e a formação de uma história contada pelas elites foram à destruição das especificidades étnicas, de 1530, quando se inicia a efetiva colonização e posse de terra, até 1988, quando a Constituição Brasileira proclama o direito ao pleno exercício da cultura e da identidade de cada brasileiro.

É o tempo de propormos uma reflexão critica e uma revisão nas questões impostas pelo "branqueamento" da história e de modo muito provocativo desconfiar da versão imposta por uma historiografia escrita longe dos principais agentes formadores de toda a nossa história.

É preciso construir uma arqueologia histórica e escavar os subterrâneos da história, trazendo à tona a amnésia e a vontade de nada esquecer todos os Ciganos do Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

GOSS, Karine; PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. (www.emtese.ufsc.br)

SANTOS, Boaventura de Souza; BEROUD, Sophie et alii. Protagonistas dos conflitos e produção do conhecimento. In: LEHER, Roberto. Setúbal, Mariana (Orgs.) Pensamento critico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis. São Paulo: Cortez, 2005, PP. 157-189.

SILVA, José Gomes da Silva. A Reforma Agrária brasileira na virada do milênio. Campinas: Abra, 1996.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Tradução. Sampaio, Laura.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. História dos Ciganos no Brasil. Recife. Núcleo de estudos Ciganos, E-Texto n.2, 2000.

FAORO, Raimundo: Os donos do poder, formação do patronato político brasileiro. Volume I e II.

FERNADES, José: Ensino de História e Diversidade Cultural: desafios e possibilidades.

HOLANDA, Sergio: Raízes do Brasil.

RIBEIRO , DARCY: O povo brasileiro.

FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo: Domínios da História. 6 tiragem, Editora Campos.

MARIZ, Marlene: História do Rio Grande do Norte. 2 edição. Natal –RN, 2005.

CASCUDO, Luis da Câmara: Lendas Brasileiras: 21 histórias criadas pela imaginação do nosso povo. Editora Tecnoprint S.A.

CASCUDO, Luis da Câmara: História do Rio Grande do Norte. Fundação José Augusto.

POLLAK, Michel. 1989. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200

POLLAK, Michael.1989. Memória, esquecimento, silêncio, Estudos Históricos 3, Memória, Rio de Janeiro, 2, 3: 15(http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf). Acessado em 10-09-2010.

CAVIGNAC, Julie. 1999. Vozes da tradição: reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em Antropologia, *Horizontes antropológicos*, 12: 245-265 {*Mneme – Revista de Humanidades* [On-line]. Disponívelem <URL:http://www.seol.com.br/mneme>}

LE GOFF, Jacques. 1996. *História e memória*, Campinas, Unicamp.

ARENT, Hannah. A Condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

CASTELLS, Manuel. O Poder da identidade. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2.]

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra, l989.

JELLIN, Elizabeth. Las familias en America Latina. In: Familias Siglo XXI. Santiago: Isis Iternacionale, 1994.

LAGO, Mara C. de Souza. Identidade: a fragmentação do conceito. In: SILVA, Alcione Leite da;

SILVA, Tomaz Tadeu. A Produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRUNI, José Carlos. Foucault: O silêncio dos sujeitos. In : Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, vol 1.Semestre -1989, 260 p. p. 199 a 207.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1998, 170 p.

DAVIEIRA, Adriano Salmar Nogueira. A fala do povo- a reprodução do conhecimento no saber popular. Petrópolis – RJ: Vozes, 1985, 129 p.

FERRO, Marc. A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação. Trad. Wladimir Araújo. São Paulo: IBRASA, 1983. 306 P.

CARDOSO. Ciro Flamariion S. Uma introdução à história. São Paulo : Brasiliense, 1981, 141 p.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais e luta pela moradia. São Paulo: Loyola, 1991 191p.

_____História dos Movimentos e lutas sociais . São Paulo. Loyola,1995

GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986. 341 p.

GRZYBOWSKI, Cândido. Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo. Petrópolis- RJ: Vozes. 1987, 90 p.

_____ Movimentos populares rurais no Brasil: desafios e perspectivas. In: STEDILE, João Pedro(Org.). A questão agrária hoje. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 1994, 322 p. Vozes. 1987, 90 p.

HOBSBAWM. Eric. A era das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, 343 p.

KLIEMANN, Luiza. RS: terra e poder. História da questão agrária. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, 176 p.

LE GOFF, Jacques(Org,). A história Nova. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1983, 318 p.

_____ História e Memória. Trad Bernardo Leitão. Campinas –SP: UNICAMP, 1990 533 p.

MEIHY, José Carlos. Manual de História oral. São Paulo: Loyola, 1996, 78 p.

THOMPSON, Paul; A voz do passado. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992, 385 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OS CIGANOS E SEU FUTURO. - Frans Moonen *[texto provisório, inacabado]*

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil.** Recife. Núcleo de estudos Ciganos, E-Texto n.2, 2000.

CAVIGNAC, Julie.1999. **Vozes de tradição: Reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em Antropologia**. Horizontes antropológicos, 12:245-265{ Mneme- Revista de Humanidades I On-lineI. Disponivelem- URL:http: //www.seol.com.br/mneme [

LAMARTINE, Juvenal. 1965. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal. Fundação José Augusto.

LE GOFF, Jaques. 1996. **História e memória.** Campinas. Unicamp.

POLLAK, Michel, 1989. **Memória, esquecimento, silêncio, estudos históricos 3. Memória**. Rio de Janeiro, 2,3: 15 (http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43pdf) acessado em 10-09-2010

POLLAK, Michel. 1989. **Memória e identidade social. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol.5, n. 10, 1992, p.200.

HOLANDA. Sergio Buarque de. 1988. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro. José Olympio, 20ª. Ed.

IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 1991:2000; Censo demográfico do Brasil (Características gerais da população- população por cor, raça e sexo segundo mesorregiões, as microrregiões e os municípios).

CASCUDO, Luiz da Câmara. 1968ª. **Coisas que o povo diz.** Rio. Bloch.

CORTESÃO, Luiza e PINTO, Fátima. **O povo cigano: cidadãos na sombra**. Porto. Ed. Afrontamento.

PIERONI, Geraldo. **Vadios e Ciganos, heréticos e bruxas: Os degredados do Brasil colônia.** 3 edição. Rio de Janeiro, 2006.

MOTA, Àtico Vilas Boas. **Ciganos: Antologia de ensaios**. Brasília, 2004.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa: **A história dos ciganos no Brasil**. Núcleo de Estudos Ciganos. Recife 2000.

MOONEM. Frans: **As minorias ciganas: Direitos e reivindicações**. 2000

MOONEM. Frans. **Rom, Sinti e Calon: os assim chamados ciganos.** 1992

MOONEM. Frans. **Ciganos Calons na Paraíba**. 1993.

VAZ. Ademir Divino. **A geografia e sua pertinência para o estudo da diversidade cultural**:um olhar sobre o território cigano. UEG. http://geografia.ffch.usp.br/publicacoes/rdg/RDG_19/07-A GEOGRAFIA PDF. Acessado em 02/07/1010

FRASER, A: **A história do povo cigano**. Tradução. Lisboa. Editorial Teorema. 1998.

NUNES, O. **O povo cigano**. Porto. Livraria Apostolado da Imprensa. 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**. São Paulo. Brasiliense, 1996.

CIGANOS. **Eternos intrusos**. National Geographic, abr. 2001.

CORADINI, Lisabete. Os ciganos. Dissertação (trabalho de conclusão). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1990.

CUNHA, Maria Manuela Carneiro Da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DOCUMENTO incrimina ações contra os ciganos. Tribuna do Norte, Natal, 3. Dez 2000.

FONSECA, Isabel. **Enterrem-me em pé**. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

WEBER, Max. **Relações comunitárias étnicas. In: Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília. Editora UnB, 1994.

HISTÓRIA AGORA: escrita e outros assuntos. Entrevista com o professor Carlos Sebe Bom Meihy: http://www.historiaagora.com/revistaatual/entrevistas/178-historia-oral-testemunhal-memoria-oral-e-memoria-escrita-e-outros-assuntos-entrevista-com-o-professor-jose-carlos-sebe-bom-meihy.

MORAES FILHO Melo: **Ciganos no Brasil**. Editora Itatiaia.

MORAES FILHO Melo. **O cancioneiro dos ciganos**. Editora Itatiaia

CHINA, José B de Oliveira: **Os ciganos do Brasil**, 1996.

COSTA, Emilia Vioti da. **Da senzala á colônia**. 4 edição: Fundação Editora da UNESP. 1998.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio, Guanabara, 1990.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje.** Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003

MOONEN, Frans. -1995. As minorias ciganas e o Direito: projeto de estudo interdisciplinar, Cadernos de Ciências Sociais 36, João Pessoa: MCS/UFPB [51pp.]

1996. "A História esquecida dos Ciganos no Brasil", Saeculum: Revista de História, João Pessoa, UFPB, 1996, no. 2, pp. 123-138.

1997. Ciganos, na Europa e no Brasil, Recife (edição do autor; 1ª ed. 1996) [134pp.] 1999. Rom, Sinti e Calon: os assim chamados Ciganos, Recife, Núcleo de Estudos Ciganos [218pp.]

2013. Políticas Ciganas No Brasil e na Europa – Subsídios para encontros e Congressos Ciganos no Brasil (Edição do autor revisada e ampliada).

JORNAIS CULTURAIS ALTERNATIVOS NAS DÉCADAS DE 70 E 80 EM NATAL

Carlos Frederico De O. L. Da Câmara
carlosastral@hotmail.com

Os jornais culturais alternativos fogem ao padrão dos jornais comuns (que tem estrutura técnica e econômica possibilitadora de uma longa existência através dos anos). Portanto os jornais culturais alternativos, por sua precariedade técnica e econômica, duram pouco tempo.

A aventura fantástica do mundo fabuloso, mágico e espetacular dos jornais culturais alternativos em Natal, está como protagonista nas páginas do livro GERAÇÃO ALTERNATIVA – Antilogia Poética Potiguar, anos 70/80, organizado por Jota Medeiros (Amarela Edições/PROFINC, Natal, 1997).

No início da década de 70, floresceu em Natal esta cultura de desenvolvimento à margem, entre nós. Assim como em todos os estados do Brasil, surgiu em Natal grande quantidade de pequenas publicações, numa verdadeira explosão que poderia ser admitida como uma forma de resistência alternativa. O teor dessas pequenas publicações, também conhecidas pelos rótulos de imprensa marginal, independente, nanica e de mimeógrafo, era dos mais abrangentes, indo do humorismo à poesia, passando por temas como ecologia, homossexualismo, negritude, feminismo, política, quadrinhos, teatro, cinema e tantos outros temas, mas a esmagadora maioria era a poética. Ainda hoje a imprensa alternativa subsiste principalmente na internet, revelando que esse espírito de oposição nunca deixou de existir.

Os anos setenta são representados por uma nova geração dos jornais culturais alternativos em Natal, que abrange toda a década de 80. Em 1972, surgiu a primeira edição do jornal tipográfico **O SISTEMA**, do chamado «Movimento Tensorial», o qual teve apenas dois números editados e tiragem aproximada de 100 exemplares, com edição do poeta, escritor e professor da UFRN, Rubem G. Nunes. Em 1974, também o jornal alternativo **O CARCARÁ**, editado pelo teatrólogo e sociólogo Racine Santos. Em 1975, o **JORNAL DA PRAIA**, editado por Racine Santos e Osório Almeida, do qual circularam apenas três edições. Jornal LETREIRO, iniciativa dos estudantes do curso de Letras da UFRN, Carlos Humberto Dantas e Anchella Fernandes.

A década de 80 se caracterizou com uma forte e atuante presença das publicações alternativas. No início da década é publicado o jornal-poster **DITO E FEITO**, editado e coordenado pela escritora, poeta e professora da UFRN Socorro Trindad, com cinco números editados, uma publicação do Laboratório de Criatividade Literária, projeto experimental da UFRN. Em 1983 é publicado

o jornal **HOTEL DAS ESTRELAS**, tendo como editor o jornalista Daniel do Carmo e fudador e colaborador Véscio Lisboa (Subhadro) e outros. Esse jornal com apenas um número publicado em formato tablóide, com poesias, ilustrações, quadrinhos e filosofia indiana. Em 1984 surge a folha RANGAL, editada por Osório Almeida. O primeiro número, defendendo o direito dos índios com um manifesto em encarte especial de papel couché, tiragem: 1.000 exemplares, com 26 números, poesias da geração dos anos 80 e textos de pensamento político nôvo. Osório Almeida publicou também a folha AUTOEDIÇÃO, jornal político-literário e a folha BRASIL DE ESQUERDA, literário, ecológico e poesias. Surge a **FOLHA POÉTICA**, de tamanho ofício, tiragem de 500 exemplares e periodicidade mensal, edição do poeta Aluízio Mathias e colaborações de outros. No mesmo período circulou a folha poética e política LUMIAR, idealizada por João Barra em parceria com o médico João Batista (Zizinho) e Flávio Américo Novaes, fotógrafo e programador visual. Registre-se ainda no início da década de 80, o jornal cultural de trovas **A TROMBÊTA**, editado mensalmente pelo advogado e trovador Sebastião Soares (In memoriam), metade ofício, com longa duração, tiragem de 500 exemplares, periodicidade mensal, era distribuído.

Jornal **DEÍRIO URBANO**, fundado pelo poeta Carlos Astral, João da Rua, Afonso Martins e Novenil Barros, tinha como editor Marcos Ottoni e colaborações de outros. Circulou com 3 edições em tamanho ofício, com tiragem inicial de 500 e 1.000 exemplares, ao preço de CR$ 5.000,00 e periodicidade bimestral (1985/1986), com ilustrações, grafites, charges, fotos, opiniões, poesias underground e entrevistas. Jornal **THE ACTION FILE**, produzido pelos universitários Rodrigo Hammer e Carlos Henrique Leiros, especializado em Rock (Progressivo, Hard, Punk, anos 60). Foi o primeiro fanzine de música publicado no RN, em formato A4, bimestral e xerocado. Surgiu como um catálogo de gravações em fita K-7 chamado «Rock in Roll Action», com aproximadamente 12 edições.

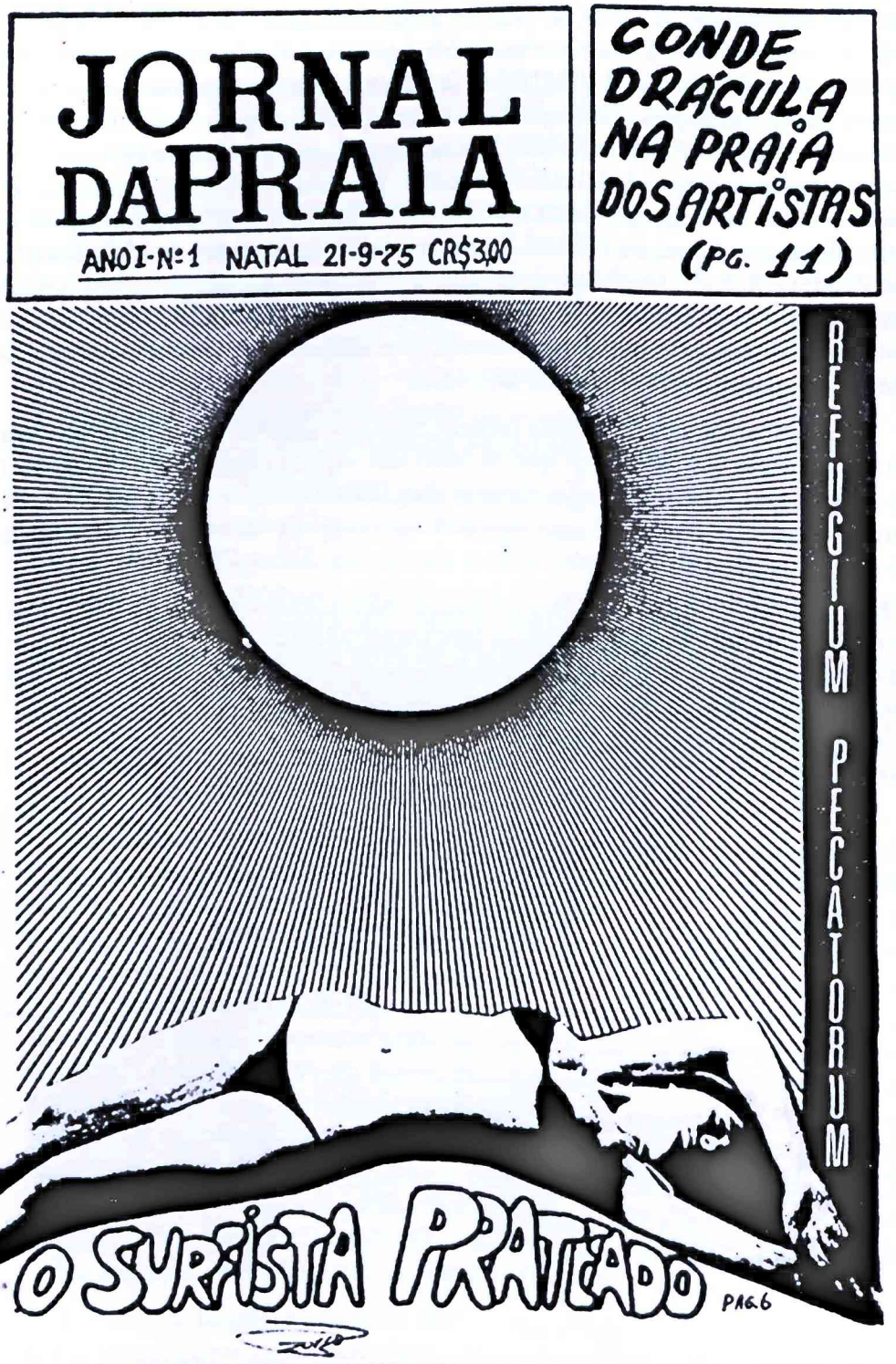
Também na década de 80, diversos folhetos foram editados pelo professor, tradutor e poeta Haroldo J. B. Silva (Sopa d'Osso), como o **DIÁRIO PUNK DE NATAL**, **NATAL PUNK** e **A VOZ DO ÓDIO**, material em Xerox, distribuído gratuitamente. **A VOZ DE CANDELÁRIA**, depois **FOLHA DE CANDELÁRIA**, mensal, publicada em 1989 com 20 edições e tiragem de 1.000 exemplares. Colaboravam Guto de Castro, Genildo Antunes, Marcos Antonio e outros, abordando cultura, poesias e perfil da comunidade, atualmente está ligado ao CONACOM, associação do bairro. Destacamos aqui o jornal trovadoresco **ALMENARA**, do trovador e professor Rodrigues Neto, jornal de trovas, poesias e ilustrações, distribuído gratuitamente, com tiragem de 500 exemplares. Rodrigues Neto publicou ainda os jornais de trovas **ALBOR**, **GERMINAL** e **TROVAVOANDO**. Citamos também **O SEGREL**, editado pelo trovador Francisco Bezerra (in memoriam), distribuído gratuitamente e o **TERRA NATAL**, do trovador premiado Reinaldo Aguiar (in memoriam).

O jornal **A MARGEM** (1985/2005) marcou época em Natal, com edição do poeta visual Falves Silva, jornalista, crítico literário e poeta processo, Anchieta Fernandes e participações dos poetas Charlier Fernandes, Franklin Capistrano, Moacy Cirne, Marcos Silva, Véscio Lisboa e outros. No ano de 1987 temos a

publicação do jornal T A O, em tamanho ofício e 4 páginas, jornal lítero-cultural abordando astrologia, filosofia e ciências, circulou apenas 2 edições. Coordenado por Edilson Maciel e editado peloo jornalista Luciano Almeida, com tiragem de 500 exemplares. A partir do ano de 1986 edita-se a folha BALAIO INCOMUM, dirigida pelo poeta e professor Moacy Cirne. Registramos ainda no final da década de 80 o jornal A FRANGA, um jornal «sêmen anárquico» com textos, fotografias e ilustrações. Esse jornal, de formato ofício e periodicidade trimestral vendido ao preço de Cr$ 1.000,00. Idealizado pelo sebista e editor Abimael Silva, poeta Dorian Lima e colaborações de outros. No final dos anos 80 circulou também o jornal humorístico **CEBOLA FAZ CHORAR** (1988/1989), fazia sátiras aos colegas estudantes da UFRN. Eram seus editores Isaac Ribeiro, Carlos Magno Araújo e Robson Medeiros, entre outros colaboradores. Registramos também no final da década publicou-se o jornal **ARROCHA O COLORAU**, em formato tablóide, editado pelo jornalista Miranda Sá e colaborações de outros, jornal crítico-humorístico-literário, com 3 edições.

A principal característica dos jornais culturais alternativos é que eles trabalham a notícia de forma em que se abre um espaço maior para discussão da democratização da informação. Com a chegada do computador popularizado a preço acessível, então surgiram os jornais culturais alternativos on line, que, podemos dizer, são os substitutos de hoje dos jornais alternativos impressos.

FONTES: MEDEIROS, J. (Org.). Geração Alternativa – Antilogia Poética Potiguar, anos 70/80 (Amarela Edições/ PROFINC, Natal, 1997); MELO, Manoel Rodrigues de Melo. Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte – 1909-1987 (Cortez Editora/FJA, 1987); Coleções e Acervos – Imprensa Alternativa – Sandra Alves Horta (Internet)


JORNAL DA PRAIA
ANO I - Nº 1 NATAL 21-9-75 CR$3,00
CONDE DRÁCULA NA PRAIA DOS ARTISTAS (PG. 11)
REFUGIUM PECCATORUM
O SURFISTA PRATICADO
PAG. 6

A RELIGIÃO NA RELEITURA DE MARX

Carlos Roberto de Miranda Gomes
Sócio efetivo do IHGRN

Sob o impacto dos problemas de uma Alemanha conturbada pelos conflitos sociais e políticos, Karl Marx, ainda jovem, ofereceu o seu pensar para a busca de uma solução, através de uma das mais controvertidas de suas obras - *A Questão Judaica,* cuja essência ficou marcada no tempo pelas críticas simplórias ao pensamento ali esposado, sem a contemplação da época e espaço para a qual foi escrita, reincidindo na mesma injustiça antes feita a Maquiavel, quando em *O Príncipe,* buscava o ideal maior da unificação da Itália.

Marx, por sua vez, perseguia ideal de igual grandeza - *a emancipação humana*, que então periclitava diante de um exagero teológico, distanciado do comando primeiro ditado por Jesus ou adotando a polêmica existencial do Judaísmo, fazendo-o, então, verberar de maneira extremada:

"A miséria religiosa é, de um lado, a expressão da miséria real e, de outro, o protesto contra ela. A religião é o soluço da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de uma situação carente de espírito. É o ópio do povo." (QJ, 2ed. Moraes, p. 106).

Com isso, se nos parece, quis despertar a consciência do homem para a sua total libertação, deixando de lado a sua imagem de fragilidade, de culpa a merecer penitência, de uma conformação irracional, aceitando a caridade ao invés de lutar pelo seu direito de ser, doutrina, aliás, muito difundida na Era Axial.

Na esteira daquele pensar, registra Giuseppe Staccone, em sua obra *Filosofia da Religião*, ed. Vozes, p. 114, que o Estado laico, proclamando a liberdade e igualdade de todos os cidadãos, deixou os homens na miséria em que se encontravam, porque o homem não se libertou da alienação religiosa, mas apenas obteve a liberdade religiosa; não se libertou da propriedade privada, mas obteve o direito reconhecido, politicamente, da propriedade privada etc.

Essa linha filosófica, decorrência da antítese ao liberalismo, segundo Marx, reduz o homem a membro da sociedade burguesa, a indivíduo egoísta independente e, na ocasião, invocou as idéias de Rousseau, de quem assimilou a descrição:

> "Aquele que se propõe à tarefa de instituir um povo deve sentir-se capaz de transformar, por assim dizer, a natureza humana, de transformar cada indivíduo, que é por si mesmo um todo perfeito, solitário, em parte de um todo maior, do qual o indivíduo receba até certo ponto de sua vida e seu ser, de substituir a existência física e indepen-

> dente por uma existência parcial e moral. Deve despojar o homem de suas próprias forças, a fim de lhe entregar outras que lhe são estranhas e das que só possa fazer uso com a ajuda de outros homens."

Temos aqui o protótipo do homem solidariedade, do coletivismo, da união pela emancipação humana, sem lágrimas ou soluços, sem a dádiva da esmola, senão circunstancialmente.

É da sabedoria popular, como tão bem nos transmite a criação dos imortais Luiz Gonzaga e Zé Dantas, quando protestando contra o descaso ao nordestino, advertem: "dar esmola ao homem que é são, ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão".

Nesse contexto precisa-se de uma releitura de Marx, abstraindo-se do seu pensamento puro, concebido no clima da primeira metade do Século XIX, como o fizeram alguns dos seus críticos, ao apontarem a falha marxiana da incompreensão do fenômeno histórico da religião, entendendo-a como um "reflexo" passivo e mecanicisticamente esvaziado, "... encontrado num beco morto da experiência histórica. No entanto deixam de refletir sobre o fato sociológico, verificável historicamente que determinadas preocupações e respostas dos homens sempre assumiram uma forma religiosa." (F.Ferrarotti, *Il paradosso del sacro,* apud Staccone, ob. citada anteriormente, p. 119).

Nos dias atuais a religião adota uma nova visão do mundo e as igrejas cristãs lutam pela emancipação humana, enaltecendo a dignidade do homem, criado à semelhança de Deus, como pregou o Cristo Redentor. Certamente que se Marx vivesse nos tempos atuais, a sua crítica da religião estaria em outro patamar, até porque ele próprio não descartou a convivência com aquela, quando em determinado trecho da sua polêmica obra dissertou:

> "A verdadeira felicidade do povo exige que a religião seja suprimida, enquanto felicidade ilusória do povo."

Assim, é correto concluir: desde que a religião não seja felicidade ilusória do povo, não existirá razão para ser suprimida. Esta nossa conclusão não é isolada, mas encontra fundamento em comentadores de nascente marxista, apud Staccone, p. 118:

> "... a religião não deve ser entendida feurbaquianamente só como alienação de si, mas também como inspiradora de práxis libertadora. Isto, dito laicamente, significa que existe, interiorizada na consciência religiosa uma dialética de *alienação-libertação*, que por razões estritamente inerentes à fé pode traduzir-se em "protesto

> contra a miséria terrena" e práxis de libertação." (Franco Rattistrada). E, ainda, na pregação de um outro seu seguidor, em relação à certeza da morte da religião na sociedade realizada no futuro comunista, quando afirma: "como a religião foi voz de protesto contra a miséria da sociedade não-realizada, assim pode continuar a protestar contra os limites e as absolutizações da nova sociedade." (A. Zanardo).

Podemos, por todas essas razões, entender na direção de que, enquanto a religião, por suas igrejas, mantiver a fidelidade aos verdadeiros ensinamentos de Cristo, na direção da emancipação humana, o marxismo não terá legitimidade de recrudescer sua luta pela extinção daquela, que não pode ser acusada de apenas abrigo de lágrimas, sofrimento ou ser o ópio do povo, máxime com a filosofia adotada pelo Papa Francisco, restaurador do ecumenismo que caracterizou o sábio João XXIII.

AO MESTRE AMÉRICO, COM CARINHO

*Carlos Roberto de Miranda Gomes**

Nunca é demais prestar um depoimento sobre o Professor AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA, embora possa parecer um desafio difícil, dado o fato da minha pequenez cultural para avaliar esse homem notável e sua obra.

Preferi, então, voltar aos bancos acadêmicos da velha Faculdade de Direito da Ribeira, para dali evocar os dias de convivência do circunspeto homenageado, de feições completamente amenas e andar absolutamente simétrico, impactando seus alunos com aulas diferentes, doces e profundas, de quem percorreu o mundo e, sobretudo, de quem cresceu no meio de livros em sua rica biblioteca, convivendo com seus incontáveis habitantes, amigos invisíveis em cada compêndio, que davam ao ambiente aquele cheiro característico, em que o pó tomava o corpo e se depositava nas mãos.

Pela sapiência transmitida aos seus pupilos, era fácil deduzir que a sua leitura não era apenas mecânica, explorando os olhos já bastante cansados e massacrados pelas madrugadas de leituras e que lhe impôs pesadas lentes por todo o seu tempo vivente. Penetrava na intimidade dos autores e, em cada livro, compartilhava com a alma de quem o escrevera.

Deste modo, perpetuou algumas obras e se fortaleceu com a essência que delas encontrava.

Foram algumas avenidas de volumes percorridas e incontáveis emoções, acumuladas em cada livro que o adotara. Disso tudo nos dava notícias, reproduzindo alguns trechos que o empolgavam mais recentemente, deixando-nos ansiosos para obter a oportunidade de também abraçar aqueles nobres ensinamentos – era assim um apontador de obras, facilitando a natural preguiça dos jovens leitores iniciantes, em procurá-los nas livrarias ou bibliotecas disponíveis.

Vale lembrar as palavras de MAQUIAVEL, em transcrição do homenageado no alvorecer do seu livro "O Comércio das Palavras" – vol. IV, que merecem registro:

> 'Finda a tarde, retorno aos meus aposentos. Vou para minha biblioteca. Deixo, na ante-sala, as roupas poeirentas de todos os dias e visto-me como se fosse aparecer nas Cortes e diante dos reis. Preparado, assim, convenientemente, penetro nos salões antigos dos homens do passado, Eles me recebem amavelmente; em sua companhia, eu me nutro do alimento que é especificamente o meu e para o qual nasci. Ouso, sem timidez, conversar com eles, interrogá-los sobre a razão de seus atos; tão grande é sua delicadeza que eles me respondem'.

O tempo passara mais rápido do que pretendíamos e reencontramos o Mestre nas lides da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Por incrível que pareça, éramos colegas e já diferente o relacionamento. Eu já amadurecera um pouco, com mais coragem de aproximação com aquela vetusta pessoa.

Em um dos nossos encontros recebo o presente do seu livro '*A Biblioteca e seus Habitantes*', numa primeira edição pela Imprensa Universitária, com capa de Navarro e o carinhoso oferecimento 'Ao prezado amigo e colega Carlos Gomes, com apreço e admiração, Américo de Oliveira Costa. Natal, 3/2/77'. Foi uma glória.

Grifei várias expressões do seu pensamento, a destacar, de forma muito breve:

> 'A República dos autores tem uma população variada e colorida, a viver e a movimentar-se entre sentimentos e posições extremas: ambições, entusiasmos, vaidades, idiossincrasias, louvores incompreensões, suscetibilidades, ódios...' E mais adiante: 'Que seria o homem sem o pensamento e a alocução? Ou melhor: sem o livro?'

Ainda em 1977, pela mesma EU recebo '*Visões da Pátria*', como comemoração da Semana da Independência daquele ano. Nesta 'plaqueta', compartilhada com o aluno João Frederico Abbott Galvão Júnior pontifica o seu ardor nacionalista, em determinado momento, após aludir que todas as grandes religiões possuem os seus textos sagrados, que são recitados e comentados nos templos, nas sinagogas, nas mesquitas, nos pagodes asiáticos, conforme o ritual específico, concluindo que:

> 'A religião da Pátria, porque a Pátria também é uma religião, uma crença e uma fé, porque a Pátria é espírito e moral, possui, igualmente, memória, símbolo, testemunhos, fastos, legendas ou canções de gesta, que se impõem com a mesma incoercível ardência, com a mesma projeção, constituindo-se em ideário, em exemplo, em sustentáculo de confiança e "esperança".

E daí por diante passei a buscar seus demais trabalhos os quais tenho em minha biblioteca, como o livro de estréia, em 2ª edição, pela Achiamé/FJA, 1982, seguindo-se da série '*O Comércio das Palavras*', volumes I, pela ed. Presença, 1989, volume II, pela FJA, em 1991, volume III, pela mesma Fundação, em 1992 e o volume IV, pela editora CLIMA, em 1994. Nestes trabalhos seqüenciados não tenta refazer a obra anterior 'A biblioteca e seus Habitantes', mas são escritos paralelos, dentro dos diversos caminhos e expressões do território literário, e com o mesmo amor aos livros (advertência que faz no início do primeiro volu-

me), que denominou de 'Textos e montagens', comentando consagrados autores, seus atos e suas obras, assim continuando nas publicações que se seguiram. Aqui, porém uma digressão em razão do volume II, quando, num rasgo de sentimento e justiça proclama:

'Conta-se que, de volta do cemitério, onde acabavam de enterrar o corpo do educador Anísio Teixeira, o professor Péricles Madureira Pinho confidenciou ao escritor Hermes Lima: "Agora, temos de aprender a viver sem Anísio". Circunstância ingrata, esta, sem dúvida, e que se pode repetir aqui e ali, na vida comum dos homens. Quando os amigos de Walter Pereira, por exemplo, retornávamos do cemitério do Alecrim, onde dele nos despedimos pela última vez, a sensação que nos polarizava era a mesma: "Agora, temos que aprender a viver sem Walter".

É bom lembrar que Walter abrigava em sua Livraria Universitária, no segundo espaço físico que ficava a partir do Beco da Lama, à reunião regular do "Senado dos Intelectuais", com as presenças certas, dentre outros e além de Américo, de Alvamar Furtado de Mendonça, Mário Moacyr Porto, Gorgônio Regalado de Medeiros, Coronel Leão, Humberto Nesi e, de quando em vez, de João Medeiros Filho, Luiz Romano e Edgar Dantas, enquanto, em outro local, se reuniam os integrantes do 'Senadinho', por onde eu transitava com tantos outros companheiros: Inácio (o bispo de Taipu), Doutores Chiquinho, Gilvan Carvalho, Roberto Furtado (Bob), Djacir Macedo, Stênio da Silveira, Manoel Onofre, João Batista Costa de Medeiros, Vicente Serejo e outros que a memória perdeu neste momento.

Com a morte de Walter, a casa do Dr. Américo passou a abrigar as tertúlias culturais e o baixo clero dispersou-se.

Foi jornalista, escritor, ensaísta, e crítico literário, tendo merecido um prêmio pelo ensaio biobibliogrático denominado *'Viagem ao Universo de Câmara Cascudo"*, FJA, 1969 e republicado agora em 2008. Nesta publicação destaca sobre Câmara Cascudo:

> 'Esboçar-lhe um retrato, completo e definido em todas as suas linhas e dimensões, ainda é cedo...' E complementa: 'Estas imagens são, assim, visões, ângulos, posições, projeções sem dúvida insuficientes e inconclusas, de quem andou percorrendo, paciente e sistematicamente, áreas julgadas mais significativas e ricas do mundo por ele construído.'

De sua produção literária só não conheço 'Seleta de Luís da Câmara Cascudo', da editora José Olimpio, 1972 e 1976.

Participou de várias antologias e tem dois trabalhos biobibliográficos em sua homenagem, de autoria de Vitória dos Santos Costa, Sebo Vermelho, 2003 e Memória Viva organizado por Carlos Lyra, EDUFERN, 1998.

Este cidadão do nordeste entrelaçou a cidadania de vários irmãos vizinhos, era macauense de 22 de agosto de 1910; filho do baiano Pedro Vicente da Costa e da potiguar Victória Petronilla Alves, casado com a pernambucana Josefa dos Santos Costa e seus filhos Pedro Américo, José Américo, Vitória, Paulo Américo e Carlos Américo, todos natalenses. Faleceu em Natal em 1º de julho de 1996. Bacharel da tradicional Faculdade do Recife, turma de 1935, fundador da Faculdade de Direito de Natal, um dos fundadores da Aliança Francesa de Natal, foi também político, magistrado na condição de jurista e diplomata honorário. Recebeu inúmeras condecorações nacionais e estrangeiras. Enfim, um homem notável cujos demais atributos certamente serão destacados pelos demais participantes de sua convivência.

Resta-me dizer da minha alegria em poder homenagear tão aclamado escritor como um preito de saudade e justiça.

---

* Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Academia de Letras Jurídicas do RN, Academia Macaibense de Letras, Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do RN, Sócio da União Brasileira de Escritores do RN, Sócio do Instituto Norte-Riograndense de Genealogia e Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO

Ciro Tavares

"A dor é um momento prolongado que não se pode dividir em estações", escreve Oscar Wilde no "De Profundis". Nenhuma expressão é mais forte e verdadeira para desnudar meu comportamento, se as lembranças do meu pai, o cirurgião José Tavares da Silva, voltam de infinito qualquer guardado em mim. Pareço estar mergulhado numa espécie de outono quase permanente, sobretudo se, de alguma forma, posso vê-lo, através das lágrimas, na escuridão. Quando José Américo dos Santos Costa, o guardião dos livros, retirou da casa da Rua Assu, o que sempre foi intocável e sagrado, julguei que tudo estivesse consumado. Lembro como se fosse hoje. As prateleiras sendo esvaziadas e preciosos volumes, entregues, por mim e Vitoldo Noronha, ao diligente e estimado auxiliar que os levou para o antigo gabinete do professor, no Hospital das Clínicas. O gesto tocou-me tão profundamente, que ao escrever Atos Finais, poema que fecha meu livro Além da Rosa-Dos-Ventos, faço-lhe emocionada referência:

Um dia, quem sabe?
Teu galeão conduzirá
Derradeiros utensílios e os ossos
Reserva-me parte da carcaça
Para sepultar nas sombras velhos sonhos.

Ao longo de minhas saudosas reflexões, eu construí um José Tavares legendário. Hoje gostaria de retomar sua realidade parra evocar cenas de sua maturidade e juventude.

O resultado excepcional nos exames preparatórios repercutiu. Onofre Lopes guardaria o nome do vitorioso desconhecido como se fosse moeda de inestimável valor e os inseparáveis amigos da tatajubeira, Joaquim Noronha, Vicente, Carlos e Antônio Farache, apostam no brilhantismo futuro. Agora é chegado o tempo de continuar os estudos na Capital Federal e Maquilina, mãe cuidadosa, decide acompanhá-lo. As Parcas, num período de 30 anos, haviam imposto severas provações. Desde a tragédia de Cícero, o primogênito, em Bananeiras, na Paraíba, das mortes Cyro e de Josefa, ambos com menos de 25 anos, e do próprio marido, João Félix, todas ocorridas na Ribeira, compreendera, à semelhança da Hécuba

de Eurípides, que a dor e o sofrimento nela atingiram os níveis mais elevados. José, era assim que Marquelina o chamava, soubera de Cícero através dos pais, o melancólico relato do terrível acidente, numa tarde estival na quieta cidade do brejo paraibano. Quanto aos outros dois irmãos, acompanhou de perto o desenlace. Cyro, devastado pela tuberculose contraída no Rio de Janeiro, onde tentara o curso de Direito. Josefa, de insuficiência respiratória, dentro de descomunal quadro enfisemático. O pai, provavelmente de cardiopatia, que veio surpreendê-lo num repouso vespertino. Assim, Marquelina e José, como no Paraíso Perdido, solidão e sonhos entrelaçados, abandonam as sombras da casa na Ribeira, fugindo das lembranças mais sofridas.

No Rio de Janeiro, ao menos temporariamente os dias parecem mais amemos. Desde 1906, quando o Padre João Maria, pastor sagrado da cidade e amigo, morreu na casa de veraneio do casal Tavares da Silva, no Alto, os ventos e as tempestades da vida fustigaram, repetidamente, as venezianas de Marqulina e de José Tavares. Agora, apesar das dificuldades naturais, eram mais sólidos os caminhos. A potencialidade financeira não permitiu que morassem nas melhores áreas urbanas da Capital. Restou-lhes a opção dos subúrbios da Leopoldina, alugando modesta casa no Rocha. O filho, depois de instalados, preocupou-se na descoberta dos bondes que o levariam à Escola Politécnica. A predileção pela matemática orientara seus passos para estudar Engenharia. A conversa com um estudante que, por três vezes tentara, sem sucesso, o vestibular, determinaria a reformulação dos planos.

No meio do caminho, o maldito dinheiro é pedra intransponível, porquanto no livro contábil de sua mãe só existe a coluna de débitos. Todos os recursos haviam sido disponibilizados para um período de seis anos. Procuram Cincinato Chaves para discutir o assunto e o conterrâneo propõe sem delongas: Dona, porque José não estuda Medicina? Com o termômetro e a caneta vai ganhar mais dinheiro. Posso levá-lo para conhecer a faculdade, na Praia Vermelha. O ambiente causa profunda impressão no jovem observador, mas é no pavilhão de Anatomia, anexo á Santa Casa de Misericórdia, que seu coração bate mais forte. Memoriza a inscrição latina, acima da porta principal, para depois conhecer a tradução, "Este é o local onde os mortos concorrem para socorrer a vida". Entre o largo Carioca e o Rocha, no bonde, mergulha nas profundezas do seu espírito, questionando angustia e aflições que teriam cercado as desconhecidas vidas, agora cadáveres sobre brancas mesas de mármore polido. E enquanto parece ainda ouvir o matraquear das tesouras partindo ossos e aspirar ao formol suspenso no espaço, todo seu passado aflora. Padre João Maria, Josefa, João Felix. Não teria ele, médico, aliviado as dores ou prolongado suas existências? Decide-se e comunica à protetora que o abraça comovida e confiante.

Na faculdade construiu grandes amizades, no meio de saudável competição. De um lado Deolindo Couto, bem nascido, influente e seu grupo de amigos. Do outro, os arredios nordestinos e os paulistas nada comunicativos. Na Anatomia, por exemplo, Deolindo, professoral, francês fluente, atraia os que não tinham intimidade com o idioma, cujos Atlas e livros clássicos estavam nele publicados. Contudo, inteligente, observou que o Dr. Silva Santos, responsável pela cátedra,

dava especial atenção ao modesto companheiro. Frequentador assíduo do necrotério, onde era sempre encontrado, dissecando e preparando peças, na companhia de outros colegas. Ao longo do tempo foi que soube melhor de José Tavares. Ao estreitar a camaradagem percebeu que, por detrás do indivíduo calado, que já lera, no original, cinco das mais importantes obras de Anatole France, escondia-se cultura valiosa. Não estava errado. Com exceção de Anatomia patológica, na qual recebeu simplesmente, foi aprovado com distinção em todas as outras matérias. No segundo ano, é convidado por Raul Batista para trabalhar no Hospital São Francisco de Assis e reencontra Luís Antônio, seu professor de ciências na Rua da Palha, em Natal, que, beneficiado por legislação, ingressa na Faculdade, dispensados dos exames de acesso.

Durante o curso, além de Luís Antônio, Valdir Caldas Pires e Godofredo de Freitas são os mais íntimos. Nos finais de semana, para não deixá-lo isolado no Rocha, os dois cariocas estendem ao companheiro convites para bailes, tertúlias e festas familiares. No apertado orçamento de Marquelina, José tinha direito a um terno por ano e quando os dias mostram o flagrante desgaste do tecido, abandona as diversões sem omitir o motivo. A franqueza como expõe as dificuldades, aumenta o apreço dos colegas afortunados. Depois de três anos no Rocha, Marquelina, atormentada pela rinite alérgica, resolve mudar-se para outra casa na Rua São Francisco Xavier, perto do Hospital. José Tavares, além do mestre Raul Batista, terá oportunidade de trabalhar com o Dr. Brandão Filho, príncipe dos cirurgiões brasileiros nos anos 20. As despesas com a iniciativa abalaram as finanças minguadas a ele pensou em suspender as aulas de alemão que começara a estudar por influência de Silvio de Abreu Fialho. Marquelina reagiu contrariamente. Tudo o que significasse cultura, conhecimento e soma de experiência, dela recebia incentivo imediato. Portanto, a idéia estava fora de propósito. Escreveu à amiga Maria Carmina Farache, em Natal, detalhando os problemas e solicitando o empréstimo de quatro contos de réis para José concluir o curso. Vicente Farache estava no Rio estudando Direito e quando os estudos e o Flamengo, depois do ABC, sua grande paixão, permitiam, aparecia sábados ou domingos para conversas amenas e defender-se na saborosa comida caseira. Uma tarde, meio da semana, Vicente, contrariando hábito, chega à casa da São Francisco Xavier. Esbaforido, lenço enxugando o suor na testa, cabelo desalinhado e paletó aberto, entrega um pequeno e bem feito pacote, encomenda que Carlos, o irmão, recomendara urgência. Era o socorro abençoado de D. Maria Farache aportando nas mãos Marquelina.

No último ano, determinações do Dr. Rocha Vaz, uma espécie de Ministro da Educação do Governo Bernardes, causaram sério incidente. Numa Portaria, flagrantemente ilegal, a Universidade cria taxas e modifica valores de emolumentos, Marquelina que, a partir do dinheiro recebido, redimensionara as despesas, nelas acrescendo até mesmo a viagem de regresso, ficou inteiramente desnorteada e José Tavares, mais uma vez, sentiu a aspereza dos caminhos. Só que não estava sozinho. A quase totalidade dos colegas reagiu ao ato discricionário, típico do Sr. Artur Bernardes, que, desde a posse governava sob estado de sítio. A reunião de protesto, na Faculdade, mostrou que a calma e cordialidade do colega potiguar tinham limites. Falando na assembléia criticou Rocha Vaz com palavras bastante

inadequadas. Os paulistas, que odiavam Bernardes, aplaudiram e o ambiente dividiu-se, tenso e surpreso com o que acabara de ouvir. Qualificar o médico particular do Presidente e de sua família, exercendo importante cargo de confiança, como "ladrão e subserviente", fora gesto de completa insensatez e previsíveis o inquérito e a punição.

Apenas o restrito círculo de amigos, Luís Antônio, Rocha Pires, Godofredo de Freitas, Olavo de Souza Carvalho, Paulo Campos Córtez – conhecia bem as razões do destempero verbal. Acabrunhado com o que poderia suceder, a antevisão do eclipse total de seus esforços e dos sacrifícios da mãe adorada, levaram-no a retraimento preocupante. Foi quando as amizades de Rocha Pires e Godofredo de Freitas falaram alto. Descendentes de influentes famílias de militares, ao mesmo tempo em que se uniam para ajudá-lo no pagamento dos tributos, articularam para que o fato morresse como se nunca houvesse começado. E conseguiram.

A arraigada vocação de servir o Rio Grande do Norte obriga-no a renunciar a tentação dos convites generosos que, se aceitos, certamente iriam projetá-lo no panorama da Medicina brasileira. O mestre Raul Batista gostaria da permanência, na condição de assistente, no Hospital da Faculdade. Contando com a sua participação, Caldas Pires Godofredo sonham com clinica moderna, na Zona Sul do Rio de Janeiro, onde está a elite, os luxuosos palacetes e a garantia do sucesso pessoal quase imediato. Recusa todas as propostas. Seus pensamentos estão voltados, exclusivamente, numa direção: rever as ruas do menino, a Ribeira, irmã das Rocas, cem por cento canguleira, ouvir o barulho do mar quebrando nos recifes da praia do meio, aspirar a maresia que a brisa sopra sobre o corpo do Rio Potengi, ter os olhos ofuscados pela mesma claridade que as dunas absorvem e reencontrar os companheiros da tatajubeira, amigos, além da eternidade.

O médico José Tavares conhece Januário Cicco através de Luís Antônio. Três temperamentos diferentes ocupando a mesma cena – o antigo Hospital de Caridade Juvino Barreto. Januário, o irritadiço administrador de mão de ferro, Luís Antônio, o gênio forte, acobertando o homem paciente e ponderado, que argumenta com extrema facilidade e José Tavares, o cirurgião moderno, diagnósticos rápidos e bisturi preciso, rebelde e indiferente à rigidez do regulamento anacrônico. Aparando arestas e contornando choques, estão Otávio Gouveia Varela, Ernesto Fonseca, Adolfo Ramires, Vale de Miranda e o dentista Clidenor Lago. No meio deles os abnegados José Enfermeiro, braço direito de Januário, D. Leonor Monteiro da Silva, a parteira, e a irmã Albina Vieira, da Congregação das Filhas de Santana. Não demora e os primeiros conflitos no relacionamento aparecem. Depois de formado, na Bahia, Januário veio para Natal e ficou sem poder ausentar-se para cursos de especialização. José Tavares e Luís Antônio significam a modernidade e o superior transpirando autoritarismo o passado resistindo às inovações. Distantes, entregues a outras missões, Ricardo Barreto e Manoel Varela Santiago, observavam apoiando o colega mais velho. Nas enfermarias, leitos ocupados por uma população de doentes beirando a indigência, exacerbam o inconformismo dos dois novos membros da equipe. José Tavares diz a Luís Antônio que não está disposto a curva-se à prepotência. Gosta da disciplina, mas tem ojeriza àquela hierarquia, que considera própria dos quartéis. O colega apóia. Os

tratamentos adotados, muitas vezes ineficientes, prolongam o sofrimento e Tavares, contrariando as normas estabelecidas, assume a responsabilidade de substituir pelos modernos métodos terapêuticos, com respostas rápidas e positivas em larga escala. Ao mesmo tempo em que introduz a classificação do sangue e respectiva identificação do RH, comanda a adequada esterilização dos equipos de soros fisiológico e glicosado, minimizando a incidência dos choques pirogênicos. A cidade, aos poucos, toma conhecimento das mudanças e não falta quem, voluntariamente, queira ajudar. D. Anita Brandão, confiando na capacidade do jovem cirurgião, ofereceu-se para ser cobaia da primeira transfusão de sangue. A descrença do aborrecido Januário aumenta o suspense e o Hospital vive momentos de apreensão. Não foi pequena a euforia com o êxito obtido. Vidas, muitas vidas seriam salvas a partir daquele instante. A notícia corre e somada às da revolução cirúrgica que acontecia sob sua condução, planta a semente da figura legendária. Em parte, as caridosas Filhas de Santana, assistindo a luz da vida, milagrosa e diuturnamente, regressar dos umbrais da morte, são responsáveis pela construção mítica, talvez agradecida pelo gesto cristão, no dia em que tentavam colocar a imagem da Santa padroeira no plano mais elevado do altar da capela. Entrando no Hospital, José Tavares percebe a dificuldade das franzinas e pequeninas auxiliares. Sobe num banco e coloca a imagem no local indicado. Sorrindo-lhes, era um hábito sempre que a tarefa terminava bem, retirar-se e não ouve o profético e discreto comentário das irmãs, "suas mãos serão sempre abençoadas".

O episódio mais constrangedor envolve a enfermeira Elita Silveira. Diplomada na Ana Nery está relegada a plano secundário no hospital Evandro Chagas, sob a direção de Ricardo Barreto, ao lado de Januário e de Varela Santiago, um dos ícones da Medicina do Estado. E foi um médico do Ministério da Saúde, durante inspeção que observou o desperdício, sugerindo melhor aproveitamento, depois de atualização no Rio de Janeiro. A tempestade é violenta. Ricardo Barreto, indignado, esbraveja. Varela Santiago qualifica a atitude como invasão de competência e Januário, considerando-se afrontado na sua autoridade, explode. A Luís Antônio, como já fizera, anteriormente, duas ou três vezes, determina "Segure seu louco". O clínico, que fazia pouco caso das reclamações, desta feita repudia e devolve duramente à grosseira. Era o princípio do afastamento, que eclodiria deflagrada a luta política contra Mário Câmara. Para não prejudicar os serviços, os dois deixam de colaborar com Januário.

Mariano Coelho, poeta iluminado e amigo magnânimo, terá feito a mais bela reflexão dos acontecimentos. "O templo que escondia sofrimentos, pareceu ter empobrecido durante o exílio de seus dois preciosos sacerdotes". No outono de sua vida, José Tavares lamentaria repetidas vezes, o prejuízo causado pelo desvio político, que só terminou no Governo Rafael Fernandes. Já eleito Deputado, depois de reunião na Relojoaria Farache, quando os amigos do peito pressionaram o franco-atirador. Os Faraches, Vicente, Carlos, Antônio e Adalberto, e Joaquim Noronha, eram as vozes de Marquelina, de D. Maria Farache, que o queria como a um filho, dos tios Olegário Costa e Antônia, e dos colegas Otávio, Ernesto, Mariano e José Varela, inconformados com a perda iminente do mais talentoso cirurgião até então aparecido no Estado. Acataria os apelos desde que Luís Antônio e Nestor dos Santos Lima concordassem. Ambos já haviam consi-

derado a alternativa e recomendaram que, ao sair, mostrasse à cidade sua grande capacidade de doar-se. Foi o que fez ao outorgar procuração para Varela Santiago receber seus subsídios de Deputado e aplicá-los na construção de instituto que abrigasse os filhos dos hansenianos. Liberto, retorna as atividades ainda mais apaixonado e assume o estilo cavaleiro andante, novo Parsifal na busca das fronteiras do conhecimento, seu cálice sagrado.

Operando não contribuintes na Policlínica do Alecrim, vem ao Hospital para atender clientes particulares. Conhece Onofre Lopes, Clóvis Travassos Sarinho, os novos colaboradores de Januário. Suas intervenções são habitualmente frequentadas pelos colegas que lhe apreciam a técnica e Ernesto Fonseca resume o entusiasmo numa frase: "Grande cirurgião, porque excelente clínico." Já famoso no Estado, ganha definitiva notoriedade com o episódio do filho do Governador Rafael Fernandes, acometido de apendicite aguda. Nos últimos 50 anos, não há notícias de momentos tão dramáticos na história do velho Hospital. Frente a frente, os adversários e suas desconfianças. De um lado, a família Fernandes, acreditando que inimigos não mandam flores. Do outro, José Tavares, Luís Antônio e Otávio Varela, investidos da enorme responsabilidade do ato cirúrgico. Antes, a irmã Michelina Casiraghi, que instrumentou a sessão, refugiou-se na capela pedindo à Virgem de Santana que protegesse o cirurgião e seus assistentes, cercados por considerável número de áulicos, guarda pretoriana serviçal, vigiando a possibilidade de conduta cirúrgica negligente ou dolosa que determinasse erro fatal. Permito-me omitir os nomes para não enodoar a fascinante História de Medicina do Rio Grande do Norte. Apesar das diferenças e querelas, a grandeza de Januário se diz presente. Defende o colega e tranquiliza o Governador: "Eu não faria melhor".

Partícipe de todos os grandes acontecimentos da Medicina potiguar, quase impossível excluir da vida de José Tavares as incontáveis variantes dramáticas da trajetória, a partir da silenciosa Rua do Comércio, na Ribeira, onde nasceu, aos dias crepusculares da Rua Assu, quando na magia de prelúdio eliotiano "sua alma tensa se estendeu cruzando os céus que se estiolam por detrás dos edifícios". E por acreditar que os cirurgiões são anjos caminhando sobre o fio da navalha sem ferir os pés, retomo minha insistência em construí-lo idêntico ao Velho Marinheiro de Coleridge que "revelando sua história faz que as palavras adquiram estranhos poderes para atravessar a terra, dias e noites." Nos momentos melancólicos que me assaltam, recordo sua mãos, "mãos que salvaram vidas", segundo a feliz expressão de Luís da Câmara Cascudo. E renovo, no meu espírito a esperança mítica, sempre que releio estrofe da Balada da prisão de Reading:

Eu nunca homem vi que contemplasse
Com tão embevecido olhar,
Aquela pequenina tenta azul
Que os presos chamam firmamento,
E toda errante nuvem que passava
Com suas velas prateadas.

Sob este teto e nesta Casa, ao abrir as portas da imortalidade ao velho Tavares, modo carinhoso "que usava para dizer querido e velho amigo de todas horas, sempre solícito e leal, desprendido e bom", Onofre Lopes pronunciou, na saudação acadêmica, as mais belas palavras que conheço sobre meu saudoso pai. Expondo publicamente sua gratidão, revela que: "na minha condição de aprendiz de cirurgia, nunca me faltou a sua palavra de encorajamento, nunca me faltaram os seus ensinamentos, nunca me faltou a sua orientação sensata e segura na conduta operatória." Na autoridade, dimensiona o valor e a importância de José Tavares, enfatizando emocionado: "A sua obra está esculpida em 40 anos de arte. Está gravada nas salas de cirurgia, nas enfermarias, nos lares, no coração e na memória da cidade. Está na ajuda que deu aos colegas, está no ensino que ministrou aos seus alunos, está no exemplo de dignidade profissional, na austeridade e na beleza do gesto que faz da Medicina arte divina."

RECEPÇÃO DE NOVOS SÓCIOS

Francisco de Assis Câmara

Ilustríssimo Senhor Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte:

Honrado com a escolha para representar os vinte e oito novos sócios efetivos desta instituição que adotou como lema Casa da Memória, inicio por transmitir, em nome dos empossados, o mais profundo sentimento de gratidão aos que aprovaram nossa indicação, fazendo-nos partícipes desse novo ciclo de afirmação desta Casa, reconhecida como a mais antiga instituição cultural do Estado do Rio Grande do Norte.

Há exatos cento e doze anos, sob a iniciativa do Desembargador Vicente de Lemos, representantes da vida cultural do nosso Estado reuniram-se no salão da biblioteca do Atheneu Norte-Rio-Grandense e decidiram criar o Instituto Histórico e Geográfico, destinado a "firmar, com dados autênticos, colhidos em pacientes e profundas investigações, a verdade histórica da vida potiguar, em qualquer sentido...".

Nessa histórica reunião foi constituída a primeira diretoria, sendo aclamados os nomes de seu primeiro presidente, o Doutor Olympio Vital, cujos encargos dividiu com os doutores Alberto Maranhão, Pinto de Abreu, Luís Fernandes, Meira e Sá e Veríssimo de Toledo.

Seu primeiro Estatuto, elaborado e aprovado em 25 de maio do mesmo ano de fundação, inclui a chancela de Henrique Castriciano, Eloy de Souza, Pedro Soares de Araújo, Francisco Carlos Pinheiro da Câmara, Manuel Moreira Dias, João Batista de Siqueira Cavalcanti e Thomaz Landim.

Vinte e cinco anos depois, na gestão do Presidente Hemetério Fernandes Raposo de Melo, um segundo Estatuto vem aprimorar o original. Firmaram-lhe aprovação os sócios Antônio Soares de Araújo, Júlio de Melo Resende, Nestor dos Santos Lima, Horácio Barreto Cavalcanti, José Augusto Bezerra de Medeiros, João Dionísio Filgueira, Luís Tavares de Lira, Felipe Nery de Brito Guerra e Francisco Gomes Valle Miranda.

Após uma sequência de cinco presidentes nesses primeiros vinte e cinco anos, três outros ilustres homens públicos – Nestor dos Santos Lima, Aldo Fernandes Raposo de Melo e Enélio Lima Petrovich – assumiram-lhe a direção, até que, em decorrência do falecimento deste último, a interinidade delegou a Jurandyr Navarro da Costa a missão de elaborar um novo Estatuto, suporte jurídico para as novas exigências da modernidade.

Personalizado como associação civil, sem fins econômicos, o Instituto ampliou seu raio de ação para além da história e da geografia. Esse novo modelo estatutário, aprimorado pelo eminente jurista Carlos Roberto de Miranda Gomes, inicia um novo ciclo, conscientemente retratado no dinamismo de Valério Mesquita e de sua valorosa Diretoria.

Já não somente histórico ou geográfico: como que ampliando sua espiral genética, o Instituto tornou-se multicelular, fazendo agregar ao seu organismo institucional a arqueologia, a etnografia, a heráldica, a paleografia, a genealogia e o papel das artes em nossa identidade cultural. Mas tudo isso ainda não basta sem o concurso da Informática.

A visão dos novos dirigentes, vislumbrando horizontes, já tornou público o propósito de atuar em parceria com nossa Universidade Federal visando à conservação, em arquivos eletrônicos, de seu precioso acervo.

É um privilégio, Senhor Presidente, sermos recebidos nesta Casa diante de tão alvissareiras perspectivas. É com o mais saudável otimismo que aceitamos compartilhar os propósitos que orientam a vida desta instituição.

Até então, postados no anfiteatro dos admiradores ou na condição de simples usuários, pudemos todos, com maior ou menor grau de intensidade, acompanhar a vida desta Instituição, cuja sobrevivência já perfaz um século.

Usei a palavra sobrevivência não apenas para destacar o mérito de todos aqueles que o dirigiram, mas, sobretudo, para realçar históricas dificuldades com que se debatem os órgãos culturais, e científicos, em suas relações com o poder constituído. Essa compreensão nos impele a unir esforços e acreditar na força da obstinação.

A ciência política nos ensina que o Estado mais perfeito nasce das tradições de um povo, amalgamadas em etnias que se completam, em línguas que eliminam barreiras na comunicação. É a nação que traça o perfil do Estado, desenhando-lhe a geografia, preservando sua história, desvelando sua arqueologia, registrando sua genealogia, educando através das artes.

Mesmo reconhecendo qualificadas exceções em outros centros culturais, no Brasil e no exterior, fica-nos a sensação de que, nesse item civilizatório, a despeito de exemplares iniciativas e grandes gestos de abnegação, nosso Estado continua a viajar no desconforto dos últimos vagões.

No contexto de um Estado organizado, as instituições culturais, e científicas, em quaisquer de suas formas de organização, não podem sobreviver à sombra fugaz de uma política de boa-vontade. Investir em cultura é um dever constitucional, é investir na promoção do bem-comum, ideal que alcança toda e qualquer forma de expressão artística, cultural e científica. Investir na cultura é construir, no presente, os alicerces do futuro.

Nesse admirável mundo novo, retratado pelo naturalista e evolucionista Adous Huxley, a sobrevivência não privilegia o mais forte, mas contempla aqueles que se adaptam às transformações – ideia basilar da evolução darwinista.

Hércules, mitológico herói do mundo grego, já demonstrara, em seus doze trabalhos, que foi a inteligência, e não a força, a razão de seus triunfos.

Asimov, cientista russo naturalizado norte-americano, falecido em 1992, já se inquietava, há mais de doze anos, ao constatar que "o aspecto mais triste da sociedade neste momento é que a ciência acumula conhecimento mais rápido do que a sociedade acumula sabedoria".

Mesmo assim, a despeito desses saltos geométricos, somos conduzidos a compreender que vivemos em um mundo novo, holístico, onde um Estado cibernético, transnacional, aos poucos se consolida. Um Estado territorialmente universal, cujos arquivos, a um simples toque em teclas de aparelhos manuais são consultados nas nuvens. Isto é tão real como é fato a pobreza de nossos arquivos terrestres.

Jamais devemos atribuir natureza atávica ao torpor que por vezes nos paralisa. Tampouco o desencanto haverá de penetrar em nossos corações. Cecília Meireles, em sua filosofia poética, ensina-nos a reinventar a vida, receita que São Francisco de Assis adotara, consciente de que o processo de transformação do mundo começa dentro de nós mesmos.

O despertar dessa consciência gera entusiasmo, transmuda-se no simbolismo da fé que remove montanhas, rompe as águas do Mar Vermelho e faz o Sol parar. Sem entusiasmo - lembra-nos Emmanuel Kant -, "nada de grande foi alguma vez alcançado neste mundo".

Entusiasmo, sim, é antídoto contra a "normose", vírus que assola a natureza humana. Esse mal está presente nas neuroses e psicoses individuais e no "status quo" do conformismo social. Erasmo de Rotterdam também assim pensava: "Sem alegria, a vida humana nem sequer merece o nome de vida".

Tem-se por certo que a melhor vacina contra a "normose" é a criatividade. Ontem, hoje e sempre. A História nos aponta os incontáveis feitos de nossos antepassados, em todos os campos do conhecimento. Não é à toa que reverenciamos nossos pioneiros, sábios, santos e heróis, filósofos e cientistas, gênios consagrados por todas as gerações. Não eram "normóticos"

A elaboração deste agradecimento ensejou-me buscar ilustrações pertinentes à grandeza deste especial evento. Nessa busca, confesso-me atordoado com a afirmação de Michio Kaku, da City University de Nova York, para quem "a geração que está viva hoje é a mais importante que já caminhou na superfície da Terra".

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores:

Aparentes digressões conduziram-me ao instante final. Iniciei manifestando gratidão, mas desejo concluir traduzindo um outro sentimento que domina todos os presentes. Ele se manifesta na singela força da palavra reconhecimento. Esta solenidade, senhoras e senhores, não ocorreria sem o idealismo e a obstinação de um pequeno e abnegado grupo de entusiastas, voluntários que permutaram a rotina de seu viver pelo desafio de reconstruir um templo. Sua voz, certamente, não clamará no deserto da indiferença. Ao olharmos, em algum recanto de nossa casa, o diploma que agora recebemos, saberemos compreender que ele representa, mais que uma honraria, um compromisso com o futuro, em nome do passado.

Interpretando o sentimento de todos os ilustres empossados, transmito-lhe, Senhor Presidente, bem assim aos demais membros da Diretoria e, em especial, aos que nos distinguiram com sua indicação, nosso Muito Obrigado!

O ESTÁDIO "MANÉ GARRINCHA" E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Geniberto Paiva Campos

Sou torcedor do Flamengo/RJ desde pequenino.

Domingo, devido a um incontornável complô familiar, fui assistir ao clássico carioca, Vasco x Flamengo, no novo estádio de Brasília, recém inaugurado e já objeto de polêmicas, resultantes das manifestações de junho, que ecoaram a voz rouca das ruas.

É preciso esclarecer que adoro futebol. O jogo me fascina. Quando residia no Rio de Janeiro, em tempos idos, me tornei frequentador assíduo do Maracanã. Guardo boas recordações da época. Hoje, acompanho pela TV. Os meus filhos resolveram que eu precisava conhecer o novo estádio. Não dá para ir contra uma decisão deles. E lá fomos nós.

O "Mané Garrincha", simpático nome do estádio, é belo e imponente. A escala humana se perde quando adentramos o seu recinto e nos aproximamos das suas imensas colunas.

Oacesso é muito ruim. A organização imposta pela Polícia Militar para o clássico, obriga a multidão de adultos, crianças, cadeirantes a um ritual maluco. Parecemos bois em fila, caminhando, silentes, em direção ao trem de carga. Terminada a marcha, após algumas peripécias e o desmonte das barreiras pelo própria PM, quem sabe reconhecendo a sua confusa organização, e passar pelo controle eletrônico dos ingressos, chegamos, enfim, ao belíssimo palco do espetáculo. Mas que só teria início dentro de mais80 minutos. Quase a duração da partida. Mas é preciso chegar cedo, recomendam.

As torcidas gritam. Uivam. Xingam. Fazem gozações ao adversário. De forma espontânea ou coreografada. Sorriem, felizes, quando aparecem no telão do estádio. Uma catarse.

Os ingressos são caríssimos. Noventa reais para sentar no anel inferior. Isso não é preço para assistir futebol. Afasta o povão e torna o espetáculo restrito aos ricos e à (velha) classe média. Logo o futebol no Brasil será jogode elite. Até que esta elite decida eleger o baseball como esporte dos brasileiros.

Há o ritual de aquecimento dos jogadores. Isso, a televisão, geralmente, não mostra. Aumenta a ansiedade e a expectativa da multidão que já enche o estádio. Senta ao meu lado um amigo. Também torcedor do Flamengo. Uma alegria revê-lo.

De repente, me vem à lembrança pauta das manifestações de junho. E me dou conta de que estou numa espécie de local proibido. Um templo perdulário, que resolveram chamar de "coliseu". Claro, numa referência aos romanos. Um lugar onde os cristãos eram devorados pelos leões, a mando dos imperadores desalmados e cruéis. Faltam poucos minutos para o início da partida. Mas o meu entusiasmo arrefece. O meu time adentra o gramado. E eu calado, pensando: "Não deveria estar aqui... não está correto". Olhava para os meus filhos, alegres, ruidosos. Camisas do Vasco, todos.

Absortos no espetáculo que se iniciava. E eu ali, quieto, meditando. Avaliando se era justo assistirao jogo. E logo nesse local, cheio de estigmas.

Deveria ter escutado o brado das manifestações. E os vídeos. Rapazes e moças, brasileiros de nascença. Mas falando um inglês impecável. Com direito a legendas. Coisa de primeiro mundo. Que orgulho! Numa hora dessas temos de acreditar no antigo refrão: "com brasileiros não há quem possa!"E o que esses rapazes e moças recomendavam, peremptórios? Aimeu Deus, e naquele inglês perfeito: "Não deem importância, esqueçam o futebol! Copa do Mundo? Nem pensar!"(Numa hora eu pensei que eles se enganaram e disseram que a bola do jogo era oval. Mas, parece, o engano foi meu). Essas verdades, ditas em outro idioma têm lá o seu peso. "Pensem nas criancinhas doentes e sem assistência médica. Por quê? Porque os governantes construíram o estádio! Que tomou o lugar dos hospitais e das creches." Aí, me lembrei bem do rapaz brasileiro que falava no seu inglês rápido, fluente, preciso, dizendo com insistência, (e com as legendas mágicas): –" Não discutam. Não argumentem. Apenas digam, e repitam que a construção do estádio prejudica a saúde e a educação. Eles vão acabar entendendo". O que é o estudo! E não é que assimilamosa coisa?! Hoje, a maioria das pessoas repete essa verdade.

Com seu belo uniforme, o Flamengo entra em campo. O estádio vem abaixo. Vaias da torcida vascaína. Começa o jogo. Esqueci o "radinho de pilha", fiel companheiro do Maracanã. Tenho dificuldades para identificar os jogadores. Na TV é mais fácil. Eles dão aqueles closes. O Flamengo está melhor que o Vasco. Mas o jogo é ruim de doer. Ataque rubro-negro bem coordenado, chegaram perto gol. Mas, "whocares?", como diria o rapaz do inglês perfeito. Fico aqui pensando nos pacientes com enfarte do miocárdio e derrame cerebral por culpa do estádio. Na violência nas cidades. No caos do transporte urbano. Tudo culpa desse belíssimo estádio. E chego a imaginar a perfeição do Brasil, sem estádios de futebol e com todos esses problemas resolvidos. Por que os nossos políticos são tão estúpidos e não dão ouvidos ao rapaz e a moça que dizem coisas tão sensatas. E em inglês, com legendas?

Novo ataque do Flamengo. Gol do Paulinho. As coisas melhoram um pouco. Afinal, o meu time precisa dos 3 pontos em disputa. Mas a situação do país, que poderia estar resolvida não me sai da cabeça. Se esse belo estádio, glória da arquitetura e da capacidade de realização dos brasileiros não existisse, fosse apenas um terreno, vá lá, coberto por um gramado, os problemas sociais do Brasil estariam sendo resolvidos. Como fomos bobos em não perceber isso. Que oportunidade perdida. Não soubemos dar ouvidos às patrióticas mensagens bilíngues que recebemos. Povinho bobo, esses brasileiros.

Final do jogo. Vitória do Flamengo. A saída do estádio é bem comportada. A boiada volta, de novo silente. Parecemos um bando de suíços. Não tem os cânticos provocativos. As gozações aos adversários. Nada disso. Com esse preço dosingressos e esse comportamento educado, temo que o futebol da elite brasileira vá se tornando um espetáculo em que o gol será comemorado pelo lado esquerdo da plateia, com aplausos – comedidos – e, pelo lado direito com o sacolejar das joias. Como recomendavam eternos gozadores, Lennon e McCartney.

DF – julho 2013

A EDUCAÇÃO PÚBLICA DO RIO GRANDE DO NORTE NO GOVERNO DO INTERVENTOR MÁRIO CÂMARA*

*Prof. Itamar de Souza**
Sócio Efetivo do IHGRN

Durante a Era Vargas (1930–1945), os Estados Brasileiros foram governados por Interventores, nomeados pelo ditador Getúlio Vargas. O Rio Grande do Norte não fugiu à regra. Por isso, tivemos vários Interventores militares e civis, que governaram o nosso Estado, ora durante alguns meses, ora durante alguns anos. O Interventor Mário Câmaragovernou o Rio Grande do Norte durante dois anos e seis meses, isto é, de 02 de agosto de 1933 até 27 de outubro de 1935.

Este Interventor governou o Rio Grande do Norte no período de 02 de agosto de 1933 até 27 de outubro de 1935. Portanto, administrouo nosso Estado durante dois anos e seis meses. No campoeducacional, foi o Interventor que mais se empenhou para dinamizar a instrução pública primária. O Dr. Mário Leopoldo Pereira da Câmara, escolhido pelo Presidente Getúlio Vargas para governar o Rio Grande do Norte, era descendente da tradicionalfamília Câmara. Nasceu em Natal, aos 03 de setembro de 1891. Observa o historiador político José Antonio Spinelli que Câmara fez carreira na burocracia pública federal, como técnico em finanças, chegando a trabalhar no gabinete de Vargas. (SPINELLI, 1996, p. 131).

Analisando a sua administração, o Dr. João Maria Furtado, advogado de renome e grande memorialista, afirma Administrativamente, a interventoria Mário Câmara foi das mais fecundas. (...). No setor da Educação criou cerca de 40 novas escolas e grupos escolares. (FURTADO, 1976, p. 127)

Por conseguinte, era um homem educado epossuidor de uma ampla visão dos grandes problemas econômicos e sociais do Brasil e do Rio Grande do Norte. Não resta dúvida que ele veio governar o Rio Grande do Norte com grande apoio do presidente Getúlio Vargas. Por isso, no seu plano de governo, além dos problemas de infraestrutura – açudagem, crédito agrícola, rodovias e ferrovias para o escoamento da produção agrícola -, voltou as suas atenções para a educação pública, entendida como mola propulsora do desenvolvimento econômico e social.

Logo que assumiu o governo do Estado, acercou-se de bons auxiliares. Assim, nomeou para o Departamento de Educação o seu parente, Dr. Anfilóquio Câmara, professor bem conceituado e experiente na administração educacional pública. Ambos – o Interventor e o Dr. Anfilóquio Câmara – percorreram o interior do Estado, conhecendo, in loco, os problemas do povo e ouvindo as suas reivindicações. No setor educacional, um dos primeiros atos do Interventor foi editar o Decreto nº 522, de 05 de outubro de 1933, instituindo um "Curso de Férias" para melhorar o desempenho dos professores primários.

PASSAMOS A APRESENTAR AS REALIZAÇÕES DE MÁRIO CÂMARA DO SETOR EDUCACIONAL

I – CRIAÇÃO DE ESCOLAS REUNIDAS: 19

01 – NATAL – Decreto nº 748, de 19 de novembro de 1934- Criou as Escolas Reunidas do bairro de Petrópolis, denominadas "Alberto Torres. Funcionaráono prédio construído pelo governo do Estado. Decreto nº 889, de 11 de julho e 1935 – Transormou em Escolas Reunidas a Escola Isolada "Mascarenhas Homem", no bairro do Alecrim (hoje, Lagoa Seca).

02 – ANGICOS – Decreto nº 692, de28 de julho de 934. Elevou à categoria de Escolas Reunidas as escolasrudimentares existentes em São Romão, município de Angicos. Pelo Decreto nº 724, de 04 de outubro de 1934, criou no município de Angico, duas escolas reunidas, as quais funcionarão no prédio construído na povoação de Epitácio Pessoa pela Prefeitura em cooperação com o Governo do Estado.

03 – SANTANA DO MATOS – Decreto nº 731, de 24 de outubro de 1934. Criou na povoação de Sacramento duas Escolas Reunidas, que funcionarão no prédio que acaba de ser construído pelo Governo do Estado.

04 – SÃO TOMÉ – Decreto n° 797, de 26 de fevereiro de 1935- Criou na povoação de Barcelona duas Escolas Reunidas, no município de São Tomé, as quais funcionarão no prédio construído pelo Governo do Estado em cooperação com a Prefeitura Municipal.

05 – CAICÓ -Decreto nº 798, de 27 de fevereiro de 1935. Criou, em Jardim de Piranhas, municípiode Caicó, duas Escolas Reunidas, as quais funcionarão no prédio construído pelo Estado em cooperação com a Prefeitura Municipal.

Decreto nº 908, de 2 de setembro de 1935 – Converteu em Escolas Reunidas as escolas isoladas de Timbaúba, no município de Caicó, as quais funcionarão no prédio recém-construído pelo Governo de Estado, em cooperação com a Prefeitura do Município.

06 – MACAU – Decreto nº 835, de 13 de maio de 1935. Criou asEscolas Reunidas de Porto do Roçado, em Macau

07 – PEDRO VELHO – Decreto nº 854, de 13 de junho de 1935. Criou as Escolas Reunidas da povoação de Montanhas, no município de Pedro Velho.

08 -VÁRIAS CIDADES – Decreto nº 901, de 19 de agosto de 1935. Converteu em Escolas Reunidas as escolas rudimentares de Itaú, Grossos, Espírito Santo, Monte Alegre, Estreito e São Bento do Norte.

09 -Decreto nº 916, de 20 de setembro de 1935. Criou Escolas Reunidas, na povoação de Boa Esperança, no município de Martins, as quais funcionarão no prédio construído pelo Estado, em cooperação com a Prefeitura.

10 – Decreto nº 918, de 24 de setembro de 1935 – Criou as Escolas Reunidas da povoação de Vitória, no município de Pau dos Ferros, as quais funcionarão no prédio ali construído pelo Estado em cooperação com a Prefeitura Municipal

11 – Decreto nº 922, de 28 de setembro de 1935. Criou Escolas Reunidas na povoação de Upanema, no município de Augusto Severo, as quais funcionarão no prédio construído pelo Estado.

II – CRIAÇÃO DE ESCOLAS ISOLADAS: 13

POVOAÇÃO	MUNICÍPIO
Bela vista	Caraúbas
Marrecas	Caraúbas
São Pedro	Macaiba
Ingá	Pedro Velho
Rio dos Cavalos	Assú
João Dias	Alexandria
Comboieiro	Assú
Jardim de Piranhas	Caicó
José da Penha	Luiz Gomes
Pedra Preta	Lages
Uruassú	São Gonçalo
Canto Grande	Angicos
Boa Saúde	São José de Mipibú

III -CRIAÇÃO DE GRUPOS ESCOLARES: 06

Estes Grupos Escolares foramcriados nas seguintes localidades:

1 – ACARÍ – Povoação de Carnaúba, denominado "CAETANO DANTAS"- Decreto nº 720, de 03 de outubro de 1934.

2 – NATAL – Grupo Escolar "ISABEL GONDIM", bairro das Rocas. Decreto nº749, de 19 de novembro de 1934.

3 – NATAL – Grupo Escolar "JOÃO TIBÚRCIO", bairro do Alecrim . Decreto nº 765, de 21 de dezembro de 1934.

4 – JUCURUTU – Grupo Escolar "ANTONIO BATISTA". Decreto nº 830, de 03 de maio de 1935.

5 – CRUZETA, povoação de Acarí. Grupo Escolar "TRÊS DE OUTUBRO". Decreto nº 925, de 03 de outubro de 1935.

6 – FLORÂNIA (antes, FLÔRES). Grupo Escolar "CORONEL SILVINO BEZERRA". Decreto nº 746, de 09 de novembro de 1934. Eram escolas reunidas que oInterventor Mário Câmara elevou à categoria de grupo escolar.

IV – PRÉDIOS ESCOLARES CONSTRUIDOS POR MÁRIO CÂMARA = 38

É importante observar que dos 38 prédios construídos por este Interventor, três foram na Capital: Isabel Gondim, nas Rocas; Alberto Torres, em Petrópolis; e João Tibúrcio , no Alecrim. Os demais prédios foram erguidosnos seguintes municípios do interior:

A – MUNICÍPIOS ONDE FORAM CONSTRUÍDOS TRÊS (03) PRÉDIOS: Assú e Natal.

B – MUNICÍPIOS ONDE FORAM CONSTRUÍDOS DOIS (2) PRÉDIOS:

Caraúbas, Martins, Acari, Macaiba, Macau, Alexandria, Pedro Velho, Angicos, Mossoró.

C - MUNICÍPIOS ONDE FORAM CONSTRUÍDOS SÓUM (1) PRÉDIO: Nova Cruz, Florânia, São Tomé, Areia Branca, Apodi, Ceará-Mirim, Pau dos Ferros, Santana do Matos, Caicó, Luiz Gomes, Lages, São Gonçalo, São José do Mipibú e Augusto Severo.

A construção destes 38 prédios escolares representou um gasto de146:015$025 (cento e quarenta e seis contos e quinze mil e vinte e cinco reis).Fonte: Decretos do Governo . Natal; imprensa Oficial, Decreto nº 715, de 28 de3 setembro de 1934, p. 109-113).

V – ESCOLAS PARTICULARES SUBVENCIONADAS PELO INTERVENTOR MARIO CÂMARA = 20.

VI – RESTAURAÇÃO DE PRÉDIOS ESCOLARES: = 02

Neste setor, ele restaurou o Grupo Escolar "Conselheiro Brito Guerra", em Areia Branca (Decreto nº 721, de 03 de outubro de 1934 e o Grupo Escolar "Thomaz de Araújo", na cidade de Acari . Decreto nº 730, de 24 de outubro de 1934.

VII – QUADRO DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DOESTADO

Outra iniciativa educacionalimportante tomada por este Interventor está contida no Decreto nº 674, de 16 de janeiro de 1939, que estabeleceu o quadro do magistério primário do Estado e seus respectivos salários. Pela sua importância, reproduzimos, a seguir. o referido decreto:

Art. 1º - Oquadro do magistério primário do Estado fica constituído de sessenta e nove (69) professores de 1ª classe com vencimentos anuais de cinco contos de réis

(5:ooo$ooo); 120 (120) de 2ª classe com vencimentos anuais de quatro contos e duzentos mil réis (4:200$000);quarenta e sete (47) de 3ª classe com vencimentos anuais de três contos e seiscentos mil réis (3:000$000; e cento e setenta e sete (177) de 4ª classe, que será a inicial, com vencimentos anuais de três contos de réis (3:000$000).

Art. 2º - As promoções dos professores obedecerão ao mérito de cada um, apurado em concurso regular procedido pelo Departamento de Educação, e serão feitas pela ordem da classificação obtida, observado o interstício mínimo de 2 anos em cada classe.

§ 1º O professor que não aceitar a promoção terá o seu nome colocado em último lugar da lista respectiva, com a necessária observação, a fim de não preterir os demais classificados.

§ 2º - Quandoem concurso de provas houver igualdade de classificação, terá preferência para a promoção o que tiver melhores notas no registro profissional.

Art. 3º - As cadeiras da Capital e de cursos complementares somente poderão ser regidas por professores de1ª classe.

Art. 4º - Os professores de 4ª classe não poderão ser nomeados para escolas de cidade, salvocomo adjuntos remunerados, em cursos isolados ou noturnos.

Art. 5ºRevogam-se as disposições em contrário."

FONTE: DECRETOS DO GOVERNO. NATAL: Imprensa Oficial, 1939, p. 13 .

Pelo conteúdo deste decreto, o Estado do Rio Grande do Norte possuía, em 1939,413 professores primários na rede pública. Seus salários variavam de acordo com a classe a que pertenciam: 1ª classe – salário mensal de 416,66(contos de réis); 2ª classe – salário mensal de 350 contos; 3ª classe – salário de 300 contos e 4ª classe – 250 contos.

VIII – OUTRAS INICIATIVAS NO SETOR EDUCACIONAL

A – COMPRA DE UM TERRENO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PRÉDIO PARA O ATENEU NORTE-RIO-GRANDENSE

Consciente de que o ensino secundário potiguar precisava ser também dinamizado e que o antigo prédio do Ateneu, localizado no bairro da Cidade Alta, não atendia mais à demanda da juventude , o Interventor Mário Câmara preocupou-se também com este problema. Assim, em 1935, ele editou dois decretos destinados à compra de um terreno para a construção do novo Ateneu. Estes decretos são os seguintes:

1 – Decreto nº 832, de 10 de maio de 1935. Diz o Art. 1º :

É aberto um decreto especial de Rs 370:000$000 (trezentos e setenta contos de reis), dos quais 70:000#000 (setenta contos de reis) , destinados à aquisição de terrenos, inclusive o do futuro edifício do Atheneu, e Rs 300:000$000 (trezentos contos de reis), à conclusão de várias obras em andamento e ao inicio da construção do novo Atheneu.

(DECRETOS DO GOVERNO. Natal, Imprensa Oficial, 1935, p. 68 -69).

2 –Decreto nº 853, de 11 de junho de 1935. Diz o Art. 1º:

Fica o Departamento da Fazenda autorizado a adquirir, por compra, um terreno, no bairro de Petrópolis, medindo8.228, m 240, pelo preço de 35:000$000 (trinta e cinco contos de reis), o qual se destina à construção de um novo edifício para o Atheneu Norte- Rio-Grandense".

(DECRETOS DO GOVERNO. NATAL: Imprensa Oficial, 1935, p.113) .

É importante ressalta que o Interventor Mario Câmara não teve tempo para realizar esta obra. Na realidade, coube ao Governador Sylvio Pedroza, que governou oRio Grande do Norte, no período de 1951 a 1956), a glória de realizou este grandioso projeto (Para maiores detalhes, consultar: SOUZA, ITAMAR, 2008, p. 494 – 496).

B – COLABORAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DOPRÉDIO DO COLÉGIO MARISTA, EM NATAL.

Diante da resistência apresentada aos Irmãos Maristas pelos proprietários dos terrenos situados na confluência da Avenida Apodí com a Avenida Deodoro, então, o Interventor Mario Câmara interferiu naquele processo por meio do Decreto nº 930, de 07 de outubro de 1935, cujoArt. 2º rezava o seguinte:

São desapropriados, por utilidade pública, os terrenos pertencentes a Heitor Marenga, Francisco Teixeira e Joaquim Candido, necessários à edificação do prédio do Colégio Santo Antonio, cuja planta fica, desde já, aprovada.

(DECRETOS DO GOVERNO. NATAL: Imprensa Oficial, 1935, p. 231 – 232).

Anteriormente, o Interventor Mario Câmara editou o Decreto nº 808, de 25 de março de 1935, abrindo um crédito especial de 38:000$000 (trinta e oito contos de reis) para ajudar na edificação do Colégio Marista, em Natal.

C – COMPRA DE TERRENO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM JARDIM DE INFÂNCIA, EM NATAL.

Proporcionar à população infantil acesso à instrução pública era uma ideia inovadora para Natal daquela época. Para realizar este sonho, o Interventor MarioCâmara editou o Decreto nº 845, de 25 de maio de 1935, cujo Art. 1º dizia o seguinte:

Fica o Departamento da Fazenda autorizado a adquirir, por compra, um terreno ao lado do edifício das Escolas Reunidas "Alberto Torres", no bairro de Petrópolis, desta capital, com uma área de 1.184 metros quadrados, pelo preço de 5:920$000 (cinco contos, novecentos e vinte mil reis), que será destinado à construção de um Jardim de Infância, aberto para esse fim o crédito especial na importância aludida.

(DECRETOS DO GOVERNO. NATAL: Imprensa Oficial, 1935, p. 101).

Do que acabamos de expor, podemos inferir que foi bastante profícua a gestão deste interventor no setor educacional. Para realizar tão destacada administração no campo da instrução pública, que superoutotalmente a dos seus antecessores, é muito provável que o Dr. Mário Câmara tenha recebido recursos especiais do Governo Federal. Além disso, não podemos olvidar que a ConstituiçãoFederal de 1934 deu um novo tratamento à educação nacional, conforme vimos anteriormente.

Após ter sido derrotado nas eleições de outubro de 1935, o Dr. Mário Câmara retirou-se do governo do Rio Grande do Norte.

O Dr. Mário Câmara e seus partidários saíram derrotados nas eleições de outubro de 1935. A fama que deixou para a história do Rio Grande do Norte foi a de um político autoritário e truculento. Esta fama obnubilou o brilho da sua administração, sobretudo, no setor educacional. Segundo o escritor João Batista Machado, ao deixar o cargo de Interventor do Rio Grande do Norte,

---

*Mário Câmara foi nomeado por Getúlio Vargas delegado do Tesouro Nacional em Nova York, de onde retornou após a morte de Getúlio. (...) Mário Câmara faleceu no Rio de Janeiro , em 03/ 12 / 1967 (MACHADO, 2000. P. 114)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

1 – ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – ATOS LEGISLATIVOS E DECRETOS DO GOVERNO. NATAL: IMPRENSA OFICIAL, 1933, 1934 e 1935.

2 – MACHADO, JOÃO BATISTA – Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889 – 2003). Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2000.

3 – FURTADO, JOÃO MARIA – Vertentes (Memórias). Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1976.

4- SPINELLI, JOSÉ ANTÔNIO – Getúlio Vargas e a Oligarquia Potiguar: 1930-35. Natal: EDUFRN, 2010

SOLAR DOS ANTUNES

*José de Anchieta Cavalcanti**

Solar dos Antunes – Sede da Prefeitura de Ceará-Mirim/RN

Ei-lo magnífico, imponente e majestoso, encravado na Praça do Mercado de Ceará-Mirim, abrigando a seda da Prefeitura Municipal.

Construído no auge do ciclo da cana-de-açúcar, seu aspecto retrata um dos períodos mais prósperos da região, quando predominavam os senhores de engenho, dirigindo os destinos do município.

No Solar dos Antunes residiu, parte de sua infância e adolescência, a sinhá-moça que toda Ceará-Mirim conheceu: dona Maria Madalena Antunes Pereira, a qual no seu livro "Oiteiro", edições Pongetti, teve oportunidade de assim referenciá-lo: "O sobrado! templo que recolheu a velhice e os últimos dias daqueles que me deram o ser. Como esquecê-lo?

De suas amplas janelas contemplei por muitos anos, o esmeraldino brilho dos canaviais e aspirei trazido pelo vento o aroma do fumo das chaminés distantes, círios brancos dispersos na toalha verde do vale, quais turíbulos espargindo por toda parte o incenso do trabalho.

O sobrado exaltado, anos depois, pelos lampejos mentais de Umberto Peregrino, que o frequentou muito jovem, assim como Galdino Lima, Marciano Freire, Olavo Montenegro, Raimundo Antunes, João Neto, Alberto Carrilho, Pedro Varela, Nilo Pereira, Aprígio Câmara, Letício de Queiroz e muitos outros, é, hoje, apenas querida mansão vazia e silenciosa sem as antigas reuniões brilhantes e familiares dos seus salões festivos.

Moças e rapazes de duas gerações casaram e envelheceram, dis-persando-se o alado bando de pardais alegres, hoje saudosos e tristonhos...

O sobrado! Símbolo de uma modesta grandeza que passou».

Tive duas tias que por algum ali residiram: Luíza e Anita Cavalcanti e, quando eu as visitava, subia por suas longas e pesadas sacadas, descortinando da ampla sala de jantar a enorme visão do vale rosa-verde que enfeita a silhueta da casa-grande do Guaporé adormecida em seu silêncio centenário. Que cenário maravilhoso!

Houve uma época em que o «Solar dos Antunes», por concessão de seus herdeiros, serviu para a realização de bailes carnavalescos, recebendo o nome de sobrado Bahia.

Ali se apresentaram os famosos blocos compostos por jovens da melhor sociedade ceará-mirinense que formaram os blocos das "Bahianas", dirigido por moças da família Gesteira, e as "Havaianas", comandadas por Cremilda Varela, que em verdadeiro duelo coreográfico desafiaram-se nos salões do velho solar.

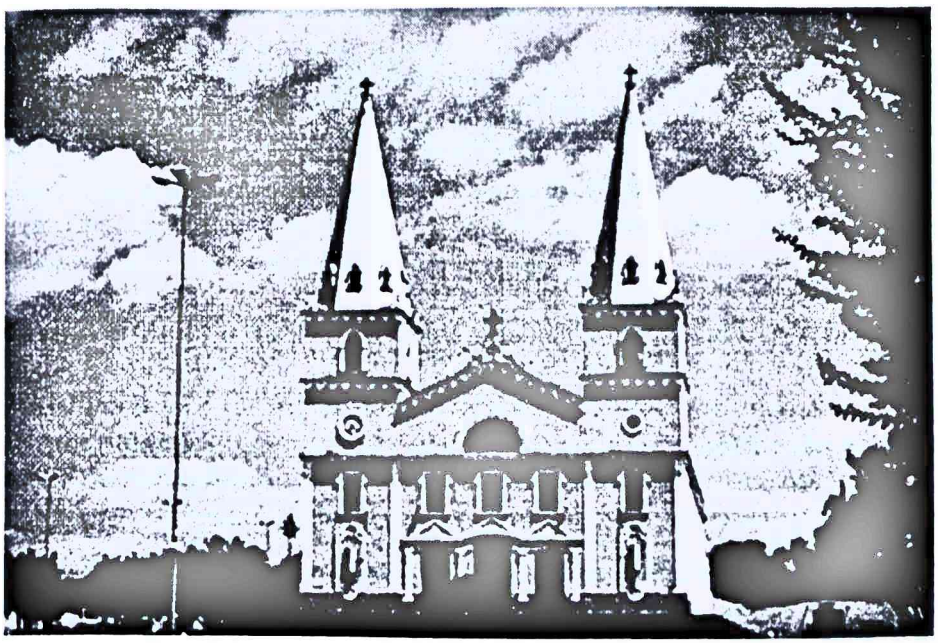
Quem for a Ceará-Mirim, não pode deixar de visitá-lo, pois é uma das maiores relíquias do período da aristocracia rural ainda existente.

---

*Ceará-mirinense, é poeta.

1º CASARÃO: O TEMPLO

*José de Anchieta Cavalcanti**



Igreja Matriz de Nosssa Senhora da Conceição em Ceará-Mirim/RN

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Ceará-Mirim, é sem dúvida alguma, a mais bonita do Estado.

Da minha infância guardo belas recordações daquele majestoso templo e dos ofícios religiosos, ali realizados.

Quantas coisas belas ocorreram naquela Matriz!

As-noites de maio eram lindas com a ornamentação dos alteares diariamente renovada, inclusive a do altar-mor, e as celebrações presididas pelo Monsenhor Celso Cicco enchiam nossa alma de criança do mais forte encantamento, sentindo evolar-se no ar o cheiro forte do incenso partido do turíbulo que nas mãos do celebrante purificava o altar da santa e o sagrado sacrário que ficava o mesmo altar maior.

Do coro eram entoadas asmais lindas melodias sacras cujas interpretações eram feitas por Maria das Dores de Toió, no órgão, acompanhada pelas harmoniosas vozes de Concita, Leni Barreto, Lita, Eliete e Isabel Eustáquio que faziam vibrar o ambiente de quase celestial encantamento. Ah! Saudosas noites de maio da Matriz da Conceição de Ceará-Mirim! Alguns instrumentos da banda de música da

cidade dirigida por Manoel Apolônio, também compareciam ao coro orientados por Manoel Pinta Cega mestre do clarinete, dando assim uma maior intensidade melódica às músicas interpretadas.

O Templo à noite, todo iluminado, transmite ao visitante uma forte sensação cósmica de espiritualidade e de encanto entre a terra e o nirvana.

Após as execuções das músicas e ladainhas iniciais vem a bênção do Santíssimo.

O Monsenhor Celso Cicco devidamente paramentado abre o sacrário, e em uma linda custódia coloca a hóstia sagrada, deixando-a em adoração até o momento da bênção. Após a bênção é entoado de forma belíssima pela voz de tenor do Monsenhor, em Latim, o Tantum ergo. Que momento belo! A emoção do menino é exacerbada, e, em muitas ocasiões lágrimas vieram aos olhos, revelando a emoção da alma infantil diante da grandiosidade do ato de espiritualidade realizado naquele Templo!

E os sino da Igreja de Ceará-Mirim?

Importados da França, jamais nossos ouvidos ouviram o bimbalhar de sinos tão tristes, nos momentos de tristeza, e tão alegres, nos momentos de alegria, como os do bronze dos sinos da Igreja de Ceará-Mirim. O som espalha-se por todo o vale anunciando que algo acontece na cidade: ou a morte de alguém, ou algum momento festivo. Quando menino, empurrei muitas vezes, do alto da torre, aquele enorme sino cujas vibrações penetravam fundo o âmago da minha alma.

Na Semana Santa atos belíssimos eram celebrados no Templo da Conceição, incluindo vias sacras, procissão do fogaréu, adoração ao sepulcro, culminando por fim com a descida da imagem de Cristo da cruz na Sexta-feira Santa, fato esse que se revestia de triste beleza, pois no altar-mor era construído um cenário de palhas naturais, dando um aspecto realista ao ambiente, cenário esse que nos enchia de profunda tristeza, pois ao sair da procissão do Senhor morto ficava um ambiente profundamente vazio, com apenas uma cruz e um pano branco nela pendurado e por trás o matagal como pano de fundo, escurecendo muito o ambiente à medida que a note caía. Lindas, tristes e imorredouras cenas!

O Templo, ainda hoje, apesar das mudanças da ritualística católica reveste-se de enorme beleza e, sob o comando do Monsenhor Rui Miranda, continua encantando os que o visitam.

Este é o primeiro e mais importante casarão do Ceará-Mirim.

---

*Natural de Ceará-Mirim, RN, é poeta e escritor.

AO CADÁVER DESCONHECIDO

*Jurandyr Navarro**

A Genealogia desvenderá o ramo da Família do Cadáver Desconhecido?

O Sol, gerador da energia calorífica e emissor de raios benéficos, faz aflorar da Terra sáfara jardins encantadores. O "nada se perde e nada se cria, tudo se transforma", na expressão lapidar do sábio, não deixa de ser um corolário científico.

Diz o Evangelho que uma semente, lançada em solo bom, germina e dá bons frutos. O calor radiante dos raios solares prepara a boa Terra, como também elementos sedimentares participam da sua saúde.

O cálcio e o fósforo não fazem parte, igualmente, dessa composição química? A camada sedimentar não é um imenso os suário? Donde se forma ele senão dos cadáveres enterrados e insepultos dos animais?

Ossos humanos, quantos não se transformaram em montes de pó, durante tantos e tantos milênios, desde o período quaternário!

Então, quem poderia negar que um lírio de brancura imaculada, sorrindo ao Sol, não deva a sua vida a um pouco de pó, de um cadáver mineralizado?

Que metamorfose, a morte gerando vida!

Ela não passa do vegetal para o animal e deste para o mineral, que, por sua vez, retorna ao reino das plantas, recomeçando o vital ciclo?

Antoine Lavoisier não dissera que tudo é transformável? Na planta clorofilada, não se eleva pelo caule, com a seiva bruta, o halo de um organismo decomposto?

E a interrogação de Young, por tantos mencionada: «Qual a argila, solta ao ar, que já não teve vida?»

E, tangida pelo vento, para todas as latitudes, como mensageira do pólen fertilizante, pode engravidar a perfumada flor, e alimentar o pássaro, que canta a sua liberdade, librando docemente as asas, ou gemer a agonia de um instante, derramando amarga lágrima...

A rosa vermelha do amor, do mais comovente conto de Oscar Wilde, não foi, numa noite, alimentada pelo sangue do coração do melódico rouxinol?

Da morte da semente não surge a vida palpitante? O bastão de Aarão bíblico, há muito ressequido pela morte de suas células, não vicejou, numa certa madrugada, ficando luxuriante, brotando viçosas folhas? A flor de beleza esplêndida, que desnuda a sua formosa corola, pela filogenia, não foi raiz habitando o charco?

Não canta o cisne ao morrer, como que saudando uma nova vida? Não predissera Esquilo que a sua poesia sobreviveria à sua morte? Byron não declarou

que o próprio ar que respiramos, saturado ainda está do espírito de Atenas?

A estátua de Memnon, no Egito, quando beijada pelos raios luminosos da aurora, não desferia acordes melodiosos, como que dizendo ter também vida? O cometa Halley, com sua cabeleira flamejante, clareando os espaços siderais, intuindo à musa Urânia que existe Deus, não fora antes, pelas teorias cosmogônicas, um pedaço de astro apagado? Não teve Argos, mesmo decapitado por Mercúrio, os seus 100 (cem) olhos ressurgidos por Juno, que os espalhou na cauda colorida do pavão?

E que dizer da tragédia de Orfeu, com sua cabeça decepada pela perfídia passional, sendo lançada às águas correntes do Hodre, e, mesmo assim inanimada, em tristonho e compassado clamor, descendo rio abaixo, os seus lábios amorosos não deixaram de chamar pelo nome de Eurídice... persuadindo, dessa forma, que o Amor — que é a Vida, supera a sombra da Morte!

Samuel, já depois de morto, «não elevara do túmulo a sua voz profética», vaticinando a derrota e a morte do rei Saul?

Já dizia o estro de Goethe: —

"O que foi, torna a ser. O que é, perde existência.

O palpável é nada. O nada assume essência».

Para Pascal, o cortejo dos homens, em milénios de história, não é considerado o mesmo homem, que subsiste sempre?

Como se o coração humano, mesmo depois de morto, ainda palpitasse dentro da Terra, imortalizado, para a vida e para o amor, tal as estrofes últimas do soneto de Luiz Guimarães Filho:

"E quando um dia fores, comovida,

Branca visão que entre os sepulcros erra,

Visitar minha fúnebre guarida,

O coração que todo em si te encerra,

Sentindo-te chegar, mulher querida,

Palpitará de amor dentro da Terra".

Tudo nasce, tudo morre, tudo renasce. Há um morrer e um viver contínuos, como as alternâncias dos dias e das noites.

Aqui, os olhos da fabulosa Medusa petrificando, com a maldição da morte, a todos que os fitassem; ali, a Serpente de Bronze, no deserto, curando das

mordidas letais dos áspides e dando a vida aos que a contemplassem; acolá, o romano Lucrécio fazendo a apologia da amargura, do pessimismo e da morte; e, alhures, o tebano Píndaro cantando a fortuna, a felicidade e a vida...

Saulo, cego pela Luz da Vida, na estrada de Damasco, não se converteu em Paulo para poder enxergar? A alma do cristão não é uma alma transformada? Não fora ela uma alma-cadáver, ressuscitada por Jesus?

Teve, portanto, de nascer de novo, na expressão evangélica. E a interrogação de Eurípedes: - «Quem sabe, se viver não é morrer e se morrer não é viver?»

No dizer de Augusto Comte e Chestefield, não são os vivos governados pelos mortos? Não fossem estes, que seria da civilização daqueles? Donde sua religião, sua moral, sua lei, sua ciência, sua vida...

Devemos utilizar, como vivos, o valor dos mortos, ensina-nos o autorde "A Vida Intelectual". (Serttilanges, 1940).

Não é a isto que os cientistas políticos chamam de poder difuso? Invisível, aparentemente, porém, atuante?

Nessa linha de pensamento, tinha razão Debierre, discípulo da Escola Antropológica do Direito Criminal, quando afirmou que a ideia e a ação do homem vivo não pertencem à sua vontade; mas, ao morto, seu avô que, da tumba, onde se tornou poeira, é que o dirige.

Não foi divulgada exaustiva pesquisa bioquímica, em que cientistas renomados chegaram à conclusão de que a origem da vida se deve à argila úmida?

E não foi de tal matéria que Júpiter mitológico criou a mulher para se vingar do homem, por ter este recebido o fogo do Céu, de Prometeu?

Jesus misericordioso, ao curar o cego e o mudo, não havia misturado saliva com barro, tocando-os aos olhos e à língua daqueles doentes de nascença, antecipando de vinte e um séculos o diagnóstico da Ciência atual?

A Bíblia não já revelara que na semana da Criação Deus fizera o homem de barro, daí o seu nome Adão, e que ele seria pó e ao pó reverteria, embora se referisse apenas à matéria?

Numa imagem do seu pessimismo, Humberto de Campos idealizou ter sido a Vida criada pela Dor e pela Morte. Esta dera o barro e aquela, a água, esculpindo-se, assim, a estátua viva do homem. Depois, as duas brigaram e resolveram desfazer a obra criada. E a água, doada pela Dor, fora retirada da figura humana, através dos olhos, como que chorando, presumo, e a Morte saiu carregando, nas costas, a lama que sobrara...

Daí, pode-se complementar o destino humano: a lama, carregada pela Morte, secaria e se transformaria em pó. O tal pó do célebre Sermão de Vieira - o pó que sobe, pela vaidade, e o pó que desce, pela humilhação, e que o vento leva... que é o homem.

Do dilúvio mitológico, ordenado por Jove, supremo deus do Olimpo, somente sobreviveu, da raça humana, um casal: Deucalião e Pirra. Espantados com a solidão do mundo despovoado foram eles ouvir o oráculo de Têmis. Disse-lhes

a deusa, travestida em pitonisa, depois de molhar os lábios na fonte Castália, no Parnaso, para vaticinar a sua predição: - "Cobri vossas cabeças, desatai o cinto de vossas vestes e atirai para trás os ossos de vossa grande Mãe".

Obedientes à sentença oracular, começaram eles, depois de breve reflexão, a jogar pedras para trás. Das atiradas por Deucalião nasciam homens; e, as lançadas por Pirra se moldavam em perfis femininos...

Não se aplicará à Mãe-Terra, Cibele, o significado da inscrição da estátua da deusa Saís: - «Eu sou tudo - o passado, o presente e o futuro?"

Não é a nossa Mãe-Comum a mais antiga das deusas?

Já nos detivemos a examinar, por instantes, as macrocélulas de um bago de laranja, as pétalas perfumadas de uma rosa e o doce olhar de uma criança?

Tais encantos naturais, queira ou não o nosso orgulho fátuo, são produtos da Terra, de mau cheiro e de micróbios repleta, tornados limpos e admiráveis pelo sopro divino.

Está no Fausto, do poeta maior da Germânia: - «... não julgue desairar-se em repartindo por suas mãos o adubo ao chão que o nutre».

Ao conceder sepultura aos mortos argivos, ao apelo de Etra, sua Mãe, e das suplicantes, portadoras do ramo verde, Teseu declarou: - «Regresse cada qual àquilo de que saiu; torne o espírito ao Éter, volte o corpo à Terra».

Na abstração gibraniana, a Terra será útero e túmulo até que as estrelas se apaguem e o Sol se transforme em pó.

O homem, filho prodígio da Natureza, por vezes com suas irracionais agressões, envenenando as suas fontes vitais, nos rios; incendiando florestas, destruindo montanhas e sepultando cachoeiras, parece querer matar a própria mãe, como o fez Orestes, da Odisseia e personagem de tragédia grega.

A coroa de louros, no dizer de Lacordaire, só cingia frontes feridas. Aos bravos, tal privilégio.

E o cadáver desconhecido, todo retalhado pelo frio bisturi da Ciência, que prémio lhe caberá?

Depois de aceso desempenho, o herói do campo de batalha recebeu a palma da vitória e a glória, em vida; regozijando-se, ao libar a taça do triunfo! E, quando morto, na acesa luta, a gratidão do seu povo.

Qual a sensível recompensa do cadáver desconhecido? Para ele não houve regozijo, nem o pesar da família, ... o beijo de uma Mãe, o pranto de uma Filha,... nem derramaram o tinto ou o róseo vinho na terra que lhe cobriria o corpo, se herói troiano fosse.

O bem que ele tem feito à humanidade, ajudando a desvendar mistérios da natureza humana, credencia-o a receber a coroa afetiva do nosso reconhecimento.

No seu mutismo, não é ele um professor eloquente? Gabriel d›Anunzio não falava dò «canto sem voz», do Silêncio, inspiração de tantos génios?

Respeitemos, pois, os nossos mortos, porque a Vida . . . renasce da Morte! E desta, a Vida Eterna!!!

O cadáver desconhecido, que é uma espécie de cobaia, esticado silente, na loisa fria dos anfiteatros e dos anatómicos das nossas Universidades, deve ser respeitado, quando dele nos servimos para investigação científica, por ser ele o nosso irmão.

Por ele, ninguém verteu uma lágrima de saudade. A chama bruxuleante de uma vela não clareou o seu olhar turvo, na escuridão do seu último alento. Não recebeu o seu corpo hirto o perfume das pétalas do alvo lírio, nem da purpúrea rosa. E a sua alma não teve a invocação de uma prece derradeira.

Tal Polínice, da tragédia de Sófocles, foi-lhe negado o direito de sepultura para descansar, do sono da morte, num sombrio cemitério... como "tranquila adormecera de Heitor a sombra", no sagrado bosque de Tróia.

---

*Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (Presidente Honorário Vitalício)

O PODER POLÍTICO E A CULTURA NO RIO GRANDE DO NORTE

Livio Oliveira

Não há como negar, caros leitores, o fato de que temos experimentado várias e históricas perdas acumulada no campo cultural e artístico do Rio Grande do Norte e de Natal. Os governos, nesse setor imprescindível ao povo, há tempos não se sensibilizam para a sua real importância (e não falo aqui, frise-se, de nenhum governo em especial, mas de quase todos, com honrosas exceções no âmbito de um retrospecto histórico).

Perdem-se, assim, oportunidades valiosas de colaboração institucional com a construção de uma obra cultural consistente e de relevo em nosso Estado. E não vou nem talar aqui que outros Falados têm nos dado às vezes melhores exemplos, como os vizinhos Ceará, Pernambuco e Paraíba.

A cultura vem sofrendo toda sorte de humilhação no decorrer de vários governos do RN. Os artistas e pessoas que operam em beneficio do nosso crescimento cultural, esses não tiveram, ainda, a vez merecida e os incentivos reais para a realização de suas obras.

E os exemplos são muitos: o abandono, por falta de visão, de inúmeros projetos que poderiam ser vitoriosos e frutíferos; a falta de um planejamento sólido (a execução, ih! nem se fala!), a perda de diversas oportunidades: a falta de criatividade; o desprezo ao artista: o blá-blá-blá infinito, num monótono monólogo.

Não quero parecer crítico além da conta, mas acredito que merecíamos algo melhor no futuro próximo. Os que produzem arte e cultura e os que as consomem, todos merecemos. E é por isso que quero firmar aqui a minha convicção de que precisamos escolher, no segundo turno das eleições, um governante que tenha compromisso de verdade com a cultura de nosso povo e tenha a sensibilidade mínima para entender que a arte é essencial à existência digna das pessoas. A arte é, também, saúde mental e física. A arte é ecologia. A arte é educação. A arte empreende e constrói. A arte recupera e socializa. A arte é anti-violência. A arte é vida.

E eu tenho certeza de que governantes que possuírem essa concepção das coisas, tenderão a executar bons governos em todos os campos. Mirarão na profundidade das coisas e vislumbrarão projetos a realizar. Não se perderão no "achismo", na politicalha e num falso pragmatismo que impede a visão do sensível e do essencial.

Ha muita coisa a ser feita. E urgentemente: As nossas bibliotecas merecem ser redimensionadas e revitalizadas, além de modernizadas, vez que a biblioteca dos nossos dias deve ser um espaço plural e que contenha novas alternativas de entretenimento e distribuição de conhecimentos. A nossa orquestra precisa de melhores salários e melhores condições de trabalho, progressivamente. O nosso

teatro precisa de mais incremento. Por sinal, precisamos de pelo menos um novo e maior teatro público, urgentemente. A literatura precisa voltar a ter mais vez, com critérios aperfeiçoados para muitas outras publicações de qualidade e premiações literárias e a divulgação de nossos autores e a distribuição de nossos livros além-fronteiras. Há urgência na atenção ao nosso patrimônio museológico, inclusive com mais incentivos ao IHGRN e outras entidades que resgatam e cuidam de nossa memória. A nossa arquitetura tem que ser estudada e recuperada, naquilo que houver de importante e valioso. A cultura precisa, também, de um casamento forte com todas as artes visuais, com a históriоa, com o turismo.

Precisamos, sim, de obras e eventos culturais e artísticos que marquem e permaneçam em todos os setores e em todas as esferas estatais e sociais. E muito mais, o que não caberia aqui neste espaço. Aguardo – por isso e (re)animado que nos chegue um tempo de verdadeira renovação. Espero que venha por aí "o tempo da delicadeza", como diria o nosso formidável Chico Buarque. E que, com esse tempo, o jardim da cultura e da arte possa ser muito melhor cuidado. Como Voltaire dizia através de Cândido: "Tudo isso está bem dito... mas devemos cultivar nosso jardim." E que esse tempo e esse jardim sejam logo vislumbrados, que apareçam no horizonte e se materializem diante de nós com o próximo (e os próximos) governos e legisladores deste listado.

---

livioliveira@yahoo.com.br

O PERCURSO DA EXPEDIÇÃO EM BUSCA DAS MINAS DE PRATA NO RIO GRANDE HOLANDÊS EM 1650

Lewy Pereira.

Introdução

Onde a expedição holandesa prospectou minério de prata, em 1650, no Rio Grande do Norte? Essa questão secular perdura, tendo permeado o artigo *Minas de ouro e prata no Rio Grande do Norte - Explorações holandesas no Século XVII*, de Alfredo de Carvalho, historiador pernambucano, publicado nesta revista em 1905, que o conclui ponderando:

Pena é que modernamente não se tenha procurado verificar o que havia de verdadeiro nas explorações do século XVII, examinando as regiões de que foram objeto.[105]

Alfredo de Carvalho retornou a esse assunto, em 1907, nessa mesma revista, publicando as informações dos relatórios de duas autoridades neerlandesas que lideraram essa expedição, o engenheiro Pieter Van Strucht e Jean Houck, bailio, ou juiz do Rio Grande, no artigo *Segunda Jornada de Pieter Persijn em busca das Minas de Itabayana.*[106]

Alfredo de Carvalho, ao redigir seu artigo de 1907, o baseou em traduções dos relatórios Strucht e Houck, de sua própria autoria, os quais contêm detalhes de locais e distâncias percorridas pela expedição, fundindo-os numa interpretação sintética dos fatos, resultando, por consequência, em uma interpretação com a supressão de alguns detalhes importantes para a interpretação geográfica dos locais e percursos citados, e, lastimavelmente, não publicou as traduções desse relatórios.

Mais recentemente, em 1989, o roteiro dessa expedição foi abordado pelo historiador potiguar Olavo Medeiros Filho, baseado nos artigos de Alfredo Carvalho citados, e em suas pesquisas em campo, e que não se intimidou com algumas quase instransponíveis dificuldades em propor-lhe uma solução, ao escrever, no seu livro No rastro dos Holandeses, o capítulo intitulado As Minas de Camarajibe e Iporé (1650) buscando... tecer ligeiros comentários, principalmente de cunho

105 (CARVALHO, 1905; pg. 165).

106 (CARVALHO, 1907). Itabayana, Itabaiana, foi o nome do monte no Rio Grande do Norte, citado falaciosamente por João de Albuquerque aos holandeses, na *Memória sobre o monte Itabayana*, escrita em setembro de 1649, como o local onde haveria uma mina de metais preciosos explorada pelos portugueses, o que os instigou a enviar, no final de 1649, o explorador neerlandês Pieter Persijn a procurá-la, e ele reportou a coleta de minérios em três locais. Na segunda expedição, a do início de 1650, o fabuloso monte Itabaiana passa a ser designado de Itabiraba, Utataparaba, e Itaberaba.

geográfico, esclarecendo e identificando aqueles acidentes naturais, percorridos e encontrados pelos companheiros de Pieter Persijn, quando da sua incursão pelo território norte-riograndense, à procura das minas de Camarajibe e Iporé.107

Não surgiram novas fontes primárias até que, em 1995, foi publicado na Alemanha o diário do soldado alemão Peter Hansen, da guarnição do Castelo Keulen[108], ainda inédito em português[109], que trouxe mais informações e renovou o interesse nessa expedição.

Percebeu-se, quando comparadas, haver algumas diferenças entre as informações de Hansen e as dos relatórios oficiais, e, por não se dispor da versão em português dos relatórios manuscritos em holandês arcaico, e, por enquanto, da tradução na íntegra do diário do soldado a serviço dos neerlandeses, redigido em alemão, o professor Benjamin Nicolaas Teensma encarregou-se dessa lacuna, procedendo a tradução dos relatórios e do fragmento do diário Hansen relativo às suas anotações dessa expedição, e, focado nesses documentos, redigiu o artigo *Os Mocós da Itabiraba do Córrego Retorto*[110], publicado nesta revista, circunstanciando esse episódio de nossa história.

A interpretação do trajeto e locais citados no texto de Olavo de Medeiros Filho, redigido conforme as fontes disponíveis naquele momento, o conduziu à identificação do riacho denominado *Kromme Rivier*, o Riacho Recurvo, Riacho Tortuoso, ou Riacho Retorto, como sendo o Riacho Santa Rosa, afluente da margem direita do Rio Potengi, que, como se verifica no artigo de Teensma acima citado, conflita com os detalhes da situação da foz desse riacho registrados nos relatórios de Strucht e Houck, e omitidos no artigo de 1907 de Alfredo de Carvalho[111].

No final do texto, Olavo de Medeiros Filho expõe o argumento principal para sua interpretação de que o Riacho Santa Rosa é o Riacho Recurvo:

---

107 (MEDEIROS Filho, 1989; p. 87).

108 *Casteel Keulen* foi a denominação dada ao Forte dos Reis Magos durante a ocupação neerlandesa.

109 No momento, está no prelo a tradução integral do diário de Hansen, feita por B. N. Teensma, na edição desse diário pelo historiador pernambucano Bruno Romero Ferreira Miranda.

110 O mocó, o roedor *Kerodon rupestris*, tem como habitat a caatinga, vive em fendas de rocha e, altamente sociáveis, forma grupos com dezenas de indivíduos - vide http://animaldiversity.ummz.umich.edu/accounts/Kerodon_rupestris/, acesso em 10/8/2014. O termo utilizado nos textos originais é *ratte*, rato, que designa todos os pequenos roedores silvestres. MARCGRAVE (1648), Cap. VI - Várias espécies de coelhos selvagens, cita o que denominava-se 'rato' na época:

@ pg. 223: "APEREA (termo indígena). Veldratte ou Boschratte (em flamengo)."

@ pg. 224: "A palavra Cavia dos indígenas aplica-se a todos os ratos silvestres, *Ratos do matto* como dizem os portugueses."

HANSEN (1995, pg. 87) ao informar que eles "nos serviam também de alimento, porque havia muitos deles nas fendas das rocas, e eram muito saborosos", indicando assim onde viviam, praticamente identifica esses animais como mocós, conforme constatado nas visitas. O mocó ainda abunda nos vales do Riacho do Boqueirão e Poço dos Cavalos.

111 (CARVALHO, 1907; p. 166.

Em um outro artigo, do mesmo Alfredo de Carvalho, intitulado MINAS DE OURO E PRATA NO RIO GRANDE DO NORTE — Explorações Holandesas no século XVII, publicado ná Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (Vol. III — número 1 — Janeiro 1905), em que o autor transcreve o texto de uma carta dirigida, a 16 de dezembro de 1649, pelos Membros do Conselho aos Diretores da Companhia, consta:

> "Pieter Persyjn só foi encontrar minério ao sul do rio Potenji, nove milhas mais para o interior e a W S W do forte Ceulen, conforme claramente se depreende do mapa ou roteiro que nos apresentou o mesmo Pieter Persijn e vos será remetido oportuna mente (5:164)".

A indicação de encontrar-se a mina de Iporé localizada no sentido oeste-sudoeste, em relação ao Castelo Keulen, vem confirmar que aquela pretensa mina ficava, realmente, nas cabeceiras do riacho Santa Rosa, na Serra da Tapuia, no atual município de Sítio Novo — (RN).[112]

Considera-se esse argumento insuficiente para tal, pois o rumo oeste-sudoeste é o rumo geral do Rio Potengi, da sua foz junto ao Castelo Keulen, até sua nascente, e a citação na carta de 1649 é específica para a Mina do Camaragibe, distante 9 léguas, não a do Iporé, distante 26 a 27 léguas holandesas.

Constatada essa diferença com a interpretação de Olavo Medeiros quanto ao *Kromme Rivier*, todavia, reconhecendo-se a sua valiosa e inquestionável contribuição para a identificação dos percurso e locais até próximo à foz desse riacho no Potengi, e a eficiência do seu método investigativo, estudando mapas e realizando visitas de inspeção aos possíveis locais em tela, este artigo revisita, no rastro desse insigne historiador potiguar, os aspectos geográficos dessa expedição de 1650, à luz das novas informações, destacando-se as concordâncias, e diferenças, com a sua interpretação de 1989.

Há, no caso dessa expedição, relativa abundância de fontes primárias e secundárias tratando de seu percurso e locais visitados: dois relatórios oficiais, um diário, dois mapas neerlandeses coevos[113], e quatro textos modernos tratando desse assunto. No entanto, ainda perduram ou afloram novos problemas, especialmente os relacionados às incongruências na toponímia, e nas distâncias citadas nos relatórios oficiais de Strucht e Houck[114] e no diário de Hansen[115].

---

112 (MEDEIROS Filho, 1989; p. 96-97).

113 *Præfecturæ de Paraiba, et Rio Grande*, (Marcgrave, 1647) e *Capitania de Rio Grande* (Anônimo, circa 1640), que plotam a região litorânea até a foz do rio Camaragibe.

114 (STRUCHT, 1650) e (HOUCK, 1650).

115 (HANSEN, 1995).

E a conceituação de mina, nesse contexto, merece considerações: Peter Hansen registrou que haveria na Utataparaba uma galeria escavada por portugueses, onde havia velhos carrinhos, todavia, considera-se isso possível licença literária e entende-se por minas, neste estudo, os locais prospectados recolhendo-se amostras de minério, ou seja, locais com afloramento de minérios, que, pelo que hoje se conhece, minérios que certamente não continham prata.

Metodologia adotada

O presente estudo visa a localização geográfica probabilística[116] dos locais citados na documentação histórica e nos textos de Alfredo de Carvalho, Olavo Medeiros Filho e Benjamin Teensma. O primeiro passo foi estabelecer as tabelas dos topônimos citados, com suas variantes de grafia e características, e das etapas e dos percursos, com as distâncias nas unidades de comprimento citadas, léguas holandesas e passos duplos. A seguir, cotejou-se os textos primários, buscando as coincidências e ambiguidades, procurando estabelecer uma gradação das informações conflitantes segundo sua confiabilidade. Em suma, realizar uma análise lógica dos relatos, procurando identificar as etapas e trajetos que coincidissem.

O passo seguinte consistiu em desenvolver a análise do ponto de vista geográfico, convertendo as distâncias em léguas holandesas em uma unidade de comprimento moderna[117], quilômetros, e plotando os locais e percursos, ou seja, georreferenciando-os no GIS Google Earth[118], o que possibilitou:

- Obter medidas de percursos sinuosos entre dois pontos.
- Visualizar o terreno.
- Marcar pontos, trechos de rios, lagoas, e trajetos com cores e símbolos.

116 A localização de um local, região ou trajeto histórico pode ser precisa, quando sua localização é bem conhecida e sem dúvida alguma, tal como o Forte dos Reis Magos e a lagoa Jacaré-Mirim, enquanto outros terão localização probabilística, aproximada, conforme os dados disponíveis, ou seja, sua posição verdadeira situa-se num círculo de raio diretamente proporcional ao grau de incerteza e com centro na posição considerada a mais acertada. E há gradações nessa ubicação probabilística: por exemplo, a casa de Dirck Mulder, o Rodrigo Mollero, situa-se próximo ao atual bairro de Rego Muleiro, no município de São Gonçalo do Amarante-RN, está assinalada no mapa de de Marcgrave, e assim tem localização probabilística melhor do que o poço no Rio Potengi conhecido como Caycatinga, com menos detalhes de suas características.

117 Os fatores de conversão utilizados foram:

1 légua holandesa = 5649 m (PEREIRA & CINTRA, 2014; pg. 16),

1 légua holandesa = 1 légua horária holandesa = 3000 passos duplos (HANSEN, 1995; pg. 89), e

1 passo duplo = 3½ côvados = 1,883 m (HANSEN, 1995; pg. 89).

118 GIS: *Geographical Information System*, nome da família de aplicativos de computadores para tratar Informações Geográficas;

Google Earth™ e Google Earth Pro™, aplicativo GIS bastante difundido, com imagens satelitais do terreno, de propriedade da Google Inc.

- Utilizar camadas com a imagem de mapas modernos[119].
- Avaliar alternativas de estudo.
- Produzir imagens, ou esquemas elucidativos.

Com essas informações, montou-se tabelas comparativas das distâncias das etapas e trechos citadas com as obtidas no georreferenciamento construído como solução nas hipóteses de trabalho, e confrontou-se os resultados obtidos nas hipóteses deste estudo com a solução proposta por Olavo Medeiros Filho.

Em seguida, aplicou-se a boa prática de Olavo Medeiros Filho, realizando-se visitas[120] aos locais dos topônimos indicados pelo estudo, buscando-se comprovar a existência, ou não, das características descritas, obtendo-se imagens, registros de posições e trajetos com equipamento GPS[121] - vide a Figura 1 e 2. Isso possibilitou um reajuste fino do posicionamento dos locais conforme suas características e aquelas observadas, por exemplo, deslocar-se a posição inicial da Mina de Itaberaba no leito do Riacho do Boqueirão, Hipótese 1, indicada numa várzea pelo critério da distância do ponto anterior, o Mijo de Ratos[122], para um ponto mais a jusante, onde efetivamente há rocas de pedras.

119 Essa facilidade da ferramenta permitiu, por exemplo, a visualização de imagens dos Mapas Municipais Estatísticos do IBGE superpostas às de satélite disponibilizadas no Google Earth.

120 Realizou-se sete viagens de levantamento pelo vale do rio Potengi, percorrendo-se cerca de 2100 Km, e caminhou-se, por grotas de serras e vales dos riachos, inacessíveis a veículos fora de estrada, cerca de 10 Km, nas quais, além dos registros dos percursos e pontos de interesse, foram obtidos 1800 fotografias e 15 filmes.

121 GPS: equipamento que permite locar precisamente a posição geográfica de pontos e trajetos utilizando os sistemas de navegação por satélites denominados Global Positioning System (Sistema de Posicionamento Global) e GLONASS (*Globalnaya navigatsionnaya sputnikovaya sistema*).

Utilizou-se nos levantamentos os seguintes equipamentos, cuja precisão no registro de posição e direção considerou-se adequada aos fins deste estudo:

* Garmin Montana 650, que, entre outras funcionalidades, pode tirar fotografias com o registro da posição e direção para onde a câmera está apontada;

* Iphone Apple 5S, com o aplicativo Theodolite Droid, para fotografias com registro de rumos;

* Câmera SONY Alpha 65, com GPS integrado, para fotografias com registro da posição.

122 Optou-se por denominar os animais que contaminaram a água de ratos, mantendo a denominação histórica coeva. Na nota 6, explica-se que esse roedor silvestre muito provavelmente é o mocó.

Figura 1: Percurso da caminhada de 2,14 Km, a pé, ao olho d'água salobra no monte ao lado da Serra do Boqueirão, no sítio Rio Novo, município de Caiçara do Rio do Vento-RN, próximo à nascente do Rio do Vento, no dia 3/agosto/2014.

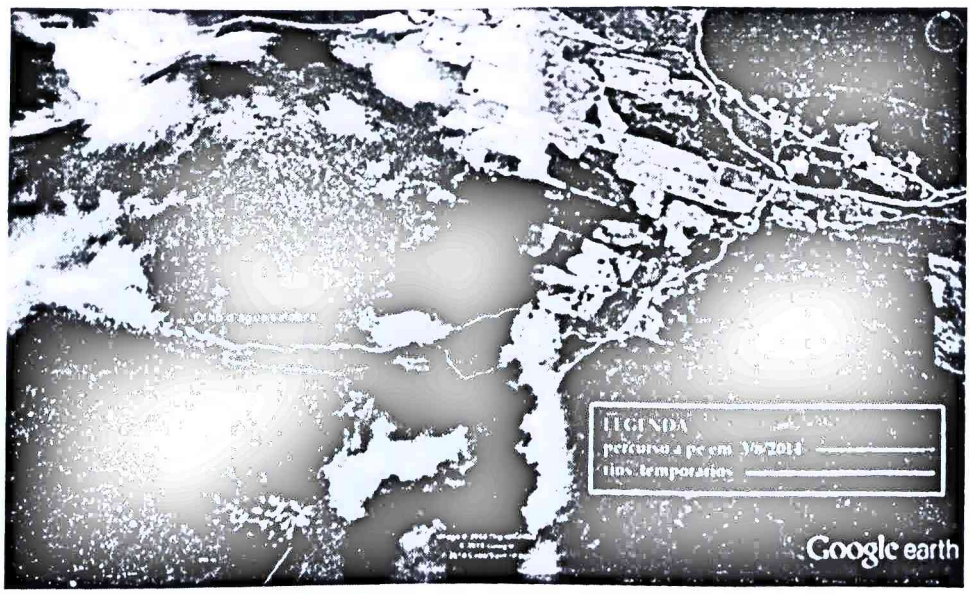


Figura 2:Visualização no programa Map View* da posição e direção registradas com GPS das fotografias batidas no leito do Riacho Poço dos Cavalos, durante a visita ao local estimado da Água da Sereia, na Hipótese 2. A posição da Fotografia 21, em destaque, tem as coordenadas (5°57'33.35"S 36°15'50.14"W), e foi tirada no sentido, ou direção, da corrente d'água no riacho.

* Map View é um aplicativo fornecido pela SONY Inc. para visualização da posição e direção de fotografias em mapas e imagens de satélite fornecidos pelo serviços cartográficos da Google Maps.

Os topônimos citados nas fontes históricas

Os textos certamente contêm, como constatado por Benjamin Teensma, variantes na grafia dos topônimos de origem tupi, portuguesa, neerlandesa, e mistos, escritos por autores, copistas, paleógrafos e historiadores, pessoas de grau cultural e língua-mater diferentes, resultando em corruptelas que dificultam o seu reconhecimento. Por essa razão, coletou-se e construiu-se a Tabela 1, onde constam os topônimos, suas naturezas, e as variantes das suas grafias nas fontes primárias e secundárias consultadas:

- Textos paleografados e traduções do prof. Teensma dos relatórios de Strucht e Houck, e no diário de Hansen;
- Artigos de Alfredo de Carvalho (1905 e 1907) e Olavo Medeiros Filho (1989);
- Mapas coevos, o *Præfecturæ de Paraiba, et Rio Grande* (Marcgrave, 1647) e o *Capitania de Rio Grande* (Anônimo, circa 1640).

O objetivo dessa Tabela consiste em relacionar os topônimos envolvidos, conforme citados nas várias fontes, permitindo, dessa forma, o seu reconhecimento, e facilitando o entendimento das informações de suas características.

Além dos topônimos, há, nos textos, locais sem nome específico e genericamente descritos, no entanto, alguns deles identificáveis examinando-se mapas modernos, por exemplo os trechos no Rio Potengi descritos com rumos, e outros, reconhecidos pela visita *in loco*, mas, mesmo assim, restam outros que apresentam alto grau de incerteza na sua ubicação, sendo a maioria destes, comparativamente, os citados no relato de Peter Hansen.

Tabela 1: Topônimos do percurso da expedição neerlandesa no Rio Grande, em 1650.

Topônimo	Natureza	Nomes nas fontes
Água da Sereia	poça d'água lagoinha	Água da Sereia; Lagoa da Sereia; Mereminnewaeter; Mereminnewater; local mal assombrado Água das Sereias
Apitange	serra monte	Apitange; Itapiranga Apitanga; Monte Apitanga; Serra Vermelha
Caicatinga	local de pernoite	Caicatinga; Caricatinga; Caeycattinga; Caycatinge; CajeCatinga; Gayoatinge Cary-catinga; Carycatinga
Cajueiros	campina	campina dos cajueiros
Camaragibe	rio mina de prata	Camaragibe; Camarasibi; Camarasiby; Camaresiby; Camarasiba; Camarisibe; Camarisibe; Cammerasiba Camarajibe R. Camarigiũij
Capiboretouba	Riacho Retorto	Capiboretouba; Capipo-rie-Retouba; Capibo-re-Retouba; Riepe Ratuba Capibari-retuba
Ceutdawe	barragem natural	Ceutdauwe; Sjeutdauwe; stuwdamme

Tabela 1: Topônimos do percurso da expedição neerlandesa no Rio Grande, em 1650.		
Topônimo	Natureza	Nomes nas fontes
Claes Claenz	casa incendiada	casa de Claes Claenz; casa de Maria Magalhães
Cuité	local de pernoite	Cuité; Coyeté; Coyete; Coyata; Coyate Coyté
Dirck Mulder	casa portinho fluvial do Córrego dos Guajirus	Dirck Mulder; Rodrigo Mollero; **Rego Muleiro** Rego Moleiro
Domingos Lopes	casa incendiada	casa de Domingos Lopes
Forte do Rio Grande	forte	Forte do Rio Grande; Castelo Keulen Caſteel (Fort) Keulen Castelo Keulen do Rio Grande; Castelo de Rio Grande; Forte Keulen; Forte dos Reis Magos Forte de Ceulen; Forte Ceulen; Fortaleza dos Reis Magos
Francisco Macedo	casa incendiada	casa de Francisco Macedo MaſEdo
grande lagoa	grande lagoa de boa água	lagoa próxima ao curral de J. Francisco, Lagoa da Bela Vista
Iberibetou	monte	Iberibetou Ibetibecu
Iporé	Lagoa ou riacho	Iporé
Itabiraba	Monte; serra mina de prata	Itabiraba; Yta-ta-paraba; Ita-ta-beraba; Itaberaba;Utata-paraba
Itabita	monte pedregoso local de pernoite	monte pedregoso na m.e. do Potengi; Itabita; Utapemba Serrote Pedra Branca; riacho Itabita
Jacaré-Mirim	lagoa	**Jacaré-Mirim**; Siackere marijn; Siacker Remarijn; Jacare mirijn Jacare mirim; jackremerj Jacaré-mirim; Jacaremirim Iararémirĩ
Jan Galdron	montes	montes de Jan Galdron
Jan Houck	casa incendiada	casa de Jan Houck; casa do bailio Honck; Hoeck
Jan Vergeson	acampamento	Acampamento de Jan Vergeson; Quartel de João Vergeson Posto de Jan Vergeson
Joan Assoud	aldeia	Aldeia de Joan Assoud Aldeia de João Assu; Aldeia de João Açu
João Francisco	curral	curral de João Francisco Jan Frª. ; Jan frº. ; Jan Francisco
Krombeek	córrego próximo a Jacaré-Mirim,	riacho Krombeek; Coandĩ (possivelmente).
Kromme Rivier	Riacho vide Capiboretouba	Kromme Rivierke; Riacho Recurvo; Riacho Retorto; Riacho Curvado; Riachinho Curvado; Rio Curvado; Córrego Retorto; Riacho Tortuoso Riacho Tortuoso.
local do banho	poça d'água no Potengi local de amostragem	
Major Garstmans	casa incendiada	casa do Major Garstmans

Tabela 1: Topônimos do percurso da expedição neerlandesa no Rio Grande, em 1650.		
Topônimo	Natureza	Nomes nas fontes
Maria Magalhães	casa incendiada	casa de Maria Magalhães casa de Claes Claenz
Mereminnewater	vide Água da Sereia	
Mijo de Ratos	local de pernoite	Mijo de Mocós ; Rottenpiswaeter; Rottenpaswaeter; Rottepiswater; Água do Mijo de Mocós Mijo de ratos
Outezapoua	monte	Outezapoua; Outezakwa Utezarva
Pabuna	riacho	Riacho Pabuna Paboena
Paraupaba	acampamento de brasilianos	Paraupaba; Perupaba; acampamento de Antonio Perupaba Antonio Paraupaba Iaragoa (aldeia de Paraopaba)
plantações	roças	roças de brasilianos; plantações de brasilianos
Potengi	rio distrito	Potesy; Potesey; Potesij; Potengi Potenji Potîjî ; Potiiî; Potijî;
Riacho Retorto	riacho	Cromme Reviercke(n); Cromme Reviere; Crom Reviercken; Croom Reviercken; Riacho Retorto; Corrego Retorto; Riacho Curvado Riacho Tortuoso
Riepe Ratuba	Vide Capiboretouba	
Rio Grande	Rio	Rio Grande; **Rio Potengi**
Rottepiswater	vide Mijo de Ratos	
Tabiane	local de pernoite	margem do Potengi
Tabouquaba	monte	Tabouquaba Tabuquaba
Tingesiade	poça d'água local de pernoite	Tingesiade; Tingeciade; Tingeyado Tinguijada
Utapemba	altissima roca (margem do Potengi)	Utapemba; Itabita.
Utataparaba	Vide Itabiraba	

Nota: os topônimos atuais estão destacados em negrito.

Legenda das fontes documentais:

- Paleografias e traduções do prof. Benjamin Nicolaas Teensma
- Textos de Alfredo de Carvalho e/ou Olavo Medeiros Filho
- Mapas de Marcgrave e Vingboons

Benjamin Teensma observa que a região no alto Potengi citada nos textos da documentação primária da expedição em tela é a mesma visitada por Rovlox Baro em 1647[123]. Outezapoua, Outezakwa, Uterzawa designa um monte próximo à aldeia de Joan Assoud, que, pelas circunstâncias, podem ser o mesmo monte e aldeia citadas na *Relation dv voyage de Roulox Baro*, como "la montagne Matiapoa" e "l'Aldeee Terapissima, le chef de laquelle estoit Iean Vvioauin"[124], e no artigo *A viagem de Roulox Baro ao País dos Tapuias (1647)*, de Olavo Medeiros Filho, onde são designados de "morro Matiapoa" e "aldeia Terapissima, cujo chefe era João Vvioauin"[125].

As etapas percorridas segundo Strucht, Houck e Hansen

A expedição, para efeito de estudo do ponto de vista geográfico, pode ser dividida em quatro trechos distintos:

- Trecho 1: entre o *Casteel Keulen*, o Forte dos Reis Magos, e a mina na margem sul do Rio Potengi, a Mina do Camaragibe;
- Trecho 2: entre a Mina do Camaragibe e a foz do *Kromme Rivier*[126];
- Trecho 3: subindo o *Kromme Rivier* até alcançar o Iporé;
- Trecho 4: o retorno, do Iporé ao Forte dos Reis Magos.

O Trecho 1, entre o Forte do Rio Grande e a Mina do Camaragibe, pela sua relativa proximidade do litoral, é o único que pode ser visualizado em mapas neerlandeses coevos (Figura 3). Assume-se que, na última etapa do regresso, entre a casa de Dirck Mulder e o Forte do Rio Grande, a travessia do Rio Potengi tenha sido feita por bote, partindo do porto na Redinha[127]. Não parece provável que, após saírem da casa de Dirck Mulder, próxima ao portinho de seu proprietário, no rio *Guajaĩ*[128], tenham atravessado a vau o Rio Jundiaí [129] nas proximidades da

123 (TEENSMA, 2014; fol. 3); (BARO, 1651).

124 (BARO, 1651; pg. 205, 207, 208, 236).

125 Olavo Medeiros Filho (1989; pg.78-79, pg.82-83) *A viagem de Roulox Baro ...* Robustecendo o argumento, observa-se a semelhança de corruptelas de grafias de Matiapuã no topônimo Poteapua, que designa um monte na Capitania de Sergipe, na ITAPVAMA, no mapa *Brasilia qua parte paret Belgis* (MARGGRAPHIUS, 1647). Vide http://lhs.unb.br/biblioatlas/Poteapua_(serra), acesso em 1/9/2014.

126 Rio Tortuoso, Rio Retorto, ou Riacho Recurvo.

127 Porto de pesca, na margem direita e na foz do Rio Potengi - do lado oposto ao Forte dos Reis Magos.

128 Riacho do Rego Muleiro.

129 *Nhumdiaĩ* no mapa *Præfecturæ de Paraiba, et Rio Grande* (Marcgrave, 1647); *Rº do MarEEs* no mapa *Capitania de Rio Grande* (BAV Reg. Lat. 2106, f. 035).

Cidade Noua[130], ou seja, próximo do Engenho do Ferreiro Torto[131], ou num vau mais a montante, pois essa hipótese configura um arrodeio de cerca de 28 Km, ou 5 léguas holandesas.

Dos relatos de Strucht e Houck e do diário de Hansen vertidos por Benjamin-Teensma[132], constrói-se as Tabelas 2 e 3, sintetizando as distâncias percorridas nas etapas de cada trecho, e a Tabela 4, com os percursos diários e o de algumas etapas, evidenciando as coincidências e diferenças nas distâncias mencionadas.

130 *niɛu ſtaɔt* no mapa *Capitania de Rio Grande* (BAV Reg. Lat. 2106, f. 035.

131 Engenho na margem direita do Rio Jundiaí, não mapeado nos mapas do Brasil Holandês, e possivelmente estabelecido após 1654.

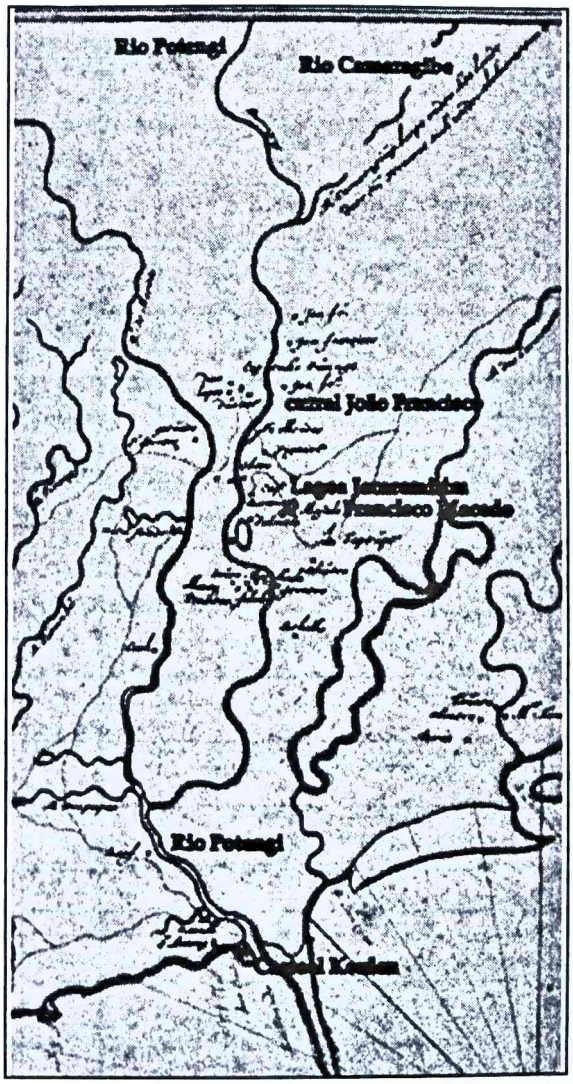
132 (TEENSMA, 2014).

Figura 3: Locais e percursos da expedição neerlandesa em 1650, entre o Forte do Rio Grande e a

Mapa *Præfecturæ de Paraiba, et Rio Grande* (Marcgrave, 1647).

Biblioteca Nacional de España, GMG/1121 - fol. 147.

Mina do Camaragibe, nos mapas neerlandeses coevos.



Mapa *Capitania de Rio Grande* (circa , 1640).

Biblioteca Apostólica Vaticana, Reg. Lat. 2106, f. 035

Tabela 2: Etapas e distâncias mencionadas nos relatórios Strucht & Houck					
Pieter Van Strucht					Jan Houck
data	etapa	Légua holandesa			etapa
25/01/1650	01/1 Castelo Keulen @ portinho de Dirck Mulder	3	3	3	01/1 Castelo Keulen @ portinho de Dirck Mulder
	01/2 portinho de Dirck Mulder @ riacho Pabuna	1	1	1	01/2 portinho de Dirck Mulder @ riacho Pabuna
	01/3 Riacho Pabuna @ Lagoa Jacaré-Mirim	2	2	-	01/3 Riacho Pabuna @ Lagoa Jacaré-Mirim
26/01/1650	02 Lagoa Jacaré-Mirim @ mina do Camaragibe	3	3	-	02 Lagoa Jacaré-Mirim @ mina do Camaragibe
27/01/1650	03/1 mina do Camaragibe @ Coyeté	3	3	3	03/1 mina do Camaragibe @ Cuité
	03/2 Coyeté @ Itabita	2	2	2	03/2 Cuité @ Itabita
28/01/1650	04/1 Itabitá @ poça no rio Potengi	2½	2,5	2½	04/1 Itabita @ poça no rio Potengi
	04/2 poça no Rio Potengi @ Caycatinga	2+	2,3	2+	04/2 poça no Rio Potengi @ Caycatinga
29/01/1650	05/1 Caycatinga @ Tingesiade	2+	2,2	2+	05/1 Caycatinga @ Tingeyado
	05/2 Tingesiade @ foz Kromme Rivier	1	1	1	05/2 Tingeyado @ foz do Kromme Rivier
				1	05/3 foz do Kromme Rivier @ Mereminnewater
	05/3 foz do Kromme Rivier @ Mijo de Ratos	2	2	1	05/4 Mereminnewater @ Rottepiswater
30/01/1650	06/1 Mijo de Ratos @ Itabiraba	½	0,5	½	06/1 Rottepiswater @ 2ª mina [Itabiraba]
	06/2 Itabiraba @ Iporé	2	2	2	06/2 [2ª mina (Itabiraba) @ Iporé]
	Total [Castelo Keulen @ Iporé]		**26,5**		
30/01/1650	06/3 Iporé @ ¾ légua além Mijo de Ratos	3¼	*		06/3 Iporé @ ¾ légua além Mijo de Ratos
31/01/1650	07 [¾ légua além Mijo de Ratos @ ½ légua oeste Itabita]	8¾	*		07 [¾ légua além Mijo de Ratos @ ½ légua oeste Itabita]
01/02/1650	08 [½ légua oeste Itabita @ Mina do Camaragibe]	5½	*		08 [½ légua oeste Itabita @ Mina do Camaragibe]
02/02/1650	09 Mina do Camaragibe @ casa de Dirck Mulder	6	*		09 Mina do Camaragibe @ casa de Dirck Mulder
03/02/1650	10 casa de Dirck Mulder @ Castelo Keulen	3	*		10 casa de Dirck Mulder @ Castelo Keulen
* distâncias calculadas com base nas distâncias registradas na ida do Forte ao Iporé.					

Na Tabela 2, acima, nota-se que Jan Houck omitiu no seu relatório as distâncias das etapas [01/3 Riacho Pabuna @ Lagoa Jacaré-Mirim] e [02 Lagoa Jacaré-Mirim @ mina do Camaragibe], lacunas supridas com as anotações do engenheiro Strucht[133].

133 Alfredo de Carvalho (1907; pg. 163) cita a existência de raros pontos omissos no relatório de Houck completados com dados de Strucht.

Tabela 3: Etapas e distâncias anotadas em léguas holandesas no diário de Peter Hansen.				
data	**etapa**	**Légua**		**Observação**
26/1/1650	01 Castelo Keulen @ Jacaré-Mirim	-		
27/1/1650	02 Jacaré Mirim @ mina do Camaragibe	-		Camaragibe dista 9 léguas do Rio Grande.
28/1/1650	03 mina do Camaragibe @ Utapemba	4		local à margem do Potengi.
29/1/1650	04 Utapemba @ Caicatinga	5		sopé de uma alta roca, lagoa grande e profunda
30/1/1650	05 Caicatinga @ Tingeciade	2		lagoa, água boa.
31/1/1650	06/01 Tingeciade @ barra Riepe Ratuba	-		
	06/02 barra Riepe Ratuba @ Mijo de Ratos	2		sopé roca mui alta; água da chuva impregnada por fezes.
1/2/1650	07/01 Mijo de Ratos @ mina de prata	-		presume-se a mina de Utataparaba.
	07/02 mina de prata @ monte altíssimo	2		fonte de água salobra no sopé, escalam o monte.
2/2/1650	08 monte altísssimo @ Mina Utataparaba	2	**2**	descem o monte, passam pela fonte, chegam à mina.
5/2/1650	09 Mina Utataparaba @ Rio Potengi-½	3	**3**	presume-se pernoitarem á margem do Rio Potengi
6/2/1650	10 Rio Potengi-½ @ poça no Rio Potengi	5	**5**	pernoite junto à alta roca de pedra, com grande e profunda lagoa.
7/2/1650	11 poça no Rio Potengi @ Tabiane	6	**6**	
8/2/1650	12/01 Tabiane @ altíssima roca	2	**2**	passam pela altíssima roca, modelada como um castelo.
	12/02 altíssima roca @ Utapemba	2½	**2,5**	
9/2/1650	13 Utapemba @ Mina do Camaragibe	4	**4**	
10/2/1650	14 Mina do Camaragibe @ casa de Rodrigo Mollero	-	**6**	Não cita a distância; assume-se 6 por ter citado na ida 9, do Rio Grande à mina do Camaragibe; passam pela lagoa Jacaré-Mirim.
11/2/1650	15 casa de Rodrigo Mollero @ Castelo de Rio Grande	6	**3**	cita 6 léguas; constata-se ser equívoco.
Total [monte altíssimo (Iporé) @ Castelo do Rio Grande]			**33,5**	

Distância percorrida no retorno, conforme a contagem de passos por Peter Hansen:

"no trajeto da nossa volta da mina de prata ao Rio Grande marchamos 96.578 passos duplos, sendo a norma para uma hora holandesa, ou légua horária, 3.000 passos de 3½ côvados"[1].

passos duplos	**Légua holandesa/Légua horária**	**Somatório das distâncias citadas nas etapas**	
96578	*32,2*	**31,5**	Deduz-se 2 léguas do percurso total da expedição.

Tabela 4: Comparação de distâncias percorridas (em léguas holandesas) por dia de viagem

Por dia de viagem:

Relatórios Strucht/Houck				*Semelhança*
dia	**data**	**percurso**	**Légua**	
1	25/1/1650	Castelo Keulen @ Jacaré-Mirim	6	
2	26/1/1650	Jacaré Mirim @ mina do Camaragibe	3	
3	27/1/1650	mina do Camaragibe @ Itabita	5	
4	28/1/1650	Itabita @ Caycatinga	4,7	
5	29/1/1650	Caycatinga @ Mijo de Ratos	5,3	
6	30/1/1650	Mijo de Ratos @ Mijo de Ratos-¾ (*)	5,75	
7	31/1/1650	Mijo de Ratos-¾ @ ½ légua W Itabita	8,75	
8	1/2/1650	½ légua W Itabita @ mina do Camaragibe	5,5	
9	2/2/1650	mina do Camaragibe @ casa Dirck Mulder	6	
10	3/2/1650	casa Dirck Mulder @ Castelo Keulen	3	

(*) Mijo de Ratos-¾ designa uma posição a ¾ de légua a jusante no Riacho Recurvo

(**) W = oeste

(***) rio Potengi-½ designa uma posição ½ légua a jusante da foz do Riacho Recurvo

Em etapas da ida, citadas com as distâncias registradas:

Relatórios Strucht/Houck				*Semelhança*
dia	**data**	**percurso**	**Légua**	
5	29/1/1650	05/1 Caycatinga @ Tingeyado	2,2	
5	29/1/1650	05/3 foz do Kromme Rivier @ Mereminnewater	1	
5	29/1/1650	05/4 Mereminnewater @ Rottepiswater	1	
6	30/1/1650	06/2 2ª mina [Itabiraba] @ Iporé	2	

e em etapas da ida com distâncias registradas.

Diário de Hansen			
Légua	dia	data	etapa
6	1	26/1/1650	Castelo Keulen @ Jacaré-Mirim
3	2	27/1/1650	Jacaré Mirim @ mina do Camaragibe
4	3	28/1/1650	mina do Camaragibe @ Utapemba
5	4	29/1/1650	Utapemba @ Caicatinga
2	5	30/1/1650	Caicatinga @ Tingeciade
-	6	31/1/1650	Tingeciade @ Mijo de Ratos
-	7	1/2/1650	Mijo de Ratos @ monte altíssimo
2	8	2/2/1650	monte altíssimo @ mina Utataparaba
3	9	5/2/1650	mina Utataparaba @ rio Potengi-½ (**)
5	10	6/2/1650	rio Potengi-½ @ poça
6	11	7/2/1650	poça @ Tabiane
4,5	12	8/2/1650	Tabiane @ Utapemba
4	13	9/2/1650	Utapemba @ mina Camaragibe
6	14	10/2/1650	mina do Camaragibe @ casa Rodrigo Mollero
3	15	11/2/1650	casa Rodrigo Mollero @ Castelo Keulen

Diário de Hansen			
Légua	dia	data	etapa
2	5	30/1/1649	Caicatinga @ Tingeciade
2	6	31/1/1650	06/02 barra Riepe Ratuba @ Mijo de Ratos
2	7	1/2/1650	07/02 mina de prata @ monte altíssimo

Corroborando a observação de Benjamin Teensma[134], verifica-se na Tabela 4 que todas as datas anotadas no diário de Hansen diferem das citadas nos relatórios oficiais.

A análise dos textos e das tabelas acima mostra que os relatos oficiais são mais ricos quanto aos detalhes para a identificação dos marcos de paisagem e locais de descanso ou pernoite, citando as distâncias nas etapas da viagem na ida do Forte do Rio Grande às minas, e contêm observações úteis e práticas a respeito dos recursos essenciais à futura exploração das minas, tais como disponibilidade de água, madeira, e terras para plantio nas suas vizinhanças, e guardam consistência entre si.

As informações de Hansen, no percurso de ida, comparativamente, são menos detalhados quanto à distância e descrição de marcos de paisagem, contudo, pode-se constatar que há boa coincidência das informações de distância com os relatórios oficiais para a maioria das etapas. Elas não destoam na distância entre o Forte do Rio Grande e Mina do Camaragibe, 9 léguas, e, no Trecho 2, entre a Mina do Camaragibe e a foz do Riacho Recurvo, ainda que haja algumas pequenas diferenças nessas distâncias, tais como citar 4 léguas entre a Mina do Camaragibe e o monte Itabita, enquanto Strucht e Houck citam 5. Também não se nota diferença significativa no Trecho 3, da foz do Riacho Recurvo até as cercanias do Iporé.

Hansen detalha todas as etapas do regresso, informando distâncias, e por isso, pode-se identificar o marco de paisagem Utapemba como o Itabita de Strucht e Houck, e permitir o cômputo da distância total do percurso de retorno do Iporé ao Forte do Rio Grande.

Presume-se, pelas evidências destacadas na Tabela 4, que, no retorno, possivelmente a expedição divide-se em dois grupos, um, o do engenheiro Strucht e o bailio Houck, que marchou sem carga, ligeiro, e outro grupo, no qual o soldado Hansen veio contando passos, mais lento, trazendo as amostras e ferramentas, sobrecarregado, e acompanhado pelo pessoal debilitado pela diarreia, ainda que essa possibilidade se contraponha ao registro de Hansen, que afirma "De toda esta viagem o Engenheiro Strucht fez um mapa completo e um relatório, e eu contei a seu lado todos os passos que marchamos."[135].

Adicionalmente, Hansen informa a distância entre a mina de prata de Utataparaba, sita 2 léguas aquém do Iporé, e o Forte do Rio Grande, obtida pela contagem de 96578 passos duplos, e, para facilitar o entendimento dessa grandeza, também fornece o fator de conversão de passos duplos em léguas holandesas, 3000 passos duplos por légua holandesa. Aí detecta-se a primeira inconsistência em dados do próprio Hansen, ainda que pouco significativa: pela contagem de passos, essa distância é de 32,2 léguas holandesas, e, pela soma das etapas no retorno, 31,5 léguas[136].

134 (TEENSMA, 2014).

135 (HANSEN, 1995; pg. 89).

136 (HANSEN, 1995; pg. 89).

Computando-se a soma das distâncias de cada etapa citadas pelo engenheiro Strucht e o bailio Houck, obtém-se 24,5 léguas, valor bem diferente do de Hansen, 31,5 léguas holandesas. Essa diferença de 7 léguas, entre os relatórios oficiais e o diário do soldado, como se constata, está praticamente concentrada no trecho percorrido no Rio Potengi, entre o Itabita/Utapemba e a foz do Rio Recurvo.

Já mencionou-se que há relativa concordância das distâncias anotadas por Hansen com as dos relatórios de Strucht e de Houck na ida, o que admite a suposição de que, como se constata nas Tabelas 2, 3 e 4, ele poderia ter, desapercebidamente, dobrado o valor calculado em léguas holandesas das etapas do retorno, quando converteu suas contagens de passos duplos, entre o ponto de pernoite no dia 5/2/1650, a três léguas da mina de Utataparaba, o que implica que pernoitaram no leito do Rio Potengi, a meia légua a jusante da barra do Rio Recurvo, e o monte Utapemba/Itabita. Strucht e Houck citaram 8 léguas neste trecho, enquanto Hansen anota trechos, que somados, resultam exatamente no dobro dessa distância, 16 léguas holandesas.[137]

1. A expedição neerlandesa de 1650 explorou, necessariamente, só um afluente do rio Potengi, mas as incongruências entre os dados contidos nos relatórios oficiais e no diário de Hansen, e as contradições entre os dados desse diário, levam a duas vertentes para a ubicação dos locais e percursos entre o Forte do Rio Grande e o Iporé neste estudo:

1. admitindo que os dados de Strucht e Houck estão corretos, o que configura a Hipótese 1, doravante denominada H1; aceitando que os dados de Hansen estão corretos, constituindo a Hipótese 2, ou H2.

Assim, o Riacho Retorto tem, neste estudo, duas interpretações para sua identificação, baseada no georreferenciamento dos locais e distâncias interpretadas segundo as duas hipóteses acima explicitadas.

O georreferenciamento do Trecho 1, do Forte do Rio Grande à Mina do Camaragibe

O georreferenciamento no Google Earth™ do Trecho 1, entre o *Casteel Keulen*, o Forte do Rio Grande, atual Forte dos Reis Magos, e a mina na margem sul do Rio Potengi, a Mina do Camaragibe é construído relativamente sem dificuldades, pois todos os topônimos ou locais citados podem ser razoavelmente identificados. O procedimento de georreferenciamento praticamente resumiu-se a locar os locais citados e uni-los com os trajetos existentes em PEREIRA (2008), e, por processo similar ao adotado nesse trabalho, estabelecendo percursos por antigos caminhos e pelo leito do Rio Potengi. Outro fator facilitador é não haver divergência entre os relatórios oficiais e o diário do soldado Hansen nesse trecho.

137 A aparente contradição, entre Strucht/Houck versus Hansen, da diferença no trecho do Forte à Mina Utataparaba/Itaberaba resultar 7 léguas, e no trecho de Utapemba à foz do Recurvo resultar 8 léguas, explica-se por haver 1 légua holandesa a mais nos relatórios de Strucht e Houck na etapa Mina do Camaragibe @ Itabita/Utapemba.

Alfredo de Carvalho registra uma citação da primeira visita, em 1649, de Peter Persijn, o guia da expedição de 1650, à mina na margem do Rio Potengi, presumivelmente próximo à foz do Rio Camaragibe:

> ... Pieter Persyjn só foi encontrar minério ao sul do rio Potengy, nove milhas[138] mais para o interior e a W SW do Forte Ceulen, conforme claramente se deprehende do mappa ou roteiro que nos apresentou o mesmo Pieter Persijn[139] ...

A distância entre Forte e essa mina, próxima à foz do Rio Camaragibe, cerca de 9 léguas, está exagerada, como ver-se-á, e a melhor estimativa histórica encontrada é a de João de Albuquerque, passim Alfredo de Carvalho[140], seis milhas entre o Forte e a barra do Camaragibe, equivalendo a 6 léguas presumivelmente portuguesas, ou cerca de 36 Km.

Parte do trajeto do Trecho 1 pode ser visto nos mapas neerlandeses[141], e os topônimos Castelo Keulen, Rio Potengi, portinho de Dirck Mulder, casa de Dirck Mulder, a aldeia do regedor Paraupaba, as casas junto à lagoa Jacaré-Mirim, a própria lagoa, e a rede de caminhos mapeados no mapa de Marcgrave[142], estão georreferenciados em PEREIRA (2010).

Os topônimos situados entre a lagoa e o Rio Potengi são mais incertos, mas, em mapas modernos, localiza-se facilmente a foz do Camaragibe, e o trecho desse rio onde o seu leito tem direção S.SE, o que estabelece bem a posição da área prospectada em busca de minério.

O estudo de Olavo Medeiros do Trecho 1 pode ser considerado correto, e, ao visitar os locais, esse historiador pôde comprovar *in loco* a descrição da situação dessa mina, já que localizou as rocas situadas na margem esquerda do Potengi e próximas à foz do Rio Camaragibe, conforme descritas nos relatórios[143]. No entanto, cumpre notar que Alfredo de Carvalho interpretou que a mina apontada por Persijn situava-se à margem esquerda do Rio Potengi[144], e Olavo de Medeiros o seguiu[145], o que difere do relatório de Jan Houck, que a situa no canto leste da curva, presumivelmente do rio, na sua margem direita, descrevendo sua situação da seguinte forma:

---

138 Milha, no contexto, deve ser entendida como légua. A légua portuguesa, equivalendo a cerca de 6 Km, praticamente equivale à légua holandesa, 5,649 Km, para efeito de estimativas genéricas.

139 (CARVALHO, 1905; pg. 165), trecho da carta (Brieven en Papieren uit Brazilie. Anno 1649. Nº 24.) do Supremo Governo do Brasil (Der Opper Regeeringe van Brasil), dirigida, a 16 de Dezembro de 1649, aos Diretores da WIC.

140 (CARVALHO, 1905; pg. 161).

141 Vide Figura 3.

142 Mapa *Præfecturæ de Paraiba, et Rio Grande* [1647].

143 (MEDEIROS Filho, 1989; p. 89, 90, 98 e 99).

144 (CARVALHO, 1907; pg. 164-165).

145 (MEDEIROS Filho, 1989; p. 90).

E deste lugar o Potengi estende-se ao sul-sudeste. Marchamos até o fim desse trecho, onde Pieter Persijn nos indicou, ao lado esquerdo, no canto leste da curva, a última mina, da qual disse ter entregado ultimamente algum mineral aos Nobres e Poderosos Senhores.[146]

O respectivo texto no relatório de Pieter Van Strucht é ambíguo:

> Depois de continuar mais um trajeto ao sul-sudeste, Pieter Persijn nos indicou a primeira mina, da qual ele recentemente entregara algum minério, juntamente com minério da outra mina, aos Nobres e Poderosos Senhores. Acha-se, aproximadamente, a 9 léguas do Castelo Keulen na margem esquerda, ou seja a leste duma montanha, onde, pela seca, há muitas arvorinhas sem folhas, como durante o inverno na pátria.[147]

Na margem esquerda, mas esquerda do que? Do percurso que seguiam, rio acima, ou conforme a moderna convenção geográfica para definir margem esquerda ou direita de cursos d'água? Assume-se, neste estudo, que as indicações de rumo e de lado nos relatórios oficiais e no diário de Hansen são referenciados em relação ao sentido da marcha no momento, e, dessa forma, a mina situa-se no lado esquerdo, canto leste da curva do rio, e, pela moderna concepção geográfica, na margem direita, lado sul, do Rio Potengi.

As Figuras 4 e 5, abaixo, mostram as imagens do georreferenciamento do percurso da ida no Trecho 1, e a Tabela 5, a comparação das distâncias citadas nos relatórios em léguas holandesas com as obtidas no georreferenciamento.

146 (HOUCK, 1650; fol. 7).

147 (STRUCHT, 1650; fol. 1).

Tabela 5: Comparação das distâncias citadas nos relatórios Strucht/Houck com as Georreferenciadas no Trecho 1: Castelo Keulen @ Mina do Camaragibe.					
Etapa/percurso	Relatórios		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
01/1 Castelo Keulen @ portinho de Dirck Mulder	3	16,9	11,6	2,1	32
01/2 portinho de Dirck Mulder @ riacho Pabuna	1	5,6	4,8	0,8	15
01/3 Riacho Pabuna @ Lagoa Jacaré-Mirim	2	11,3	4,6	0,8	59
Castelo Keulen @ Lagoa Jacaré-Mirim	6	33,9	21,0	3,7	38
02 Lagoa Jacaré-Mirim @ mina do Camaragibe	3	16,9	16,0	2,8	5
Castelo Keulen @ mina do Camaragibe	**9**	**50,8**	**37**	**6,5**	**27**
Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km] Δ % = diferença percentual entre a distância citada nos relatórios e a obtida no georreferenciamento					

As diferenças mais significativas entre as distâncias citadas e georreferenciadas ocorrem na etapa entre o Forte e o portinho de Dirck Muller, feita navegando o Potengi, e na entre o Riacho Pabuna e a lagoa Jacaré-Mirim, e nessa, isso configura um erro inusitado, já que suas posições e os percursos eram relativamente bem conhecidos pelos neerlandeses.

Cumpre notar que outra fonte histórica cita *Incareningi*, a lagoa Jacaré-Mirim, próxima à qual situava-se a casa de Roulox Baro[148], e o que havia em seus arredores, *la maison du Lieutenant Colonel*, a casa do Tenente Coronel Garsman (sic), o rio *Cammararibi*, o Camaragibe, o *chemin des Campinos*, o caminho da Campina, *l'Aldée des Brasiliens*, a aldeia dos brasilianos, o acampamento de Paraupaba: a Relação da Viagem de Roulox Baro[149], escrita em 1647. E, nas notas de MORISOT, este informa que o local onde situava-se a casa de Baro distava 5 a 6 léguas da casa de Garsman, junto ao *riuiere Cammararibi*, um deslize evidente, já que na mesma frase cita e que a foz do *Cammararibi* no *Potingi*, que Baro redige como *Pottegie*, distava 5 ou 6 léguas do *chasteau*, o Castelo do Rio Grande[150]. Em outra nota, a última, MORISOT informa que a casa de Baro situava-se à six lieües du chasteau de Rio Grande[151].

Contudo, pode-se supor que essa distância de 6 léguas, citada por MORISOT, fosse percorrendo caminhos por terra desde o *Caſteel Keulen*, pela margem direita do Potengi, passando por *Natal*, *Keyſers croon*[152], a *Cidade Noua*[153], vau

148 Carta de B.N.Teensma de 12/08/2014 ao autor: " ... é aconselhável observar que o nome Roulox é corruptela do neerlandês Roelof = Rodolfo".

149 (BARO, 1651; pg. 198).

150 (MORISOT, 1651; pg. 250), Nota 4.

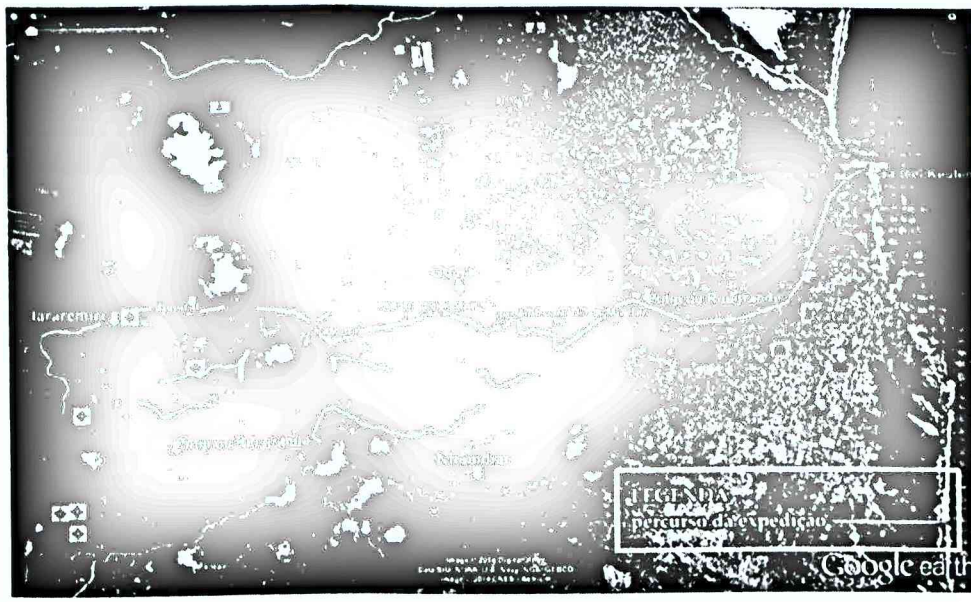
151 (MORISOT, 1651; pg. 307), Nota 86.

152 Cidade misteriosa plotada no mapa, sobre a qual há especulações, e que, além da sua posição probabilística, pouco, ou quase nada se conhece.

153 Cidade no vale do *Nhumdiaĩ* (Rio Jundiaí), que substituiria Natal como sede do Rio Grande Holandês. Esta cidade não desenvolveu-se, desaparecendo no limbo da história.

no *Nhumdiaĩ*, vau no *Acaiuarĩ*[154], vau no *Potîĩĩ*[155] próximo à foz do *Coandĩ*[156] e, finalmente, chegando a *Iararémirĩ*[157], cujo georreferenciamento indica ser de aproximadamente 31 km - vide os caminhos desenhados no mapa *Præfecturæ de Paraiba, et Rio Grande* na Figura 1.

Figura 4:Georreferenciamento do percurso [Castelo Keulen @ Lagoa Jacaré-Mirim] no Trecho 1, na ida.



154 Nome atual: Rio da Prata.

155 Variante de grafia do nome do Rio Potengi nesse mapa.

156 Riacho afluente do Rio Potengi, próximo do povoado Guanduba, município de São Gonçalo do Amarante-RN.

157 Lagoa Jacaré-Mirim.

Figura 5:Georreferenciamento do percurso [Lagoa Jacaré-Mirim @ mina do Camaragibe] no Trecho 1, na ida.

O georreferenciamento do Trecho 2, da Mina do Camaragibe à Foz do Riacho Recurvo

- O georreferenciamento no Google Earth™ do Trecho 2, entre a Mina do Camaragibe e a foz do Riacho Retorto, é o problema principal abordado neste estudo, pois, como já apontado, identificou-se uma diferença na distância percorrida no trecho de Caicatinga até a barra do Kromme Rivier, ou Riacho Retorto, entre os relatórios oficiais, de Pieter Van Strucht e Jan Houck, e o diário do soldado Peter Hansen, de cerca de 5,7 a 7 léguas holandesas, o que nos leva a tratá-lo, como anteriormente explanado, de duas maneiras distintas, admitindo estarem corretos os dados de:

- Strucht e Houck, o que configura a Hipótese 1, denominada H1;

Hansen, considerados na Hipótese 2, doravante citada como H2.

- Neste Trecho 2 o processo de georreferenciamento baseia-se:

- Na localização de um marco de paisagem que se assume ser o monte Itabita, ou Utapemba, no serrote atualmente conhecido como Pedra Branca, situado ao norte da cidade de São Pedro-RN, reconhecido como tal por Olavo Medeiros[158] pelas suas características, e com o qual concordamos - vide Fotografia 1.

158 (MEDEIROS Filho, 1989; p. 91 e 100).

- Na ubicação sucessiva ou iterativa dos trajetos de cada etapa, ou seja, o trajeto de uma etapa é desenhada no mapa a partir do ponto final da etapa anterior, seguindo pelo leito do Rio Potengi, com suas curvas, até que o trajeto tenha um comprimento igual à distância citada para aquela etapa. Feito isso, examina-se as características da área próxima ao ponto final da etapa, e ajusta-se esse ponto, para mais ou para menos, conforme as características descritas e as que se pode observar nas imagens de satélite do Google Earth e nas visitas *in loco*.

Fotografia 1: Serrote da Pedra Branca, visto do leito do Rio Potengi.

O georreferenciamento do Trecho 2, da Mina do Camaragibe à Foz do Riacho Recurvo, segundo os relatórios de Pieter Van Strucht e Jan Houck

No trecho entre a Mina do Camaragibe e a foz do Riacho Recurvo há a referência à poça de boa água no Rio Potengi, denominada Tingesiade, Tingeciade ou Tingeyado pelos expedicionários, e Tinguijada por Alfredo de Carvalho[159] e Olavo Medeiros Filho[160], situada no sopé da montanha Apitange, que são pontos-chave para a ubicação, na Hipótese 1, do Riacho Recurvo.

159 (CARVALHO, 1907; pg. 166).

160 (MEDEIROS Filho, 1989; p. 92).

Strucht se refere a esses topônimos da seguinte forma:

29 de janeiro. Pela manhã seguimos marchando duas léguas grandes, cortando caminho de vez em quando em linha direta sobre a borda da montanha, a qual, por toda parte, estava coberta de arvorinas secas; onde, ao lado duma montanha alta e pedregosa de nome Apitange, encontramos no rio uma boa poça de água, chamada Tingesiade. Ainda prosseguimos por este rio Potengi aproximadamente uma légua, até o assim chamado "Kromme Rivier" (= Rio Curvado), ou Capipo-rie-Retouba (= Corrego Retorto) por outro nome, que aqui entra no Potengi; e que no momento igualmente estava sem água. Aqui paramos, ao meio-dia, no lugar onde este trecho do rio corre preponderantemente ao oés-sudoeste, e o "Kromme Rivier" ao oés-noroeste. Por ele seguimos marchando depois do meio-dia, tratando-se dum riacho muito pedregoso. Antes de sair do rio Potengi ainda subimos a montanha onde tínhamos pausado, donde vimos a duas léguas para o oeste uma montanha muito alta e rochosa.[161]

E constam no relato de Houck, quase igual ao de Strucht, mas com alguns detalhes, cujas nuances acrescentam pistas importantes:

A 29 seguimos marchando aproximadamente duas léguas grandes pelo e ao longo do rio, e de vez em quando diretamente pelos montes na mesma direção, onde achamos no rio ao lado duma montanha alta e pedregosa uma poça de água boa, que se chamava Apitange e Tingeyado. Desse lugar seguimos marchando mais uma légua, descansando no leito do rio Potengi, que aqui se estende ao oes-sudoeste, junto à foz do rio chamado Capibo-re-Retouba (= Córrego Retorto) e também Kromme Rivier (= Rio Curvado); ao longo e no qual marchamos depois do meio-dia, e que é seco e muito pedregoso. Aqui se mostrava à distância de aproximadamente duas léguas a oeste uma montanha muita alta e pedregosa, com um cume curto e arqueado em forma de sela.[162]

Os topônimos Apitange e Tigesiade não são explicitamente mencionados por Hansen, todavia, o próprio Alfredo de Carvalho interpreta os relatórios oficiais da seguinte forma:

No dia 29 avançaram em linha recta, galgando os montes, cobertos de matto rasteiro e secco, até que, ao cabo de duas grandes léguas, chegaram á fralda de um monte, chamado Apitanga. ao sopé do qual havia, no leito do rio, um alagado d'agua potável denominado Tinguijada. D'ali proseguiram ao longo do rio Potengy até o ponto onde nelle desagua o riacho Tortuoso, também conhecido pelo nome de Capibar-retuba. Este affluente tambem seccava no verão.

Acompanhando o curso deste riacho por espaço de duas léguas avistaram a Oéste um píncaro muito elevado e em forma de sella.[163]

161 (STRUCHT, 1650; fol. 3).

162 (HOUCK, 1650; fol. 8).

163 (CARVALHO, 1907; pg. 166).

A montanha Apitange foi identificada por Olavo Medeiros Filho como sendo a Serra Vermelha, ao sul da cidade de Barcelona-RN, por associação com a palavra tupi, a língua dos brasilianos, *apitanga*, ou mais apropriadamente, *piranga*, que significa vermelho, ou avermelhado[164].

A atual Serra Vermelha é um cabeço de pedra, e um marco de paisagem - vide Fotografia 2, situado a cerca de 2,5 Km ao sul, do Rio Potengi, e assim, a poça não poderia estar no seu sopé. No entanto, nessa área, na margem esquerda, chegando até a beira do rio, estão as Serras da Gangorra e a Serra da Arara, vizinhas à cidade de Barcelona-RN, as quais reúnem todas as características descritas, já que, no leito do rio, há várias barragens subterrâneas modernas que aproveitaram as poças d'água naturais que ali existem.

Por essas razões, considera-se que a associação de Olavo Medeiros Filho, de Apitange com a Serra Vermelha, tem seus méritos, mas a montanha Apitange citada nos relatos está mais apropriadamente associada com a Serra da Arara. Assim, quanto à poça de boa água denominada Tingeciade, assume-se, neste estudo, que ela situa-se no leito do Potengi, no sopé da Serra da Arara, ou entre o seu sopé e a barra do Riacho da Carnaúba, na zona urbana da cidade de Barcelona-RN - vide a Figura 6.

Os textos dos relatórios de Strucht e Houck, inequivocamente, indicam que os expedicionários, de Tingeciade seguiram pelo Potengi acima por mais uma légua, até a foz do *Kromme*, num local onde o Potengi corre oés-sudoeste e o Kromme oés-noroeste.

Alfredo de Carvalho não detalhou os rumos dos rios Potengi e Recurvo, e a sua interpretação de que os expedicionários "avançaram em linha recta, galgando os montes, cobertos de matto rasteiro e secco, até que, ao cabo de duas grandes léguas, chegaram á fralda de um monte", resultou na interpretação de Olavo Medeiros Filho de que os expedicionários afastaram-se mais de 2,4 Km ao sul do rio, rompendo caatinga alta e fechada, até alcançarem a Serra Vermelha, e dali retornaram à foz do Riacho Santa Rosa, que ele identifica como o *Kromme Rivier*:

Como verificamos, os viajantes, a partir de Caricatinga, deixaram momentaneamente o leito do Potenji, cortando caminho por montes e matos, em direção ao Monte Apitanga. O significado deste termo, no tupi, é vermelho, ou avermelhado. Atualmente, aquele monte denomina-se de Serra Vermelha, ao sul de Barcelona — (RN). No seu sopé, já no leito do rio Potenji, havia um alagado de água potável — Tinguijada. Tal nome indica que ali utilizavam os silvícolas, nas suas pescarias, a planta conhecida por tingui (Magonia pubescens). Dali, tomaram o rumo do nascente, por uns três quilômetros, atingindo a foz do riacho Capibari-retuba.

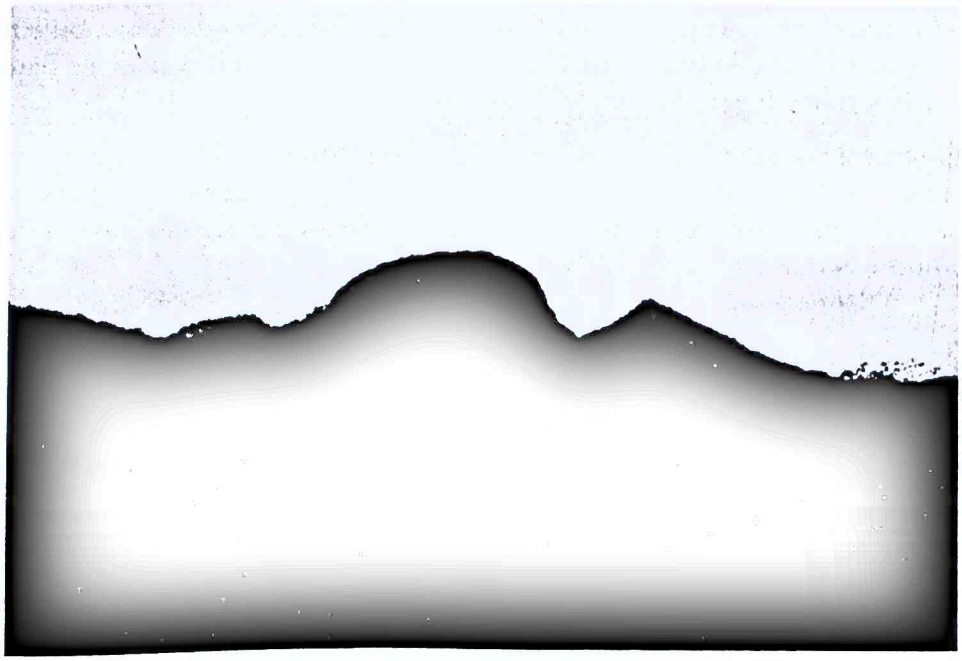
164 (MEDEIROS Filho, 1989; p. 92 e 100).

O curso do Riacho Santa Rosa, semelhante a um arco, bem como a sua extensão confirmam ser o mesmo o antigo Riacho Tortuoso.[165]

O Riacho Santa Rosa, tributário da margem direita do Potengi, na sua foz, se estende na direção sul, e o Rio Potengi se estende a oés-noroeste, como também se nota na Figura 5, e assim, concorda-se, neste estudo com a avaliação de Benjamin Teensma[166], que já havia destacado essa contradição da interpretação de Olavo Medeiros Filho com os relatórios oficiais.

Aproximadamente a 1,4 léguas holandesas de Tingeciade, a montante no Rio Potengi, há o Riacho do Boqueirão, afluente da margem esquerda, lado norte, que, como pode ser visto na Figura 7, reúne quase todas as características descritas, e, por essa razão, é considerado como o *Kromme Rivier* na H1 deste estudo.

Fotografia 2: A Serra Vermelha, município de Barcelona-RN.



165 (MEDEIROS Filho, 1989; p. 92 e 100).

166 (TEENSMA, 2014).

Figura 6: Situação da Serra Vermelha, Serra da Arara e Serra da Gangorra em relação ao Rio Potengi, município de Barcelona-RN.

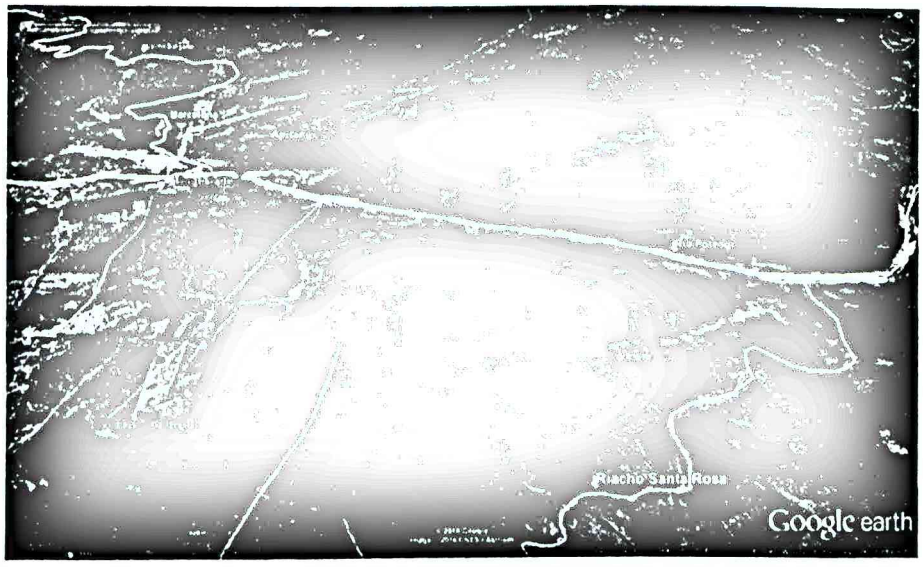
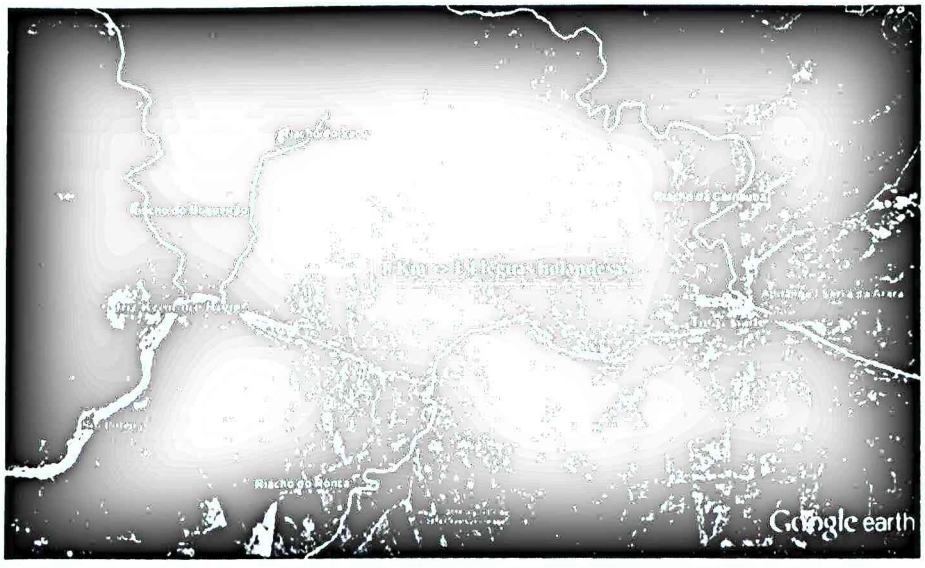


Figura 7: A situação da foz do Riacho do Boqueirão no Rio Potengi, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).



A Figura 8 mostra o georreferenciamento das etapas do terceiro dia da expedição, no percurso entre a Mina do Camaragibe e o monte Itabita, que tem locais de origem e destino bem reconhecidos. O local intermediário, o Coyeté, foi estimado pela distância percorrida na primeira etapa e ajustada para um local onde há uma poça d'água. Todas as poças d'água citadas, foram encontradas com água pelos neerlandeses no final de janeiro, início de fevereiro, quase no final

da estação de estio, e certamente são locais especiais, e por essa característica, a pesquisa em campo procurou identificar as existentes nas proximidades dos locais inicialmente locados pela estimativa de navegação, consultando moradores da vizinhança, que as conhecem bem, e as indicaram. Isso permitiu os pequenos ajustes para alocá-las nas posições indicadas neste estudo.

A Figura 9 ilustra o georreferenciamento do percurso do quarto dia da expedição, do monte Itabita ao poço d'água Caycatinga, que está alocado numa poça d'água no leito do rio, indicada por moradores como resistente às secas, entre o distrito de Jurema e o sítio Curicaca, a montante da barragem de São Paulo do Potengi.

A Figura 10 mostra o georreferenciamento do percurso do quinto dia, entre Caycatinga e a foz do Riacho Retorto, passando por Tingesiade, topônimos já comentados anteriormente.

A Tabela 6, abaixo, resume os dados da comparação das distâncias citadas nos relatórios oficiais com as obtidas no georreferenciamento do Trecho 2, entre a Mina do Camaragibe e a foz do Riacho Retorto, segundo a Hipótese 1, onde o *Kromme Rivier* é identificado como o Riacho do Boqueirão.

Tabela 6: Comparação das distâncias citadas nos relatórios Strucht/Houck com as Georreferenciadas no Trecho 2: Mina do Camaragibe @ foz do *Kromme Rivier* (Riacho do Boqueirão, Hipótese 1).

Etapa/percurso	Relatórios		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
03/1 mina do Camaragibe @ Coyeté	3	16,9	14,9	2,6	12
03/2 Coyeté @ Itabita	2	11,3	11,0	1,9	3
mina do Camaragibe @ Itabita	5	28,2	25,9	4,5	8
04/1 Itabita @ poça no rio Potengi	2,5	14,1	13,0	2,3	8
04/2 poça no Rio Potengi @ Caycatinga	2,2	12,4	12,6	2,2	-1
Itabita @ Caycatinga	4,7	26,5	25,6	4,5	4
05/1 Caycatinga @ Tingeyado	2,3	13,0	18,3	3,2	-41
05/2 Tingesiade @ foz do Riacho Recurvo	1,0	5,6	8,0	1,4	-42
Caycatinga @ foz do Riacho Recurvo	3,3	18,6	26,3	4,6	-41
Itabita @ foz do Riacho Recurvo	**13,0**	**73,3**	**77,8**	**13,6**	**-6**

Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km]

Δ % = diferença percentual entre a distância citada nos relatórios e a obtida no georreferenciamento

Figura 8: O georreferenciamento do percurso entre a Mina do Camaragibe e o monte Itabita, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).

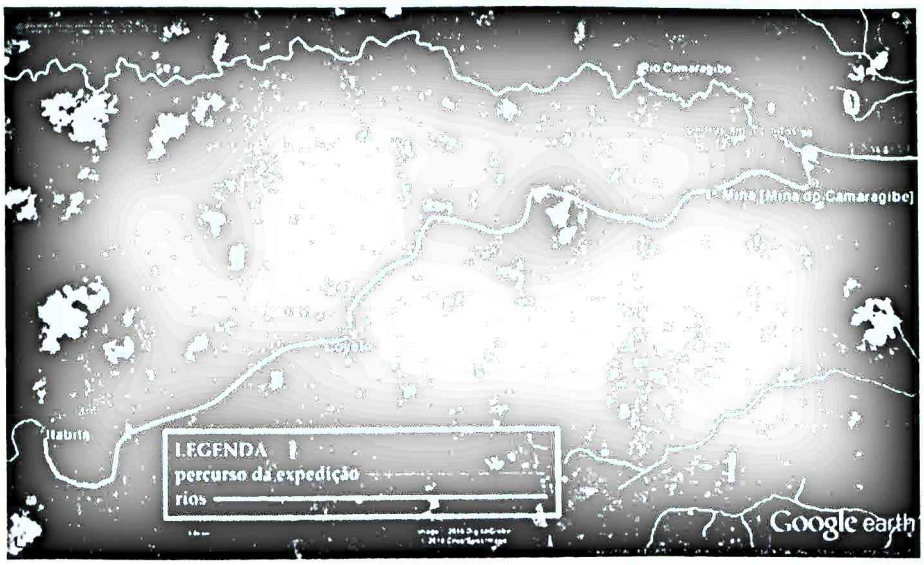


Figura 9: O georreferenciamento do percurso entre o monte Itabita e Caycatinga, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).

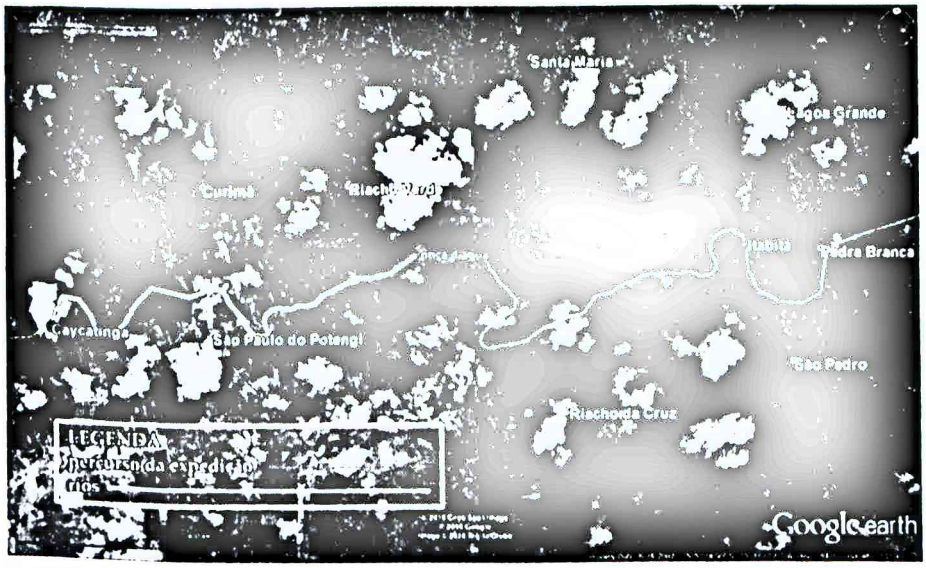
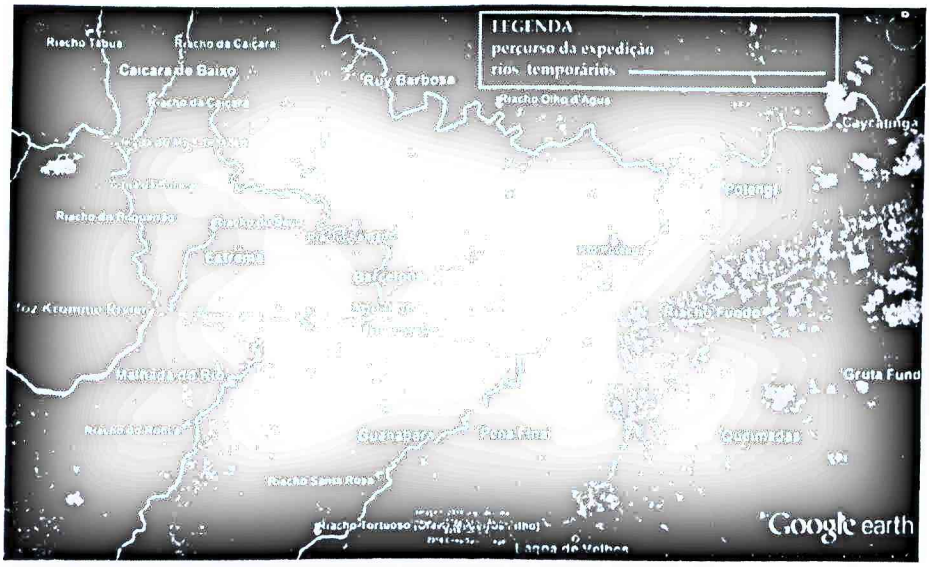


Figura 10: O georreferenciamento do percurso entre Caycatinga e a foz do Riacho Recurvo, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).



O georreferenciamento do Trecho 3, da Foz do Riacho Recurvo ao Iporé, segundo os relatórios de Pieter Van Strucht e Jan Houck

A bacia do Riacho do Boqueirão está totalmente contida no município de São Tomé-RN, região de caatinga, semiárida, com muitos afloramentos de rocha e serras. Próximo à sua nascente há dois boqueirões margeando a, por tal razão, denominada Serra do Boqueirão, uma serra alongada com cerca de 3,7 Km de extensão. Esses boqueirões são passagens naturais, entre as regiões das nascentes do Riacho do Boqueirão e do Rio do Vento, e assim cortam o talvegue das bacias hidrográficas do Rio Potengi e do Rio Ceará Mirim, à qual o Rio do Vento pertence - vide Figura 11.

Construiu-se o georreferenciamento desse Trecho com o mesmo método empregado anteriormente, ou seja, sequenciando etapas: desenha-se a primeira, delas seguindo o leito do rio, até que seu comprimento seja equivalente à distância citada nos relatórios, e ajusta-se o seu ponto final segundo os detalhes descritos nos relatórios, e os observados nas visitas *in loco*. A segunda etapa parte desse ponto, e o processo é repetido iterativamente até a conclusão do Trecho. Neste trecho não há pontos conhecidos *a priori*, exceto a barra do riacho no Rio Potengi.

Desenhando-se um trajeto de uma légua de comprimento, partindo da foz e seguindo o leito do Riacho do Boqueirão, determinou-se a posição da Água da Sereia, próximo do local onde deságua um tributário que passa pelo sítio Bela Vista. Pouco abaixo dessa junção construiu-se, na década de 50 do século passado, a barragem do Açude do Luciano, e, dessa forma, o possível local da Água da

Sereia posiciona-se no seu porão[167]. Moradores da Fazenda Capim, onde localiza-se esse açude, informaram que, no leito do rio, próximo ao local da barragem desse açude, há um poço que, antes da sua construção, conservava água por muito tempo no período de estio.

Alocou-se a segunda etapa, um trajeto de uma légua riacho acima da Água da Sereia, e determinou-se o possível local do Mijo de Ratos de forma similar. Há uma enorme roca à beira do riacho, junto a um poço no leito do rio, que tem vários tanques naturais, que conservam água em estios prolongados, e, por trás dessa roca com tanques, há outra grande roca, em cujas frestas há colônia de mocós - vide Fotografia 3. O percurso da foz do Riacho Recurvo ao Mijo de Ratos, na H1, está ilustrado na Figura 12.

Meia légua acima dessa roca, seguindo o Riacho do Boqueirão, alocou-se o ponto citado como o local da segunda mina. Após a visita a este local, ajustou-se a sua posição para um aglomerado de pedras 700 m ao sul desse ponto, junto à foz do Riacho dos Pinhões. Há, a oeste e afastado cerca de 1,8 Km desse ponto, a Serra do Pica-pau, marco de paisagem, com 425 m de altura, e associada, na Hipótese 1 deste estudo, com a serra Itabiraba - vide Fotografia 4.

A ubicação da etapa final, entre a Mina da Itabiraba e o Iporé, o local mais distante do Forte do Rio Grande alcançado pelos exploradores, que, pelas características registradas nos documentos, consiste em um monte altíssimo, que se estende por uma légua de distância[168], e nele haver a poça d'água, a aldeia de brasilianos e roças cercada de montes[169], e o estudo da situação verificada na região, resultou da adoção da opção que inclui o leito de riachos da bacia do Rio do Vento, facilmente alcançáveis percorrendo o boqueirão da Serra do Boqueirão, onde encontra-se o espaço que se conforma a todos requisitos geográficos citados, na área do sítio Rio Novo, município de Caiçara do Rio do Vento-RN.

Outro fator considerado é a constatação de não haver área adequada a roças e uma aldeia, ainda que haja poça ou fonte d'água na nascente do Riacho do Boqueirão, situado junto à Serra Pedra Branca.

Os georreferenciamentos das etapas estão ilustrados nas Figuras 12 e 13 e, na Tabela 7, os seus resultados são comparados com os citados pelos expedicionários, e onde constata-se que os desvios entre as distâncias anotadas nos relatórios e as georreferenciadas são pequenos, da ordem de 4%.

167 Porão de açude: área mais profunda, usualmente próximo à barragem, último lugar a secar nos estios prolongados.

168 (HANSEN, 1995; pg. 87).

169 (HOUCK, 1650; fol. 9) e (STRUCHT, 1650; fol. 4).

Tabela 7: Comparação das distâncias citadas nos relatórios Strucht/Houck com as Georreferenciadas no Trecho 3: foz do Riacho Recurvo @ Iporé (Riacho Recurvo = Riacho do Boqueirão, Hipótese 1).

Etapa/percurso	Relatórios		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
05/3 foz do Kromme Rivier @ Mereminnewater	1,0	5,6	5,5	1,0	2
05/4 Mereminnewater @ Rottepiswater	1,0	5,6	5,5	1,0	2
foz do Kromme Rivier @ Rottepiswater	2,0	11,2	11,0	2,0	2
06/1 Rottepiswater @ Itabiraba	0,5	2,8	3,0	0,5	-7
06/2 Itabiraba @ Iporé	2,0	11,3	10,2	1,8	10
Rottepiswater @ Iporé	2,5	14,1	13,2	2,3	6
foz do Kromme Rivier @ Iporé	**4,5**	**25,3**	**24,2**	**4,3**	**4**

Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km]
Δ % = diferença percentual entre a distância citada nos relatórios e a obtida no georreferenciamento

Considera-se importante destacar que Alfredo de Carvalho combina os dados dos relatórios Strucht/Hansen, concluindo na seguinte interpretação do percurso da expedição entre a foz do *Kromme Rivier* e a Mina de Itabiraba:

D'ali proseguiram ao longo do rio *Potengy* até o ponto onde nelle desagua o riacho Tortuoso, também conhecido pelo nome de *Capibari-retuba.* Este affluente tambem seccava no verão.

Acompanhando o curso deste riacho por espaço de duas léguas avistaram a Oéste um píncaro muito elevado e em forma de sella. Pelo caminho abundavam pedras scintillantes e rochas semelhantes ás de minério. Uma légua mais adiante chegaram a uma poça d'agua, no próprio leito do riacho, a que os indios davam o nome de *Agua das Sereias*, devido a ser o logar frequentado por almas penadas.

Depois de ainda outra légua de marcha encontraram uma grande cavidade de rocha cheia d'agua turva e fétida a que deram o nome de Mijo de ratos, porque estava contaminada de ourina e excrementos de ratos ou mocós.

No dia 30, sendo Domingo, caminharam cerca de meia legua ao longo do mencionado riacho até um logar que Pieter Persijn indicou, em um monte coberto de matto em roda, como sendo aquelle de onde extrahira uma das amostras do minério levado ao Supremo Concelho, juntamente com o de Camaragibe.[170]

Depreende-se que no texto acima há as seguintes inconsistências com os relatórios, que certamente influíram adversamente na interpretação de Olavo Medeiros Filho:

- O píncaro muito elevado e em forma de sela é avistado da barra do Riacho Recurvo, segundo a descrição de Pieter van Strucht

170 (CARVALHO, 1907; pg. 166-167).

Antes de sair do rio Potengi ainda subimos a montanha onde tínhamos pausado, donde vimos a duas léguas para o oeste uma montanha muito alta e rochosa"[171], e a de Houck

... descansando no leito do rio Potengi, que aqui se estende ao oes-sudoeste, junto à foz do rio chamado Capibo-re-Retouba (= Córrego Retorto) e também Kromme Rivier (= Rio Curvado); ao longo e no qual marchamos depois do meio-dia, e que é seco e muito pedregoso. Aqui se mostrava à distância de aproximadamente duas léguas a oeste uma montanha muita alta e pedregosa, com um cume curto e arqueado em forma de sela.[172]

A distância da foz do Riacho Recurvo à Água da Sereia, ou *Mereminnewater*, torna-se 3 léguas, ao Mijo de Ratos, ou *Rottepiswater*, 4 léguas, e à Mina de Itabiraba, 4,5 léguas[173], ou seja, todas com 2 léguas holandesas assombradas a mais.

E, Alfredo de Carvalho, prosseguindo com a sua interpretação, omite a informação da distância entre a Mina de Itabiraba e a aldeia dos índios e dessa mina ao Iporé:

Antes, porem, cavaram no leito do riacho um poço muito profundo, mas, só encontraram agua de má qualidade e salitrosa. As montanhas vizinhas fechavam o horisonte e não podendo atravessar o matto cerrado que as cobria, os expedicionários seguiram ao longo do riacho, transpondo varios dos seus affluentes completamente seccos, até chegarem a aldeia dos indios de que era principal João Assú.

A supposta fonte, que ficava próxima, era um alagado no leito do riacho, entre os montes Ibetibecu—Utezarva e Tabuquaba, e tinha o nome de Iporé. Perto havia alguns rochedos de que extrahiram amostras de minério. Regressaram então ao logar da mina indicada por Pieter Persijn e de lá tiraram também amostras, indo pernoitar a tres léguas aquém do poço do Mijo dos Ratos.[174]

Sem esse dado, e frente às inconsistências anteriormente citadas, Olavo de Medeiros Filho computa a distância de 25 léguas entre o Castelo Keulen e a mina, situada próxima ao local onde foi cavado o profundo poço na citação acima, e estima 26 léguas entre o Castelo e a aldeia de João Açu, o que leva ele acreditar que essa aldeia esteja distante 5,5 léguas da barra do Tortuoso[175], ou somente uma légua após a mina de Itabiraba.

Examinando-se essa distância de 5,5 léguas citada por Olavo Medeiros Filho, nota-se que ela constitui mais um fator para diminuir a probabilidade da sua proposta do Riacho Santa Rosa ser o Riacho Tortuoso[176]: a extensão desse riacho, da sua nascente à sua foz, é de 22 Km, ou, cerca de 3,9 léguas holandesas.

---

171 (STRUCHT, 1650; fol. 4).

172 (HOUCK, 1650; fol. 8).

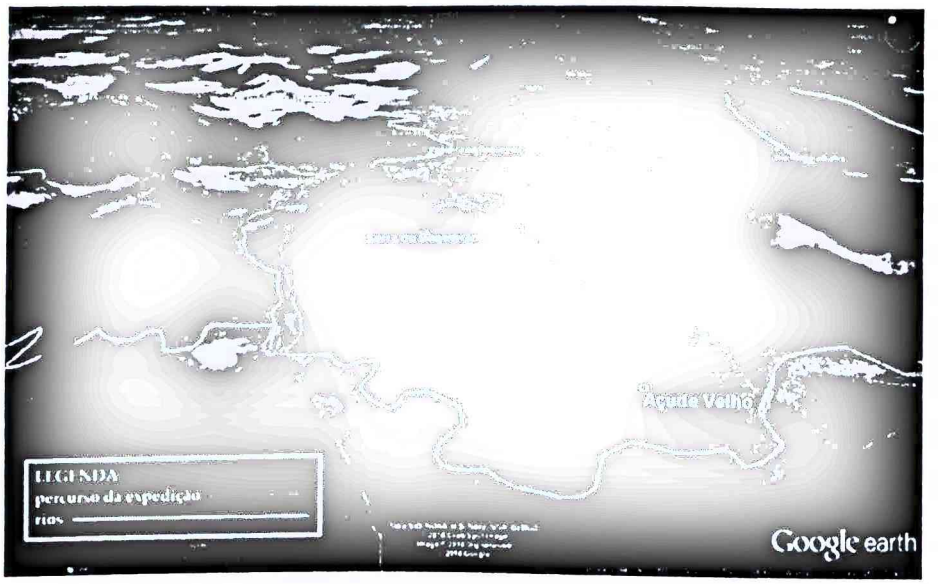
173 (MEDEIROS Filho, 1989; pg. 93-94).

174 (CARVALHO, 1907; pg. 166-167).

175 (MEDEIROS Filho, 1989; pg. 94-95).

176 (MEDEIROS Filho, 1989; pg. 92-93, 97 e 101).

Figura 11: A vista da Serra do Boqueirão, com o percurso da expedição de 1950, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).



Fotografia 3 : Rocha com tanques naturais na margem do Riacho do Boqueirão, situada no possível local do Mijo de Ratos, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão). O Riacho do Boqueirão situa-se entre os tanques, em primeiro plano, e o monte ao fundo.

Fotografia 4: A Serra do Pica-pau, o monte Itabiraba, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).

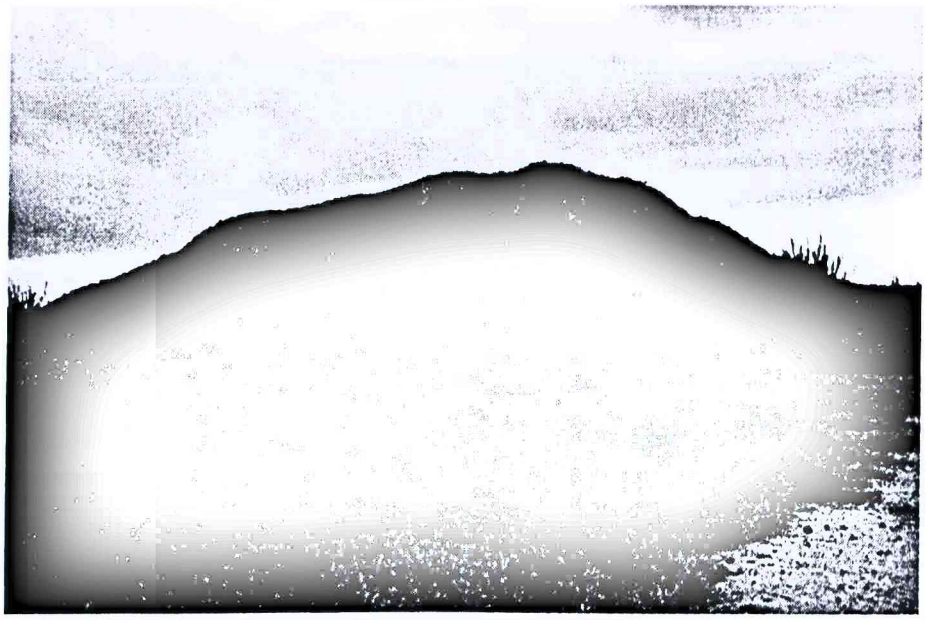


Figura 12: O georreferenciamento do percurso entre a Foz do Riacho Recurvo e o Mijo de Ratos, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).

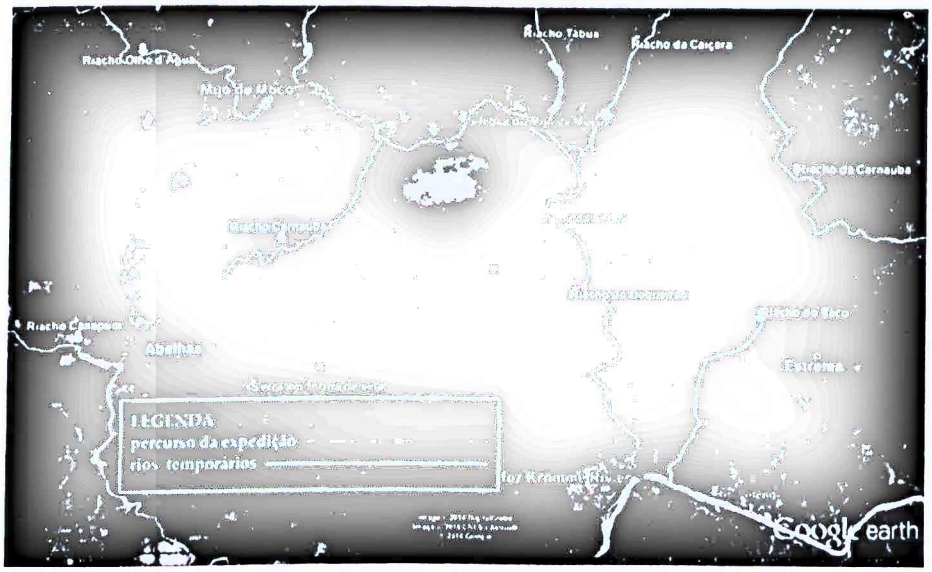
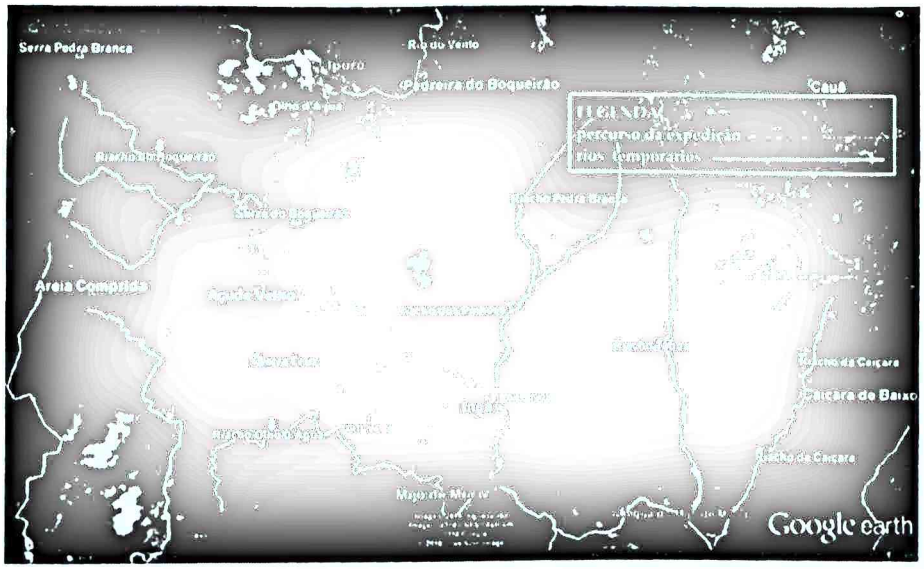


Figura 13: O georreferenciamento do percurso entre o Mijo de Ratos e o Iporé, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).



O georreferenciamento do Trecho 2, da Mina do Camaragibe à Foz do Riacho Recurvo, segundo Peter Hansen.

No georreferenciamento do percurso da expedição neerlandesa de 1650, no Trecho 2, da Mina do Camaragibe à Foz do Riacho Recurvo, na Hipótese 2, considera-se corretos os dados e distâncias citados no diário do soldado alemão Peter Hansen.

Já expôs-se que há diferenças nas distâncias citadas por Hansen com as dos relatórios oficiais, e, na análise das distâncias citadas por ele, na ida, que essas diferenças estão concentradas numa parte do Trecho 2, especificamente de Caycatinga à Foz do Riacho Recurvo.

Por dedução, considerando-se as distâncias citadas por Hansen na ida e no retorno, sabe-se que a foz do Riacho Recurvo fica a ½ légua a montante do local de pernoite no dia 6/2/1650, e que o trajeto da foz desse riacho a Utapemba tem 16 léguas holandesas.

O georreferenciamento do Trecho 2, é construído com base em dois topônimos geograficamente bem estabelecidos, o monte Utapemba, e a Mina do Camaragibe, considerados como fixos de navegação. Assim, estabelece-se o georreferenciamento da Mina do Camaragibe a Utapemba, e, especificamente entre a foz do Riacho Recurvo e Utapemba, por um processo de navegação reverso do percurso de retorno da expedição, iniciando-o no Utapemba, ou seja, plotando-se sucessivamente as etapas, ou pernas de navegação, no sentido inverso ao efetivamente percorrido.

Convertendo-se as distâncias para quilômetros, 1 légua holandesa equivalendo a 5,649 Km, plotou-se, da maneira acima descrita, as etapas percorridas de Utapemba ao local de pernoite no dia 6/2/1650, um trajeto de exatas 15,5 léguas holandesas, o que resultou em se estabelecer esse ponto no leito do Potengi, a 2,24 km a jusante da foz do Riacho Poço dos Cavalos, identificado, por isso, como o Riacho Recurvo na Hipótese 2 deste estudo - vide Figuras 14 a 17.

Os dados obtidos podem ser vistos na Tabela 8: Comparação das distâncias citadas no diário de Peter Hansen com as Georreferenciadas no Trecho 2: Mina do Camaragibe @ foz do *Kromme Rivier* (Hipótese 2), onde se verifica que há uma diferença de apenas 0,4 Km, ou cerca de 0,1 légua holandesa para a distância entre o Serrote Pedra Branca, no município de São Pedro-RN, e a barra do Riacho Poço dos Cavalos no Potengi, no município de São Tomé-RN.

Tabela 8: Comparação das distâncias citadas no diário de Peter Hansen com as Georreferenciadas no Trecho 2: Mina do Camaragibe @ foz do *Kromme Rivier* (Hipótese 2).

Etapa/percurso	Diário		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
13 Utapemba @ Mina do Camaragibe	4	22,6	27,3	4,8	21
12/02 Tabiane @ Utapemba	2,5	14,1	14,1	2,5	0
12/01 Tabiane @ altíssima roca	2	11,3	11,3	2,0	0
11 poça no Rio Potengi @ Tabiane	6	33,9	33,9	6,0	0
10 Rio Potengi -½ @ poça no Rio Potengi	5	28,2	28,2	5,0	0
Foz do Riacho Recurvo @ Rio Potengi -½ (*)	0,5	2,8	2,24	0,4	-21
foz do Riacho Recurvo @ Mina do Camaragibe	**20,0**	**113**	**118**	**20,8**	**4**

Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km].

Δ % = diferença percentual entre a distância citada no diário e a obtida no georreferenciamento.

* por dedução, o pernoite do dia 6/2/1650 foi feito no leito do Potengi, ½ légua a jusante da foz do Rio Recurvo.

Figura 14: O georreferenciamento da etapa [13 Utapemba @ Mina do Camaragibe], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).

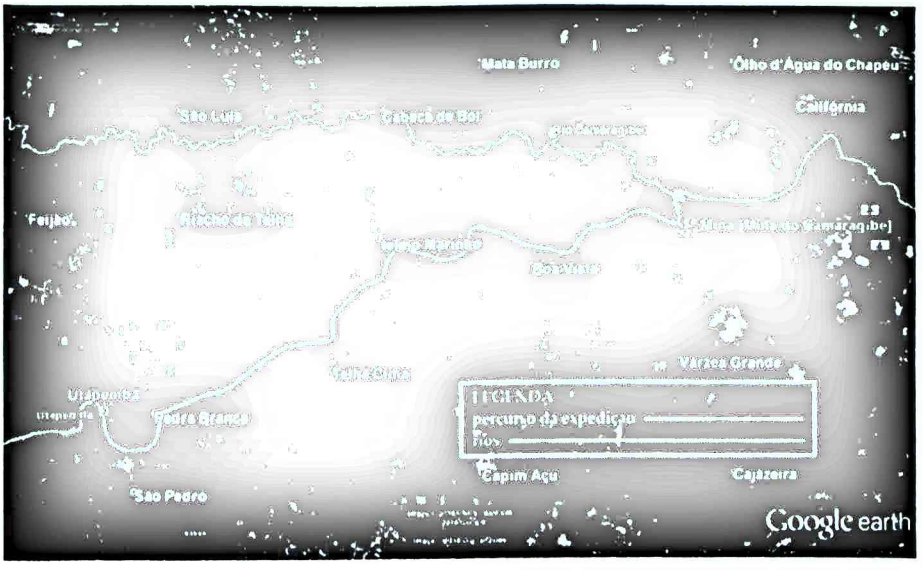


Figura 15: O georreferenciamento das etapas [12/01 Tabiane @ altíssima roca] e [12/02 altíssima roca @ Utapemba], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).

Figura 16: O georreferenciamento da etapa [11 poça no Rio Potengi @ Tabiane], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).

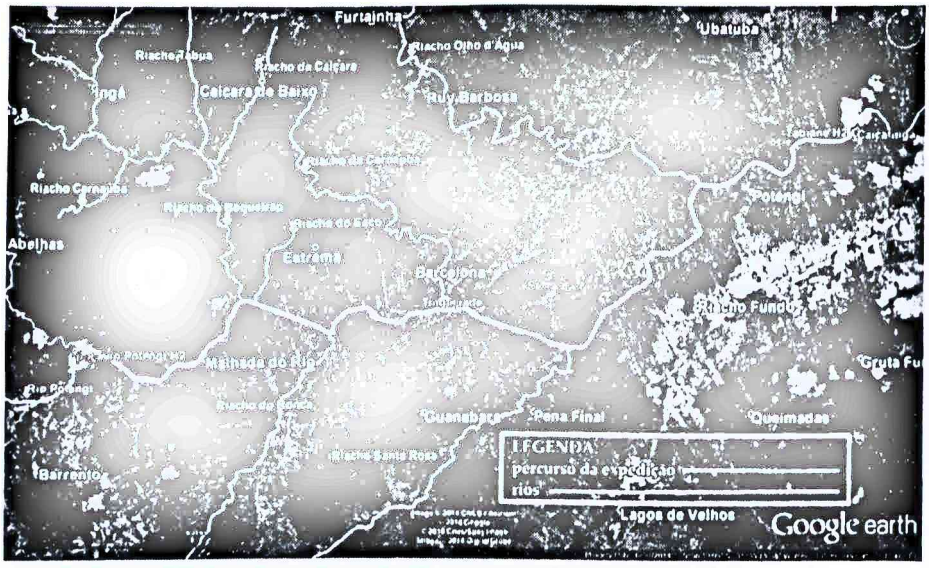


Figura 17: O georreferenciamento do trecho [foz do Riacho Recurvo @ Pernoite 5/2/1650] e da etapa [10 Pernoite 5/2/1650 @ poça no Rio Potengi], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).

O georreferenciamento do Trecho 3, da Foz do Riacho Recurvo ao monte altíssimo (Iporé), segundo Peter Hansen

Aceitando-se os dados de Peter Hansen, Hipótese 2, identifica-se o Riacho Poço dos Cavalos como o Recurvo. Como comentou-se, no trecho da foz do Riacho Recurvo ao monte altíssimo, há concordância nas distâncias citadas por Hansen com as dos relatórios oficiais, e, quanto aos topônimos, pode-se identificar no seu diário os mesmos locais denominados Mijo de Ratos e a Mina de Itabiraba nos relatórios de Strucht e Houck, todavia o soldado alemão não cita o local denominado Água da Sereia.

Pode-se, também, associar o que ele chama de monte altíssimo à região do Iporé, pois do diário depreende-se que, na etapa extrema da exploração, os pesquisadores dividiram-se em dois grupos, no local onde encontraram a fonte d'água cristalina e salobra, o liderado pelo engenheiro Strucht, e o chefiado por Persijn, que Hansen acompanhou na escalada do monte.

A construção do georreferenciamento e alocação dos locais citados no diário é feita subindo o Riacho Recurvo, e, a rigor, pode iniciar-se:

> No local de pernoite no dia 5/2/1650, determinado pela navegação reversa das etapas de retorno, conforme explicitado na seção anterior.
>
> Na foz do Riacho Recurvo no Rio Potengi, utilizando a distância de 2 léguas neerlandesas do percurso da ida, no dia 31/1/1650, da barra do Riepe Ratuba (Riacho Recurvo) ao Mijo de Ratos, e, admitindo-se que a Mina de Utataparaba dista mais ½ légua riacho acima.

A diferença do cômputo das distâncias georreferenciadas com as origens acima citadas, referidas à foz do Riacho Recurvo, tem valor constante de 0,1 légua holandesa para todos os topônimos desse Trecho, um valor que pode ser considerado praticamente desprezível. Por tal razão, e por ser opção totalmente baseada em dados de Hansen, adota-se o local de pernoite, no dia 5/2/1650, como local de início da ubicação. Esse local de pernoite dista cerca de 2,2 km, ou 0,4 légua holandesa a jusante da foz do Riacho Recurvo, assumida, na hipótese em estudo, como a foz do Riacho Poço dos Cavalos.

O traçado do georreferenciamento pode ser visto nas Figuras 18 e 19, e os dados obtidos e sua comparação com os citados no diário de Hansen estão relacionados na Tabela 9, abaixo, onde pode-se constatar que a distância citada por Houck entre a barra do Riacho Recurvo, ou Riepe Ratuba, e a sua nascente junto ao monte altíssimo, conforma-se muito bem com as características do Riacho Poço dos Cavalos e os três montes sobre a Serra de Santana.

A possível posição da Mina de Utataparaba, determinada pelo critério da distância da foz do Riacho Poço dos Cavalos, situa-a junto à Serra da Rajada, e como a sua falda dessa serra está junto ao vale, essa característica difere da esperada segundo a documentação.

Tabela 9: Comparação das distâncias citadas no diário de Peter Hansen com as Georreferenciadas no Trecho 3: Foz do Riacho Recurvo @ Monte altíssimo (Hipótese 2).

Etapa/percurso	Diário		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
08 Monte altísssimo @ Mina Utataparaba	2	11,3	11,3	2,0	0
09 Mina Utataparaba @ local pernoite 5/2/1650	3	16,9	16,9	3,0	0
Mina Utataparaba @ Foz do Riepe Ratuba	2,5*	14,1	14,7	2,6	4
Monte altísssimo @ foz do Riacho Recurvo	**4,5**	**25,3**	**26**	**4,6**	**2**

Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km].

Δ % = diferença percentual entre a distância citada no diário e a obtida no georreferenciamento.

* por dedução, assumindo que a Mina de Utataparaba dista ½ légua (e não a distância caminhada em ½ dia) do Mijo de Ratos, e levando-se em conta a distância desse local à foz do Riepe Ratuba, 2 léguas neerlandesas, anotada por Hansen no dia 31/1/1650

Figura 18: O georreferenciamento da etapa [09 Mina Utataparaba @ local pernoite 5/2/1650], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).

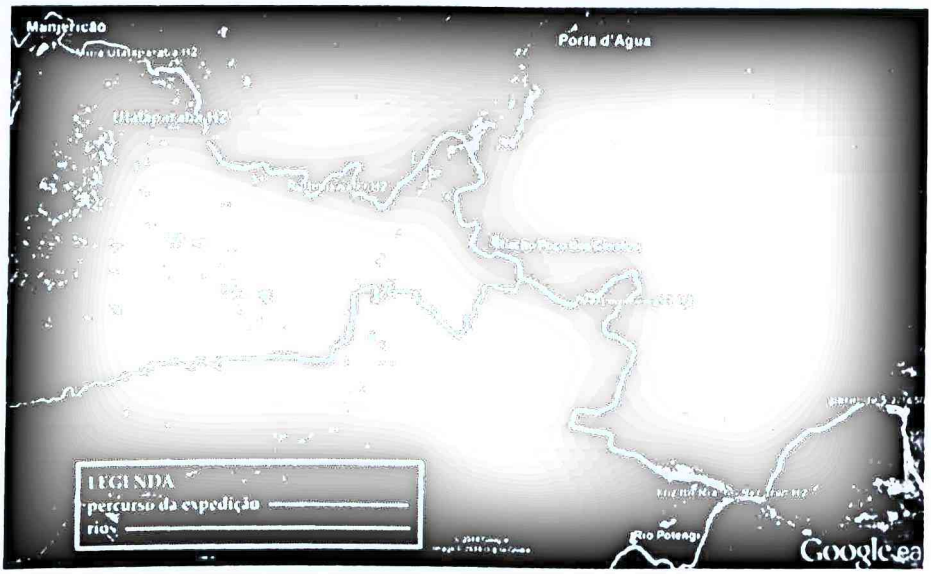
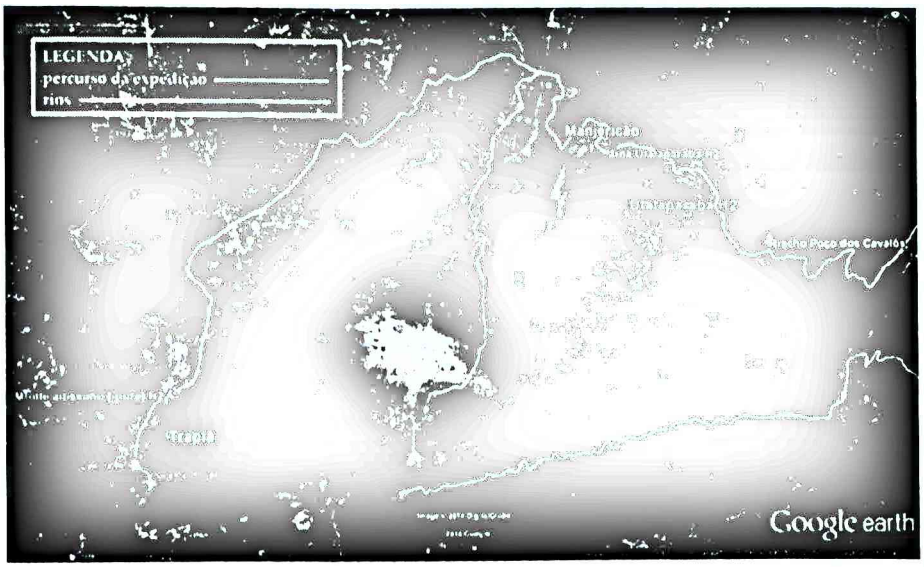


Figura 19: O georreferenciamento da etapa [08 Monte altísssimo @ Mina Utataparaba], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).



O georreferenciamento do Trecho 4, o regresso da Mina do Camaragibe ao Forte do Rio Grande

As informações do retorno da expedição, tanto nos relatórios oficiais de Strucht e Houck, quanto no diário de Hansen, salvo quanto às datas, concordam entre si, o que indica terem sido percorridos os mesmos caminhos. Não há informação quanto aos detalhes da travessia do Rio Potengi, que na vinda foi realizada por bote, o que leva à admissão da possibilidade dela ter ocorrido no porto da Redinha, na barra do Potengi, pois, como indicado nos mapas neerlandeses da época, e citado nos comentários do relatório de Houck, havia bons caminhos entre o Forte e o Distrito de Potengi.

Todavia, deve-se descartar a possibilidade de terem marchado a pé da casa de Dirck Muller ao Forte, atravessado a vau o Rio Potengi, pois isso deveria ocorrer no Rio Jundiaí, um pouco acima do que depois viria a ser o Engenho do Ferreiro Torto, no possível local da travessia a vau nesse rio próxima à *Cidade Noua*[177]. O trajeto a pé da casa de Dirck Muller ao Forte do Rio Grande, assim feito, por caminhos na margem direita do Jundiaí e do Potengi, é um arrodeio de cerca de 32 Km, bem mais longo do que as 3 léguas holandesas citadas.

Não encontrou-se a notícia de haver serviço de transporte regular entre o portinho de Dirck Muller e o Forte, mas é admissível que houvesse entre a Redinha

177 Cidade que consta nos mapas neerlandeses do século XVII, cuja localização precisa hoje é desconhecida, e que HAMEL, BULLESTRATE, BAS (1646; pg. 211) citam com o nome de Nova Amsterdam. A sua localização probabilística pode ser vista no georreferenciamento dos mapas de Marcgrave em PEREIRA (2010).

e o Forte, e essa foi a opção adotada neste estudo. Os relatos e o diário citam a distância de 3 léguas holandesas entre o Forte e a casa de Dirck Muller, o que está um pouco acima da distância segundo as melhores estimativas.

A distância da casa de Dirck Muller até a Redinha georreferenciada neste trabalho é de cerca de 11,2 Km, ou 2 léguas holandesas, que seriam percorridas em duas horas de marcha, e a distância do percurso por bote entre a Redinha e o Forte é de 0,9 Km, ou cerca de 0,2 légua holandesa, mas, por bote, estima-se que levasse cerca de uma hora, incluídos os tempos de embarque e desembarque - vide Figura 20.

Tabela 10: Comparação das distâncias citadas no diário de Peter Hansen, e nos relatórios de Strucht e Houck, com as Georreferenciadas no Trecho 4: Retorno da Mina do Camaragibe ao Forte do Rio Grande.

Etapa/percurso	Diário		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
14 Mina do Camaragibe @ casa de Rodrigo Mollero	6	33,9	22,4	4,0	-34
casa Dirck Mulder @ Redinha			11,2	2,0	
Redinha @ Casteel Keulen			0,9	0,2	
15 casa de Rodrigo Mollero @ Castelo do Rio Grande	3	16,9	12,1	2,2	-29
Mina do Camaragibe @ Castelo do Rio Grande	**9**	**50,8**	**34,5**	**6,2**	**-32**

Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km].

Δ % = diferença percentual entre a distância citada no diário e a obtida no georreferenciamento.

Figura 20: O georreferenciamento do Trecho 4: Retorno da Mina do Camaragibe ao Forte do Rio Grande.

Constatações e resultados das visitas *in loco*

Objetivou-se, com as visitas aos caminhos e locais apontados no estudo como possíveis entes geográficos citados nos relatórios de Strucht e Houck e no diário de Hansen, observar suas características, obter imagens e registrar suas coordenadas geográficas e altitude com GPS. Esses dados foram utilizados no estudo de suas características e ubicação correta ou probabilística.

- Vários topônimos e locais citados na documentação foram reconhecidos por Olavo Medeiros Filho[178], conforme observa-se nas fotografias que publicou em 1989, e que as visitas recentemente feitas confirmaram como acertados:
- Lagoa Jacaré-Mirim;
- Rocas na margem esquerda do rio Potengi, a jusante da barra do rio Camaragibe;
- Monte semeado de pedregulhos[179] no arredores da Mina do Camaragibe;
- Montanha calva Itabita, ou Utapemba, conhecido atualmente como Serrote da Pedra Branca, em São Pedro do Potengi-RN;

Serra Vermelha, em Barcelona-RN, que possibilitou a localização do monte Apitange, a Serra da Arara, na margem direita do Potengi.

Já inseridos os reajustes necessários, elaborou-se a Tabela 11 com as coordenadas geográficas da ubicação probabilística dos locais mencionados ao longo do Rio Potengi, segundo as hipóteses trabalhadas.

Os locais no Riacho Recurvo, tais como a Água da Sereia, o Mijo de Ratos, a Mina de Itaberaba, e o Iporé, não foram especificamente tratados, e possivelmente também não foram previamente inspecionados por Olavo Medeiros Filho em seu estudo, no qual considerou o Riacho Recurvo como sendo o Riacho Santa Rosa, a às características divergentes às dos documentos, acima apontadas, acrescenta-se que esse riacho tem, como já mencionado, somente 22 Km de extensão, insuficiente para as 4½ léguas holandesas requeridas pelos relatos, e, no vale, na sua nascente, não há área espaçosa o suficiente e com solo adequado para roças e uma aldeia de brasilianos.

Todos os locais do Riacho Recurvo considerados como os topônimos na documentação primária, inicialmente localizados pelo critério da distância da sua foz no Rio Potengi, tanto na H1, considerando-se o Riacho do Boqueirão, quanto na H2, estudando-se o Riacho Poço dos Cavalos, foram visitados e suas características confrontadas com as dos documentos, e suas posições, quando necessário, reajustadas. As características observadas *in loco* e dados relevantes estão relacionados, assim como as suas fotografias, nas Tabela 12 a 15.

178 (MEDEIROS Filho, 1989; 98-100).

179 CARVALHO (1907; p. 165): "monte semeiado de pedregulhos grandes e pequenos".

O acesso à possível posição do Mijo de Ratos, no Riacho Poço dos Cavalos, quando feito caminhando-se pelo seu leito, passa pelo Poço Velho, um apertado, ou garganta estreita e com obstáculos, constituindo um ponto de atenção quando se avalia as condições de acesso à Mina de Utataparaba/Itabiraba. Isso não é citado nos relatórios oficiais, onde seria esperado, nem no diário, o que reforça a possibilidade da expedição não ter explorado esse riacho - vide Tabela 16.

No apertado há, ainda, itacoatiaras pré-históricas percutidas na rocha, misturadas com grafitos modernos, e o vento, devido às formas curvilíneas esculpidas nas altas paredes pela forte corrente d'água na estação das chuvas, cria sons de baixa frequência, o que poderia ser uma característica da Água da Sereia, um local mal-assombrado. Todavia, o Poço Velho dista cerca de 10,4 Km, ou 1,8 léguas holandesas da foz do Poço dos Cavalos no Potengi, o que destoa da distância citada em todos os documentos, cerca de 1 légua holandesa.

Todos os caminhos de acesso foram registrados com GPS, e aqueles inéditos nos mapas GPS utilizados em navegação automobilística, bicicletas ou a pé, foram encaminhados a editores para atualização e disponibilização na *web*[180], facilitando aos estudiosos e ao público em geral visitar os locais citados neste estudo.

O registro e os reajustes também possibilitaram a edição de um arquivo no Google Earth, com o georreferenciamento dos possíveis percursos e locais visitados pela expedição neerlandesa de 1650, ajustados às características observadas *in loco,* nas duas hipóteses consideradas neste estudo.[181]

180 Os trajetos registrados foram encaminhados ao Projeto Tracksource, cujos mapas para GPS estão disponíveis para *download* em http://www.tracksource.org.br/desenv/tabela_mapsets.php, acesso em 24/7/2014.

181 Arquivo *Georreferenciamento do percurso da expedição em busca das minas de prata no Rio Grande Holandês* em 1650, que brevemente será disponibilizado no site Atlas Digital da América Lusa, Coleção Levy Pereira, http://lhs.unb.br/biblioatlas/Cole%C3%A7%C3%A3o_Levy_Pereira.

Tabela 11: Coordenadas Geográficas dos topônimos do Forte do Rio Grande à foz do Riacho Recurvo.

Topônimo	Natureza	Coordenadas Geográficas	
		H1	H2
Apitange	monte	5°56›57.18»S 35°54'59.15"W	idem
Caicatinga	local de pernoite	5°53'54.88"S 35°48'4.30"W	idem
Cajueiros	campina	5°47'4.55"S 35°20'19.53"W	idem
Camaragibe	mina de prata	5°49'6.22"S 35°27'0.66"W	idem
Camaragibe	foz do rio	5°48'37.14"S 35°27'12.01"W	idem
Capiboretouba (foz)	Riacho Retorto	5°56'56.06"S 35°59'20.66"W	5°58'47.41"S 36°14'50.13"W
Cuité Coyeté	local de pernoite	5°51'20.97"S 35°33'57.51"W	idem
Dirck Mulder	casa	5°47'4.09"S 35°17'8.88"W	idem
Dirck Mulder	portinho fluvial na m.d. do Riacho Guajaí	5°47'14.49"S 35°16'23.06"W	idem
Forte do Rio Grande	fortaleza	5°45'22.64"S 35°11'41.41"W	idem
grande lagoa	grande lagoa de boa água	5°47'27.44"S 35°24'48.41"W	idem
Itabita	monte pedregoso local de pernoite	5°52'34.95"S 35°38'26.29"W	idem
Jacaré-Mirim	lagoa	5°47'11.07"S 35°21'2.87"W	idem
Pabuna	riacho	5°47'17.48"S 35°18'40.23"W	idem
Paraupaba	acampamento de brasilianos	5°47'3.33"S 35°19'34.62"W	idem
Rodrigo Mollero (*)	casa		
Tabiane (**)	local de pernoite		5°53'52.64"S 35°48'3.63"W
Tingesiade	poça d'água local de pernoite	5°57'28.76"S 35°54'30.71"W	5°57'7.44"S 35°55'25.31"W
Utapemba (***)	altíssima roca (margem do Potengi)		

Notas:

(*) vide Dirck Mulder.

(**) coincide com Caycatinga.

(***) vide Itabita.

Tabela 12: Características dos locais visitados no vale do Riacho do Boqueirão

Local	Referência Atual	Coordenadas Geográficas
foz	A barra está entre as fazendas Barra Nova e Extrema; município de São Tomé-RN.	5°56'56.06"S 35°59'20.66"W
Água da Sereia; *Mereminnewater*	Açude Luciano; barragem no Riacho do Boqueirão; município de São Tomé-RN.	5°54'56.14"S 36° 0'7.96"W
Mijo de Ratos; *Rottepiswater*	Barra do Riacho Olho d'Água; município de São Tomé-RN.	5°53'57.23"S 36° 2'3.83"W
Mina de Itaberaba; Mina Utataparaba	Fazenda Pica-Pau; município de São Tomé-RN.	5°53'0.44"S 36° 2'5.42"W
Serra Itaberaba; Serra Utataparaba	Serra do Pica-Pau, cota 435m; município de São Tomé-RN.	5°53'9.74"S 36° 3'16.18"W
Iporé; monte altíssimo	Povoado do Rio Novo; município de Caiçara do Rio do Vento-RN.	5°49'46.22"S 36° 3'45.28"W

Nota: a sigla *m.e.* significa margem esquerda de curso d'água; *m.d.* margem direita; N: norte; S: sul;

(Riacho Recurvo na Hipótese 1).

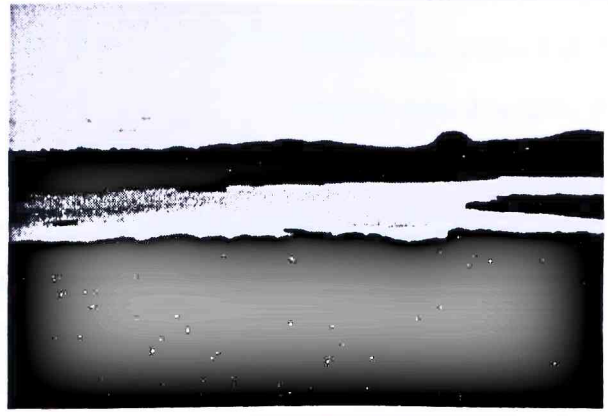
	Características
	- Rumo do Rio Potengi: W.SW (medido 242º); - Rumo do Riacho do Boqueirão: NW (medido 320º), que deveria ser W.NW (292,5º).
	- Há poço d'água no leito do riacho que, conforme a tradição oral, abastecia a população local no período de estio, e que atualmente está submerso pelas águas do açude, construído em 1958.
	- Rocha de grande porte na m.d. do riacho; - Há várias depressões em sua superfície, formando um conjunto de bacias, ou tanques d'água naturais; - Há uma grande rocha fraturada existente por trás e contigua aos tanques, onde pode ter havido colônia de mocós em suas frestas; - Há uma barragem artificial no leito do riacho e no tanque que abastece d'água uma pedreira nas proximidades.
	- Rocas junto à m.d. do riacho, na área alagada do açude da Fazenda Ingá, na barra do Riacho Tábua; - Não há rocas à beira do riacho por cerca de 1,5 Km a montante.
	- Marco de paisagem; - Recoberta com pouca vegetação; - Distante cerca de 900 m do riacho.
	- Situa-se próximo à nascente do Rio do Vento; - Há área e solo adequados para roças e aldeia; - Não encontrou-se vestígios de aldeia indígena; - Área cercada de montes altos, entre os quais a Serra da Corcunda; - Chega-se lá pelos boqueirões leste e oeste da Serra do Boqueirão, uma serra retilínea e longa; - Numa grota da Serra do Boqueirão, há um tanque natural com água salobra perene.

ıl; RN: Rio Grande do Norte.

Tabela 13: Fotografias dos locais visitados no Riacho do Boqueirão (Riacho Recurvo na Hipótese 1).

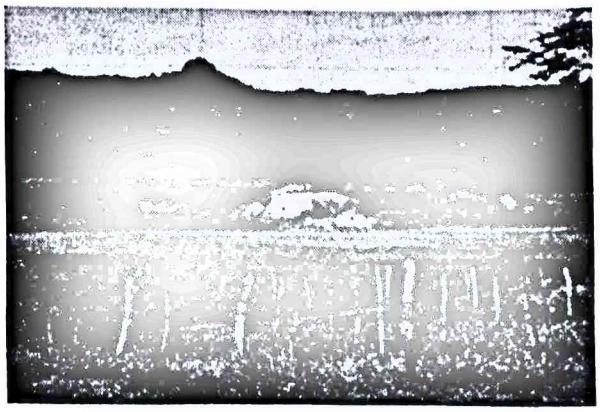
Fotografia 5: Barra do Riacho do Boqueirão no Rio Potengi (fotógrafo: Onesimo Santos).

Fotografia 6: Rocha com tanques naturais na m.d. do Riacho do Boqueirão, no possível local do Mijo de Ratos.



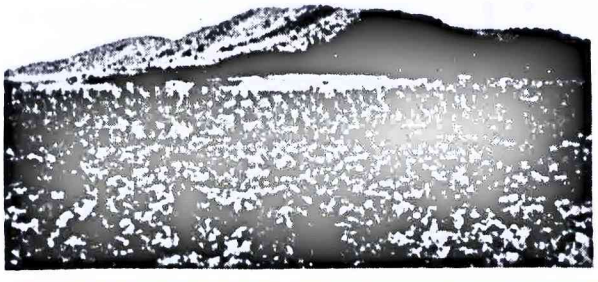
Fotografia 7: O Açude Luciano, possível local da Água da Sereia.

m.d. = margem direita de curso d'água.



Fotografia 8: Rochas, em primeiro plano, no açude do Riacho do Boqueirão, o possível local da Mina de Itabiraba.

Fotografia 9: Poço d'água salobra perene, na Serra do Boqueirão, próximo ao povoado de Rio Novo, município de Caiçara do Rio do Vento-RN (posição: *5°50'19.02"S 36° 4'17.22"W;* fotógrafo: Onesimo Santos).



Fotografia 10: Vista da possível área do Iporé, com a Serra da Corcunda ao fundo (fotógrafo: Onesimo Santos).

Tabela 14: Características dos locais visitados no vale do Riacho Poço dos Cavalos

Local	Referência Atual	Coordenadas Geográficas
foz	Sítio da Serra Aguda; município de São Tomé -RN.	5°58'47.41"S 36°14'50.13"W
Água da Sereia; *Mereminnewater*	Fazenda Porta d'Água; município de Cerro Corá-RN.	5°57'33.34"S 36°15'50.89"W
Mijo de Ratos; *Rottepiswater*	Fazenda Porta d'Água; município de Cerro Corá-RN.	5°56'50.21"S 36°17'20.92"W
Mina de Itaberaba; Mina Utataparaba	Sítio Azul; município de Cerro Corá-RN.	5°56'15.74"S 36°18'18.00"W
Serra Itaberaba; Serra Utataparaba	Serra da Rajada; município de Cerro Corá-RN.	5°56'31.16"S 36°18'27.04"W
Iporé; monte altíssimo	Área denominada Serra Verde e Serra Preta; limite dos municípios de Cerro Corá-RN e Bodo-RN.	5°57'44.09"S 36°21'58.49"W

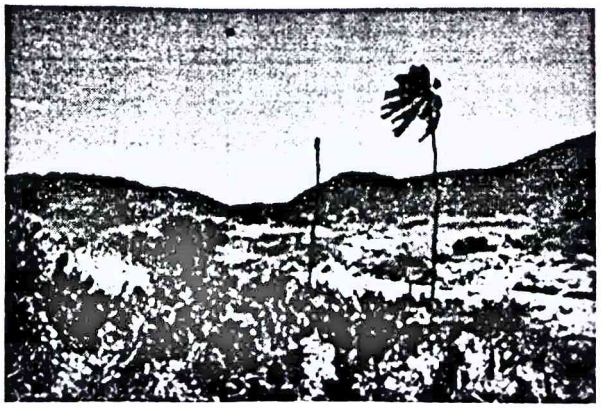
Nota: a sigla *m.e.* significa margem esquerda; *m.d.* margem direita; N: norte; S: sul; SW: sudoeste; NW

(Riacho Recurvo na Hipótese 2).

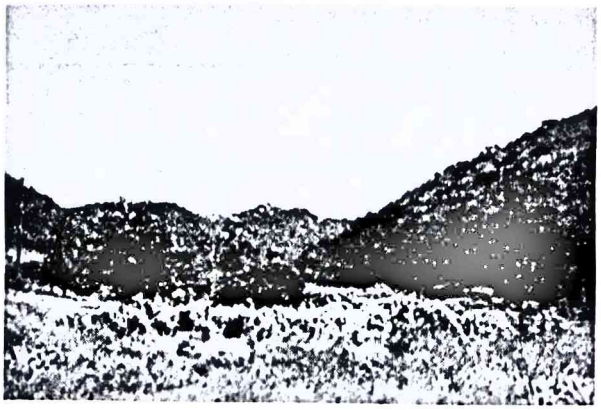
	Características	Fotografia	Conformidade à Documentação
	- Rumo do Rio Potengi: S.SW (medido 210º); deveria ser W.SW (247,5º);); - Rumo do Riacho Poço dos Cavalos: W.NW (medido 293º); - Avista-se a oeste, uma serra com formato de sela.	11 Tabela 15	**parcial**
	- Na barra de dois riachos afluentes m.e.; - Há um lajedo no leito formando uma pequena barragem; - Não há poça d'água.	21	**não**
	- Na barra de riacho afluente m.e.; - Não há uma roca alta, frestas ou buracos com água, nem vestígios de mocós.	13 Tabela 15	**não**
	- Há rochas na m.d. do riacho; - Não há vestígio de exploração de minério; - O vale fica nas faldas da Serra da Rajada.	14 Tabela 15	**não**
	- O sopé da serra está junto ao riacho.	15 Tabela 15	**não**
	- Há três serras circundando a área: a Serra Preta, alta e de formado arredondado, a Serra Verde, uma mesa, e uma serra sem nome específico; - Há área e solo para plantio de roças, açudes que podem ter sido aproveitamento de poças naturais terreno, e há água suficiente para manter árvores de porte médio; - Há muitas rochas de formas interessantes, que dificilmente deixariam de serem mencionadas.	16 Tabela 15	**possivelmente sim**

e; NW: noroeste; RN: Rio Grande do Norte.

Tabela 15: Fotografias dos locais visitados no Riacho Poço dos Cavalos (Riacho Recurvo na Hipótese 2).

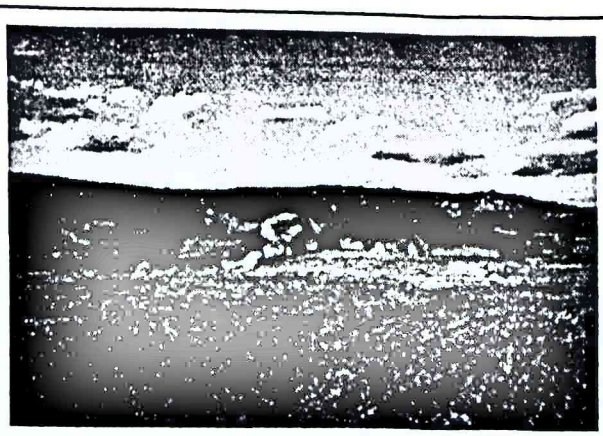


Fotografia 11: Foz do Riacho Poço dos Cavalos no Rio Potengi.

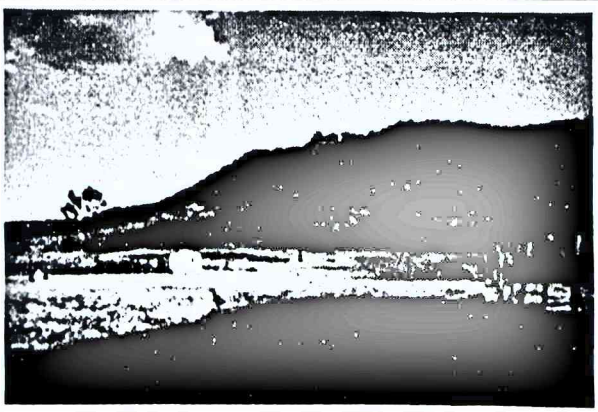


Fotografia 12: Serra, a oeste e ao fundo, com a forma de sela, avistada da foz do Riacho Poço dos Cavalos (fotógrafo: Onesimo Santos).

Fotografia 13: Leito do Riacho Poço dos Cavalos no local estimado para o Mijo de Ratos (fotógrafo: Gustavo Lyra).



Fotografia 14 - Rochas próximas ao Riacho Poço dos Cavalos, possível local da Mina de Utataparaba.



Fotografia 15 - Serra da Rajada, o possível monte Utataparaba, avistada do vale do Riacho Poço dos Cavalos.

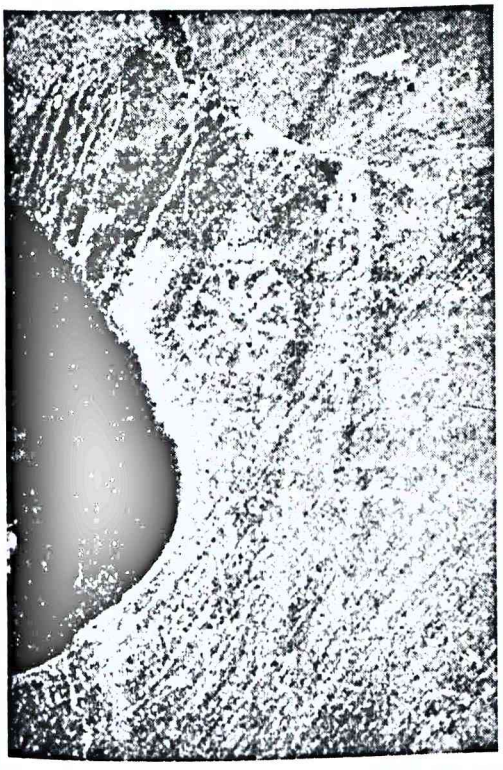
Fotografia 16 - Vista da área do Iporé e monte altíssimo, a Serra Preta, na cabeceira do Riacho Poço dos Cavalos.

Tabela 16: Fotografias do apertado do Poço Velho (5°56'58.66"S 36°17'10.04"W), no Riacho Poço dos Cavalos (Riacho Recurvo na Hipótese 2).

Fotografia 17 - Saída do Poço Velho, um apertado ou *canyon*, no Riacho Poço dos Cavalos, com cerca de 20 m de altura.

Fotografia 18 - Entrada do apertado do Poço Velho, no Riacho Poço dos Cavalos.

Fotografia 19 - Itacoatiaras e grafitos no apertado do Poço Velho.



Fotografia 20 - Obstáculos na entrada do apertado do Poço Velho.

Fotografia 21: O possível local da Água da Sereia no Riacho Poço dos Cavalos, o Riacho Recurvo na Hipótese 2 (fotógrafo: Gustavo Lyra).

Destaca-se, nos resultados das visitas, a comprovação da existência de tanques naturais numa rocha à margem do Riacho do Boqueirão - Fotografias 3 e 6 - e a de um olho d'água salobra perene numa grota na serra paralela à Serra do Boqueirão, próximo à nascente do Rio do Vento - Fotografia 9, cujas características aderem muito bem, respectivamente, às descrições do Mijo de Ratos na documentação primária, e a da fonte descrita no diário de Hansen[182]:

Depois de andar umas 2 léguas, chegamos a um monte altíssimo cujo topo era invisível. Ao sopé do monte brotava uma fonte cristalina, mas quando tentamos beber dela a água era tão salgada e salitrosa, devido à presença do mineral que provavelmente havia no monte. Também era impossível observar o monte por causa dos raios ofuscantes do sol que brilhava nele, e que se estendia por uma légua de distância. Havia nele algumas árvores secas, e pelo resto era como se fosse um monte de prata só. O engenheiro queria escalá-lo uma parte, e assim fui lá com Pedro Persijn, o comandante dos tapuias; e fomos subindo ao topo até à entrada da noite.

O olho d'água visitado encontra-se numa posição mais elevada, cerca de 45 m em relação ao fundo do vale, e é possível chegar até ele subindo a grota com alguma dificuldade. A partir dele, o restante da serra, ou monte, pode ser escalado por uma senda natural na sua encosta.

Acredita-se que a boa conformidade das características dos locais acima mencionados incrementa a probabilidade da Hipótese 1.

Conclusões e comentários

As novas informações contidas nas traduções do professor Benjamin Nicolaas Teensma ☒a íntegra dos relatórios oficiais de Pieter Van Strucht e de Jan Houck, e o fragmento do diário de Peter Hansen ☒ permitiram, neste estudo, revisões, constatações e conclusões para se identificar o percurso da expedição neerlandesa à procura de minérios no Rio Grande Holandês em 1650, entre elas:

1) Desenvolver mais uma abordagem derivada das informações de um documento coevo e inédito sobre essa expedição, o diário do soldado alemão Peter Hansen, lotado na guarnição do Forte do Rio Grande, que participou dessa entrada exploratória.
2) Averiguar que o artigo de Alfredo de Carvalho, publicado em 1907:
    - Omite detalhes importantes, tais como a situação da foz do Riacho Recurvo, e a distância entre o Mijo de Ratos e o Iporé, que encontram-se registrados nos relatórios de 1650 do engenheiro Pieter Van Strucht e de Jan Houck, bailio do Rio Grande;
    - Acresce duas léguas holandesas à distância da foz do Riacho Recurvo à Água da Sereia, e, consequentemente, às distâncias dessa foz ao Mijo de Ratos e à Mina de Itabiraba.

182 (HANSEN, 1995; pg. 87).

3) Cooptar a interpretação geográfica da situação dos topônimos e do caminho percorrido do Forte do Rio Grande até o monte Itabita, ou Utapemba, feita pelo professor Olavo de Medeiros Filho, em 1989.

4) Reconhecer que o Riacho Santa Rosa não atende aos requisitos para ser o Riacho Recurvo, conforme proposto por Olavo Medeiros Filho, que baseia-se no artigo publicado por Alfredo de Carvalho em 1907.

5) Averiguar que há concordância nas distâncias percorridas nas etapas citadas nos relatórios oficiais de Strucht e Houck.

6) Constatar haver concordância nas distâncias citadas por Hansen com os relatórios oficiais nos trechos entre o Forte do Rio Grande e o monte Utapemba/Itabita, e entre a foz do Riacho Recurvo e Iporé, ou ao monte altíssimo, ponto extremo alcançado por essa expedição.

7) Certificar haver discordância nas distâncias citadas do diário de Hansen com as dos relatórios oficiais, no trecho entre o Monte Utapemba, ou Itabita, e a foz do Riacho Recurvo.

8) Propor e avaliar duas possibilidades, ou hipóteses, para a identificação do Riacho Recurvo, ambos afluentes da margem esquerda do Rio Potengi:
   - O Riacho do Boqueirão, que conforma-se com as distâncias citadas por Strucht e Houck;
   - O Riacho Poço dos Cavalos, que combina com os dados registrados por Hansen.

9) Disponibilizar uma proposta georreferenciada para os percursos e locais citados na documentação primária dessa expedição.

10) Observar haver discordância nas datas das etapas percorridas pela expedição registradas por Hansen com as de Strucht e Houck.

A Tabela abaixo resume as principais diferenças quando compara-se os dados dos relatórios oficiais com os do diário de Peter Hansen:

Tabela 18: Diferenças entre as informações dos relatórios oficiais de Strucht e Houck com as citadas no diário de Hansen.

Fonte	Data da		Quantidade		Percurso (légua holandesa)		
			Total	légua/dia			
	Partida	Chegada	etapas	dias	Forte - Iporé	ida	retorno
Strucht/ Houck	25/1/1650	3/2/1650	10	10	26,5	4,8	6,1
Hansen	26/1/1650	11/2/1650	15	17	33,5	4,0	4,5

Valida-se, no presente estudo, as propostas do professor Olavo Medeiros Filho para a ubicação dos topônimos entre o Forte do Rio Grande e o monte Itabita/ Utapemba, tais como a localização do portinho e a casa de Dirck Muller, o riacho

Upabuna, a lagoa Jacaré-Mirim, as rocas próximas à barra do rio Camaragibe, e, ressalvados pequenos detalhes, a posição da Mina do Camaragibe. Também concorda-se que o Monte Itabita/Utapemba pode ser o Serrote da Pedra Branca, à margem do rio Potengi e ao norte da cidade de São Pedro-RN, assim como, com algumas ressalvas, com a situação geral do Monte Apitange, a Serra Vermelha para o professor Olavo Medeiros Filho, e a Serra da Arara, neste estudo.

A análise dos dados de distâncias percorridas pela expedição, conforme citadas no diário de Hansen, demonstra haver inconsistência entre as distâncias das etapas da ida do Forte do Rio Grande ao Iporé, quando confrontadas com as do retorno, e constata-se que a distância entre a Mina de Utataparaba e o Forte do Rio Grande, citada em 96.578 passos duplos, também tem valor diferente do obtido pelo somatório das etapas.

Essas inconsistências podem ser explicadas pela seguinte observação do professor Benjamin Teensma, comentando o método de medir distâncias pela contagem de passos duplos e a confiabilidade dos apontamentos de Hansen:

A contagem de milhares de passos duplos, andando uma vez sobre areia e outra por entre pedras, rocas e arbustos; e sempre por trajetos ziguezagueantes, é uma tarefa sobre-humana, e com resultados falíveis. Também entra em jogo o simples fator do cansaço físico, que ocasiona que os passos da madrugada são maiores que os passos do meio-dia e da tarde. Finalmente o juvenil contador Peter Hansen foi mais impetuoso e menos fiável que seus superiores acadêmicos Strucht e Houck.[183]

Outro dado anômalo citado no diário, numa narrativa algo confusa de Hansen, está no trecho percorrido na ida, entre a lagoa, ou melhor, a poça Tingeciade, presumivelmente junto ao monte Apitange, e a grande roca, o Mijo de Ratos, no vale do Riepe Ratuba/Riacho Recurvo, no dia 31 de janeiro de 1650: se esse afluente do Potengi for o Riacho Poço dos Cavalos, a distância percorrida naquele dia seria de 57,4 Km, cerca de 10,1 léguas holandesas, feito dificilmente praticável ou crível.

Pelo lado positivo, esse diário acresceu detalhes importantes, porém, como se percebe, também tem a sua Água da Sereia, pois apresenta dados encantadoramente precisos, possivelmente meras coincidências, como o da distância total calculada pela soma das distâncias das etapas, em léguas holandesas, entre Utapemba, o Serrote da Pedra Branca, e a foz do Riacho Poço dos Cavalos, o elusivo Riepe Ratuba ou Riacho Recurvo, diferindo com a obtida pelo georreferenciamento por somente 700 m, e a existência de uma serra em forma de sela, que pode ser avistada da foz desse riacho no Rio Potengi[184].

O fragmento do diário de Peter Hansen também se revelou como as minas de prata, promissor e preciso à primeira vista, fulgurando com a citação dos 96.578 passos duplos para a distância entre o Forte do Rio Grande e a Mina de Uta-

183 Carta de B. N. Teensma, de 12 de agosto de 2014, ao autor.

184 Fotografia 12.

taparaba/Itabiraba. Todavia, sua análise revelou imprecisões, que reduzem sua credibilidade como fonte para o georreferenciamento e ubicação do Riacho Poço dos Cavalos como o Riacho Recurvo.

Quanto à diferença das datas das anotações do diário de Hansen, sempre posteriores às dos relatórios oficiais para os mesmos eventos, não foi possível estabelecer uma explicação objetiva para essa discrepância temporal, mas sabe-se que isso não está relacionado com a utilização de calendário juliano por Strucht e Houck, conhecido à época como calendário Velho Estilo, ou do calendário gregoriano, por Hansen, denominado Novo Estilo, pois a diferença para uma mesma data entre esses dois calendários, é de 10 dias justos. Exemplo: 1 de fevereiro no calendário juliano é 10 de fevereiro no gregoriano[185].

Ao que se pode depreender, por esse ou por outros indícios, concorda-se com a sugestão do professor Benjamin Teensma de que Hansen utilizou um borrador para fazer suas anotações de campo e, algum tempo depois, as lançou em seu diário, ocorrendo nesse ato as divergências nas datas e dados[186].

Recomenda-se, face a essa importante divergência, que seja empreendida uma pesquisa relativa à consistência das datas de outros episódios registrados no diário de Hansen, confrontando-as com a documentação oficial da WIC[187].

As visitas aos locais em estudo permitiram constatar que as características observadas demonstram que o Riacho do Boqueirão tem mais congruências com as documentadas para o Riacho Recurvo, apesar de que algumas delas não tenham sido comprovadas. Por exemplo, ainda não se encontrou vestígios de aldeia de brasilianos na região na nascente do Rio do Vento, e o rumo do Riacho do Boqueirão na barra do Potengi diverge ligeiramente do citado.

185 Avaliou-se essa possibilidade após o professor Benjamin Teensma, em carta de 17 de agosto de 2014, ao autor, informar:

Na página 12 da Introdução (= Einleitung) da edição alemã do texto de Hansen de 1995 lemos:

Hansen benutzte in niederländischen Diensten den Gregorianischen Kalender im "New Stil", für alle weiteren Datumsangaben verwendete er den damals in den Herzogtümern Schleswig und Holstein noch üblichen Julianischen Kalender.

[Tradução] Hansen usou nos serviços neerlandeses o calendário gregoriano no Estilo Novo, e para todas as demais datações o calendário juliano, então ainda em uso nos Ducados de Schleswig e Holstein.

186 Carta de B. N. Teensma, de 23 de julho de 2014, ao autor:

Penso que o Hansen escreveu o episódio da Expedição Potengi 1650 bastante mais tarde, no Forte Keulen, à base dum livrinho borrador em que apontava suas coisas durante a expedição. Em estilo telegrama, e com muitas abreviações. Dias/semanas depois nem ele foi capaz de compreender tudo!

187 WIC - *Geoctroyeerd West-Indische Compagnie*, a Companhia das Índias Ocidentais, sediada em Amsterdam, na Holanda.

A constatação da existência do Poço Velho no leito do Riacho Poço dos Cavalos[188], notável formação natural, um magnífico apertado, ou *canyon*, dificilmente deixaria de ser mencionada pelo engenheiro Pieter van Strucht e o bailio do Rio Grande, Jan Houck, ou o soldado Peter Hansen, pois trata-se de obstáculo formidável no caminho para a mina de Utataparaba/Itabiraba, e essa omissão reduz a probabilidade dos expedicionários terem explorado esse riacho.

Nesse sentido, o professor Benjamin Teensma, estudioso dos aspectos psicológicos de vários personagens históricos do Brasil Holandês, ao avaliar o "seco laconismo desses europeus do século XVII diante de fenômenos naturais de tamanha envergadura", observa:

Hansen é o mais emocionado dos três, porque descreve com bastante relevo a beleza da "altíssima roca modelada pela natureza como o castelo mais belo que se podia admirar com os olhos", e dos sussurros do vento no cume do "monte altíssimo cujo topo era invisível". Strucht e Houck, como funcionários exemplares, reduzem-se a mencionar sem emoção os objetivos da sua missão: determinar a locação das minas, sua acessibilidade e possibilidades da exploração.[189]

Não se conseguiu determinar neste estudo, conclusivamente, qual é efetivamente o Riacho Recurvo, e, a rigor, isso só será possível com mais pesquisas que revelem outros documentos coevos, ou que levantem novos indícios, que, porventura, venham a explicitar as diferenças constatadas entre os registros do soldado Hansen e os relatórios oficiais. Por exemplo, localizando-se e interpretando-se o mapa completo desenhado pelo Engenheiro Strucht[190], cujo paradeiro hoje é desconhecido, ou descobrindo-se em campo algum vestígio da expedição neerlandesa de 1650 no Rio Grande.

Se o diário de Hansen não houvesse sido encontrado e publicado em 1995, não haveria hesitação em se indicar o Riacho do Boqueirão como o Riacho Recurvo, pois não há contradição nas distâncias citadas nos relatórios de Strucht e Houck. Todavia, constata-se que as informações de distâncias nesse diário estabelecem a possibilidade do Recurvo ser o Riacho Poço dos Cavalos.

O diário de Peter Hansen, ao ser analisado, revelou que se deve guardar as devidas reservas quanto à sua fiabilidade, pois apresenta antagonismos. Esse fato, aliado à constatação da existência de obstáculos naturais no leito do Riacho Recurvo, não citadas nas fontes primárias, e que dificultariam bastante a acessibilidade à mina de Utataparaba/Itabiraba, reduz a conformidade das características do Riacho Poço dos Cavalos às descritas nas fontes primárias.

Não há obstáculos naturais de vulto no leito do Riacho do Boqueirão, e sua congruência com as características descritas na documentação primária é quase

188 Vide Fotografias 17 a 20.

189 Carta de B. N. Teensma, de 28 de agosto de 2014, ao autor. Contudo, Pieter Van Strucht (1650; fol. 5) expressa alguma emoção em seu relatório, ao admitir estar "mui zangado" ao citar o comportamento de Pieter Persijn no dia 30/1/1650.

190 (HANSEN, 1995; pg. 89).

total. Combinando-se isso com as reservas sobre a fiabilidade do diário de Peter Hansen, conclui-se que há fortíssimos indícios apontando a alta probabilidade do Riacho Recurvo ser efetivamente o Riacho do Boqueirão, e o Iporé estar na nascente do Rio do Vento.

BIBLIOGRAFIA E ICONOGRAFIA

BARO, R.: Relation dv voyage de Roulox Baro, Interprete et Ambassadevr ordinaire de la Compagnie des Indes d'Occident ... au pays des Tapuies dans la terre ferme du Bresil. [Traduict d'Hollandois en François par Pierre Moreav de Paray en Charolois], pg. 195-246. In: *Relations veritables et cvrievses de L'Isle de Madagascar, et dv Bresil.* A Paris, chez Avgvstin Covrbé, au Palais en la Gallerie des Merciers, à la Palme. MDCLI [1651]. Disponível em http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k104519k/f210.image. Acesso em 24 de junho de 2014.

CARVALHO, A.: Minas de ouro e prata no Rio Grande do Norte — Explorações holandesas no Século XVII. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.* Vol. III, nº1. Janeiro de 1905.

Capitania de Rio Grande. [mapa]; [mapa fonte circa 1639-1640]. In Cristina Atlas [J. Vingboons fecit.], BAV Reg. Lat. 2106 f.035. Biblioteca Apostólica Vaticana. Cidade do Vaticano.

MEDEIROS Filho, O.: A viagem de Roulox Baro ao País dos Tapuias (1647). In: *No Rastro dos Flamengos.* Natal-RN: Fundação José Augusto, 1989. p. 73-86.

MEDEIROS Filho, O.: As Minas de Camarajibe e Iporé (1650). In: *No Rastro dos Flamengos.* Natal-RN: Fundação José Augusto, 1989. p. 87-101.

HAMEL, H.; BULLESTRATE, A.; BAS, P. J.: Relatório apresentado por escrito aos nobres e poderosos senhores deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos senhores H. Hamel, Adriaen Van Bullestrate e P. Jansen Bas, sobre a situação e a organização dos referidos países, tal como se encontravam ao tempo de seu governo e de sua partida dali, em 20 de agosto de 1646. *In* GONSALVES DE MELLO, J. A.: *Fontes para a história do Brasil Holandês, vol. 2 - A administração da conquista.* Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1985, DOCUMENTO 5, pg. 205-300.

HANSEN, P.: Viagem à mina de prata de Utataparaba. [Tradução de Benjamin Nicolaas Teensma]. In: IBOLD, F.; JÄGER J.; KRAACK D. [Editores]. *Das memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672).* Quellen und Forschungen zur Geschichte Schleswig-Holsteins, Band 103. Neumünster, Wachholtz Verlag, 1995. ISSN 0173-0940, ISBN 3.529.02203.9. Fragment C: Die Reise nach Brasilien. p. 86-89.

HOUCK, J.: *Jornal da viagem feita à mina no Rio Grande, escrito pelo bailio Jan Houck. 4/2/1650.* [Tradução de Benjamin Nicolaas Teensma]. NL-HaNA, OWIC, 1.05.01.01, nr. inv. 65, nr. consecutivo 197; 7-10.

MARCGRAVE, G. [mapa] Præfecturæ de Paraiba, et Rio Grande [1647], [mapa]. In: Blaeu, J. *America, quæ est Geographiæ Blavianæ : Pars Qvinta, Liber Vnvs, Volvmen Vndecimvm.* Amstelædami Labore & Sumptibus Ioannis Blaev, MDCLXII [1662], fol. 147. Biblioteca Nacional de España, Madrid. [Signatura GMG/1121].

MARGRAVE, J.: *História Natural do Brasil.* [1648] Tradução do Mons. Dr. José Procópio de Magalhães, Museu Paulista, São Paulo, SP, Brasil, 1942.

MARCGRAVI, Georgi: Historiæ Rervm Natvralivm Brasiliæ. In: PISONIS, G.; MARCGRAVI, G.: *Historia Natvralis Brasiliæ: Auspicio et Beneficio Illvstris I. MaVritii Com. Nassav* ... . Lvgdvn Batavorvm apud Franciscum Hackium et Amstelodami apud Lud. Elzevirium, [Organizado por Joannes de Laet], [Holanda],1648.

Versão original, em latim, disponível em http://ia600308.us.archive.org/attachpdf.php?file=%2F13%2Fitems%2Fhistorianaturali12piso%2Fhistorianaturali12piso.pdf, acesso em 30/09/2013.

MARGGRAPHIUS, G. Brasilia qua parte paret Belgis, [1647], [mapa mural]. In: *Klencke Atlas*, mapa nº 38. Kees Dierkz et filius D. K. compegerunt anno 1660. British Library, Londres, Inglaterra.

MORISOT, C. B.: Remarqves dv Sievr Morisot sur le voyage de Roulox Baro, au pays des Tapuies, pg. 247-307. In: *Relations veritables et cvrievses de L'Isle de Madagascar, et dv Bresil.* A Paris, chez Avgvstin Covrbé, au Palais en la Gallerie des Merciers, à la Palme. MDCLI [1651]. Disponível em http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k104519k/f262.image. Acesso em 24 de junho de 2014.

PEREIRA, L.: *Georreferenciamento do mapa do Brasil Holandês de George Marcgrave, o BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS.* [Arquivos para instalação no Google Earth, versão 1.0, de 4/7/2010]. In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa. Disponível em: http://lhs.unb.br/wiki_files/HISTORIA.exe. Acesso em: 22 de junho de 2014.

STRUCHT, P.: *Relatório da viagem à mina de prata, que eu, subscrito, fiz por ordem dos Nobres e Poderosos Senhores, com o escoteto Jan Houck e com Pieter Persijn, ... 4/2/1650.* [Tradução de Benjamin Nicolaas Teensma]. NL-HaNA, OWIC, 1.05.01.01, nr. inv. 65, nr. consecutivo 197; 1-6.

TEENSMA, B. N.: *Os mocós da Itabiraba do Córrego Retorto.* Texto de palestra no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte-IHGRN. Natal-RN. 25/9/2014. 17 p.

Agradecimentos

- Ao professor Benjamin Nicolaas Teensma pelo apoio, sugestões, contribuições, correções, e disponibilização das traduções do fragmento do diário de Peter Hansen e dos relatórios do engenheiro Pieter Van Strucht e do bailio do Rio Grande, Jan Houck.
- Ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, pela disponibilização dos textos dos artigos de Alfredo de Carvalho publicados nas suas Revistas de 1905 e 1907, em caráter excepcional, durante o período de reforma de seu prédio sede em 2014.
- Ao Dr. Valério Mesquita, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, pelo apoio e permissão para a publicação desse artigo na Revista do IHGRN.
- Ao Dr. Onesimo Santos, Superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional no Rio Grande do Norte, pela participação nas viagens ao alto vale do Potengi, e permissão de utilização de algumas de suas fotografias neste estudo.
- Aos companheiros do Natal Land Club, pela amizade, companhia, fotografias, e apoio logístico nas viagens ao sertão do Rio Grande do Norte requeridas por este estudo.
- A todos que contribuíram direta ou indiretamente para este artigo.

Natal-RN, 7 de setembro de 2014,

Levy Pereira.

DE ABOIO E DE FERRO

*Por Manoel Moura Filho**

Natal/RN

Não obstante a pregação da morte - da história - e da nivelação dos seres, mediante o avanço do neo-liberalismo, da globalização e da tecnoligia que estabelece uma cultura ligeira e artificial, onde o todo e o nada estão juntos, resumidos e reduzidos ao quadrado de luz fria da TV ou do bicho cibernético chamado computador. Os arquitetos afloram indiferentes a tudo isso. Afloram através dos sentidos. O aboio é ouvido e o ferro é visto e faz acordar, ou melhor faz reviver o que parecia ter morrido.

Salve todos os aboiadores, violeiros, poetas e cantadores nas pessoas de Luiz Gonzaga, Elomar Figueira de Mello e salve também todos os vaqueiros de mato fechado e ferradores de gados nas festas de apartação na pessoa de Manoel de Higino da ribeira do Potengi de quem eu ouvi tantos relatos desses afazers que ele (meu pai) tanto gostava. Salve também os que se preocuparam em registrar em livros a grafia dos ferros de ferrar gados, nas pessoas dos mestres: Ariano Suassuna, Oswaldo Lamartine de Faria, Virgílio Maia e Luiz da Câmara Cascudo que também falou de aboio e de ferro.

Alegres, tristes, saudosos ou contritos, os primeiros patriarcas do sertão do Rio Grande do Norte aboiram, se verbalizando palavras em português ou em outro idioma incompreensível, isso não temos como afirmar, mas desconfiamos que o: ê êê ô ôô do aboio reproduzido pelo gentio (vaqueirama) eram palavras de uma outra língua não conhecida pela maior parte da população, e por não entenderem a língua, e por acharem o canto, a música, a melodia bonitas, passaram a imitar o som ouvido, apenas com entonações monossilábicas das vogais latinas (Luiz da Câmara Cascudo aponta para o Oriente Médio como possível origem do aboio).

Podemos comprovar que muitas rezas e cantos judaicos encaixam-se e podem perfeitamete ser entoados em aboio sem nenhuma dificuldade. Ouvi meu pai muitas vezes aboiar ao cair da tarde, sentado no batente de nossa casa em Sombra – São Pedro-Rn, em sons monossilábicos, terminando os seis versos com sete sílabas, sempre com o – ê êê ô ôô saudade! – Perguntamos: saudade de quê, de quem, de onde? De Canaã de Abraão, de Espanha (que é Sefarad), de Portugal ou das sinagogas do Pernambuco de Maurício de Nassau? Afirmar não podemos, negar também não. E aboio, e ferro, e gado, e Santa Inquisição, e perseguição, e homens, e saudades, e mistérios, e estórias, foram a História.

Falemos agora de alguns ferros de ferrar gados: há um quê de mistério nas primeiras marcas de ferrar, pelo menos é o que se percebe na linguagem dos que já trataram desse assunto. Eles (os ferros) eram símbolos, mas não eram letras

latinas que identificassem os nomes dos seus proprietários. Uns apontam para as pinturas rupestres, outros as identificam com as runas.

Apesar de não podermos afirmar de forma categórica, suspeitamos e achamos mais provável que algumas daquelas marcas, tenham sido criadas por que conhecia, se não a língua hebraica, pelo menos seus caracteres.

Essa nossa indagação e identificação de muitas letras hebraicas encontradas em várias marcas de ferrar gados aqui no Rio Grande do Norte. Observemos algumas marcas nas quais identificamos uma quantidade significativa de litras hebraicas, inclusive uma marca nova, levantando a hipótese de sermos um daqueles patriarcas e como ficaria totalmente diferente do nosso nome em letra latinas.

Assim entendemos que possivelmente, os que criaram essas marcas, também aboiaram suas rezas em hebraico, eram judeus, marranos, cristãosnovos ou melhor, os BneiAnussim – filhos dos forçados.

*Lincenciado em Filosofia - UFRN

UM ÍNDIO POTIGUAR: ENÉLIO LIMA PETROVICH (1934 - 2012)

Melquíades Pinto Paiva

Nasceu e morreu em Natal (RN), em 13 de junho de 1934 e 06 de janeiro de 2012. Eis o espaço mais costumeiro e o tempo da preciosa vida de Enélio Lima Petrovich.

Este meu velho e querido amigo completou 77 anos de vida muito bem vivida, sempre voltado para os interesses da terra e do povo potiguares.

Olhando-o na perspectiva da sua memória, recordo o levante dos índios do Açu, nos idos de 1662, indomáveis defensores de sua terra e cultura.

Esta lembrança está associada ao permanecer terreno do escritor/historiador Enélio Lima Petrovich, produzindo livros da melhor qualidade, entrincheirado no centenário Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do qual foi o presidente-perpétuo. Combatente indormido em defesa de ideais telúricos, sem o cansaço apressado de muitos outros, sempre a favor do chão nativo e gente que o habita.

Com certeza, não foi fácil o viver do meu amigo, desprendido e dedicado à sua valorosa instituição, sem a busca de dinheiro que corrompe sonhos elevados e não deixa juntar amigos, conhecimentos e tantos saberes. Foi um modelo do ser intelectual, sem preocupações que o tirassem do caminho que vinha trilhando, na missão de elevar o mais possível, o velho Rio Grande do Norte.

Tive a honra do acesso ao quadro de sócios correspondentes do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte pelas mãos do amigo, título que muito prezo e procuro enaltecer. Recordo as alegrias do anoitecer de 22 de agosto de 2003, quando recebi de Enélio Lima Petrovich o diploma que enriquece o meu trajeto intelectual.

Naquela ocasião, procurei relembrar pessoas e feitos da vida que me prendem à terra potiguar. Tudo de pouca valia, caso não contasse com a boa vontade do amigo agora louvado.

Esta é uma homenagem póstuma merecida, decorrente dos longos anos de firme amizade e mútuo respeito. Descanse em paz, velho guerreiro!

O autor é professor emérito da Universidade Federal do Ceará.

ANTÔNIO FRANCISCO
somente deus explica

Odúlio Botelho Medeiros
Sócio Efetivo do IHGRN

As pessoas que gostam de ler recebem sempre um livro de presente de um amigo dileto. Foi assim que o engenheiro Francisco Camargo (pai de Camarguinho) colocou em minhas mãos, com oferecimento e tudo, uma preciosidade denominada de DEZ CORDÉIS NUM CORDEL SÓ - 5ª edição - **GL Gráfica e Editora** - de autoria de um poeta mossoroense tido e havido como **Antônio Francisco**, com o sobrenome de Teixeira de Melo. Pelo dizer do amigo Camargo, o homem representa o que há de melhor na poesia popular da região, além de declamar como ninguém, a sua produção literária: "não sei se ele é melhor poeta ou ator", prefaciou Camargo, informando-me, ainda, que o referido poeta popular tornou-se bacharel em História pela UERN e tem por profissão a feitura de placas na Cidade de Mossoró, já tendo se apresentado em Natal, onde foi ovacionado carinhosamente. Recebi o presente ao lado das entusiasmadas referências e ato contínuo, guardei o livro para manuseio e leitura posteriores, tendo, antes, navegado nas primeiras e segundas orelhas: na primeira, Gutemberg Costa, com a responsabilidade que tem de haver editado e difundido vários poetas da terra, diz que: " No presente trabalho não faço elogios desmerecidos, nem críticas maldosas aos poetas que aqui estão verbetados, mas afirmo que Antônio Francisco é indiscutivelmente um grandioso poeta da nova geração da nossa Literatura Cordel". Por sua vez, na segunda orelha do livro, o autor de **Dez Cordéis Num Cordel Só**, dá logo o recado a que se propõe, ao filosofar:

"Pra nós sermos amigos de verdade,
Precisamos amar e querer bem,
Repartir nosso pão pela metade,
Dividir nossos sonhos com alguém,
Plantar uma semente de amizade
No jardim onde nasce a solidão
E dizer no ouvido dum ermitão:
Plante um pé de amizade em sua horta,
Amizade é a chave que abre a porta
Do castelo onde mora o coração"

Confesso que após ler essa jóia de versos, iniciei, de imediato, a leitura do livro, que está enriquecido por trabalhos de Gustavo Luz - diretor da Editora **Queima -Buxa**, que explica as linhas destacadas do livro e de Luís Campos, que glosa:

"Se você quer conhecer,
Quem escreve em Mossoró,
É bastante você ler
Dez cordéis num cordel só".

Depois, o meu amigo Caio César Muniz – Presidente da Academia de Poetas e Prosadores de Mossoró – explica **Meu Sonho (Cordel n°1)** no bem elaborado **O Sonho de Toda a Humanidade**, no qual vaticina: " Sempre que tenho o prazer de ouvi-lo recitar **Meu Sonho**, me emociono ao final, pois sei que esse planeta encantado que ele sonhou só existe em sua mente maravilhosa"...

De sua vez, o poeta Erocildes Bezerra de Araújo destaca a seguinte mensagem:

"Oh, Antônio seu papel
Eu estou achando lindo,
Vai despertar o cordel
Que há tempo estava dormindo".

Iremar Leite Pereira com o trabalho **O Anjo do Sertão**, às fls.23/4, fala de Antônio Francisco e apresenta o **Cordel n° 2, Aquela Dose de Amor**.

Severino Inácio, poeta dos bons, orienta:

"O livro tem dez cordéis,
Leia um de cada vez...
E depois decore os dez
Cordéis que Antônio fez".

Continuando o exame e a apresentação originalíssima do livro, **Gemaia** (Professor Geraldo Maia) escreve **A Título de Apresentação** que: "A poesia de Antônio Francisco tem o incrível poder de encantar e fascinar a todos que dela tomam conhecimento" e comenta a poesia **O Guarda-Chuva de Prata**, que é o **Cordel n°3. As Seis Moedas de Ouro (o 4° Cordel)** recebeu a apresentação de

Rubéns Coelho- Jornalista e Escritor – que conclui a sua dissertação da seguinte forma: " Não sou crítico literário, nem tenho essa pretensão, mas vejo a poesia de meu amigo Antônio Francisco como uma das mais significativas que se faz no País, no gênero popular. E creio que essa será a opinião de quantos dela tomarem conhecimento"...

Antes, Francisco Nolasco (fl.46), poetiza:

"Antônio Francisco é poeta,
Pois já cantou céu e mar,
O belo da natureza,
O canto do sabiá.
E agora nos presenteia
Com sua verve tão cheia
Com dez cordéis num só lugar".

Do Outro Lado do Véu – 5° Cordel – recebeu do poeta José Ribamar, os seguintes versos:

"As poesias de Antônio
São a história da lida
Dum povo sem liberdade,
Da própria honra ferida
Que anseia por justiça
Emprego, teto e comida,
São, além de fotocópia
De uma prole vencida,
Ficções, realidades
E crítica bem construída.
Ele, um grande idealista,
E as obras, lições de vida".

O pesquisador Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira, sócio da SBEC e do IHGRN, apresentou **Do Outro Lado do Véu**, escrevendo: "Dentro do DEZ CORDÉIS NUM CORDEL SÓ, ele nos apresenta uma viagem fantástica, que o poeta nos seus devaneios filosóficos se fez transportar para O OUTRO LADO DO VÉU"(...).

A Oitava Maravilha, que é o **6° Cordel**, recebeu de Crispiniano Neto, poeta e advogado, a apresentação sob o título – **Cafuné – Um Murro na Cara dos Antipoetas**, às fls.73/74, podendo ser destacado no referido texto: "Antônio Francisco – a partir deste livro publicado quase à pulso por Vingt-un, que vem empurrando com a barriga a modéstia injusta do poeta - se inscreve no rol dos grandes da indústria mundial do verso"(...).

Os Sete Constituintes ou os animais têm razão (**7° Cordel**), recebeu do escritor e poeta Marcos Ferreira, a seguinte interpretação: "Quanto a este "Os Sete Constituintes", sobre o qual me cabe deitar algumas impressões (pois o autor convidou uma pessoa diferente para comentar cada um dos dez poemas que formam este livro), digo que se trata de uma belíssima fábula que a cabeça prodigiosa de Antônio Francisco deu à luz"(...).

Seu Nãna – Cordelista –ao discorrer sobre o livro, especialmente sobre o **8° Cordel, O Feiticeiro do Sal**, com o título **Uma Obra de Arte**, acrescenta o seguinte pensamento: "O que eu quero dizer é que, O FEITICEIRO DO SAL, que ele traz a lume agora, é simplesmente uma obra de arte"(...).

O **9° Cordel – História de Pescador** – recebeu, de Luís Antônio, Presidente da Casa do Cantador, no escrito **O Poeta Antônio Francisco** (fl.111), o presente conselho: "Antônio faz uso de temas atuais, sociais, que mexem com o íntimo do ser humano, cultua o verso com o rigor métrico que a arte exige: Em História de Pescador o poeta não foge à regra, mas o ideal é que o leitor confira o que digo"(...).

Finalmente, Cid Augusto enfatiza no seu comentário **A Arca de Noé (10° Cordel)** que: "(...) A Arca de Noé, protesto inteligente e bem-humorado contra a devastação da natureza no Brasil, demonstra a verve desse autor que, por incrível que pareça, descobriu-se poeta faz poucos anos" (...).

Que dizer mais sobre essa pérola da literatura popular? Somente que estou encantado com o que li. Sabem todos os meus amigos mais aproximados que nem sou poeta, nem crítico literário. Apenas, um leitor que ousa escrever alguma coisa quando tem a oportunidade de ler trabalhos magníficos como **Dez Cordéis Num Cordel Só,** de autoria do fantástico Antônio Francisco, que exercita lições de história, sociologia, ciência-política, economia, ética, moral e cívica, de amor a terra e ao ser humano, especialmente, de poesia e genialidade.Estou pasmado!

Entendo que as entidades públicas e privadas poderiam "adotar" o poeta Antônio Francisco, pois, no futuro, certamente ele será a expressão maior da poesia popular brasileira. Finalmente, reproduzo o que disse ao escritor Jurandir Navarro, ao dedicar-lhe o livro de Antônio Francisco: "Somente Deus explica esse fenômeno!".

Escrevi este artigo, que foi publicado no Jornal Metropolitano, quando esse grande poeta estava iniciando a sua brilhante carreira literária. Com o passar do tempo ele publicou novos livros, apresentou-se recitando seus versos em várias cidades, inclusive em Natal, aqui sendo muito requisitado para apresentações em academias, em lançamentos de livros e em grandes tertúlias culturais. Hoje faz parte Academia Brasileira de Literatura de Cordel, no Rio de Janeiro, onde ocupa a cadeira 15 pertencente ao grande Patativa do Assaré.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES: UMA INSTITUIÇÃO.

Odúlio Botelho Medeiros. OAB/RN.

Meus amigos, e de Carlos Gomes, que neste dia 10 de setembro de 2013 está a completar 74 anos de idade, terei o prazer de reler a homenagem que lhe foi prestada anteriormente.

"Mais uma vez Deus me contempla e premia por ter sido designado pelo Professor Joanilson de Paula Rêgo, Presidente da OAB/RN para saudar, neste dia 10 de agosto de 2005, no âmbito da programação comemorativa à Semana do Advogado, uma das figuras mais significativas deste Estado, o Dr. Carlos Roberto de Miranda Gomes.

Carlos é uma personalidade múltipla, consegue ser com muito gabarito, ao mesmo tempo, jurista de nomeada, professor universitário, advogado, pesquisador, historiador, escritor, conferencista e bom orador.

Homem público que, para minha glória e honra pessoal, é meu dileto e querido amigo desde os idos de 1950. Crescemos no após-guerra, advindos de uma geração sofrida, mas, sobretudo, dinâmica e esperançosa. Nesse quadro, nasceu Carlos Gomes em 1939, filho do Desembargador José Gomes da Costa e D. Lígia de Miranda Gomes, ambos de tradicionais famílias desta terra.

Com o passar do tempo, o homenageado tornou-se um menino-cantor de voz belíssima, clara, entoada como o cantar dos passarinhos. E fez escola: eu, que era apenas seu fã de carteirinha, passei a ser seu concorrente (no bom sentido) na difícil arte de cantar. Cantamos juntos com Edmilson Avelino, José Filho, Salete Dias, Maria Cerize (possivelmente a primeira namorada) Selma Rayol, Agnaldo e tantos outros, pois que a memória, às vezes, falha.

Lembro-me, também, Carlos, que o Dr. João Juvanklim nessa época, com os seus irmãos, demonstrava o grande músico que seria no futuro, a tocar bandolim, cavaquinho e violão. Estas reminiscências fazem-me visualizar tantos outros que já se foram, como Luiz Cordeiro, Genar Wanderley, Duca Nunes, Ferreira Filho, Chiquinha da Sanfona, Zico Borborema, Gil Barbosa, Jaime Queiroz, Gilberto Wanderley, para não citar todos. Parafraseando o cantor e compositor Roberto Carlos: "velhos tempos, belos dias".

Entretanto, minhas senhoras, meus senhores, advogados, magistrados, promotores de justiça, professores, pessoas convidadas e familiares do Dr. Carlos Gomes, não estou aqui para falar coisas de antanho e, sim, para falar da carreira múltipla deste valioso colega que vem trilhando pelos caminhos da verdade, da decência, da honradez, da ética e do amor à profissão de advogado. Se Carlos Gomes é brilhante professor de Direito Tributário de nossa Universidade Federal, com diversos livros publicados sobre tão difícil ramo do Direito, foi como

advogado que estabeleceu sua marca, sua patente. Dá exemplo de cultura e de conhecimentos aos novos e aos mais velhos advogados, mercê do domínio que tem das coisas da advocacia, como também por manejar o Direito com fórmulas simples e objetivas, sem alardes, sem culto à personalidade e sem soberba.

Não é à toa que em PROVÉRBIOS – 3:13, está consignado: "Feliz o homem que acha sabedoria e o homem que adquire conhecimento". Parece, até, que este provérbio foi destinado ao advogado de 66 anos, que está na plenitude de sua eficiência, porque não lhes faltam os dotes do conhecimento e da sabedoria. Sabedoria no trato da profissão, com a coisa pública, com a família, ele que é exemplo de filho, marido, pai e avô.

Sou testemunha ocular da trajetória de uma vida útil à sociedade e ao seu tempo. Por ser parte integrante de um discurso, mesmo que dentro da informalidade deste, é bom discorrer um pouco sobre a produção do homenageado: Carlos Gomes foi menino cantor da Rádio Poti de Natal na década de 50; soldado e cabo do Exército Brasileiro, sendo lá condecorado com a Medalha de Bronze, por ter sido o Praça mais distinto entre os conscritos e incorporados ao 16º RI, em 1959; recebeu a Medalha do Mérito Universitário, como o Melhor Concluinte de 1968, do Curso de Ciências Jurídicas e Sociais da UFRN; advogado militante; auxiliar de enfermeiro do Desembargador José Gomes da Costa, seu pai; auditor do Tribunal de Contas do Estado por concurso público de provas e títulos, tendo obtido o 1º lugar; diretor de diversos cursos de Direito em Natal; professor universitário; presidente e auxiliar de serviços gerais da OAB/RN; Controlador Geral do Estado; Diretor da Escola do Tribunal de Contas do Estado, além de pesquisador emérito e historiador.

Atualmente debruça-se numa pesquisa de fôlego, que se transformará na "História da OAB/RN", que está em fase de conclusão, quase no prelo, portanto. Sim, meus amigos: ia esquecendo. Carlos também é metido à prendas domésticas e sabe construir boas casas. Talvez esse detalhe não seja lá tão difícil, pois quem soube construir a família que tem, soube trilhar niveladamente pelos caminhos da vida, soube construir as amizades e a liderança que tem, o fazer casas passou a ser uma diversão trabalhosa e ao mesmo tempo – agradável.

Meus senhores, minhas senhoras, é dentro deste contexto que enxergo Carlos Gomes. Como sou parte integrante de uma sociedade politicamente organizada, acredito que todas as pessoas aqui presentes pensam da mesma forma, pois que:

> *"os passos do homem são dirigidos pelo Senhor; como, pois, poderá o homem entender o seu caminho?"* - Provérbios - 20:24.

Tenho me inspirado sempre, em momentos como estes, no magistral Ortega e Gasset, que prelecionou:

> "os indivíduos, à semelhança das gerações têm destino preestabelecido, do qual se não podem afastar, sob pena de censura da sociedade"

Com toda certeza, Carlos não se afastou do seu destino. Ao contrário: é força atuante e ativa no perpassar da sua vida; no conviver com o tempo presente, com a sua geração e com as futuras.

Rui Barbosa, ensina: "Três amores deixou Deus aos homens – o amor da pátria, o amor da liberdade e o amor da verdade" e explicava que dos três o maior deles é o amor da verdade. Porque, os outros dois – o amor da pátria e o da liberdade, são da terra e do tempo, passam. Mas, o amor da **verdade**, pertence ao céu, e vai à eternidade.

Destarte, sabemos todos nós que Carlos Roberto de Miranda Gomes respeita esses três amores de que fala o "Águia de Háia" e, de tanto praticar a verdade, o seu nome permanecerá reconhecido.

Sobre Carlos Gomes já se manifestaram João Medeiros Filho, no seu livro *Contribuição à História Intelectual do Rio Grande do Norte* – fls. 111/2 e, mais recentemente, o Prof. Jurandyr Navarro em trabalho que será lançado brevemente em Natal *"Rio Grande do Norte – Conferencistas"*, além de tantos outros autores contemporâneos.

Jamais se torna enfadonho encerrar um discurso relembrando o saudoso tribuno potiguar Dr. Djalma Marinho, cujo pensamento se encaixa como uma luva a esta homenagem:

> "Vim testemunhar, nesta solenidade a vitória da minha geração. Ela não se frustrou como num barco que, singrando para uma grande viagem, desistisse à primeira tormenta e voltasse sem glória e sem rumo." (...)

Digo eu, vim testemunhar, na presença deste seleto e culto auditório, que Carlos Gomes é a vitória da classe dos advogados inscritos na Seccional do Rio Grande do Norte. Deus o proteja."

Amigo Carlos Gomes, complemento tudo o que foi dito acima, nesta oportunidade, para ratificar o que todos os seus amigos sentem de sua marcante personalidade. Basta que você olhe para cada uma das pessoas aqui presentes, para que possa sentir o brilho da felicidade que resplandece do olhar de cada um. O povo na sua sacrossanta sabedoria nos ensina: "o coração alegre, embeleza o rosto (...)" E vamos sair desta festa mais bonitos e mais alegres, porque os nossos olhos estão mais cintilantes. Como falo em nome dos seus amigos, ouso invocar a grande Cecília Meireles, com a seguinte manifestação:

"Há pessoas que nos falam e nem as escutamos, há pessoas que nos ferem e nem cicatrizes deixam; mas há pessoas que simplesmente aparecem em nossás vidas e nos marcam para sempre."

*A PRAÇA ANDRÉ DE ALBUQUERQUE PEDE SOCORRO

Ormuz Barbalho Simonetti

É com imensa tristeza que vejo a maioria de nossas praças em estado de penúria e extremo abandono. Abandono esse que não se prende somente a parte física, e sim o abandono da nossa própria história. Nesse caso, a história desse herói chamado André de Albuquerque Maranhão, senhor do engenho Cunhaú, Cavaleiro da Casa Real, coronel comandante da Divisão do Sul, que em 1817, também lutou ao lado dos revoltosos na Revolução Pernambucana.

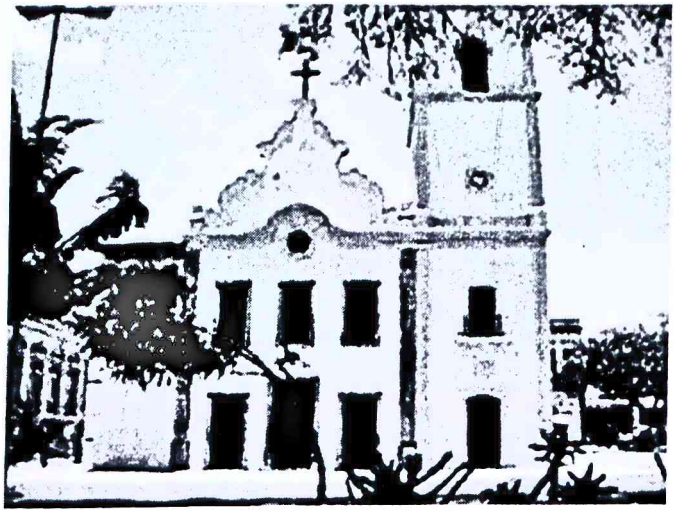
Chefiou a Revolução no Rio Grande do Norte e lutou ao lado do padre Miguelinho (Miguel Joaquim de Almeida Castro) na derrubada do governador José Inácio Borges. Dirigiu a cidade por um período compreendido entre 29 de março e 25 de abril de 1917, tendo sido deposto após a derrota de Pernambuco

o que resultou no enfraquecimento do movimento. Foi preso no Forte dos Reis Magos onde veio a falecer.

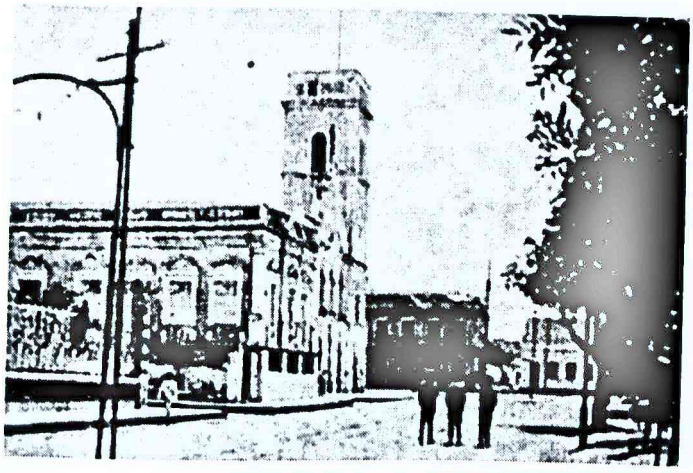
Fuzilamento do Padre Miguelinho – Imagem internet

A praça criada em 1818, por iniciativa da Câmara Municipal de Natal, que, naquela ocasião, renomeava a antiga Rua Grande para o nome atual.

Desde o Século XIX, a praça sofreu alterações dos mais diversos governos, modificando seu paisagismo, acrescentando monumentos, aparelhos públicos etc. Em 12 de junho de 1937, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte inaugurou um monumento aos heróis da Revolução de 1817. O projeto da estátua coube aos engenheiros André Rebouças e Willy Fischer, que foram contratados pelo próprio Instituto Histórico e Geográfico para esse fim.



Matriz Velha - Foto internet



IHGRN e Matriz Velha – Foto internet

Memorial Câmara Cascudo - F.Internet

Aquele local considerado o marco zero, nascedouro de nossa cidade, ladeado pela Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, também conhecida como Igreja Matriz ou Catedral Velha, o Instituto Histórico e Geográfico, o museu Câmara Cascudo, prédio que outrora abrigou a Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, a Igreja de Santo Antônio (Igreja do Galo), que forma com outros prédios históricos o corredor cultural da cidade, chão abençoado dos nossos antepassados.

Igreja de Santo Antônio - Igreja do Galo – F. Internet

Desde a eleição da atual diretoria do IHGRN, ocorrida em março de 2013, compareço à instituição juntamente com alguns de seus membros, de segunda a sexta-feira e, às vezes, nos fins de semana, numa cruzada sem trégua na luta para preservar as instalações físicas e o rico acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, com mais de 300 anos de história que abrange os períodos imperial, colonial e republicano. Tal circunstância me levou a convivência diária com essa incômoda e revoltante situação.

A praça se encontra em total abandono. Há tempos foi tomada de assalto pela marginalidade do centro da cidade. Seus atuais frequentadores são flanelinhas, prostitutas, mendigos, traficantes e usuários que fizeram daquele local "minha praça, minha vida". Lá eles tomam banho, exercem seu comércio ilegal, lavam suas roupas e as estendem por cima das poucas plantas que ainda resistem, além de utilizá-la como sanitário e não raro, também motel.

Foto – Ormuz Simonetti

Foto – Ormuz Simonetti

Os mendigos incomodam os poucos transeuntes que por desconhecimento do perigo, coragem ou mesmo necessidade, cruzam por seus passeios. Ladrões abordam suas vítimas em plena luz do dia na certeza da impunidade. Os canteiros onde outrora eram ocupados com jardins floridos e bem cuidados, há anos desapareceram. Em seu lugar, podemos ver somente o chão de terra batida, que nas quintas-feiras é palco para um público de comportamento duvidoso que se diverte ao som de grupos musicais da periferia. Nesse ambiente, onde boa parte de seus frequentadores são menores de idade, a festa é regada a drogas e álcool, para a alegria dos comerciantes e fornecedores desses produtos. Ao amanhecer podemos ver alguns funcionários da Prefeitura limpando o local. Latas e garrafas de todo tipo de bebida são empilhadas em vários cantos da praça aguardando a remoção pelo poder público.

Foto – Ormuz Simonetti

Durante o dia, principalmente no turno da manhã, é comum se ver vários adolescentes com farda de seus colégios, com seus namorados de sexo oposto e também do mesmo sexo, que teimam em gazear as aulas, em troca de um novo aprendizado com aulas mais calientes. Por sua vez, os traficantes aguardam pacientemente seus clientes, sentados à sombra das árvores em bancos de cimento, pois os de madeira, por falta de manutenção, já não se prestam a finalidade a que foram ali colocados. Isso tudo acontece bem vizinho ao prédio do Tribunal de Justiça e ao primeiro Distrito Policial.

Os pedintes circulam ao seu derredor principalmente na área próxima a igreja, em maior número nessa época em que se comemora o aniversário de sua padroeira - Nossa Senhora da Apresentação.

Alheio a tudo isso, empoleirados nas copas das centenárias árvores que adornam aquele logradouro, os sanhaços, bem-te-vis, cebites, e outros pássaros cantantes gorjeiam suas melodias maravilhosas saudando o milagre de mais um o dia que se inicia, na esperança de que, muito em breve, a Praça volte a ser o que o que fora antigamente, E, assim, nos poupar do vexame que passamos todas as vezes que temos que informar aos turistas e visitantes do IHGRN, onde nasceu nossa querida cidade de Natal.

Vivemos em uma cidade que pouco tem se preocupado com a preservação de sua memória. O bairro da Ribeira, por exemplo, onde se concentra o maior acervo de prédios históricos da cidade, palco de grandes acontecimentos no século passado, apesar de tímidas tentativas de revitalizá-lo, continua "tudo como dantes no quartel de Abrantes".

De minha parte, só restam às boas lembranças dos anos 50 quando, nessa mesma época, meus pais me lavavam para assistir a famosa Festa da Mocidade. Ali todo ano era armado o parque São Luiz, de Severino Francisco, num parceria com a Igreja, para animar a quermesse. As famílias passeavam em torno da praça ou simplesmente sentadas em cadeiras nas calçadas, assistiam a tudo ao som das amplificadoras onde os namorados ou os pretensos, ofereciam musicas diversa, tipo: "de um alguém para outro alguém", ou dos dobrados e retretas executadas pela banda da gloriosa Policia Militar, acomodada no majestoso coreto que se destacava no centro da praça, infelizmente destruído pela insensatez dos nossos gestores públicos.

***Ormuz Barbalho Simonetti, jornalista, escritor, vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vide-presidente do Instituto Norte-rio-grandense de Genealogia.**

O SANTO TOMÁS DE AQUINO

economia da época

Paulo Pereira do Santos
Sócio Efetivo

Filósofo medieval (1225- 1274). A obra Suma Teológica, escrita entre 1265 e 1273) Vale dizer que ele só foi canonizado em 1323. Isso demorou por questões de outros interesses contrários, mas o Papa desta época ao canonizá-lo afirmava que a sua obra escrita a favor do cristianismo tinha validade, embora não havia milagres, mas valia como milagres. Vejamos a síntese de suas ideias sobre os problemas econômicos, sociais e políticos que deram luz aos documentos da Igreja dos nossos dias.

São Tomás de Aquino era favorável à propriedade privada, contudo achava que cada proprietário levasse em consideração o bem comum na administração de seus bens, e não considerasse roubo a apropriação de um bem de outrem, no caso de extrema necessidade. Quanto ao comércio, Tomás de Aquino defendia sua legitimidade desde que se limitasse ao "justo preço!" como recompensa do trabalho e não como meio de enriquecimento. Ele condenava a cobrança de juros como injusta e antinatural, exceto em forma de uma multa convencional quando ultrapassasse o prazo pré-estabelecido.

Vejamos opiniões de alguns intelectuais da época. Dante Alighieri afirmou que ele foi quase perfeito na sua obra defendendo o cristianismo da Igreja Católica Apostólica Romana. Na verdade, é fícil produzir tudo que ele realizou de um modo geral.

Além da Suma, São Tomás de Aquino com seus conhecimentos científicos, conseguiu conciliar a Doutrina Cristã com a Física de Aristóteles de forma segura. Podemos afirmar, conforme outros intelectuais da época, que nenhum filósofo conseguiu aproximar desse grau de intelecto.

É importante lembrar que suas outras obras, além da Suma, são incluídos assuntos sobre os livros bíblicos, os trabalhos de Aristóteles e uma outra suma maior contra os infiéis. Alguns autores dizem que foram 92 e outros dizem foram 94 livros.

Ele nasceu perto de Nápoles, descendente de uma família aristocrática, mas estava em declínio o poder. O pai era o Conde Landulfo de Aquino, vassalo e parente distante do importante poeta estudioso rei da Sicília e Imperador do Sacro Império Romano, Frederico II (1194-1250). Em 1228, ele se declarou instrumento de Deus. E assim chamado o "Assombro do Mundo", rival e flagelo dos papas da época.

Aos cinco anos, Tomás foi encaminhado à escola beneditina de Monte Cassino, ordem da qual sua mãe desejava que ele se tornasse abade. Em 1243, ele

queria entrar para a ordem dos dominicanos e a mãe e seus irmãos mais velhos o trancaram na casa própria por quinze meses. Contam que o tentaram com uma mulher, mas ele a teria repelido com uma tocha de fogo e a mãe foi obrigada a ceder. Em 1244, entrou para a ordem dos dominicanos.

Vejamos agora uma síntese social da Igreja Católica da nossa época. Comecemos pelas encíclicas: Rerum Novarum, a primeira delas foi promulgada em 1891 pelo Papa Leão XIII diante das condições miseráveis da classe proletária criadas pela Revolução Industrial, quando chegavam até a Igreja as tensões entre o capitalismo e o socialismo marxista; Nom Abbiamo Bisogno, pelo Pio XI em 1931 contra o facismo e o nazismo; João XXIII com duas encíclicas, Na Mater Magistra em 1963 e outra...:Paulo VI, duas encíclicas, a Populorum progressio. e Outra... (1967); João Paulo II, Laborem Exercents (1981) defendia a dignidade do trabalho e sua primazia sobre o capital e proclamava a legitimidade e a função social da propriedade privado, inclusive dos meios de produção. E em 1993, a encíclica Veritas Splendor que deslocou o eixo das preocupações sobre as questões sociais que marcaram as encíclicas anteriores para problemas mais gerais e abstratos e «o Papa Bento XVI publicou a Carta Apostólica - Porta Fidei (Porta da Fé) - Com a qual sua santidade proclamou o ano da Fé que transcorreu de 11 de outubro de 2012 a até 24 de novembro de 2013. Conforme o escrito do professor Itamar de Souza, no Jornal Correio da Bíblia".

FAMILIA CAMARÃO

A HISTÓRIA DE COMO O PAI E OS TIOS DE FELIPE CAMARÃO TRANSFOMARAM O NORDESTE BRASILEIRO

Por Pedro Guilherme Cavalcanti

OS DOIS POTIGUAÇUS

(1500S)

Durante os quatro últimos séculos, os cronistas e historiadores mesclaram a vida de dois indivíduos, pai e filho, num único herói brasileiro, por vezes, chamado pelo nome indígena de Potiguaçu, por outras, pelo nome católico de Antônio Felipe Camarão. Esta confusão entre estes dois indivíduos ocorreu apenas no séculos seguintes. Os contemporâneos do período em que viveram, por outro lado, sabiam bem tratar-se de dois diferentes heróis como mostra os escritos de um jesuíta da época, que depois de enumerar vários lideres indígenas, faz um interessante comentário sobre os dois Potiguaçus.

***Padre Simão de Vasconcelos**: "Da mesma maneira (que os líderes Tabajaras), dos potiguares, (temos) um antigo Potiguaçu, Giraopina, Cerobabe, Meiruguaçu, Ibatata, Abaiquija, todos famosos e Principais de grande povos, dos quais se afirma, punha em campo cada qual deles de vinte até mil arcos, que foram grande presídio nosso nas capitanias de Itamaracá, Paraíba e Rio Grande. Não falo aqui d'outro Potiguaçu, maior que todos estes, assombro que foi dos holandeses em nossos tempos nas guerras do Brasil porque para suas façanhas um tomo inteiro era pouco volume." – História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo I.*

O "assombro que foi dos holandeses" foi, sem sombras de dúvidas, o filho do indivíduo de quem tomamos conta nesta biografia. Este filho é também conhecido como o famoso Dom (apenas o filho detinha este título) Antônio Filipe Camarão, Capitão-mor dos Índios, que lutou na guerra pernambucana contra os holandeses desde 1630, quando defendeu Olinda do desembarque holandês, até sua morte nesta mesma guerra.

***Duarte de Albuquerque Coelho:** "Encontrou o nosso general com o inimigo (holandês), em 16 de fevereiro (de 1630) quando chegou ao mesmo Rio Doce pela parte sul, que é da vila (de Olinda), onde achou o capitão André Pereira Temudo com sua gente, que com a que conduzia o general Matias de Albuquerque, fazia numero de 550 infantes e 100 cavalos com três capitães: Francisco Bezerra, Felipe Paes e João Guedes Alcoforado. Havia mais uns 200 índios com seu principal, que os governava, Antonio Felipe Camarão." – Memórias Diárias da Guerra do Brasil, 1654*

No entanto, os também grandiosos feitos do pai acabaram erroneamente atribuídos ao filho pelos historiadores, em especial, no que diz respeito à sua primeira grande aparição na história. Pois foi o pai quem recebeu Jerônimo de

Albuquerque no Forte do Reis Magos e tornou-se essencial para a pacificação indígena nesta conquista.

***Frei Vicente do Salvador**: "Acabado o forte do Rio Grande, que se intitula dos Reis, o entregou Manuel Mascarenhas a Jerônimo de Albuquerque dia de São João Batista, era 1598, tomando-lhe homenagem, como se costuma, e deixando-lho muito bem fornecido de gente, artilharia, munições, mantimentos, e tudo o mais necessário, se veio no mesmo dia com a sua gente dormir na aldeia do Camarão." – História do Brasil, 1627*

Embora a teoria de que pai e filho eram o mesmo indivíduo tenha ficado enraizada por séculos entre historiadores, esta, que já começava a ser questionada, caiu por água abaixo com a publicação de um depoimento do filho, Dom Antônio Felipe Camarão, no ano de 1647 ao tribunal da Santa Inquisição na matéria sobre o padre traidor Manuel Moraes.

***Dom Antônio Felipe Camarão**: "Antônio Felipe Camarão (...) de idade diz ser 46 anos, pouco mais ou menos, a quem o auditor deu juramento dos santos evangelhos e prometeu dizer a verdade." – Depoimento em 23 de maio de 1647*

Então veio a pergunta. Como poderia Dom Antônio Felipe Camarão ter participado da conquista do Rio Grande em 1598 se ele apenas nasceu anos depois, por volta de 1601?

Esta foi a prova final de que se tratavam de dois indivíduos!

PAI E FILHO CAMARÃO
(1500S)

Uma vez provada a existência de dois indivíduos de nome Potiguaçu, veio a nova questão. Qual a relação entre ambos? Tratava-se de um simples caso de homônimos? Ou teriam algum grau de parentesco entre si? A nova pergunta persistiu. Principalmente, em razão da diferença geográfica entre os dois. O primeiro claramente tinha origens na capitania do Rio Grande. Enquanto o segundo, já residia há anos em Pernambuco durante o desembarque holandês de 1630.

***Dom Antônio Felipe Camarão:** "(Felipe Camarão) conhecia o padre Manuel Moraes havia 18 anos, pouco mais ou menos (por volta de 1628-1629), e a razão de o conhecer foi mandá-lo o superior ao dito padre ensinar a doutrina à aldeia de Miritibi (há sete léguas de Olinda) onde ele testemunha residia." – Depoimento em 23 de maio de 1647*

***Padre Manuel Moares**: "A sete milhas da cidade de Olinda, tem dois capitães (de índios): um da tribo dos Potiguares, chamado Antônio Felipe Camarão, guerreiro indomável, e outro da tribo dos Tabajaras chamado Stephano, em tupi Tebu." - Depoimento em 1647*

Se realmente compartilhavam o mesmo parentesco, o que um filho de um líder indígena do Rio Grande, trinta anos depois, estava fazendo no comando

de uma tribo de guerreiros em Pernambuco? A primeira vista é natural pensar tratar-se de duas diferentes tribos potiguares e que realmente se tratavam de dois indivíduos não relacionados.

A resposta veio alguns anos depois com a publicação da carta do padre Jesuíta Pero Rodrigues, descrevendo como o líder indígena chamado Camarão Grande enviou seus familiares e muitos guerreiros de sua tribo à Pernambuco para criar um povoado e assentar a paz com os portugueses.

***Padre Pero Rodrigues**: "Entre eles (líderes potiguares), o maior de toda aquela comarca, por nome Camarão Grande, (...) mandaria alguns dos seus para começarem de povoar junto a vila de Pernambuco entre os portugueses. O Camarão Grande o cumpriu assim e, tomando um irmão seu, com a gente que tinha, foi em pessoa aposentá-lo aonde o capitão lhe assinou. E isto feito, se tornou para sua terra, muito contente do que tinha assentado com os portugueses." – História da Companhia de Jesus, Tomo I*

Uma vez provado que, não apenas o líder indígena do Rio Grande esteve em Pernambuco, como também iniciou uma povoação de sua tribo nesta capitania, e levando-se em conta que deixou ali um irmão seu, houve vários indícios de que os dois poderiam ter certo grau de parentesco.

Enfim, o real parentesco entre o pai e o filho foi confirmado com a publicação da carta escrita em espanhol pelo seu filho Dom Antônio Felipe Camarão, cuja tradução de seu principal trecho está revelada abaixo.

***Dom Antônio Felipe Camarão**: "Meu pai foi o autor das pazes tão desejadas que minha nação e gente fez com os portugueses, e com boa industria e valor as trouxe ao fim desejado." – Carta de Dom Antônio Felipe Camarão em 12 de março de 1632*

Provou-se assim o parentesco de ambos os heróis que utilizavam o mesmo nome de Potiguaçu e Antônio Felipe Camarão, como sendo pai e filho.

RELAÇÃO COM JESUITAS
(1599)

Desde que se principiaram as pazes entre potiguares e os portugueses, o líder Camarão Grande sempre esteve bastante ligado aos padres da Companhia de Jesus. O próprio território, onde antes Camarão tinha sua Aldeia Velha, foi entregue aos padres jesuíta pelo capitão-mor do Rio Grande.

***Auto da Repartição das Terras do Rio Grande**: "A data (lote) vinte e quatro foi dada ao Padres da Companhia (de Jesus), pelo capitão João Rodrigues Colaço, em 15 de setembro de 601, e começa do esteiro Jaguaribe para sudoeste, até chegar ao aguapé a que chamam Obure, cercada pelo rio Potengi, poderá ser esta meia légua em quadra, é terra que a maré cobre, tem madeiras de mangues, é sitio para salinas, não foi feito benfeitorias nelas." – Documento de 21 de fevereiro de 1614*

A aproximação de Camarão Grande com a Companhia de Jesus foi mediada pelo padre Francisco Pinto. Este jseuíta foi enviado para o Rio Grande por sua boa experiência com os índios e conhecimento de sua linguagem.

Padre Pero Rodrigues: *"Concluído o negócio da guerra, intentou logo o capitão-mor outra empresa para confirmar a paz. E foi começar as pazes, e porque assim para este, como para os negócios, lhe era necessário ver-se com o Governador Geral, veio-se a esta Bahia. E, concluídas suas coisas com o governador, me pediu, mui de propósito, lhe desse algum padre, bem exercitado na língua e conversão do gentio, para dar princípio à paz com os potiguares. Eu lhe dei o padre Francisco Pinto, dos melhores línguas destas províncias, e por tal conhecido e respeitado dos índios."* – *Carta de 19 de Dezembro de 1599*

Não há dúvida que este jesuíta detinha grande prestígio entre os nativos. Ele logo tratou de enviar emissários para os líderes potiguares e assim convencê-los da boa amizade que poderia conseguir com os portugueses.

Padre Francisco Pinto: *"Chegamos ao Rio Grande mandamos recado a todos os principais das aldeias daquela comarca para que viessem falar comigo, e porque eu tinha já mandado recado que havia de vier a suas terras por um índio parente destes, mesmo natural dali."* – *Carta ao Padre Geral em 17 de janeiro de 1600*

A verdade era que o padre Francisco Pinto não era apenas um bom pregador da palavra de Deus. Era um líder nato que atingiu os ares de um profeta com sua impecável e incomparável oratória.

Padre Francisco Pinto*: "Como foram logo os principais e os mais que o acompanharam a confiar-se em mim porque lhes declarou logo quem éramos e como não buscamos se não seu bem, assim atemporal que era dar-lhes as pazes e tirá-los do máximo perigo em que estava, como também dar-lhes a conhecer a Deus, seu criador, que eles não conheciam. (...) Comeceilhes a tratar em negocio da salvação, da outra vida, da imortalidade da alma, de que eles ficaram pasmados. Logo ali lhes fiquei de por depois de concluídas as pazes a suas terras a pregar-lhes, com que eles ficaram contentes."* – *Carta ao Padre Geral de 17 de janeiro de 1600*

Não foi por menos que os líderes potiguares aproximavam-se cada vez mais dele e dos portugueses. A história do Rio Grande não teria sido a mesma se não fosse por este homem.

Padre Francisco Pinto*: Folgavam com as novas que já eram chegadas às suas terras como que lhe vínhamos dar o bem. Diziam: 'venha Deus a minha terra para que me dê tal coisa de que sinto necessidade'."* – *Carta ao Padre Geral de 17 de janeiro de 1600*

E muito ajudou ter como primeiro líder indígena a apresentar-se o Camarão Grande, bem conhecido como "o maior de toda aquela comarca".

Padre Pero Rodrigues: *"Levou ao padre consigo e, tomando companheiro no Colégio de Pernambuco, foram ao Rio Grande. Mandou logo o padre recado aos principais que se viessem com ele. Vieram; e entre eles o maior de toda aquela comarca, por nome o Camarão Grande."* – *Carta de 19 de Dezembro de 1599*

PACIFICADOR DO RIO GRANDE

[1599]

O padre Francisco Pinto tornou-se uma lenda entre os nativos. Um profeta de um novo Deus que chegava aos potiguares. Era conhecido pelo pomposo nome de Amaná-Iara, que em Tupi significa "Senhor das Chuvas", em decorrência de um inusitado fato ocorrido durante sua missão no Rio Grande. Pois, num de seus sermões, num quente e abafado dia, os indígenas lhe perguntaram o que fazer para trazer chuva. O padre disse para orar a Deus. E, inusitadamente, a chuva começou pouco depois.

***Padre Francisco Pinto**: "(O gentio) veio logo de boa entrada, a pedir-me que lhe desse chuva. Porque era grande a seca. Parece, imaginava ele, que eu era algum santo para lha poder alcançar. Eu lhe disse que só Deus, o criador de todos, era o que podia dar chuva e tudo, que nós não podíamos mais fazer a Deus o de que tínhamos necessidade, e Ele, quando é sua vontade, no-lo concede. Quis o senhor que logo, indo-se eles para suas aldeias, veio tanta chuva, que eles foram bem molhados e a terra também abastada de água, por onde ficaram todos cuidando que por aquela petição lhes viera." – Carta ao Padre Geral de 17 de Janeiro de 1600*

Depois deste evento que deu-lhe o famoso epíteto de Senhor das Chuvas, o padre Francisco Pinto voltou para descansar no colégio de Olinda por uns 10 a 12 dias. Depois voltou ao Rio Grande para confirmar as pazes.

Lá, o padre encontrou um líder indígena que ajudou-o a erigir uma cruz, a primeira da capitania, colocada no lugar onde o líder queria juntar sua gente, que estava espalhada em razão da guerra. Embora nesta descrição não haja menção ao nome Camarão Grande, ao dizer que este grande principal "foi o princípio das pazes" deixa quase certo sua identidade.

***Padre Francisco Pinto**: "Depois de tornarmos ao Forte do Rio Grande, por assim o querer um grande principal (Camarão Grande), que foi princípio das pazes, lhe fomos a por uma cruz em um lugar onde ele queria ajuntar sua gente, que estava espalhada por causa das guerras passadas. Com muito gosto nosso, alevantamos a cruz, por ser a primeira que naquele sertão deste gentio se levantava."– Carta ao Padre Geral de 17 de Janeiro de 1600*

***Padre Pero Rodrigues**: "Vieram; e entre eles o maior de toda aquela comarca, por nome o Camarão Grande, o qual depois de ter seus cumprimentos com o padre (Francisco Pinto), lhe disse que vinha tratar as pazes e quem depois delas feitas, trataria do que a ele e aos seus pertencia no negócio da salvação, A tudo isto se achou presente o capitão-mor e capitão da fortaleza, João Rodrigues Colaço. E por aqui se deu princípio às pazes entre nós e os potiguares." – Carta de 19 de Dezembro de 1599*

Enfim, o padre Francisco Pinto, o Senhor das Chuvas, termina seu relato otimista quanto a conversão dos povos da capitania.

***Padre Francisco Pinto**: "Como dos que se desceram para a Paraíba e Gueena (Goiana), que é aldeia que está entre a Paraíba e Pernambuco, que nós por missão, conservamos. E assim conservando-nos a nós. Não deixaremos de acudir o que puder à conversão." – Carta ao Padre Geral de 17 de Janeiro de 1600*

No entanto, vale lembrar que as revoltas indígenas por muito pouco não causaram a perda da Paraíba. E não se podia permitir que o mesmo ocorresse no Rio Grande. Por isso, depois do líder Camarão Grande auxiliar na pacificação dos índios rio-grandenses, as autoridades portuguesas decidiram por bem assentar melhor as pazes com o gentio potiguar. Para esse fim ficou acordado que uma povoação desta tribo fosse erigida em Pernambuco, na vila de Olinda, do outro lado do Rio Capibaribe que era o termo do território potiguar, antes da chegada dos portugueses.

Padre Pero Rodrigues: *"As quais (pazes), para ficarem mais assentadas, fez o padre Francisco Pinto, por ordem do capitão (João Rodrigues Colaço), que mandasse este (Camarão Grande) alguns dos seus para começarem a povoar junto à vila de Pernambuco entre os portugueses." – História da Companhia de Jesus no Brasil, Serafim Leite, Tomo I*

Para esse feito de grande importância, o próprio líder Potiguar foi a Pernambuco para deixar as pazes mais assentadas. Lá fundou a desejada povoação. E colocou como líder um de seus irmãos.

Padre Pero Rodrigues: *"O Camarão Grande o cumpriu assim e, tomando um irmão seu, com a gente que tinha, foi em pessoa aposentá-lo aonde o capitão lhe assinou. E isto feito, se tornou para sua terra, muito contente do que tinha assentado com os portugueses." – História da Companhia de Jesus no Brasil, Serafim Leite, Tomo I*

No local do povoamento fundado em Pernambuco por Camarão Grande, os padres jesuítas edificaram um colégio da Companhia de Jesus para catequizar e educar os índios. O nome desse povoamento chamou-se "São Miguel do Muçui", edificado no vale do monte Miritibe. Foi lá onde o renomado filho de Camarão Grande, Dom Antônio Felipe Camarão, foi criado e ensinado na fé cristã, nos bons costumes e nas línguas, onde aprendeu, além do Tupi, o Português, o Espanhol e o Latim. E foi neste povoado onde tinha sob seu comando seiscentos guerreiros de sua tribo potiguar preparados para a guerra.

Dom Antônio Felipe Camarão: *"(Felipe Camarão) conhecia o padre Manuel Moares havia 18 anos, pouco mais ou menos (por volta de 1628-1629), e a razão de o conhecer foi mandá-lo o superior ao dito padre ensinar a doutrina à aldeia de Miritibi onde ele testemunha residia." – Depoimento em 23 de maio de 1647*

Padre Manuel Moares: *"A sete milhas da cidade de Olinda, tem dois capitães (de índios): um da tribo dos Potiguares, chamado Antônio Felipe Camarão, guerreiro indomável, e outro da tribo dos Tabajaras chamado Stephano, em tupi Tebu." – Depoimento em 1647*

IRMÃOS POTIGUARES

(1512)

Camarão Grande detinha era uma vasta família como era comum aos lideres guerreiros indígenas, visto que, sendo a poligamia parte de sua cultura, era comum possuírem dezenas de esposas com um número ainda mais numeroso de filhos. Vários de seus irmãos foram já aqui citados, cujos membros espalhavam-se por quatro capitanais. Entre eles, Jacaúna, senhor de quatro aldeias no Ceará, que em 1622 seria batizado como João de Almeida.

Diogo de Campos Moreno: *– "No qual dia chegou Camarão com sua gente (no Ceará), que, como fica dito, havia vindo por terra desde o Rio Grande. E tal chegou do caminho, que mandou pedir licença para se ficar naquelas aldeias com seu irmão Jacaúna." – Jornada do Maranhão, 1614*

Outro irmão, cujo nome até agora desconhecido, foi enviado pelo próprio Camarão Grande à Pernambuco em 1599 para assentar as pazes com os portugueses.

Padre Pero Rodrigues: *"Entre eles o maior de toda aquela comarca, por nome o Camarão Grande, (...) mandaria alguns dos seus para começarem de povoar junto a vila de Pernambuco entre os portugueses. O Camarão Grande o cumpriu assim e, tomando um irmão seu, com a gente que tinha, foi em pessoa aposentá-lo aonde o capitão lhe assinou. E isto feito, se tornou para sua terra, muito contente do que tinha assentado com os portugueses." – História da Companhia de Jesus no Brasil, Serafim Leite, Tomo I*

Um terceiro irmão, também vivendo em Pernambuco e de nome desconhecido (talvez a mesma pessoa descrita anteriormente), aliou-se com os hoalndeses em 1630 contra os portugueses até ser morto pelo sobrinho Dom Antônio Felipe Camarão.

Dom Antônio Filipe Camarão: *"E que eu, ainda moço e órfão, rebelando-se alguns de minha nação quando os holandeses tomaram a baía, fui pelejar com eles com minha pessoa e gente, e pelejando com os rebeldes, os rompi e desbaratei e matei por minha mão um irmão de meu pai, que maldosamente faltou a fidelidade e serviço de seu rei." – carta de 12 de agosto de 1632*

E também ficou conhecido um quarto irmão chamado Jaguarati, já batizado em 1625 como Simão Soares, cuja sua fidelidade questionada quando sua esposa e filhos se relacionaram com invasores holandeses.

Duarte de Albuquerque Coelho: *"Ainda que pareça miudeza referir o que nesta ocasião sucedeu a um índio, resolvo não esquecer-me dele, como dependência do mesmo acontecimento, e pelo exemplo que não só poder opor-se, como vencer fidelidades, e não a vileza com que alguns faltaram ali à sua obrigação Este índio chamava-se entre nós Simão Soares, e Jaguarari entre os seus. Era um dos principais, e tio de (Dom) Antônio Felipe Camarão. Quando no ano de 1625 esteve o holandês na Baía da com 34 navios, introduziram-se com ele alguns índios por sua natural facilidade. Entre eles foi a mulher e filho deste Simão Soares, o qual*

obrigado do amor que lhes tinha, passou-se também para lá." – Memórias Diárias da Guerra do Brasil, 1654

A suspeita atitude traidora rendeu a Simão Soares oito anos de prisões na Fortaleza dos Reis Magos, de 1625 a 1633, por ordem do capitão-mor do Rio Grande, na época, Francisco Gomes de Melo.

***Duarte de Albuquerque Coelho**: "O inimigo o deixou (Simão Soares), e sua mulher e filho e os demais, levando somente uns 20 para ensinar-lhes sua língua e servir-se depois deles. O capitão que era da praça do Rio Grande, naquele ano de 1625, por este indicio prendeu este índio, e ainda agora estava em ferros ao fim deter ano que vamos de 1633 Parecendo a todos que se acaso perdesse o forte, não convinha que o inimigo encontrasse ali este índio tão escandalizado, pelo que poderia serviço com os seus contra nós em vingança do sofrido. (...) Tirando-se-lhe os ferros, deixaram-no no mais para afogar-se do que para chegar em terra." – Memórias Diárias da Guerra do Brasil, 1654*

Mas suas ações futuras redimiram e confirmaram a fidelidade ao seu rei, que tendo ele antes lutado na conquista do Maranhão contra os franceses, depois de sua prisão, lutaria com igual valor na restauração de Pernambuco contra os Holandeses, rendendo-lhe até mesmo honrosas mercês do rei português.

***Duarte de Albuquerque Coelho**: "Encaminhando-se a primeira aldeia de índios, deu-se a lhes conhecer e falou-lhes quase desta forma: 'Aqui me vedes nu, e ainda com sinais frescos dos ferros em que estive oito anos, por haver-me entrado com os holandeses na Baía da Traição, no intento de tirar minha mulher e filho que lá estavam. Havendo vencido só esta, não me valeu ter provado minha fidelidade nos muitos anos que servi ao rei, particularmente, na conquista do Maranhão, com muita gente mais, quando Jerônimo de Albuquerque o ganhou dos franceses. Daquela prisão me soltaram agora por estarem os holandeses sobre o Rio Grande, que, a não ser isso, bem receava que nos mesmos ferros havia de morrer. Porém, nada há de ser bastante para manchar minha antiga fidelidade, com que sempre servi e servirei a meu rei. (...) E, finalmente, entenda cada um de vós, que se qualquer faltar à obrigação de bom e leal vassalo do nosso rei, eu lhes servirei de carrasco'. (...) Este índio, Simão Soares, em todas as ocasiões que depois houve acompanhou seu sobrinho (Dom) Antônio Felipe Camarão, até que foi preciso retirar-se à Bahia. Sua majestade lhe fez mercê de 170 reais de soldo, com cláusula de que por sua morte passariam à sua mulher e filho." – Memórias Diárias da Guerra do Brasil, 1654*

MORTE E SUCESSÃO
(1514)

A data em que morreu o líder Camarão Grande foi outro grande mistério que atravessou séculos de historiadores de forma tão desconhecida quanto seu nascimento e individualidade. O mistério solucionou-se com a mesma carta que diferenciou sua pessoa do seu igualmente renomado filho.

Dom Antônio Filipe Camarão: *"Meu pai foi o autor das pazes tão desejadas que minha nação e gente fizeram com os portugueses, e que com boa industria, e valor as trouxe ao fim desejado. E depois morreu em serviço de Sua Majestade na Jornada do Maranhão sem por esse haver algum prêmio e mercê por seus serviços." – carta de 12 de agosto de 1632*

Esta carta de seu filho revelou que Camarão Grande morreu no Maranhão, durante a jornada que expulsou os franceses de uma vez por todas do Brasil. Infelizmente, a carta não esclarece em que momento da jornada isso ocorreu. Existem grandes indícios de que isso pode ter ocorrido antes mesmo de chegar ao Maranhão, ainda na aldeia do seu irmão Jacaúna, quando chegou "prostrado" e "mui destroçado".

Diogo de Campos Moreno: *"Camarão com sua gente, que, como fica dito, havia vindo por terra desde o Rio Grande. E tal chegou do caminho, que mandou pedir licença para se ficar naquelas aldeias com seu irmão Jacaúna. (...) Ao menos lhe dessem tempo para engordar, como quem diz para se refazer, e tanto porfiaram, que, pelos contentar, ficaram ali as mulheres e alguns dos seus índios." – Jornada do Maranhão, 1614*

Bernardo Pereira de Berredo e Castro: *"Aqui chegou o Camarão, que havia muitos dias, que marchava por terra desde o rio Grande; e queixando-se logo, de que ia tão prostado do caminho, que não podia continuá-lo, teve licença para ficar com seu irmão o Principal Jacaúna." – Anais Históricos do Maranhão, 1749*

Memória da Conquista do Maranhão: *"Diante por terra tinha o capitão-mor despedido (do Rio Grande) o Camarão Grande com os seus índios que chegaram ao Ceará tarde e mui destroçados." – Livro Primeiro do Governo do Brasil de 1607 a 1633*

Os textos mostram-se ambíguos na resposta a essa pergunta. Mas é certo que a morte do Camarão Grande ocorreu em 1614 em algum momento durante a Jornada do Maranhão, seja enfermo numa cama do Ceará ou pelas armas do inimigo de São Luís. No entanto, sua morte não pode ser vista como o triste fim de uma saga. Mas como o início de uma nova fase para a tribo Potiguar. Era o momento do seu filho, batizado com seu mesmo nome e ensinado na melhor educação que os jesuítas podiam dar, liderasse este seu povo.

Dom Antônio Felipe Camarão foi um homem culto e poliglota, futuro fidalgo de Sua Majestade e Cavaleiro da Ordem de Cristo, que os autores da época já contrastavam com a natureza selvagem do ex-aliado francês, ex-poligâmico e ex-canibal que fora seu pai. Não foi por menos que Dom Antônio Felipe Camarão

sobrepujou os sucessos do pai e fez um marco na história do Brasil como nenhum outro indígena conseguiu.

Padre Simão Vasconcelos: *"E de todo o dito tira claramente que não nascem os costumes avessos desta gente, do clima da terra, mas somente a corrupção da natureza, e falta de criação, em verdadeira fé, lei e política. Pois vemos que com esta luz cultivados, (pai e filho) quase diferem de si mesmo." – História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo I.*

Dom Antônio Felipe Camarão, diferente do pai, nunca contestou sua lealdade, escolhendo a fidelidade ao seu rei acima de tudo. Combateu nas guerras de Sua Majestade não com arcos e tacapes, mas com espadas e mosquetes. Liderou assim uma nova tribo Potiguar. Os primeiros indígenas a usar armas de fogo e apetrechos explosivos. Mas mantendo a coragem e determinação que sempre marcaram a história desta tribo.

Dom Antônio Filipe Camarão: *"E que eu, ainda moço e órfão, rebelando-se alguns de minha nação quando os holandeses tomaram a Bahia, fui pelejar com eles com minha pessoa e gente, e pelejando com os rebeldes, os rompi e desbaratei e matei por minha mão um irmão de meu pai, que maldosamente faltou a fidelidade e serviço de seu rei." – carta de 12 de agosto de 1632*

Dom Antônio Felipe Camarão era detentor de uma lealdade tal ao seu rei, que liderou sua tribo no combate contra os holandeses desde o primeiro dia em que este novo invasor desembarcou e conquistou a capitania Pernambuco. Uma lealdade que elevou seu sangue acima da maioria dos nobres do Reino, não apenas com o título de fidalgo, "Dom" e "Cavaleiro", mas também de "Capitão-mor de Todos os Índios do Nordeste do Brasil". Tornando-se assim um dos maiores heróis da guerra contra os holandeses!

Duarte de Albuquerque Coelho: *"Encontrou o nosso general com o inimigo (holandês), em 16 de fevereiro (de 1630) quando chegou ao mesmo Rio Doce pela parte sul, que é da vila (de Olinda), onde achou o capitão André Pereira Temudo com sua gente, que com a que conduzia o general Matias de Albuquerque fazia numero de 550 infantes e 100 cavalos com três capitães: Francisco Bezerra, Felipe Paes e João Guedes Alcoforado. Havia mais uns 200 índios com seu principal, que os governava, Antonio Felipe Camarão." – Memórias Diárias da Guerra do Brasil, 1654*

Não! Este não é o fim da história! É o começo da saga do novo Camarão!

BIBLIOGRAFIA

BERREDO E CASTRO, Bernardo Pereira. Annaes Históricos do Estado do Maranhão. Biblioteca Pública do Estado do Amazonas. Lisboa. 1905. Volume I. 183 páginas. NOTA: Originalmente publicado no português em 1749.

MORENO, Diogo Campos. Livro que dá Razão ao Estado do Brasil. Editora Local. 1955. 220 páginas. NOTA: Originalmente publicado no português em 1612

MORENO, Diogo Campos. Relação das Praças Fortes do Brasil. In Revista

do Arqueológico, Histórico e Geográfico d Pernambuco. Recife, 1984. Nº LVII, p. 285-247. NOTA: Originalmente carta escrita no português em 1609

MORENO, Diogo Campos. Jornada do Maranhão por Ordem de Sua Majestade feita no ano de 1614. Editora Ícone. 2002. 186 páginas. NOTA: Originalmente publicado no português em 1615

CAMARÃO, Antônio Filipe. Mi padre fue autor de las paces tan deseadas. In: FILO, Olavo de Medeiros. Aconteceu na capitania do Rio Grande. Departamento Estadual de Imprensa. Natal. 1997. 206 páginas. NOTA: Originalmente escrita no espanhol em 1632.

CAMARÃO, Antônio Felipe. Depoimento sobre o Julgamento de Manuel Moraes. In: TORRE DO TOMPO, inquisição de Lisboa, processo no 4847, folhas 151-155. NOTA: Originalmente escrita no português em 1647

COELHO, Duarte de Albuquerque. Memórias Diárias da Guerra do Brasil. Editora Beca. 2003. 587 páginas (disponibilizado em CD-Rom junto ao livro impresso). NOTA: originalmente publicado no espanhol em 1654.

SALVADOR, Vicente do. História do Brasil 1500-1627. Editora Itataia. 2006. NOTA: Originalmente escrito no português em 1627,

RODRIGUES, Padre Pero. Carta sobre a Conquista do Rio Grande. In: LEITE, Padre Serafim. História da Companhia de Jesus. Editora Civilização Brasileira. 1938. Tomo I e V, páginas: 514-526. 1938. NOTA: Originalmente carta escrita no português em 1598

PINTO, Padre Francisco. Carta sobre a Pacificação Indigena. In: LEITE, Padre Serafim. História da Companhia de Jesus. Editora Civilização Brasileira. 1938. Tomo I e V, páginas: 514-526. 1938. NOTA: Originalmente no Português em 1600

MORAES, Padre Manuel. Depoimento de 23 de maio de 1647 no julgamento pela Santa Inquisição. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 70, volume II. Rio de Janeiro. 1607. NOTA: Originalmente no português em 1647

TRASLADO DO AUTO DE REPARTIÇÃO DAS TERRAS DA CAPITANIA DO RIO GRANDE, AOS 21 DIAS DO MÊS DE FEVEREIRO DE 1614. In: Revista do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte, volume VII, número 1 e 2. Natal. 1909. NOTA: Originalmente escrito no português em 1614

VASCONCELOS, Padre Simão de. História dos Líderes Indigênas. In: LEITE, Padre Serafim. História da Companhia de Jesus. Editora Civilização Brasileira. 1938. Tomo I. 1938.

FREI HERCULANO O CONSTRUTOR DE OBRAS SACRAS

Pedro Lins Neto

Uma vida de vagares avessa a infinda modorra do claustro conventual, assim presumo desse modo ter sido a do viver do clérigo frei Herculano, após ter-se feito evangelizador dos Sertões de alma bruta. Isso penso persuadido por convicção subjetiva. Portanto mera hipótese sem prova da validação. Desse eclesiástico, a sua biografia de sucinta história registrada em desgarrados escritos, não vai além de um pedaço da sua existência. Isso porque pouquíssimo sobre ele se escreveu. Daí, dele o que mais pedagogicamente sei, veio-me da leitura de passar vista em dois livros da vida desse capuchinho, mas com sovinice de registro os havidos no curso do seu viver. Isso da ledura do texto desses livros do relato de Frei Herculano, quando já me entendia homem. Embora, sobre ele, um pouco já soubesse. E de oitiva, aprendido nas reiteradas narrativas acerca dele. E oralmente feitas, se de boca para as boas ouças dos ouvintes, plateias de calçada à noite, precipuamente as noites sob o luar de plenilúnio de Arez, virgem ainda da luz das lâmpadas elétricas até então ali não chegadas. A razão de mesmo eu menino estar entre os ali desses auditórios, por interessado em saber do frade, pela boca dos memorialistas da relembrança de coisas da cidade guardadas de cor, entre tais coisas, as obras deixadas pelo frei. Inclusive também, a ensinação dele à população como lidar com o andaço pestencial da fatalíssima cólera-morbo, mordexim, surto irrompido em Arez da segunda metade do XIX, que muita gente da sua população matou. De fato ele, na sua demorada passagem por Arez, suas marcas ali deixou edificadas nos poucos monumentos da sua arquitetura, obras, que mais na frente nomearei. Isso das narrativas escutadas sobre o frade, no passado mais que sexagenário aconteceram. Obviamente que em Arez. Presente nessas aulas eu menino-ouvinte e insaciável perguntador, de fato era comparte dessas tertúlias biográficas sobre frei Herculano. E tão embevecido ouvia as anosas figuras do povo na exposição desse assunto alusivo a ele, e mais quaisquer outros relatos de fundo rememorativo passado na cidade. Pelo que venho declarando, percebe-se vago ser o meu saber a respeito desse frade. Se o tudo que dele sei, um quase nada o meu conhecer tocante a ele. Mesmo a despeito disso de meu saber originariamente vindo da minha meninice na minha cidade Arez, e, ulteriormente tirado da leitura ligeira de livros publicados a respeito desse frade construtor de obras sacras, mesmo suficientemente bastante não o sendo, mas valendo mais que o zero do nada de nada saber, me faz credenciado a escrever lances da sua vida na forma contida, sucinta tal a sua própria história tão mal sabida. Eu este meu escrito redijo, o fazendo quase que exclusivamente para as gerações nativas e coetâneas de agora da minha cidade, em entoados dizeres. Se assim, sobriamente assim será esse relato sobre o frade construtor. E pela tangente abordo a sua vida, atendo-me a algumas passagens do seu viver. Esta forma reduzida deste meu escrito se contrapõe ao meu estilo, se desafina ao meu desejo. Mas assim

será em razão do pouco lido acerca dele, como já foi declarado. Mesmo assim, é-me propósito decidido, decisão tomada de por cima a sua vida contar. Contá-la sumariamente, é preferível que solenemente ignorá-la. E mais se tratando do frade missionário das multidões e edificador de templos e edificações afins, na força da sua juventude e na fadiga da sua velhice começante, aquela do homem cronologicamente ingresso na meia-idade. A despeito da velhice chegando, corria os mundos do mundo da Paraíba, Rio G. do Norte, Ceará e Pernambuco, quer erigindo construções, quer pregando a palavra da salvação. Disso desse seu *modus vivendi* eu soube, mas não da leitura de um livro de íntima prateleira particular, nem da estante de uma biblioteca pública. Mas oralmente me repassado como subsídio valioso, socorro oportuno, achado e descoberta no sisudo, no insuspeito depoimento de um parente remoto do frade, o médico Dr. José Hildo Fernandes. Sua Senhoria Dr. José Hildo, além de parente, estudioso da vida de quem tomei para esta resumida biografia. Veja-se o que ele o médico, meio assim escreveu datilografada folha de papel de seu receituário médico, sobre o frade, e me fez a mim me chegar após a conversa entre mim e ele, acima referida. Dizia o seu escrito: "Padre Hermenegildo Vieira da Costa nasceu no sítio Quixaba, município de São João do Rio do Peixe, hoje Uiraúna-PB em 1820 e ordenou-se sacerdote em Olinda, Pernambuco em 1845. Virou conhecido em todo o Nordeste como Frei Herculano. Extremamente dedicado às missões - nas suas pregações percorreu a Paraíba, Rio G. do Norte, Ceará e Pernambuco. No Ceará, do cearense Padre Ibiapina, a estatura deste, de líder e pregador, frei Herculano tinha, se comparável ao famoso cearense, seu emulo, seu igual, competidor da mesma altura. Foi Frei Herculano um construtor de templos, a exemplo da igreja de Sousa, Pombal, Catolé do Rocha, Taperoá, Campina Grande, Areia, Espírito Santo, Bananeiras, Santa Rita e a Capela de Pensa na do Comissário, todas na Paraíba. Idem, a igreja de Pau dos Ferros no Rio G. do Norte. Veio a falecer em 1885, no município de Ingá-PB. Declara o médico nesse seu relato, publicação da Revista Letras do Sertão editada em Sousa, revelando que frequentemente era visitado o túmulo

do venerável sacerdote. E suplementa dizendo propalarem os mais simples do povo, de o corpo do venerando frade, não achar-se sepulto no Brasil. Acrescentam ainda, por ele ser Santo, levaram-no para a Terra Santa, os sacerdotes que lhe vieram buscar. Dele, em Ingá-PB foi encontrado um baú. E contidos neste, um Crucifixo e a Toalha do Altar de uso nas missões. Tomou-se para depositário dessas peças, o Museu de Areia-PB».

Findo este exórdio introdutório, com mais alento, neste instante de agora, entro no relato do monástico franciscano, meta deste meu escrito em prosa.

Em princípio, reitero, prioritariamente a minha destinação desta minibiografia ainda para ser concluída, será para as gerações de agora, contemporâneas, e, as genituras do porvir de Arez, terra-natal do autor deste despretensioso registro biográfico. Pronto na sua definitiva forma este de relato de uma vida, na quietude da Sacristia do velho de velhice sagrada Templo São João Batista, a sua guarda se dará. E, folha a folha encerrada numa moldura entre duas lâminas de vidro, na parede penduras sob a foto do biografado. Desconfio se no sossego ali dominante, tão calmo tão imperturbável qual o da paz morta dos cemitérios, há de sobreviver

ao tempo volátil, isto é, terá o fôlego da perenidade da História, a minha história do frade. Uma história que não é da carochinha -, *contos tradicionais de invenção* para crianças.

Aquilo da soltura do frei nos seus vagares deambulatórios, andanças de peregrino viajor das adustas estradas do Sertão, quase assim eu disse no meu dizer de abertura desta sua história de vida. Adiante, no desenrolar deste mesmo escrito, essa alusão há de ficar mais bem explicada.

Já me indaguei e novamente o faço: o frade em estudo, dele, afinal que se sabe? Muito pouco. Se as páginas escritas com notícias suas é um quase nada de poucas laudas. E longe de chegar a um nutrido capítulo. Isto dos livros por mim consultados. Nem o escrito do médico referido é um folhoso volume. Embora encerre fundamentado relato. Em meio à escassez de obras para consulta, razão do meu lengalenga desde o começo deste sumário biográfico, existe afinal a obra Remígio, Brejos e Carrascais da autoria de Péricles Vitorio Serafim. E ainda do historiador potiguar, Nestor Lima. Quanto a mim, outro livro senão os da minha consulta, que adiante os farei citados junto com seus autores, eu não perscrutei. Não obstante o pouco que sei, ainda assim derivado da minha pesquisa à sua memória, ouso fazer ressonantes os ecos silenciados pelo tempo sesquicentenário, do frade em foco frei Herculano. E para isso, desconsiderei meu pouco conhecer a seu respeito, para eu a sua vida passar a limpo. E pondo fé na *persona* do divulgado -, pelo registro das suas pegadas de andarilho, deixadas nas areias do tempo pelas estradas do seu viver. E para tal, valho-me eu, da *prata da casa.* Casa, metáfora de Arez, recorrendo às suas fontes, os livros Vila de Arez, pag. 66, 67 e 68, de autoria do notável pesquisador e professor de História na UFRN, o meu preclaro conterrâneo o Educador Claudionor Barroso Barbalho. Idem, História de Arez, pag. 57 e 58, da lavra de João Alfredo Pessoa de Lima Neto. Filho de filho de Arez, fora pesquisador, escritor, carnavalesco e poeta. Bardo?! A prova, por si basta na amostra desta quadrinha: *"À luz de tantas estrelas/Quando a noite se avizinha/Rogo a Deus nunca perdê-las no céu da minha Redinha".* Redinha, a praia onde festivamente viveu João Alfredo até 19-11-2004, quando de vez trasladou-se para as plagas infindas da eternidade.

E para levar a bom termo esse meu propósito de o frade rememorá-lo, recorro ao escrito a cerca dele, lavrado nas duas obras acima citadas. E aproximadamente assim é o meu entender tirado da leitura de uma e outra. E assim reescrevo sem plagiar, sem sair do tom do meu estilo de compor. Rebento do casal agricultor o pai, José Vieira da Costa e Maria Maria Vieira a genitora, Hermenegildo Vieira da Costa, foco e razão deste meu escrito, da irmandade dos três irmãos três padres, era ele o segundo da germana trilogia. E nasceu filho do Sítio Quixaba, no remoto ano de 1820, primeira metade do século XIX. Um vilarejo dentro dos limites do município de Souza, no tórrido Sertão da Paraíba. No passar do tempo alçou Quixaba à graduação de cidade emancipada. E Uiraúna, o nome da sua nova nomeação. Uiraúna, o moderno *topónimo* da demudança, de vez apagou o antigo *onomático* locativo Quixaba. Uiraúna fronteira-se com Luiz Gomes, município norte-rio-grandense. E com a municipalidade de Paraná que já foi Lagoa da Serra, igualmente faz divisa. De ambas essas municipalidades potiguares, se

abeira a convizinha Uiraúna, confinando por um só flanco, o serrano do Oeste do Rio G. do Norte.

Em 1845 ordenava-se sacerdote, Hermenegildo. E isto, pelo Seminário de Olinda, cujos estudos naquela cidade de Pernambuco, a Diocese da Paraíba bancou. Paraíba! a Capital até 1930, quando virou João Pessoa. A razão de ter sido custeada a sua educação eclesial - a sua notável inteligência. E de brilhante aluno, orador de facúndia oratória, e ainda, de antever-se nele o pregador de grande poder de convencimento. Logo após ter na flor dos seus vinte e... anos se ordenado, optou o noviço padre, supositivamente depois de sadia reflexão, pelo hábito da ordem franciscana. Nesse ato de preferência da sua vontade, com o nome onomástico Frei Herculano, foi nomeado. Por essa sua decidida deliberação na juventude inexperiente, haveria de

confirmar-se o meu dizer de errante, andarilho, dito no intróito já tomando o fio da narrativa do que viria a ser, a sua biografia. 0 que havia a esperar-lhe na imensidão do nada, a ambiência do incógnito Sertão? Sertão de milagres não endossados pelo Vaticano. Sertão de homens perdidos no cangaço, malfeitores de todas as laias. Sertão de sisudos coronéis e suas leis costumeiras da tirania. Sertão dos beatos e beatas, recadistas dos *oráculos* - divindades - sobre acontecerem apocalípticos por sobrevir. Sertão dos apologistas e difamadores do clero. Sertão de poderosa reza forte de derrotar quebranto de mau-olhado. De reza para o dentado da mordida de cobra venenosa. Da reza de congelar a atroz dor de dente. Interessante pra não dizer curioso, o fato de o santo que acudia no estancar a *dentalgia,* Stª. Apolónia a padroeira dos dentistas, se dela é que se valiam. Mas da prestigiada, a maioríssima N. Srª., a milagreira não era ela invocada para fazer a dor de dente cessar. À Santa Apolónia, eis a jaculatória rezada. *"Naquele monte mal assente,/Está o Sr.Clemente,/E Chegando Nossa Senhora lho dirá - Que tens Clemente?/ - dói-me o queixo e mais o dente./ - Queres que te benza, Clemente?_ - Quero sim, minha senhora!/ - Põe os teus cinco* dáctilos/*Sobre essas tuas pontadas,/Que elas serão abrandadas./ Padre Nosso, Ave Maria./Paz, teco, aleluia".*

E o ainda Sertão das secas cíclicas, com o seu cortejo de desgraças. E na forma de epidemias - a peste de cólera-morbo, varíola, a bexiga-taboca sertaneja - e o indefectível êxodo. Sertão que a crueza da fome e a ferocidade da sede mortal, coagiam as populações desertar em demanda do Litoral. 0 mesmo Sertão, o Sertão das pragas. Veja-se o Sertão do Ceará de 1877 a 1879, pelo terrível obituário de um registro de 180 mil mortes, só da varíola. Isto se lê na p. 55 do livro Padre Cícero, de Lira Neto.

Nem só de desgraça é o Sertão. Há outro mais feliz, o reverso do até agora descrito. Ali, o inverno a sua ressurreição. Ei-lo no dizer do escritor morto *Oswaldo Lamartine de Faria,* na pag 10 e 13 do seu livro *Em Alpendres d'Acauã: "0 Sertão é mais que uma região fisiográfica. Além da terra, das plantas, dos bichos e do bicho-homem - tem o seu viver, os seus cheiros, cores e ruídos. O cheiro da água que nos desertos também cheira. O da terra molhada, do curral, da lenha queimada e de cada flor. O belo-horrível-cinzento dos chãos esturricados, o arrepio-verde da babugem, a explosão em ouro das craibeiras em flor. Os ruídos dos ventos, das goteiras, do armador das redes, o balido das ovelhas, o canto do galo, o estalo do chicotes dos ma-*

tutos, o ganido dos cachorros em noite de lua, os tetéus, o dueto das casacas de couro, os gritos do soco a martelar silêncios, os aboios, o bater dos chocalhos, o mugido do gado e tantos outros que ferem nas ouças da saudade. Cada vivente tem o seu sertão. Para uns são as terras além do horizonte e para outros, o quintal perdido da infância. Para mim o sertão é a caatinga. E o do meu bem-querer, é quando descamba ali na Serra do Doutor - Riacho do Maxixe -e vai esbarrar nas barrancas do Piranhas". O supracitado literato Oswaldo, conheci-o quase um oitentão. Porte alto de talvez l,80m. Seco, postura aprumada, místico, cenho de dureza no olhar. Secura na fala. A magra face carrancuda, não se abrandava sequer, num furtivo sorriso. Mas do exterior corpóreo desse homem, destoava-lhe a alma. E isso, na magia do seu verbo gravado em livro. Pelo seu escrito com toque de poesia. Enfim, de físico e alma era um espécime que no julgamento do povo, assim haver-lhe-ia de traduzi -lo: *"Por fora seco como coco seco, mas com doçura por dentro".*

No apogeu da sua mocidade de rapaz, do Seminário saiu frei Herculano. Agora, muito ele tinha a fazer pela fé religiosa no Sertão daqueles idos, daqueles antigamentes. Se de uma gente entre transfigurados pela fé e pervertidos do fanatismo. Estes, mais o público de crendice abstrusa nas benzeduras cabalísticas de até curar bicheira nos animais. Do povaréu da indiferença fatalista pelo futuro. Da romaria religiosa indo a uma capela deixar, os seus *ex-votos.* Estes, expressos numa muleta. Na parte do corpo esculpida em cera ou madeira. Era a comprovação do voto feito. Voto, paga da oferenda prometida pela graça alcançada. De toda essa miscelânea de credos, a dos fanáticos, de fato era a que inspirava maiores cuidados.

Vejamos a gente do altar dos sacrifícios, no exemplo de *Pedra Bonita.* Pedra Bonita o lúgubre *anfiteatro* de horrenda memória. Se a memória de uma desgraça coletiva - matança humana - no século XIX acontecida. Sob um céu esbraseado assenta Pedra Bonita. Na verdade Pedra Bonita são dois penedos paralelos. Dois verticais *monólitos.* E gémeos até no talhe de meio cilíndricos e meio retangulares. Mas destoantes na altura de uns 20 ou 30m a pique, em a prumo para o céu. Pedra do Reino, o *geônimo* pelo qual passou a chamar-se Pedra Bonita. E a partir de 18-5-1938. A sua localização geográfica, num baixio ao pé da serra, onde ainda avultam ou já se sobrelevaram os dois maciços de granito - Pedra Bonita. E embasados no chão do município Serra Talhada (PE), assente na chapada da serra, serra Talhada, derivação secundaríssima da serra da Borborema, e entre os rios Moxotó e Pajeú, afluentes pela margem esquerda do rio S. Francisco. Serra Talhada foi Vila Bela até 1º-7-1909, data da sua ascensão de vila para a atual cidade Serra Talhada. E no coração do sertão do Pajeú, fronteira da Paraíba com Pernambuco, ocorre à dita cidade.

Na sua imaginação delirante, vesânia do fanático mentor dessa trágica história, eram as duas pedras, sugestivas de duas torres de uma

Catedral encantada. E pedras angulares destas, as duas pedras. Se estas, na sua metade, a ametade supra, parecia incrustada de malacacheta. E ao sol ardente daquele Sertão, rebrilhava como uma chuva de prata. Todavia tal relato não endosso como real, nem como uma veleidade por veneta. Em 1837, um desgovernado do juízo, fanático devoto do rei morto de Portugal, dom Sebastão, anunciava próximo o seu reino. No norte da África, em 1578 findara-se, sucumbira dom

Sebastião dando combate aos mouros dissidentes do catolicismo, na batalha de Alcácer-Quibir. Para desencantar-se o seu reino, só se quebrado o rochedo *Pedra Bonita.* Não a broca e fogo de pólvora do cavouqueiro de ofício, e golpes de marreta do marreteiro profissional. Mas pela ação miraculosa do sangue dos meninos que ainda chupavam os peitos das mães. Acreditava a ignara massa passível de manobra da mistificação, de achar-se o filho de Deus no corpo do doidarrão o visionário António Ferreira que gritava: Viva Eí-Rei Dom Sebastão! "Eu quero sangue de inocentes. Sangue que é leite ainda, e que é como o sangue do Menino Deus. Deus meu pai me mandou para desenterrar os tesouros da terra, e salvar o seu mundo. Rios de leite correrão para os famintos. 0 Sertão há de ser verde de inverno a verão". Aí corriam as mulheres, nos braços levando o filho para o *altar do sacrifício,* onde o visionário esperava, para lhe cortar cabeça por cabeça, banhando a Pedra de sangue. Mas aquelas que choravam o seu filho foram degoladas. As inocentes crianças *imoladas* de pescoço cortado a fio de facão dentro da madrugada, antemanhã do raiar do dia, dia que em holocausto o sangue de inocentes foi esparzido sobre o rochedo. E a carnificina de onze mulheres, trinta crianças e doze homens, consumou-se do dia 15 para 16 de maio de 1838.

Para escrever esta síntese de história sob as cinzas do tempo, busquei na obra de Ariano Suassuna -, *Pedra do Reino;* em *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Pedra Bonita* de José Lins do Rego, os subsídios sem os quais, não havia como este relato levar a termo. Ainda sobre D. Sebastião, veja-se esta amostra da insânia de António Conselheiro, beato, profeta, líder dos jagunços no sertão baiano da Rebelião de Canudos no biénio 1896-1897, tornada pública pelo escritor Euclides da Cunha, mesmo depois de passados 58 anos do banho de sangue perpetrado pelo doidarrão António Ferreira: *"Em verdade vos digo -quando brigarem as nações com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prússia com a Prússia, das ondas do mar sairá D. Sebastião com todo o seu exército".* Isso, a irracional ideia dominante no Sertão, ideia da certeza da ressurgência do rei morto D. Sebastião, ainda que morto há exatos 316 anos.

Dando seguimento a este meu afazer de produzir o trabalho biográfico em curso, frei Herculano das pregações missionárias sob o hábito Franciscano, terminou por fazer-se amigo do famoso Padre Ibiapina - José António de Maria Ibiapina - o apóstolo do Nordeste e professor de Direito Natural, juiz de direito de Quixeramubim no Ceará, e ainda, deputado geral na legislatura 1834-1837. Muito o bastante foi por este, frei Herculano influenciado, para a sua vida dedicar a obras religiosas de edificação de cruzeiros, igrejas e cemitérios. Na sua peregrinação de construtor, o maior da sua época, erigiu a Matriz de Pombal, levantou a de Souza, construiu a de Areia, edificou a de Cruz do Espírito Santo, todos esses templos, no Estado da Paraíba. No Rio G. do Norte a igreja de sua construção, só a de Pau dos Ferros. Mas em Arez, a sua passagem lhe fez notável. E isso, pela obra-prima, capricho do portentoso arquiteto frei Herculano. E qual?! 0 Frontão do Cemitério de Arez em 1882 construído. É exemplar ímpar no Rio G. do Norte, a beleza arquitetônica dessa obra nacionalmente reconhecida. A prova maior, a de a 23-8-19962, ter sido tombada pela antiga SPHAN. 0 monumento o Cruzeiro, em linha com a Santa Coluna e o pórtico mor da nossa Matriz de Arez, não há prova documental, de tê-lo edificado a sacra pessoa do exalçado frei

Herculano. Mas a memória popular dizia ao meu tempo de menino, de ter sido ele, o verdadeiro construtor. Se a edificação de Cruzeiros, era uma de suas especialidades. Simples esse *ícone* da cidade feito de caliça e alvenaria. Mas também muito singular. *E meio assim, aos meus olhos na sua geometria de uma pirâmide de base hexagonal, seis lados, seis arestas, escalonada de seis degraus, e, truncada no vértice. E sobre este, abaúla-se um zimbório. Nele, chantado o madeiro de uma cruz latina -, o cruzeiro propriamente dito.*

Também a desaparecida casinha que encerrava a fonte d› água do abastecimento público, teria sido da sua indicação o manancial, ao tempo que à cidade, assolou uma epidemia de cólera-morbo.

À vida sucumbiu o itinerante arquiteto de obras sagradas frei Herculano, a 5-8-1885, numa modesta casa em Serra do Ponte no seu Estado-natal.

E para dar por findo este relato, declaro ter de presente, encerrada num canudo de papelão, recebido a foto de frei Herculano. 0 presenteador, o médico Dr. José Hildo Fernandes. Cuidei de emoldurá-la. Na parede do salão da sacristia pendura, à vista está para quem ali chega, exatamente como ela se encontra. Se por presente eu a recebi, por presente à igreja matriz de Arez eu a dei, às mãos do seu pároco o reverendo *Raimundo Renato da Rocha* passando. E por saber o templo, o guardião zeloso desse bem de memória.

Enfim, *"Acta est fabula* - A história terminou». *"Feci quod potuit rerumcognascere-* Fiz o que pude, façam melhor os que puderem".

HOMO NATALENSIS

Roberto Cardoso
IHGRN/INRG

Introdução

Este seria um texto para ser escrito por Luis da Câmara Cascudo (1898-1986). Nascido em Natal em dezembro de 1898; encantou-se também em Natal, em julho de 1986. O Luis de Natal, o Cascudo ou o Cascudinho. Também chamado de Ludovico em seu batismo, por um membro da igreja, quem sabe uma visão futurista. A vida, a obra e a história de Cascudo lembra o professor Ludovico das histórias em quadrinhos, de Walt Disney (1901-1966 - EUA), no estilo professor que entende de todos os assuntos. Os personagens são inspirados em pessoas existentes, com certeza Disney conheceu um professor cascudo.

E ele, o Cascudo não escreveu este texto. Cascudo não escreveu porque tinha outros textos e outras ideias para escrever. Precisava escrever e descrever o homem natalense de sua época; ou o homem construído até aquela época. Para em um futuro, alguém pesquisar o homem natalense dos dias atuais, sua construção e sua formação.

O homem natalense vai continuamente se construindo, se destruindo e se reconstruindo. Resurgindo e renascendo, na cidade do renascimento. Natal de natalício e de nascimento. Vai se modificando, com invasões, com ocupações e com miscigenações que acontecem. E aconteceram em seu território ao longo de sua história. A partir do homem nativo, aquele que deixou registros históricos e arqueológicos, que foi sendo influenciado por participações nacionais e estrangeiras.

Estrangeiros que desembarcaram diretamente no território, do Rio Grande do Norte. E estrangeiros que chegaram influenciados ou modificados por terem primeiro desembarcado em outros países, antes de atravessar o Atlântico. Estrangeiros que desembarcaram em outros estados da federação, para então chegar ao território norte-rio-grandense. O Brasil com um extenso litoral, sempre esteve aberto a novas ideias que chegaram embarcadas em barcos, caravelas e navios. Um transporte marítimo pode levar conhecimentos embarcados, seja por publicações impressas e mentes pensantes.

Hoje as informações em mentes, viajam em aviões com seus equipamentos periféricos: computadores, notebooks, netboks e outros mais, funcionando como uma extensão da mente pensante. Natal ficou como resultado de misturas de ventos e correntes marítimas; de povos com suas migrações e imigrações. Uma mistura de alimentos e alimentações; de ideias e inovações.

Ainda que o homem tenha o poder de transformar o meio ambiente, o ser humano é o resultado do ambiente em que vive. Se derrubar uma arvore vai ter que aprender a conviver sem uma sombra, ou sem um abrigo para a chuva. Tudo depende da utilidade inicial da arvore e da utilidade que poderá ter em ser derrubada. A transformação do meio. O homem é um resultado dos seus atos, precisa se adaptar aos erros e acertos, de seus atos positivos ou negativos. O negativo pode não ser eterno, e o positivo pode ser temporário. O que é positivo para um pode ser negativo para outro e vice-versa.

Os atos e resultados são holísticos, interagem entre si. O homem é o resultado dos seus relacionamentos, das suas vivencias e convivências. Resultado daquilo que vive, com quem vive e convive; daquilo que come e consome; resultado do que não come e do que descarta. Resultado de seus alimentos e relacionamentos, que podem gerar boas e más relações, e com boas ou más digestões.

Consumir não é apenas um ato fisiológico e anatômico de ingestão, com mastigação e deglutição de produtos denominados e classificados de alimentos. Segundo a biologia, a anatomia e a fisiologia, os alimentos são ingeridos e processados. A visão do corpo como uma maquina. E deles, os alimentos, são extraídos as substancias necessárias para a sobrevivência do corpo físico e biológico. O que não é necessário a uma sobrevivência é descartado pelos sistemas de eliminação.

Mas consumimos muito mais que simples alimentos, sejam eles sólidos ou líquidos, necessários a uma sobrevivência celular. Consumimos de tudo que esta ao nosso redor. Desde o ar que respiramos a tudo que nos relacionamos. Consomem-se produtos orgânicos e inorgânicos, naturais e artificiais; vegetais, animais e minerais; elétricos e eletrônicos; produtos artesanais e industriais, produtos duráveis e não duráveis; perecíveis e não perecíveis. Gestos e indigestos. O ato de consumir denominado consumismo consome até bens móveis, imóveis e automóveis. Consomem-se técnicas, tecnologias e biologias, ideias e ideais. Consomem-se máquinas e ferramentas. Um vasto ferramental, com ferramentas de uso residencial, comercial e industrial; automobilístico, agrícola e administrativo. Ferramentas de controle e ferramentas de gestão. Consumir é absorver ideias. Uma autogestão de gerir e gerar comportamentos, para produzir conhecimentos.

E por fim consome-se o corpo, que se desgasta e se deteriora ao longo do tempo, com as intempéries dos tempos e dos relacionamentos. Deterioram-se as células ao longo dos tempos: com relacionamentos, alimentos e comportamentos. Ainda que o homem modifique o meio em que vive, o ser individualmente analisado pode sofrer mais e más influencias, do que ter um poder de modificação do espaço ao seu redor.

A geografia determina o momento de hoje e o que acontece hoje. A história é a descrição da geografia ao longo de uma linha de tempo. O ser humano é compreendido pela sua psicologia e pela sua sociologia. Analises ao longo de uma existência ou ao longo de uma história. À medida que o conhecimento evolui, podem ser geradas novas definições, com objetivos mais específicos de analisar um espaço e um momento. De uma tecnologia a uma nanotecnologia, de uma

biologia a uma microbiologia. De uma botica doméstica com usos de produtos naturais a uma farmacologia industrial.

A cidade como uma organização geográfica do ser humano também é influenciada pelas ocupações, e desocupações; imigrações e emigrações ao longo de sua história. Uma cidade ainda pode alterar sua história por epidemias e infestações. Uma ocupação de um espaço por micro-organismos. A história construída por uma cidade sofre influencias do visível e do invisível, do concreto e do abstrato, do perceptível e do imperceptível. Influencias de histórias contadas e não contadas, escritas ao longo do tempo e esquecidas ao longo do tempo. Uma história contada e registrada, reconhecida e divulgada, admitida e ensinada provoca mais influencias em uma cidade, nos seres que ocupam o espaço de uma cidade.

A linha do tempo pode definir uma ocupação de um espaço, por descobridores, por colonizadores e por invasores; imigrantes, investidores ou turistas. Cada momento de um tempo um grupo ocupa o espaço geográfico e social da cidade de Natal. Grupos e pessoas constroem, destroem e reconstroem a história de Natal. Ao longo do tempo vão modificando a evolução e a construção do ***Homo natalensis.***

Parte II

E se o ser é o resultado dos seus relacionamentos e comportamentos. A cidade como uma organização social, política e arquitetônica, do ser humano, construída pelos homens com objetivos de abrigar e servir aos homens, também é o resultado de seus relacionamentos e seus comportamentos, gerados no espaço ocupado. E influenciados pelo que acontece a sua volta. Os espaços urbanos são ocupados, e permanentemente são reocupados com obras de modificações e transformações.

A arquitetura é o resultado de conhecimentos e influencias culturais. Uma cidade é constituída por pessoas, com os resultados de seus comportamentos e conhecimentos. Das relações que seus habitantes praticam e participam. Habitantes e viajantes deixam as marcas de suas histórias por onde vivem e passam.

Em um momento da história o homem deixava seu abrigo para sair em busca de caçar, e colher frutos, raízes e sementes, para alimentações e indisposições. Continua saindo em busca de alimentos e suplementos. Encontra o que é necessário em comércios especializados da selva de pedra. Sai em busca de alimentos: carnes frescas e congeladas; polpas e frutas, frescas, secas ou industrializadas; raízes descascadas, cortadas e congeladas. Sai em busca de ervas sintetizadas apresentadas em capsulas e comprimidos.

Ao longo de sua história o homem adquiriu novas necessidades para suprir anseios e desejos. Necessita de alimentos para a alma, o corpo e a mente. Hoje ainda pode sair para buscar o conhecimento. Quem parte levando ideias volta trazendo novas ideias. Templos religiosos e templos de culto ao corpo dividem os espaços urbanos, com templos voltados a saúde e templos de conhecimentos. Templos religiosos orientavam não cultuar santos e imagens. As imagens deixaram de ser santas para serem corpos esculturais e sarados, filmes e fotografias. Pessoas em

perfis de redes sociais projetam suas imagens, para quem quiser adorar: curtir, compartilhar ou seguir.

Uma cidade se relaciona com outras cidades. Cidades próximas, cidades visinhas e cidades distantes. Ao longo da história de uma cidade, conceitos, hábitos e costumes, vão se adicionando, mesclando com os existentes e herdados anteriormente. Pessoas, animais e carroças um dia ali passaram em um espaço geográfico. Abriram caminhos que se tornaram estradas. Caminhantes e viajantes apearam, de carroças, jegues e cavalos. Sentaram em volta de uma fogueira, contaram estórias que se tornaram lendas.

Agora pessoas, carros e cargas entram e saem diariamente das cidades. Barcos e navios, helicópteros e aviões cruzam os mares e os ares. Comboios, trens e ônibus cruzam atravessando as terras. Pessoas que levam na mente histórias contadas por seus avós. Influenciadas em suas vidas por contos e histórias ouvidas em casas e nas escolas.

Ao longo da história pode haver descobrimentos, fundações, invasões, expulsões; ocupações e reocupações. As passagens e instalações de outros povos com outras línguas e outras culturas; de forma pacifica ou belicosa. A cidade de Natal sofreu influencias ao longo da história, que estão gravados em sua memória. A história no inconsciente coletivo. História e histórias construídas com a sua própria geografia, construída ao longo de sua história. A geografia de hoje, torna-se história no amanhã. Influencias consumistas desembarcadas por estrangeiros, ao longo do tempo em função da sua posição geográfica e estratégica.

Chegamos a uma sociedade com conhecimentos separados uns dos outros. Uma separação que nos impede de religar conhecimentos, para conceber os problemas fundamentais e globais, tanto os das nossas vidas pessoais, como os dos nossos destinos coletivos: "La Voie" (A Via), do pensador francês Edgar Morin, por Roseli Gonçalves, em transito para Frankfurt.

Parte III

É comum dizer que o RN é a esquina do território brasileiro, ou a esquina do continente sul-americano. E por vezes, em falas e conversas de populares; em discursos políticos, comerciais e empresariais, até se prevalecer e enaltecer de estar localizado em uma esquina logística e territorial. A capital norte-rio-grandense esta localizada á margem do oceano, com uma responsabilidade política, administrativa e comercial com o estado, do qual sedia uma governadoria.

Mas o fato ou o ato de estar em uma esquina, gera algumas interpretações, visões e observações. A visão de quem está em uma esquina e vê quem passa. Como alguém parado em uma esquina obervando os carros e as pessoas que passam. Alguém que possa estar parado aguardando o momento de atravessar. A visão de quem passa e vê alguém parado na esquina. O RN pode ser uma esquina do continente em relação ao mar, e as rotas de navios que passam por esta esquina marítima. Enquanto quem está em terra pode ver navios passar, e a partir dos navios, alguém pode ver quem está em terra, na esquina, parado e observando navios passarem.

Uma esquina para navios e aviões tomarem um fôlego antes de atravessar o oceano, tal como alguém esperar o momento de atravessar. E nesta mesma esquina podem na volta atracar e pousar, para ali descansar de uma travessia sobre o mar. Um lugar de arribação, tal como as aves migratórias se alocam em um ninhal, para reproduzir e reprocriar. Depois continuam suas rotas migratórias para outros lugares, até que estações e situações sazonais e anuais retornem, quando novas e antigas gerações poderão ali retornar. Assim como os pássaros, o homem é um animal nômade, e precisa voar, para buscar novas paragens e paisagens, novas ideias e adquirir novos conhecimentos.

Esquinas podem ter a visão de quem dobra uma rua ao trafegar, ou de quem para na esquina para olhar. A visão de quem esta na calçada e a visão dos que vão com seus veículos pelas vias de rolamento. No caso do RN os veículos que passam pela esquina podem ser os navios. Veículos de transportes náuticos e marítimos. Olhando para o alto, verá pássaros e aviões.

O natalense é um ser que se encontra ocupando a terra. O espaço da capital de um estado na esquina do continente. Tanto o espaço geográfico natalense quanto o espaço territorial norte-rio-grandense, são espaços estáticos. Espaços estáticos diante do mar ao ver navios navegarem.

Aquele ser que para em uma esquina continental, diante do mar só tem a observar os navios que passam em direções diferentes. Navegam de Norte para Sul ou de Leste para o Oeste; do Sul para o Norte ou do Leste para o Oeste; e outras combinações entre origens e destinos. Quem para em uma esquina de uma rua, pode parar esperando um momento para atravessar. Na esquina do continente esta Natal, que não poderia atravessar o mar, ficou esperando os momentos que alguém poderia chegar e desembarcar.

Ainda hoje a navegação de cabotagem faz linha entre o lado leste do território brasileiro para ligar o lado norte brasileiro. Navios atracam e desatracam nos portos de Recife e João Pessoa para depois seguir para os portos de São Luis e Belém, deixando Natal a ver navios. Os custos de atracação e desatracação de navios são altos, demandam um grande tempo despendido em manobras náuticas e precisam compensar movimentos de carga e descarga para um navio ter a intenção de abicar.

Ao longo da historia Natal não tem demonstrado ser um porto de interesse comercial. Mas um ponto estratégico de interesse internacional.

Parte IV

Ventos e correntes marítimas influenciaram momentos históricos, no período conhecido como das grandes navegações ou dos grandes descobrimentos. Os pontos de vista dos que navegaram, e dos que descobriram e ocuparam as novas terras. Um ponto de vista para os que foram descobertos, porque foi assim que se aprendeu nos livros e na escola, a história que foi escrita, lida e contada. Aprendida por professores e repassada aos alunos, que um dia se tornaram novos professores. Com aprendizado e repetição acabamos por incorporar uma educação. Matérias explanadas em sala de aula e cobradas nas provas de avaliação. Com

aprendizado e repetição aprendemos uma lição, e incorporamos culturas e comportamentos. Natal como esquina do continente esta apta e aberta a incorporar novos conhecimentos, novas culturas e novos comportamentos. Natal está de frente para o mar, estabelecendo um ponto no extremo do continente. A menor distancia entre dois pontos é uma reta, sendo Natal umas das menores distancias entre a Europa e Brasil, como também uma menor distancia para o continente africano. Daí ser um ponto estratégico, depois da Primeira Guerra e durante a Segunda Guerra. E continua sendo um ponto logístico e estratégico.

Logo após a Primeira Grande Guerra, Natal viu os primeiros aviões chegarem ao continente. Pierre Latécoère teve a ideia de utilizar os aviões militares utilizados na guerra, no período pós-guerra. Implantou um serviço de correio aéreo (Aeropostale), entre a Europa e América do Sul (Zé Perry – JH em 19/05/14). Natal serviu com ponto de primeira escala continental, depois da travessia entre a África e a América do Sul.

Natal foi a primeira cidade brasileira a mascar chiclete e tomar refrigerante do tipo cola. Uma clássica influencia da presença americana no período da Segunda Guerra. O natalense colocou em pratica o exercer do sabor, experimentou mastigar e beber, com saberes e sabores.

Seu comportamento social também foi influenciado nas noites de festa, o que era para ser uma festa aberta e para todos (for all) se tornou um forró. Durante o dia com iluminação intensa aprendeu a utilizar óculos escuros por influencia dos óculos modelo Ray-ban utilizados pelos pilotos que pousavam em Parnamirim Feeld. O campo de pouso que um dia deu nome a um filho da terra, nascido em Macaíba, cidade vizinha. E Parnamirim, também vizinha a Natal abriu sua sala de embarque para que natalenses pudessem embarcar em um avião comercial e conhecer outras paragens. Augusto Severo (1864-1902), que um dia foi homenageado no antigo aeroporto e na Praça em Natal que leva seu nome, pela passagem de um dirigível (1930 e 1933 – Graf Zeppelin). Hoje o aeroporto esta localizado em São Gonçalo do Amarante por necessidades políticas e históricas, estratégicas e logísticas. O aeroporto esqueceu o nome de seu filho da terra que foi um pioneiro na aviação, um dos primeiros cidadãos no mundo a voar, para dar nome a um político. Por interesses políticos arcaicos de um coronelismo que ainda tenta imperar. Assim vai se perdendo uma historia e uma memória. Um Alzheimer urbano vai se instalando. Novos comportamentos que mudam os rumos da história.

Uma lembrança dos tempos de montaria ainda existe nas ruas, motoristas e motociclistas insistem em estacionar junto a portas, passagens, muros e paredes como se estivessem amarrando burros, jegues e jumentos, próximos aos locais onde vai fazer compras ou resolver problemas que classificam como urgentes. Justificando ser uma breve parada, incomodando o transito de pedestres e os acessos ao comércio e as calçadas. Todo ato tem uma justificativa sociológica ou psicológica nas entranhas da mente ou da sociedade.

Pouco se sabe sobre a história dos primeiros ocupantes da terra. É preciso se embrenhar em arquivos e estudos arqueológicos, para descobrir o seu conheci-

mento, seus hábitos e costumes que formaram um conhecimento. Descobrir seus hábitos e costumes que estão inclusos no nosso comportamento atual, símbolos de formação da cultura brasileira.

Parte V

O natalense tem alguns comportamentos e hábitos dos indígenas. Hábitos e comportamentos que vão se perdendo na história e na memória: como o habito ou ato de comer ginga com tapioca na beira da praia, tomando uma água de coco. Poucas pessoas fora da área urbana da Grande Natal conhecem o peixe chamado de ginga. Ginga é um pequeno peixe de água salgada que pode lembrar uma pequena sardinha ou uma manjubinha. O Homo natalensis pode até se ofender com a comparação, e dizer que não existe peixe igual a suas gingas. Em uma breve pesquisa na internet podemos descobrir que é um peixe sem valor comercial, descartado daqueles que tem mais valor para chegar ao mercado. A clássica disputa entre e Canguleiros e Xarias.

O hábito de comer ginga na beira da praia, ainda vem sendo preservado na praia da Redinha, onde ainda existem muitos barcos e pescadores. Em um mercado publico com boxes, ainda e possível obter e apreciar a iguaria. E a praia da Redinha fica em oposição ao aldeamento das Rocas. Tal como a oposição entre a Zona Norte, separada pelo rio Potengi, e por uma ponte, onde do outro lado, a cidade comporta: Centro, Zona Sul, Zona Leste e Zona Oeste. O lado entendido como a cidade de Natal. A cidade de Natal no linguajar popular divide-se em dois lados; a cidade e a Zona Norte.

Hábitos de comer ginga com tapioca à beira da praia que podiam acontecer depois de uma pescaria, ou mesmo antes de uma pescaria. Forrando o bucho antes da lida. Hábito e costume que vai se transformado em comer tapioca em uma tapiocaria de shopping, depois das compras, depois de caçar e pescar mercadorias e ofertas. Enquanto índios e antigos pescadores podiam voltar com puçás e samburás cheios de pescado, o homem urbano volta com sacos e sacolas de compras. Uma boa compra ou boa pescaria; deve ser comemorada na praia próximo a arrebentação ou na praça de alimentação.

Um estudo arqueológico poderia descobrir que um dia os indígenas ocuparam as praias onde ainda hoje são protegidas por formações rochosas, permitindo um banho de mar e a coleta de pequenos peixes que podiam, e ainda podem ficar aprisionados a partir da baixa mar. Como as praias junto ao Forte e a praia de Camurupim (Nísia Floresta), que segundo alguns escritos, na linguagem indígena, a água fechada. Os sambaquis devem ter sido destruídos pelas construções de ferro e cimento. Enquanto os índios produziam sambaquis, o homem urbano produz metralhas.

Uma tapiocaria oferece tapioca com uma infinidade de ingredientes a serem acrescentados ou adicionados. De tapiocas lambuzadas com manteiga de garrafa à outras recheadas com nobres queijos e frios defumados; da tapioca simples à tapiocas recheadas com pastas e cremes, doces ou salgados. Quiche de ginga com jiló (JH em 06/12/12).

Com as gingas dos barcos balançando para lá e para cá; e com as gingas do povo criando alternativas e inovações, os cardápios vão variando com as influencias locais e as influências internacionais. Um dia o barco que ginga, pode adernar demais e entrar água. Um dia o natalense que ginga, pode se influenciar demais e tender a uma variedade econômica ou gastronômica. O bolso e o estomago vão gingando de acordo com a maré.

E raras tapiocarias hoje poderão oferecer ginga. Oferecem tapiocas podendo ser incrementadas com catchup Heins e mostarda Dijon em saches; molhos e maioneses com sabores, acompanhado de refrigerante de cola, ou um suco em caixinha. Trocar a tapioca pelo crepe, panqueca, ou pela pizza; pelo pão de hambúrguer, árabe ou sírio, mantendo alguns ingredientes do recheio ou cobertura torna-se um ato simples.

Parte VI

A cultura é plantada e implantada na terra pelo povo, que cultiva hábitos e costumes, individuais e coletivos. Um povo que nasce e cresce, vivendo e vivenciando falas e cantos, fatos e atos, gestos e danças, sobre uma mesma região. Povos de nações e continentes diferentes chegaram ao território brasileiro, trouxeram sua cultura e deixaram filhos como herdeiros de suas antigas e novas culturas.

Em solo natalense o dia da consciência negra vem despertando outras consciências, de Zumbi a Poty. A consciência da formação cultural brasileira. A consciência das nações que formaram a cultura brasileira: portugueses, palmares e potiguares.

Com pés e pês, pisando e dançando descalços no chão, um tripé embasado pelas culturas vindas da África e da Europa, e pelo índio nativo que já habitava o território antes do descobrimento. E ainda por outros povos que aqui desembarcaram, mais tarde ou mais cedo, historiados ou não. A força da influencia dos descobridores foi tanta que até o habitante primitivo recebeu nomes estrangeiros, foram chamados de indígenas. Por os portugueses acharem que haviam chegado na região das Índias, onde pretendiam chegar.

Características históricas ficaram na memória. Os políticos locais, legítimos e legitimados representantes do povo, exercem seus mandatos em modelos holandeses, os Mauricinhos de Natal tentando serem as Águias de Haia. Representando o povo em modelo burguês: com gabinetes computadorizados, bem aparentados, bem afeiçoados, e bem motorizados, e muito bem assessorados, se batem e debatem. Gritam e rebatem em câmaras e tribunas da casa do povo. Enquanto discutem em assembleias ordinárias e extraordinárias, um impasse, se o dia da consciência negra deve ser decretado feriado ou não, o povo exerce seu papel de cidadão. O povo manifesta nas ruas sua memória cultural, representando os povos menos favorecidos, negros e índios diante aos prestigiados eleitos para cargos públicos de representação do povo.

Brigas e intrigas são teatralizadas, com fantasias e fantasmas, pelas ruas e praças, e até na universidade (UFRN). O povo não questiona ou discute a propriedade do dia da consciência negra ser ou não ser feriado. Mas entende que deve

ser comemorado, para ser sempre lembrado. O dia é apenas mais uma razão para expor uma cultura, resgatada ou perpetuada por gerações. Uma cultura inserida em suas mentes que provoca comportamentos em seu dia a dia.

Diversas manifestações culturais preservadas, ainda podem ser encontradas pelas redondezas de Natal/RN. E vem cabendo a poucos professores e pesquisadores da chamada academia do conhecimento, reunir e resgatar o conhecimento cultural que está nas ruas, O que não está escrito nos livros, está inscrito nas mentes que preservam a cultura e o conhecimento que surge do povo. A oportunidade de filmar e preservar, eternizar um conhecimento com tecnologia, fazer o uso das TICs.

A capoeira que possivelmente seria uma luta disfarçada em danças e acrobacias. Sem armas, os negros escravos precisavam de uma luta de defesa pessoal e corporal em fugas e capturas. Em meio a cantos e danças puderam disfarçar um treino quando senhores e feitores entravam nas instalações escravas.

O maracatu deu mais criatividade aos cantos e danças evocando e invocando, misturando culturas. Deuses africanos disfarçados de santos da igreja. Reis e rainhas da corte portuguesa ou dos reinos africanos. Provocou um ritmo e surgiu de uma miscigenação entre as culturas: africana, indígena e portuguesa. Um ritmo forte que contagia que estão presentes nas apresentações. Um ritmo nato surgido em terras brasileiras com as misturas raciais e culturais, de etnias e cidadanias.

Parte VII

Movimentos atmosféricos e marítimos Influenciaram o rumo das caravelas, proporcionando um descobrimento, uma ocupação da terra ainda não ocupada pelos europeus, uma descoberta legitimada pela Igreja. Na tentativa de descobrir um caminho marítimo para as Índias acabaram por chegar a outras terras. Ventos e correntes marítimas levaram os índios a encontrar a esquadra portuguesa à deriva, próximo á praia. Uma questão de ponto de vista, que índios não puderam comprovar, já que não relataram em seus diários de vigília e segurança nas praias. O habitante nativo não dominava uma escrita, apenas um idioma restrito. Ao contrario da frota que produziu documentos escritos, que se tornaram oficiais.

E um momento histórico foi denominado de descobrimento do Brasil (22/04/1500). A história é contada a partir de pontos de vista; ou Cabral descobriu o Brasil ou os índios encontraram caravelas à deriva. Prevaleceu na historia a Carta de Pero Vaz de Caminha, como documento escrito e oficialmente reconhecido do acontecimento. Os europeus dominavam a escrita e a ciência, enquanto os índios dominavam uma linguagem e um sincretismo. O ponto de vista dos nativos não ficou registrado.

Baleias que encalham no litoral norte-rio-grandense são claros exemplos que caravelas podem ter chegado à praia em momentos de calmaria e de deriva; correntes marítimas ou excesso de ventos. Ainda que biólogos apresentem teses de suicídios coletivos ou falhas fisiológicas que afetam seus sensos de direção em meio a um trajeto de imigração. Uma hipótese para este fato poderia ser o grande

numero de embarcações com sonar, que poderiam influenciar o sonar fisiológico e orgânico dos cetáceos. Do contrário elas podem entrar em correntes marítimas, perder o senso de direção e encalhar.

Sem um GPS, apenas com astrolábios e navegação por observação pelas estrelas seria muito difícil chegar a um lugar exato, pré-definido. As chegadas e os desembarques foram aleatórios, variaram de acordo com ventos e correntes marítimas, buscou-se chegar a locais aproximados dos desejados, se é que estavam pré-determinados. Fica aqui outra hipótese: de lembranças gravadas nas suas células (DNA) quando seus antepassados longínquos pudessem ter desembarcado em terras brasileiras. A biologia reconhece os registros de DNA, enquanto a psicologia reconhece os arquétipos, cada ramo da ciência pode admitir heranças genéticas ou comportamentais, inscrita no cérebro ou nas células.

Em 1500 Cabral desembarcou Porto Seguro na atual Bahia, implantou uma cruz e realizou uma missa. Em 1501 André Gonçalves desembarcou próximo a Touros no atual RN e implantou um marco. Em 1928 Carlo Del Prete, aviador e militar italiano realizou o primeiro voo direto, sem escalas, para o Brasil, chegando a Touros no RN. Há registros da presença fenícia, e registros pré-históricos no território brasileiro, inclusive em território norte-rio-grandense.

Momentos e objetivos diferentes, ações diferenciadas. Portugueses implantaram uma cruz como marco de ocupação e religiosidade. Portugueses construíram um forte com objetivos de defesa na foz do Rio Potengi. Com atos de ocupação e destruição, os holandeses ocuparam o forte e promoveram um massacre em Cunhaú.

Os hábitos e os atos se repetem. Uma instituição educacional vinda de Recife gira a cidade de Natal em busca de outras instituições, com certa dificuldade em se manter no mercado, para tentar finalizar sua presença mercadológica e ocupar suas instalações, arrebanhando seus alunos. O mesmo comportamento dos antigos holandeses, que procuravam locais desguarnecidos de segurança para invadir e ocupar. Enquanto o produto de maior valor era a cana de açúcar, na época da invasão holandesa, hoje o produto de valor é o conhecimento, e uma nova invasão holandesa vem acontecendo. Portugueses e holandeses continuam uma batalha na Avenida Roberto Freire. Lembranças de arquétipos gravados em DNA.

Parte VIII (com uma visão de gaslighting)

Na história consta que o Brasil foi descoberto, a visão dos que se consideraram descobridores, praticando um encobrimento daqueles que aqui foram encontrados, dos seus hábitos e de sua cultura. E seus habitantes nativos, verdadeiros donos da terra, foram catequizados. Pois não reconheciam como religião o catolicismo. Tinham seus próprios deuses, e adoravam deuses ligados e relacionados a fenômenos naturais e astros celestes, já explicados pela ciência: estes não eram deuses, e não influenciava o novo conhecimento, a ciência.

Para ofertar o reino dos céus, missões jesuíticas chegaram ao novo território, para catequizar os nativos. Passado o processo de catequização veio o processo de colonização, primeiro por Portugal e Espanha, depois por Inglaterra, França e Holanda. O Brasil foi alvo de exploradores, já que havia algo interessante para explorar.

O Brasil foi colonizado e explorado de seus recursos naturais em prol de Coroas europeias, que em seu entendimento, sabiam melhor usar e explorar os recursos minerais e vegetais, em seus empreendimentos. Necessitavam de ouro e prata para confeccionar suas coroas, moedas, e talheres; com pedras preciosas as suas joias. Com madeiras podiam construir embarcações. "O traje majestático de D. Pedro II, com murça confeccionada com penas de papo de tucano, e o manto bordado a ouro..." (fonte: Museu Imperial de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro).

De bons fornecedores e produtores, passamos a bons consumidores, quando matérias primas são exportadas voltando importados, como produtos beneficiados (produtos secundários). Fatos que aconteceram com produtos agrícolas e minerais, os produtos primários.

Outros países e outros povos foram originados dos reinos da Europa, criando novos interesses e novos interessados no Brasil. E o Brasil continua sendo explorado, agora como alvo de empresas, não mais com seus recursos primários ou secundários. Mas com recursos chamados terciários, onde estão incluídos os serviços, como serviços bancários e seguros; programas e aplicativos para computadores e comunicações. Consomem-se ideias e negócios, algo imaterial, que não se pode plantar e nem produzir em campos agrícolas ou fabricas. É uma produção intelectual e imaterial, a partir daqueles antigos e novos países. Mas campos agrícolas e fabricas, podem ser consumidores deste novo produto, dos implementos agrícolas conectados à satélites, à fabricas computadorizadas e robotizadas.

Das ultimais ideias internacionais surgem as startups, com tecnologia e empreendedorismo. Ideias de que dão respostas rápidas, resultados rápidos, podendo acompanhar seu crescimento e evolução, com ajustes para que seus objetivos sejam alcançados, inovando e melhorando. E mais um sistema de controle é implantado. E ideias enlouquecedoras vêm sendo implantadas, algo que pode ser muito mais rápido de acontecer que a própria imaginação.

O RN a esquina do continente vem ao longo da história sendo um ponto estratégico para estrangeiros chegarem e usufruírem de alguma maneira como um ponto geográfico de interesse. Natal serviu de escala marítima importante quando não havia o canal do Panamá. Depois da Primeira Guerra, Natal serviu de escala aérea quando os aviões ainda tinham pouca autonomia. Serviu de trampolim para uma vitória na Segunda Guerra, A região ainda hoje serve como ponto de lançamento de foguetes experimentais. Uma base de lançamento de foguetes pode tornar-se facilmente uma base de mísseis. Basta haver um interesse de algo, ou um alvo a proteger. E o Brasil vive em função de hora ser algo e hora ser alvo.

O número de construções imobiliárias por empreendimentos estrangeiros demonstra que ainda existe um grande interesse em Natal/RN. Uma novela foi filmada na região, e Natal como cidade sede da Copa do Mundo, colocou a cidade e a região em evidencia para países estrangeiros. Um novo aeroporto e um novo estádio, agora chamado de arena, criam uma acessibilidade ao modelo de exigência de imigrantes. VLTs e BRTs, modelos importados, vão facilitar a mobilidade dos transportes de massa, com acessibilidade urbana e climática. Trens e metros, BRTs e VLTs em outros estados já utilizam linguagem internacional anunciando

a próxima estação (next stop). Uma komunikologia é utilizada em vagões e estações, terminais e linhas alimentadoras.

A Grande Natal ou Região Metropolitana de Natal, já sinaliza a implantação de VLTs e BRTs, e vem implantando estações de transferência climatizadas. E um bullying de analises urbanas aponta brutais diferenças, entre outras cidades e capitais. Coloca o estado e a cidade em posições muito baixas no ranking da qualidade de vida.

O ponto geográfico é importante; a cidade é interessante; o clima e as praias são agradáveis; mas a estrutura que a cidade oferece não é satisfatória, uma visão de gaslighting. E a cidade vai enlouquecendo na tentativa de criar modelos de atendimento aos novos imigrantes. Metas utópicas, modelos de perfeição que nunca são alcançados; haverá sempre algo mais a fazer. Nunca se chega a uma perfeição, para atender aos principais clientes: os descobridores, os colonizadores, os imigrantes.

O navegadores que chegaram em caravelas, agora chegam em aviões, da navegação marítima á navegação aérea com tripulação no comando da travessia. E uma nova tripulação se prepara. Next stop Estação Lunar.

Parte IX

(a visão antes de uma virada digital)

E o Brasil foi descoberto por navegadores portugueses. No domínio da ciência; da engenharia, da medicina e do direito, é tal como o jogo de bicho: "Vale o que está escrito". Está escrito e descrito na história, com cartas e documentos. O fato que aconteceu alguns anos depois de Colombo e seus marinheiros, descobrirem a América. Por forças das circunstancias ficamos na parte sul da América, a parte de baixo (convencionalmente), prevalecendo nominalmente a descoberta de Colombo que descobriu primeiro as terras. Quem chega primeiro domina o jogo. Como os navegadores eram do sexo masculino, davam nomes femininos nas terras descobertas. Da mesma forma acontece no texto bíblico, o homem é o desbravador e o descobridor, quem está conectado com o Criador. E Adão chegou primeiro, como Caim saiu primeiro, para chegar primeiro em algum lugar. Noé foi o primeiro navegador.

Era assim que funcionava o mundo dividido entre Portugal e Espanha. Uma disputa de descobertas, de caminhos e de terras, em nome de reis católicos. Quem supostamente chegasse às índias ganharia o suposto jogo. Mas chegaram a novos lugares, criando novos rumos na história. Lugares para ocupar, povoar, explorar e defender. O Brasil foi descoberto antes do marco da virada industrial, a virada econômica e mudanças no pensamento. Pontos marcados pela Revolução Industrial e a Revolução Francesa que aconteceriam na Europa, espalhando-se pelo mundo. E outros pontos podem ser atribuídos ou diminuídos, das visões orientais e visões ocidentais.

Antes e depois. O mundo parece ter sido sempre dividido em dois. Entre dias e noites, quentes e frias. Invernos e verões, com Sol ou sem sol, dias de sol e dias

de chuva. America do Norte e America do Sul. No Brasil um rio grande no Norte e um rio grande no Sul, RN e RS. Como dito anteriormente, Natal é dividido comumente em dois lados, o lado da cidade e o lado da Zona Norte. E no lado da cidade, um dos lados é chamado de zona Sul. Pontes de concreto dividem e separam uma situação abstrata. Enquanto que o estado do RN é dividido popularmente entre Natal e interior.

Descobertos e descobridores. Funcionava naquele momento do descobrimento um padrão admitido pelas duas partes conquistadoras, como um acordo de cavalheiros: navegar e descobrir; desembarcar e ocupar, escravizar e explorar. E talvez ainda funcione por um bom tempo, entre aqueles que dominam e aqueles que são dominados. Norte e Sul, Leste e Oeste. Desenvolvidos e subdesenvolvidos. Portugal e Espanha, EUA e URSS. Partido de direita, e partido de esquerda, posição e oposição; inimigos e aliados. Duvidas sobre os destinos acontecem entre o céu e a terra.

As incertezas de hoje não permitem uma previsão, de novas divisões, e separações, as duas partes ainda não estão bem definidas. Mas já foi definida anteriormente, em outros momentos históricos. Definida na época dos descobrimentos, e nas épocas de Guerras Mundiais, quando foram envolvidos países orientais e ocidentais, do hemisfério Norte e do hemisfério Sul. Com tropas aliadas e tropas inimigas, disputando em uma linha de tiro.

O crepúsculo e o amanhecer se confundem na noite e no dia, ainda é preciso que as coisas tomem forma, e definam-se os lados. No princípio era o caos, e Deus criou o céu e a terra; a terra era sem forma e vazia; era preciso que houvesse luz (Genesis), para separar as terras das águas e os dias das noites. Era preciso dividir em duas partes no tempo (dia e noite) e no espaço (terras e mares). Deus observou o antes e o depois, e viu que era bom. Ai foi possível dar nomes as terras e aos oceanos.

Algo que é único, unitário, primeiro divide-se em duas partes, divide-se em dois para depois chegarem outros que almejaram uma das partes que coube a um dos lados, podendo brigar com atitudes bélicas por novas participações e ocupações; ou pacificamente e amigavelmente desfrutar de uma participação. No início era o caos. Deus separou as águas das terras, definiu o dia e a noite; para depois o homem definir as horas, e os hemisférios, latitudes e longitudes. Depois vieram os minutos e os segundos referentes as horas e posicionamentos geográficos. Passo a passo as coisas se repetem com o homem, repetindo tudo o que Deus fez. Separando e dividindo, como uma visão cartesiana a partir de Descartes com uma cruz, definindo no gráfico, lados positivos e negativos, acima e abaixo, a direita e a esquerda da origem.

E assim relata a história que foi escrita pelos descobridores. Do ponto de vista de nascimento ou descobrimento. Brasil e América foram descobertos ou nasceram em uma mesma época. As influencias da dominação e da colonização é que tiveram maior importância para uma maturidade de um novo país. Talvez tenha sido mais fácil fazer viagens entre Europa e America, do que Entre Europa e Brasil. As viagens entre Europa e America ocorriam (ocorrem) no mesmo hemis-

fério, ao passo que viagens entre Europa e Brasil é necessário mudar de hemisfério, encontrando dificuldades de orientação e navegação, com ventos e correntes marítima diferentes. Os hemisférios têm circulação e predominâncias de ventos diferentes, tal como as correntes marítimas. Navegadores devem ter avistado no céu uma cruz (Cruzeiro do Sul) e seguiram um sinal no céu.

E do ponto de vista do que acontece hoje ficamos como tal um filho caçula da Europa, um filho que merece cuidado e deve obedecer a ordens. Ficamos classificados como o mundo subdesenvolvido diante o mundo desenvolvido, o terceiro mundo diante do primeiro mundo. A eterna posição do país em desenvolvimento.

A Europa que se considerava única tinha o mar como algo medonho e perigoso, um caos indecifrável. Dividiram o mundo por uma linha imaginaria e distante da Europa. Dividiram o mundo entre Portugal e Espanha. E um Novo Mundo foi descoberto a partir de disputas oceânicas, com navegações e ocupações. Inicialmente uma disputa não bélica entre duas partes, Portugal e Espanha. Para depois chegar França, Holanda e Inglaterra, disputando e participando do que foi descoberto. Influenciaram e incentivaram portugueses e espanhóis para adentrar em mares nunca navegados. Os novos países criaram novos navegadores: divididos entre piratas e corsários, com objetivos de pilhagens e saques. Navegavam em nome de grupos constituídos e reconhecidos, em nome de grupos não constituídos e não reconhecidos, com as mesmas atitudes bélicas e de pirataria.

Final

A construção do ***Homo natalensis*** não termina aqui. A cada manhã surge um novo homem em Natal, com novas ideias e novas perspectivas de mudanças. A cada dia novas pessoas chegam e saem à cidade, trazendo e levando, deixando e retirando ideias que provocam mudanças nos acontecimentos; mudanças culturais e comportamentais. A cada instante chegam novas mensagens pelos aparelhos de comunicação informando acontecimentos na casa do outro lado da rua, ou do outro lado do mundo.

Natal é uma cidade de ventos e ideias inconstantes, com iluminações variáveis no decorrer do dia, e no vai e vem das nuvens. Assim como ventos e correntes marítimas mudaram os rumos das caravelas, novos ventos e novas correntes vão mudando os rumos da informação e do conhecimento, daqueles que estão assentados na esquina de um continente, na cidade que lembra o renascimento, o resurgimento de pessoas e de ideias, a cidade de natal.

Roberto Cardoso
Desenvolvedor de Komunikologia
Sócio Efetivo do
IHGRN – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e
INRG – Instituto Norte-Rio-Grandense de Genealogia.

Entre Natal/RN e Parnamirim/RN 14-12-14

EM BUSCA DA VERDADE HISTÓRICA

Tomislav R. Femenick
Sócio Efetivo

Teorias sobre a verdade

Todo o esforço empregado pela historiografia, como ciência, e pelo historiador, como cientista, tem como horizonte a busca da verdade histórica. Aqui nos deparamos com um problema maior: *o que é a verdade*, como defini-la e como encontrá-la? Para se dedicar ao estudo da verdade o cientista historiador tem que enveredar pelos caminhos de outra disciplina que sempre esteve intrinsecamente ligada à história; tem que se debruçar sobre os *conceitos filosóficos de verdade*, que são múltiplos e às vezes contradissestes; contestadores entre si. O problema torna-se mais complicado quando se sabe que cada um desses conceitos exige da historiografia um tratamento diferente da verdade.

Essa adjetivação da verdade cria um procedimento coadjuvante para a sua investigação. Isso porque os conceitos sobre a verdade (como correspondência aos atos e fatos ou como coerência lógica) têm origem nas definições filosóficas da verdade, cabendo à historiografia tomar partido por essas ou aquelas definições, escolhendo procedimentos que ofereçam os melhores caminhos para a convicção da verdade. Daí porque a verdade objetivada por algumas correntes filosóficas como sendo única, eterna e irrefutável não existe mais. Essa concepção sincrética ou eterna (*philosophia perenis)* da filosofia feneceu por volta do século XVII, quando da ruptura entre a filosofia e a ciência.

A relatividade da verdade

Segundo Donald Davidson, filósofo norte-americano da última metade do século XX, a *"verdade é uma locução que só depende de duas coisas: do que as palavras significam e de como o mundo está ordenado. Não há nada mais relativo do que isso, em um esquema conceptual, em uma maneira de ver as coisas, numa perspectiva"* (DAVIDSON, 1986). Sendo assim, a verdade não poderia ser encontrada e muito menos enquadrada em uma fórmula. A verdade verdadeira, a *verdade real*, seria uma "noção primitiva". Em determinadas circunstâncias, poderiam perfeitamente ser aceitas noções múltiplas de verdade. Mesmo assim, o historiador necessita buscar a verdade histórica. Para isso ele deve submeter os elementos históricos ao crivo dos vários conceitos de verdade. Estudemos alguns desses conceitos.

Davidson estudou a verdade usando a sua teoria dos significados, ou seja, usando uma estrutura básica do significado formal. Sua teoria semântica é baseada na lógica formal, com um modelo de condicionantes da verdade e empregando paradigmas da linguista, para conseguir uma melhor evidência de resultados.

A verdade adequada

Outro conceito é aquele que busca fazer a *adequação da coisa e da ideia (adequatio res et intellectu)*, encontrado no pensamento de Aristóteles (ARISTÓTELES, 1973) e de São Tomás de Aquino (AQUINO, 1973). Embora seja das mais antigas, essa visão da verdade é uma das mais falhas e sua falha maior está em apresentar uma adequação perfeita entre o fato e o elemento de sua comprovação. É a "certeza" não científica da verdade que acaba por induzir certos autores a fazer a adequação dos acontecimentos à "sua certeza da verdade", muitas vezes nascidas de perspectivas nada científicas, tais como a fé e o patriotismo. Ai, então, cria-se mitos e não relatos verdadeiros.

Uma dos maiores mitos da história nacional seria verdade, se fosse usado somente esse método para sua comprovação. Trata-se da versão recorrente da colonização nórdica em terras brasileiras, em épocas pré-coloniais (MAHIEU, 1976). Há inscrições líticas, relatos e documentos sobre o fato, porém todos insuficientes para fazer com que o mito ultrapasse esse estágio e se transforme em fato.

A verdade contratada

Outra versão da verdade parte da concepção *contratualista* – segundo a qual a forma de proceder das pessoas e da sociedade seria estabelecida mediante "contrato" entre os cidadãos, ou entre eles e os seus governantes – doutrina filosófica que toma por base os conceitos de Jean Jacques Rousseau (ROUSSEAU, 1973). Por ela, a verdade seria sempre encontrada pelo levantamento das evidências das relações da sociedade, da qual a verdade seria uma espécie de codificação. Ela estaria estratificada em todos os atos sociais e todos os movimentos históricos iriam nessa direção. Essa compreensão tem por fundamento uma postura que aceita uma consciência coletiva subjacente, que não se manifesta, que está oculta ou subentendida, mas que é determinante aos atos, fatos e comportamento dos atores, da prática e da evolução da história.

Para que isso fosse possível, esse inconsciente coletivo (a parte do inconsciente individual que procede de experiências, passadas de gerações a gerações e formam um patrimônio cultural, a ponto de caracterizar certos arquétipos), teria que funcionar como uma propositura quase cartesiana ou kantiana. Ora, a filosofia de Descartes está estruturada sobre a capacidade cognitiva da razão e, por extensão dos atos praticados pelos indivíduos (DESCARTES, 1973), conceito inadequado à compreensão da realidade do comportamento social. Por sua vez, Kant propõe que as sociedades juridicamente estruturadas só subsistem quando seus cidadãos *aceitam o sistema*, e não simplesmente a ele aderem em virtude da coerção (KANT, 1974). Ainda há que se levar em conta o seu conceito de verdade. Para Kant[1] a verdade nada mais é do que *"a concordância do conhecimento com o seu objeto"*.

Vistos por esse anglo, tomos que os movimentos sociais seriam uma ruptura do "contrato social". Mas como justificar as insurreições nascidas nos intestinos do próprio aparato governamental? Como explicar as lutas internas e externas

que buscam simplesmente o poder? Seria fácil explicar a Inconfidência Mineira, a Inconfidência Baiana, Revolução Republicana de Pernambuco, de 1817, e muitos outros movimentos. Mas como explicar o levante de Jacareacanga, de 1956? Ou, ainda, a doença de Café Filho que o afastou da presidência da República e o seu súbito restabelecimento na tentativa de reassumir o cargo?

A verdade marxista

Já o marxismo tem uma prática da verdade que lhe é bem peculiar. Não podemos afirmar, sem cair no erro, que técnicas de pesquisas, análise comparativa, formulações de estatística e métodos de comprovação da verdade tenham sido objetos das preocupações de Marx ou que tenham sido determinantes para o seu pensar histórico. Essas, e outras ferramentas da construção das certezas científicas que existem em suas teorias, são surgências espontâneas. Excluí-se dessa generalização apenas a metodologia dialética de Hegel, mesmo assim alterada pela visão do materialismo científico. Se não toda, porem a parte fundamental da sua obra esta assentada nesse instrumental, fato que naturalmente se estende às bases científicas de análise e interpretação da história. O grande feito de Marx no campo da historiografia foi a descaracterização dos discursos utópicos, dando-lhes uma roupagem ideológica, por ele intitulada de científica.

Sua única cessão empírica foi na formulação do paradigma do homem como força consciente de trabalho, do homem como sujeito e da consciência do sujeito, elevado a condição de categoria e considerado essencial ao processo de conhecimento histórico. Entretanto, há que se levar em conta a relutância do próprio Marx em enfatizar o determinismo histórico (tese que posteriormente veio a ser desposada por Stalin) e que Engels se referia a um fator econômico (não bastante claro) que influenciaria na consciência do trabalhador direto. Podemos concluir que a dialética marxista, o materialismo histórico, é muito mais uma *metafísica da história* do que *ciência da história*; muita mais sutileza ou transcendência do discorrer dos elementos históricos, que um corpo de conhecimentos racionais que tem como objetivo determinar regras fundamentais do pensamento que nos dê o conhecimento da verdade histórica.

Por outro lado, a base de pensamento marxista é o estruturalismo, sistema que se baseiam no pressuposto de que a análise das estruturas sociais e econômicas é tão ou mais importante do que a interpretação direta dos fenômenos empíricos. Segundo essa linha de pensamento, as estruturas objetivas da sociedade criariam um sistema abstrato de relações, sistema esse que forma um todo histórico, ou, sendo mais claro, forma todo o processo histórico. Então, a *verdade* estaria numa posição exterior aos indivíduos e acima da vontade dos atores da história. Marx foi enfático quando a categoria do *ser social*, ao dizer que "não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência". Por sua vez, Engels adjetiva a verdade, dizendo que ela suportaria assumir qualidades de absoluta ou relativa, mas que esta última seria mais conclusiva (MARX, 1983; ENGELS, s.d).

Baseados nessa concepção de verdade e nesse *ser social* por eles conjeturado, é que Marx e Engels anteviram a revolução proletária e comunista. Essa ascensão aconteceria em países onde a o modo de produção capitalista fosse mais desenvolvido, o que ensejaria a formação de uma classe operária numerosa, fato que levariam esses indivíduos a lutar contra a "mais valia", luta que os levaria ao poder. Entretanto isso não aconteceu. As revoluções comunistas aconteceram em países atrasados, predominantemente agrícolas. A Rússia de 1817, a China de 1949 e Cuba de 1959, a Coréia do Norte e o Vietnam, países nos quais o Partido Comunista chegou ao poder por meio de luta e revoltas internas, tinham estruturas economias predominantemente voltadas para o setor primário. Nas chamadas "repúblicas democráticas" do Leste Europeu os comunistas foram levados ao governo pelo exército vermelho. Note-se que nesses governos, que tinham por base a filosofia da "ditadura do proletariado", quem realmente chegou ao poder foi o estamento burocrático do partido e não a classe operária. Então Engels tinha razão. A verdade marxista não é absoluta, ela é relativa – e mesmo essa relativização é mutável.

No século XX, alguns filósofos marxistas tentaram ir mais além do que os seus mestres. Michel Foucault, embora em certa época tenha dito que *"todos aqueles que dizem que* [...] *a verdade não existe são ingênuos"*, concebeu que o *ser* e a *verdade* estariam sofrendo um processo de deterioração como categorias filosóficas. Para ele a verdade só existe em forma de proposta, cujos efeitos produzem os elementos cognitivos que servem de base para outras propostas de outras verdades. Nesse cenário, o individuo seria obnubilado, obscurecido pelos efeitos da verdade, pois Foucault estabelece um paralelo entre as estruturas de produção da sociedade e as relações sociais nela existentes (mais precisamente as práticas judiciárias), quando estas últimas se amoldam às formas de produção, circulação, e distribuição dos bens. Para o autor, a verdade nada mais é do que o fruto das relações entre o *poder* e o *saber*. O seu texto (FOUCAULT, 1995) é claro:]

Para que existam as relações de produção que caracterizam as sociedades capitalistas, é preciso haver, além de um certo número de determinações econômicas, estas ***relações de poder*** *e estas formas de* ***funcionamento de saber****. Poder e saber encontram-se firmemente enraizados; eles não se superpõem às relações de produção, mas se encontram enraizados profundamente naquilo que as constitui.*

Na mesma obra Foucault vai mais longe ainda, quando afirma que:

Aqueles que querem estabelecer uma relação entre o que é conhecido e as formas políticas, sociais ou econômicas que servem de contexto a esse conhecimento procuram estabelecer essa relação por intermédio da consciência ou do sujeito de conhecimento. Parece-me que a verdadeira junção entre processos econômicos-políticos e conflitos de saber poderá ser encontrada nessas formas que são ao mesmo tempo modalidades de exercício de poder e modalidades de aquisição e transmissão do saber.

Mude-se a expressão saber, por verdade e temos a interligação poder e verdade.

O que se conclui do pensamento do filósofo francês é que ele propõe que há mais do que simples exterioridade entre a verdade e o poder; verdade e o poder que têm origens comuns. Embora não postule uma só identidade para eles, postula que há um sistema de remissão mutua, que os torna umbilicalmente ligados e inseparáveis entre si (FOUCAULT, 1989).

Adotando-se essa postura, vai-se de encontro à uma filosófica que segue uma espécie peculiar de atributos do historicismo, doutrina que realiza seus estudos sob o ponto de vista da origem e do desenvolvimento dos elementos analisados, tendo como foco às condições concretas que proporcionaram esses eventos e uma postura quase positivista.

A contradição do pensamento de Foucault com os de outros filósofos está na análise dos métodos usados para se buscar a verdade. Enquanto alguns filósofos dizem que, uma vez provada a consistência sistêmica do objeto estudado estaria, *ipso facto*, estabelecida a própria verdade desse elemento, Foucault afirma que a *verdade em si* **não existe, pois que o caráter esse verdadeiro que lhe é atribuído é apenas resultado de uma prática histórica, incapaz de comprovar o verdadeiro e o falso. Vai mais longe ao afirmar que não há uma** "revelação metafísica da verdade em si". A prova sistêmica seria apenas o produto de um ou mais procedimentos acadêmicos. A "verdade" de hoje pode ser diferente da verdade de ontem ou de amanhã, dependendo apenas dos procedimentos de verificação usados para testá-la.

O teste da verdade afirmada

As ideias de Foucault são perfeitamente aplicáveis à velha arenga sobre a descoberta da América. Se considerarmos essa parte do mundo apenas como região geográfica e considerarmos o "estado da arte" da antropologia social, o seu descobrimento deu-se pelos povos que primeiro povoaram esse espaço. Dessa forma a verdade sobre os descobridores reconheceria como tal os asiáticos, polinésios, africanos ou quem quer que tenha dado origem aos chamados povos americanos nativos. Alguns desses grupos se desenvolveram e até criaram civilizações sofisticadas como os Maias, Incas e Astecas, porém essas foram sociedades estanques, sem comunicação com o resto do mundo. O "descobrir" da América não tem somente o sentido de encontrar. Seu significado maior está em dar a conhecer, revelar, identificar. É com esse enfoque que se deve garimpar na arqueologia cronológica do descobrimento.

Muitos reivindicam a primazia de terem, se não descoberto, pelo menos chegado à América antes dos ibéricos. Não pelo Atlântico, porém pelo Pacífico, os chineses poderiam ter por aqui aportado, muito embora tivessem que vencer os obstáculos das correntes marítimas desfavoráveis e as longas distâncias a serem singradas. A verdade apresentada é um escrito do século V, onde se descreve uma viagem que um monge budista realizou a uma terra com arvores desconhecidas da China, onde havia cavalos e carros. Como na América pré-colombiana não havia cavalos e a roda era desconhecida (GAIBROIS, 1946), essa é uma prova desqualificada.

Africanos também podem ter acostado no Novo Mundo antes das navegações espanholas e portuguesas. As verdades são muitas, inclusive as grandes estátuas de pedra dos Maias e estatuetas de barro cosido recolhidas de regiões do México, que têm feições típicas da raça negra. Alguns escritos de autores árabes apresentam verdades diferentes, porém menos sólidas. Abubákar, dirigente muçulmano

do reino africano de Mali (cuja capital ficava a milhares de quilômetros da costa atlântica), teria enviado uma frota para explorar o Atlântico, a Grande Água, objeto de curiosidade desde os mais antigos tempos (KI-ZERBO, 1980; HART, 1984,), para investigar a existência de terras atrás do horizonte. Por volta de 1300, o sultão de Guiné, Mohamed Goa, teria efetuado uma outra expedição à América (MELLAFE, 1984).

Verdade de outro quilate comprova a presença na América de Leif Ericsson, um viking que aqui fundou uma vila na ponta nordeste do que é hoje a Terra Nova, no Canadá, a Vinlândia. A presença dos nórdicos perdurou até 1020 e foi somente um ato de coragem, uma longa viagem por mares desconhecidos, que nada modificou da compreensão do mundo para eles e para ninguém e não resultou em nenhuma consequência histórica. *"O mais extraordinário não foi que os Vinkings tenham realmente chegado* à América, *mas sim que lá tenham chegado, e até nela se tenham fixado durante algum tempo, sem 'descobrirem' a América"* (BOORSTIN, 1989; LAMARCA, 1910/1913; GAIBROIS, 1946; CÉSPEDES, 1985). Não há a menor dúvida quanto à verdade da presença viking no continente, como provam os escritos rúnicos feitos em pedra, em Kensigton, no Estado norte-americano de Minnesota, espadas típicas em outros lugares da no norte do continente (PADRON, 1981) e o sítio arqueológico de L'Anse aux Meadows, também no Canadá. Entretanto, a verdade sobre o chamado Mapa de Vinlândia, pertencente à Universidade de Yale, tido como uma prova cabal de que os exploradores nórdicos traçaram mapas do continente, muitos anos antes das grandes viagens ibéricas, é, segundo tudo indica, falsa. Análises realizadas pelo Dr. Douglas McNaughton, físico do Smithsonian Institute, evidenciou que somente o pergaminho, sobre o qual foi desenhado o mapa, data do século XV e que ele nada mais é do que uma cópia pouco alterada de outros mapas do século XVI, numa falsificação realizada no início do século XX (WILFORD, John Noble, do *The New York Times*)[191]. Prova de que viquingues mapearam a América é falsa, conclui físico.

Como demonstrado, as teorias de Foucault têm muito do transcendentalismo de Immanuel Kant e seus seguidores, ao postular que se estrutura das investigações tomam formas e conceitos apriorísticos da consciência humana.

De volta à verdade marxista

Já para Louis Althusser (1918-1990) a basca da verdade não teria sentido. Para ele *a ciência é a verdade* e *a ciência é o marxismo*. Vista a priori, essa maneira da ver a problemática filosófica da busca da verdade parece ser um modo simplista (ou escapismo) que não deveria ser levado a sério. Entretanto, a argumentação do filósofo franco-argelino tem por base o materialismo histórico, método marxista de investigação que condiciona todo o processo da vida social, política e espiritual ao modo de produção material e, assim, também condiciona a verdade ao resultado das análises objetiva das estruturas da sociedade.

191 O Estado de S. Paulo, 04 mar. 2000. Caderno A, p. 10.

Ao se aprofundar nas questões axiomáticas do marxismo, ele se torna mais rigoroso e considera que o contraponto da verdade real não é a ciência, mas a ideologia, isso porque a ideologia nada mais seria do que uma representação imaginária que os indivíduos fazem de suas condições de existência.

Althusser argumenta que, enquanto nas ciências a verdade não pode ser falseada, porque ai não se assimila nem erros nem enganos, nas ideologias, geradas por ilusões e quimeras, a verdade e a não verdade não jogam nenhum papel, uma vez que a *função prática* das ideologias não é gerar certezas, mas *efeitos de verdade*. Nas ideologias, os homens não expressam sua relação *real* com o mundo, mas somente a *vontade* de se relacionar com o mundo de uma maneira determinada (ALTHUSSER, 1980). As ideologias são, em última instancia, vontade de poder.

Há verdades e inverdades nas teorias de Althusser. Tomemos a história corrente, a revolução e o atual governo cubano, como exemplos. A sua propositura de que a verdade é a ciência e a ciência é o marxismo, cai por terra se aplicada à algumas posturas do governo de Fidel Castro. Em Cuba existe um conceito marxista de produção estouvado, quase ingênuo, que consiste quanto ao uso intensivo do capital variável (mão de obra), com grande disponibilidade na ilha, em detrimento do capital constante (bens materiais de produção), que lá é bastante escasso. Essa "verdade científica" é, na realidade, uma inverdade prática, pois tem causado uma redução na produção e na produtividade da indústria açucareira. Entre as safras de 1995/1996 e 2002/2002, não obstante o aumento do número dos trabalhadores houve uma tendência constante de queda na colheita de cana e na produção de açúcar, inclusive com a redução do valor agregado, isto é, do rendimento da matéria-prima básica. Enquanto no primeiro período foram colhidas 41.300 milhões de toneladas de cana e produzidas 4.446 toneladas de açúcar, no segundo período foram colhidas 35.000 toneladas de cana e produzidas 3.600 toneladas de açúcar, observando-se uma queda no rendimento, que baixou de 10,80 para 10,29 (CORDOVI, www.nodo50.org).

Talvez essa inverdade evidenciada encontre explicação em uma das contradições do próprio Althusser, a chamada "contradição cientificante". Ao mesmo tempo em que afirma que "*ciência é a verdade* e *a ciência é o marxismo*" – não nos esquecemos que o marxismo é uma ciência impregnada de idealismo – ele também diz que:

A ciência não pode ser classifica na categoria de 'superestrutura', assim como a língua [...]. *Fazer da ciência uma superestrutura é julgá-la como uma dessas ideologias orgânicas* [...]. *O idealismo reflete ideologicamente a temporalidade própria da ciência, seu ritmo de desenvolvimento, seu tipo de continuidade e de mensuração, que parecem fazê-la escapar às vicissitudes da história política e econômica, sob forma de ahistoricidade e intemporalidade: ele hipostasia assim um fenômeno real, que precisa de todas as demais categorias para ser pensado, mas que 'deve ser pensado', distinguindo a historia relativamente autônoma e própria do conhecimento científico das demais modalidades da existência histórica (a das superestruturas ideológicas, jurídico-políticas e da estrutura econômica)* – (ALTHUSSER, 1980).

Entretanto a sua afirmativa de que as ideologias são vontade de poder, nada poderia ser mais verdadeiro, em se tratando da Cuba de Fidel Castro. É a ideologia (e suas contorções da verdade) que o mantém no poder.

A desconstrução da verdade

Junto com Foucault e Althusser, outros franceses tiveram grande influencia na formação do pensamento científico dos anos sessenta e setenta: Derrida, Barthes, Deleuze e Lacan – todos preocupados com a evidência da verdade, cada um em seu respectivo campo mas que, de uma forma ou de outra, por via direta ou travessa, influenciaram na forma de se conceber e escrever a história. Por isso há que se enveredar pelo estudo de suas formulações de pensamento científico.

Além das correntes que procuravam expressar a verdade em si, houve pensadores que se prepuseram criar métodos para ***desconstruir as verdades estabelecidas***. Seu expoente foi Jacques Derrida (1930-2004), francês nascido na Argélia Professor da Sordone, em 1966 aproximou-se dos do meio acadêmico dos Estados Unidos, aonde chegou a ensinar nas universidades John Hopkins, Yale e Harvard, nos Estados Unidos. Criou o conceito "desconstrução" que, de certa forma, revolucionou o pensamento ocidental. Em seus vários livros, estabeleceu um diálogo com a metafísica e propôs um sistema que denominou de "desconstrução", uma forma crítica em relação aos significados da palavra, uma forma de desconstruir os sistemas de estruturação do pensamento filosófico e metodológico. Em outras palavras: o seu sistema consistia em analisar as ideias, valores e instituições através da compreensão do texto e dos mecanismos e elementos que lhe dão consistência racional e epistemológica. Tudo isso com vista a compreensão da conduta social e, por decorrência, do comportamento histórico.

A sua proposta vai além de uma hermenêutica radical, com uma interpretação de escritos ligada essencialmente às palavras, ele desenvolveu uma filosofia da linguagem em resposta aos desafios do existencialismo, da fenomenologia, do marxismo, do estruturalismo e do pós-estruturalismo, dominantes nos anos sessenta. Se ela comportava a valorização do texto em si, simultaneamente atribuía importância ao método da desestrutução dos valores e das "verdades" vinculados a ele, de forma a evidenciar os conteúdos polissêmicos (que têm mais de um significado) do processo "significacional", isso partindo da concepção de que as análises de todas as teorias devem conter fundamentos e concepções pluralistas. A sua contribuição foi de grande importância para o aprofundamento da teoria da linguagem, metafísica, teoria literária, ética, filosofia política, estética e teoria literária, psicanálise e história do pensamento ocidental (DERRIDA, 2007).

Roland Barthes (1915-1980) foi um ensaísta e crítico literário francês, que criou o que podemos chamar de ***estruturalismo da contestação***. Seus estudos atribuíram significações aos elementos rituais, protocolos, sistemas de parentesco, mitos, imagens, gestos, sons melódicos etc., isto é, os fatos da vida social, numa interpretação singular da semiologia. Sua proposta era que o estudo desses signos não deveria se limitava à linguagem verbal, mas se estendia a qualquer outro âmbito da realidade objetiva. Nas suas obras analisou os símbolos e atitudes da

burguesia, os códigos que regem o universo dos modismos e procurou dar novo sentido à análise literária, tirando-a do campo simplório dos exames da história dos estilos e transformando-a em ciência da evidência dos "signos da literatura".

O seu pensamento central era a contestação da doxa (pensamento em voga) reinante, do sistema ou conjunto de juízos que a sociedade possui em um determinado momento histórico, das verdades tidas como óbvias, das evidências aceitas como naturais, mas que nada mais são que simples verdades possíveis ou até possíveis crenças e mitos a serem comprovados ou superados pelo verdadeiro conhecimento científico. Todo isso vinha envolto com a ideia do "saber com sabor", a noção de "efeito de real" (designação por ele dada aos limites do realismo em literatura) e o conceito de que a literatura era uma "revolução permanente da linguagem" (BARTHES, 2007).

Gilles Deleuze (1925-1995) foi um filósofo francês vinculado ao denominado movimento ***pós-estruturalista***, que se dedicou a desarticular os conceitos básicos da cultura moderna e definiu a filosofia como atividade de criação de conceitos. Suas teorias acerca da diferença e da singularidade envolviam temas como o rizoma metafórico (base ou fundamento lógico que legitima ou autoriza um conceito), a ontologia da experiência (entendida como o estudo das propriedades mais gerais do ser), a teoria do comportamento social, a essência do natural e a verdade aceita em tempo presente. Atualizou ideias como as de *devir*, tratando-o como um fluxo permanente, um movimento ininterrupto e atuante, uma lei que dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes. Reviu o conceito do que sejam os *acontecimentos*, tratando-os não só como ocorrência mais também surgências que contam com o concurso de circunstâncias e da ocasião. Tratou a singularidade como não sendo um polo e, concomitantemente, como um ponto que tem pelo menos um conceito que o envolve.

Sua filosofia é uma "filosofia do acontecimento" e da multiplicidade, sem implicações do sujeito ou da consciência, adotando o conceito da interação entre o virtual e atual, fazendo a processabilidade da formação. É constituída por três instâncias correlacionadas entre si: a) a imanência, ou seja, a experiência que age na captação da realidade através dos sentidos e dos conceitos ou de princípios cognitivos, referentes à dimensão concreta e empírica da realidade; b) os personagens filosóficos que ela precisa inventar, e c) os conceitos que deve criar, porém esses conceitos só são válidos quando verdadeiros e que representem uma verdade regida por interesses e importância. Ao rejeitar o recurso às mediações, ele torna-se essencialmente antidialético (DELEUZE, 2007).

Outro ***estruturalista do pós-modernismo*** foi o filósofo e psicanalista francês, Jacques Lacan (1901-1981) realizou uma interpretação da obra de Freud que foi além do campo da psicanálise e o que em um âmbito cultural mais amplo. Profundo estudioso do pensamento de Sigmund, realizou uma obra multipolar: a) promoveu o resgate dos fundamentos psicanalíticos, valorizando o conceito de inconsciente; b) inovou na crítica às vertentes da psicanálise que tinham como tema central a discussão sobre o imaginário, e c) ao pesquisar a linguagem concluiu que ela é uma "externação" do inconsciente, que só existe nos seres falante.

Ao retomar a crítica dos conceitos de Ferdinand de Saussure (1957-1913) do "significante" (para quem a palavra é uma imagem acústica da impressão psíquica do seu som) e "significado" (a face do signo linguístico que corresponde a um conceito ou a um conteúdo), Lacan optou pela autonomia do significante, afirmando que ele preexiste ao sujeito e sobrevive a ele, traçando seu destino, sem lhe permitir qualquer relação com a verdade natural, pois a verdade teria a mesma estrutura da ficção, isso é, a verdade estaria sempre oculta pela repressão da realidade social.

Para Lacan a questão da verdade tem que ser contextualizada. Ela estaria limitada pela impossibilidade do real e de suas consequências. No ensaio "A ciência e a verdade", contido no livro *Escritos*, ele se refere a uma correlação da verdade com o saber, dando à verdade uma conotação metafórica e sintomática, ao passo que o saber seria uma conclusão da fantasia. Lacan tomou a verdade como uma categoria de sentido lógico e apontou a psicanálise como ciência como sendo o caminho de uma lógica do significante, tendo a verdade como causa, porém não uma causa modal ou formal (LACAN, 1998).

A verdade existencialista

Não há como falar dos pensadores franceses dos anos sessenta e setenta sem abordar o existencialismo nas suas várias manifestações e, especialmente, aquele que mais se destacou nessa corrente filosófica, se não pela estrutura de sua forma de pensar, mas pela importância pessoal do pensador, Jean-Paul Sartre (1905-1980). O existencialismo é identificado como sendo um conjunto de teorias desenvolvidas no decorrer do século passado, numa Europa que vivia um ambiente de conflitos racionais e mesmo bélicos, um contexto de interesses divergentes que ameaçava a individualidade e a realidade concreta, onde o homem se sentia ameaçado em sua personalidade como ser. O caminho seguido por alguns foi a fuga para o abstrato, a introspecção. Outros procuraram racionalizar sobre o irracional – naquela época nada mais irracional que o homem canibalizando o próprio homem, espiritual e fisicamente. Talvez por esse lado se explique o porquê essas doutrinas se voltaram para o estudo do isolamento e da solidão do indivíduo enquanto *ser*, pois consideram impossível encontrar a verdade na vida real, considerada como uma expressão da subjetividade.

O traço comum era tratarem a verdade como algo plausível, admissível, porém não absoluto, incontestável, vez que seria apenas uma categoria em perpétua mutação, ampliando-se, contraindo-se, misturando-se com outras verdades, dividindo-se em verdades convergentes ou opostas, de acordo com a concepção da existência de cada individuo. A natureza da ontologia da verdade não contemplaria e nem seria inerente a todas as verdades. Pelo contrario, cada uma possuiria a sua própria ontologia, abrangente o tanto quanto fosse necessário às suas múltiplas facetas. Embora divergindo entre si em vários pontos, os existencialistas tinham uma ideia como denominador comum: "é a estado da existência do homem como ser que define sua essência; e não a essência ou natureza humana que determina a sua existência". Há que e destacar que a problemática da verdade no

mais das vezes está apenas subentendida, vez que é tratada de forma subjacente e só é trazida à luz como coadjuvante de outras questões, essas sim objetos das análises e dos questionamentos dos pesquisadores. Há exceções, é claro.

As primeiras formulações do existencialismo remontam ao meado do século XIX e foram desenvolvidas por Søren Kierkegaard (1813-1855). As suas ideias tinham um caráter cristão, místico, religioso; opondo-se às propostas filosóficas abstratas e sistematizadas, especialmente as formulações de Hegel, no que ele tratava sobre o espírito e a religião (HEGEL, 1987; MENESES, 1992) e o seu conceito sobre a liberdade ser uma exteriorização da consciência da necessidade. Esse filósofo dinamarquês analisou a existência em termos de possibilidade, pois essa, a existência, seria a projeção de um porvir, futuro que teria por bases os elementos capazes de o constituírem (KIERKEGAARD, 1974). Essa sua formulação colocava a verdade como uma categoria a ser usada para a edificação do futuro, um *devenir*, um elemento em transformação e constante, se amoldando, se dissolvendo, criando e desenvolvendo outras verdades. Essa vertente cristã do existencialismo (como mais tarde veio a ser chamada) teve seguimento com Gabriel Marcel e Karl Jaspers, o primeiro francês e o segundo alemão.

Gabriel-Honoré Marcel (1889-1973), que desenvolveu sua filosofia tendo por base a teologia da Igreja Católica, refutava as proposituras idealistas e racionalistas. Para ele a verdade era a existência empírica e os reflexos que a experiência do existir têm na interação do ser, de forma que a existência seria, para cada consciência, uma experiência única e de tal intensidade que faria com que o ser-individuo pudesse senti-la e defini-la sem possibilidade desvirtuá-la. Partindo dessa premissa, haveria uma separação lógica entre *enunciado* e *mistério* (a interpretação do enunciado); o primeiro presente ao ser e o último sendo o estado do ser, resultante do seu envolvimento, cuja presença nem sempre é consciente ao individuo. Dessa forma a verdade seria uma amalgama da realidade concreta com o estado de consciência de que a analisa. Outros temas recorrentes nos trabalhos de Gabriel Marcel foram *a consciência do outro* e *o destino social do homem* (MARCEL, 1955; CARMONA, 1970 e URABAYEN, s.d.).

Embora alemão, a obra de Karl Jaspers (1883-1969), outro existencialista cristão, teve grande repercussão entre os existencialistas franceses. Seus trabalhos têm como temática o atributo que o homem toma em relação à consciência de si mesmo, quando se depara com situações extremas; quando enfrenta problemas tais como: ter que lutar, encarara própria culta, vivenciar o sofrimento ou morte. Daí o porquê do *ser* só encontrar a verdade quando encontrar a si mesmo e isso somente seria possível através do outro. Assim o homem só encontraria a verdade e se tornaria livre quando isso fosse em parceria com o outro, quando o outro se libertasse. Jaspers criou a noção de *cifra* metafórica, fazendo dela uma categoria essencial da verdade e da liberdade humana. Ao contrario dos *signos*, que são fenômeno que representam algo distinto de si mesmo, a cifra seria a harmonia *entre-dois*. *"As cifras não são conhecimento de algo. Não são signos, os quais estão patentes quando se diz aquilo que as coisas designam. Nas cifras está presente aquilo que de nenhum outro modo se poderia fazer presente"* (JASPERS, 1984, e 1993).

Agora nos deparamos com os existencialistas não cristãos, que advogavam a total indeterminação e imprevisibilidade da existência, fato que evidenciaria a inexistência de Deus e, por extensão, da verdade absoluta. Os dois expoentes máximos dessa corrente foram Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre, o primeiro alemão e o segundo francês.

Martin Heidegger (1889-1976), alemão como Karl Jaspers, também com forte influência na formação do pensamento existencialista francês, fez uso dos postulados metafísicos tradicionais empregados na abordagem da *essência*, porém fazendo uma ruptura que transformou sua a própria natureza, com a sua sempre citada frase: *"porque há simplesmente o ser e não antes o nada?"* Ele entendia o *ser* e a verdade como sendo existências, porém concebidas sob a égide da temporalidade (estar-no-mundo) e de circunstâncias concretas. Paralelamente, contestou o excesso de tecnicismo usado pelos filósofos de então, a banalização das elaborações conceituais e o desprezo com que era tratada a individualidade, a unicidade da pessoa humana. Sua teoria assinalava que o homem seria a "existência lançada ao mundo, obrigada a construir sua própria essência". Seria, ainda, o único ser que possuiria a consciência de que constitui um "ser-para-a-morte" (HEIDEGGER, 1987; 1973). Heidegger perdeu muito de sua influência sobre os pensadores franceses a partir de 1933, quando se filiou ao Partido Nazista.

Para Heidegger *"a verdade é liberdade em sua essência"* e *"a essência da verdade se desvelou como liberdade"*, isto é, só há verdade se há liberdade e é esta quem descobre e revela a verdade (HEIDEGGER, 1987). Mais adiante ele analisa a verdade não como um elemento associado a outros elementos ou uma categoria da lógica. Vai em busca da verdade como uma inquirição filosófica pura, indagando-se sobre a *essência de verdade* na *essência da filosofia*, compondo quase que um tratado aletológico acerca da verdade filosófica.

Albert Camus (1913-1960) foi um dos pensadores mais representativo do existencialismo francês, mesmo que jamais tenha aderido a esse movimento e tenha rompido com o seu líder, Jean-Paul Sartre, atacando suas ideias marxistas, primeiro sutilmente na obra *Os justos*, e depois abertamente. Embora morte em 1960, seus escritos influenciaram toda a geração dos anos sessenta e setenta.

Autor de livros de ficção ou de ensaística – estas últimas obras analíticas sem um aprofundamento metodológico formal e conclusivo – seus concepções filosóficas estão, via de regra, imbricadas no comportamento dos seus personagens. No romance *O Estrangeiro,* de 1942, considerado o epítome, a síntese, do existencialismo, o personagem Mersault busca uma justificativa para a existência, porém não a encontra, o que o faz ser estranho (um estrangeiro) para si mesmo. Em *O Mito de Sísifo* Camus faz uma meditação sobre o suicídio, nele encontrando certa moral e um quê de heroísmo, desde que o suicida tenha lucidez e plena consciência da existência e de está praticando um ato que o leva a não-existência. No romance *O Homem Revoltado* Camus volta a fazer uma abordagem existencialista, quando aponta que só a revolta pode dar sentido à existência de uma vida pautada pelo sem sentido. Nesse longo ensaio em que analisou a ideologia revolucionária, contraditoriamente conclui que o individuo revoltoso, ao abraças a luta, nega a concepção de Deus.

Analisada em seu conjunto, a obra de Albert Camus mostra uma progressão que se inicia com reflexões sobre temas tais como o absurdo, o suicídio, a solidão e a morte, e vai, progressivamente, em direção à esperança e à solidariedade humana, soluções possíveis à problemática do absurdo (CAMUS, 1979, 1979, 1996, 1997 e 2002). Entrementes, em todos os escritos há quase que uma constante: a verdade é algo difuso, fugidio, discutível. Se a existência – assim como a razão e o próprio ser – é objeto de suscitação de dúvidas, a verdade, que poderia ser um elemento de confirmação da realidade, é também constantemente posta como uma categoria simplória, ilógica e que não se definiria se não pela contradição.

Nenhum pensador desposou o existencialismo como o escritor, dramaturgo e filósofo Jean-Paul Sartre. A sua revista *Les tempes modernes* (Os tempos modernos, fundada por ele Merleau-Ponty, Raymond Aran e Simone de Beauvoir, sua "mulher, porém não esposa") era a porta-voz do existencialismo francês, fazendo de Sartre um filósofo do mundo. Embora um intelectual de esquerda e participante ativo das passeatas de protesto, promovidas pelos estudantes de Paris nos anos sessenta, tinha no presidente de Gaulle defensor do seu direito de protestar, a ponto deste ter evitado a sua prisão, alegando que não se poderia "prender Voltaire", comparando Sartre ao grande pensador francês do século XVIII, cujas ideias se confundem com o espírito da França. Sartre viveu por muito tempo uma contradição. Como filósofo pregava a liberdade individual ao mesmo tempo em aproximava do Partido Comunista Francês, ao qual terminou por se filial, em 1952. Porém quatro anos depois, em 1956, rompeu com a agremiação, quando da invasão da Hungria pelo exército soviético.

As obras publicadas na década de trinta do século passado marcam o inicio da produção filosófica de Sartre. *A Transcendência do Ego*, *A imaginação*, *Esboço de uma teoria das emoções* e *O imaginário* são trabalhos formulados com base na fenomenológica desenvolvida por Husserl[3], embora o autor tenha feito reparos a essa metodologia. Em 1941, em plena Segunda Guerra Mundial, escreveu *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*, publicada dois anos depois, obra ainda inspirada sob a influencia de Husserl e Heidegger, e com uma abordagem conflitante com a metafísica tradicional que, no seu dizer, contrapõem o *ser* à aparência, essências à realidade e o que estaria subjacente à coisa à própria coisa percebida; fato que não aconteceria com o uso da ontologia fenomenológica, sistema que venceria a dualidade quando evidencia o *ser* como aquilo que se dá, sem recorrer a elementos extra-fenomenais.

Nesse volumoso ensaio, que é que é um marco do seu pensamento, o autor faz uma reflexão e desenvolve uma explicação total do mundo através de uma análise detalhada da sociedade humana como ela se manifesta e estudando o abstrato como ele se apresenta, concluindo que "o homem está condenado a ser livre", nem que seja apelando para especulações utópicas e inacessíveis, mesmo que isso signifique insucesso. Para isso, Sartre teve que recorrer a um sistema que explicaria a existência de dois tipos de *ser*: o "ser-para-si" e o "ser-em-si", a consciência e o fenômeno, respectivamente. Sendo o "ser-em-si" inerte, seria o "ser-para-si" aquele que propagaria as ações, e para isso há que existir liberdade de ação, o que tornaria a liberdade a base da existência humana (SARTRE, 1973, 1979 e 2002).

Atuando em diversas áreas da cultura literária, Sartre sempre usou os personagens e situações de suas obras de ficção para exteriorizar a sua filosofia, o existencialismo. No conto *O Muro* (SARTRE, 1966), o personagem Pablo Ibietta vivencia momentos de absurdo, causados pela guerra civil espanhola e que resultaram em conflitos individuais. Primeiro quando necessita afirmar sua liberdade, depois quando necessita pôr à prova a coragem, a fidelidade e o sangue-frio. Em todo o desenrolar da história há uma relação interpolar do "ser-para-si" para o "ser-em-si".

Outra obra, *A idade da razão* (SARTRE, 1979), é um romance em que a história e a política se refletem no comportamento de quatro personagens jovens, cada um deles vendo liberdade por prismas diferentes. Mathieu Delorme, um jovem professor de filosofia, ver a liberdade como sendo a ausência de compromisso de qualquer espécie. Brunet faz uso da liberdade para se engajar politicamente. Daniel, um homossexual, contempla a liberdade como um ato natural e gratuito, sem necessidade de justificativa. Jacques, irmão de Mathieu, abdica da individualidade, para se casar, ter um trabalho regular e viver uma vida "normal".

Na novela *A prostituta respeitosa* (SARTRE, 1966) Sartre aborda o problema da discriminação racial no sul dos Estados Unidos, nos anos quarenta do século XX. Nela é narrada a história de uma prostituta, que se vê coagida pela polícia a depor contra um negro acusado de ter tentado estuprá-la. A mulher resiste e diz que morreria, mas não mentiria. Poderiam bater nela e prendê-la, mesmo assim, não denunciaria alguém inocente. Chegam outras personagens, inclusive um senador, com a mesma intenção. Com uma argumentação que explora o contesto de carência daquela mulher sozinha, o senador a convence a assinar a declaração falsa, embora ela mais tarde se arrependa de ter feito. Mesmo sem explicitar, o autor coloca em destaque a carência da prostituta e a influência do mundo exterior sobre algumas convicções, persuasão que seria tão maior quanto maior fosse o poder do agente que influencia. A questão racial, a ingenuidade de alguns personagens e as relações de existentes entre os opressores brancos e marginais da sociedade (negros e brancos pobres) são o cenário no qual Sartre reafirma a primazia da existência sobre a essência.

Uma obra póstuma, porém escrita desde 1948, *Verdade e existência* (SARTRE, 1990), é um ensaio sobre a construção da moral, tratando a verdade como um elemento inserido na intersubjetividade, produzido através do auto-reconhecimento de cada ser individualmente tem e pela reciprocidade de reconhecimento em outros indivíduos. Mas a obra não se aprofunda e nem esgota o assunto. O certo é que em todos os escritos de Sartre a verdade é um ente subjacente, a existência, ao "ser-para-si" para o ao "ser-em-si". Nunca há uma verdade absoluta, ele é sempre adjetiva, relativa, consequente, procede, no sentido de ser consequência de algo de uma categoria maior. Até quando instado a explicar seu relacionamento com Simone de Beauvoir, a verdade foi usada de forma fugidia. Segundo ele essa seria uma relação em quem havia a verdade *necessária* (Simone de Beauvoir), e a verdade *contingente* (os romances com outras mulheres).

A Dosimetria da Verdade Histórica

Há outras interpretações filosóficas da verdade, entretanto o nosso propósito é apenas suscitar, levantar e registrar o problema da verdade na historiografia e não nos estender em demasia sobre o assunto, de forma a esgotá-lo. Para isso há outras fontes.

Agora chegamos a um impasse metodológico, axiomático. Se a verdade é a conformidade do real, a exatidão da realidade; se filosoficamente a verdade algo é estéreo, elástico e hipotético, porquê sempre está impregnada de idealismo; se a verdade histórica é apresentada em conformidade com o conhecimento que os historiadores têm das relações e das leis internas dos fenômenos relatados em suas obras; se a análise e o conhecimento dos historiadores são resultado de seus critérios e de suas inclinações ideológicas pessoais, os critérios e as inclinações pessoais dos pesquisadores sempre influenciam a qualidade da conformação histórica e sempre produzem uma história ideológica, cabe ao historiador fazer a dosimetria da verdade.

Aqui nos deparamos com outro problema: se as ideologias são mecanismos de luta para se alcançar o poder ou, mais comumente, de legitimadores da dominação, não podem gerar nenhum tipo de *verdade.*

A ciência da história não exige de seus praticantes (por saber que é apenas uma abstração, uma existência hipotética) sejam apenas "constatadores" de acontecimentos históricos, sem exames, sem análises e sem evidências, para que esses procedimentos não sejam elementos de manipuladores das verdades históricas, já que sempre serão realizados com ingredientes ideológicos. O saber histórico neutro e objetivo e uma ingenuidade, uma ilusão do positivismo, pois os cientistas – no nosso caso, os historiadores – também são pessoas que vivenciam os conflitos sociais, que tiveram formação acadêmica e didática com vinculações ideológicas e que têm concepções bem individualizadas da realidade.

O saber não ideológico parte de uma premissa intelectual falsa, a do homem que se anula pelo conhecimento. Embora a ciência – aqui incluída a história como ciência – conviva com o problema da subjetividade, ela permite, em maior escala até nas ciências humanas, a contraposição de ideias. Por outro lado, o use intensivo da epistemologia dá chance ao expurgo das incertezas e erros casados pela ideologia. Não nos esquecemos: a validação cognitiva dos textos histórico, seus relatos e trajetória evolutiva, seus paradigmas estruturais ou suas inter-relações dependem da comprovação da objetividade e do rigor das investigações.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. O objeto de "O Capital", in ALTHUSSER, Louis, BALIBAR, Étienne e ESTABLET, Roger. *Ler O Capital* (2º volume). Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

ARISTÓTELES. Ética a Nicómaco. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril, 1973.

AQUINO, Tomás de. Questões discutidas sobre a verdade, in *Seleção de textos*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril, 1973.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOORSTIN, Daniel J. *Os descobridores*. 2ª ed. Tradução de Fernando Pinto Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

CAMUS, Albert. *O avesso e o direito*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. *O estado de sítio*. Tradução de Maria Jacinta. São Paulo: Abril, 1979.

_____. *O Estrangeiro*. Tradução de Antonio Quadros. São Paulo: Abril, 1979.

_____. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. *O Mito de Sísifo*. Tradução de U. Tavares Rodrigues e Ana de Freitas. Lisboa: Livros do Brasil, 2002.

CARMONA, FELICIANO B. *Gabriel Marcel*. Madrid: Epesa, s.d.

CÉSPEDES, Guillermo. La conquista, in *Historia de América Latina*. Madri: Alianza, 1985.

DAVIDSON. Donald. A coherence theory of truth and knowledge, in LEPORE, Enert (org.), *Truth an interpretation: perspectives on the philosophy of Donald Davidson*. Basil Blackwell, Oxford, 1986.

DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Forca de lei*. **São Paulo:** Martins Fonte, 2007.

DESCARTES, René. *Meditações*. Tradução de J. Guinsburg e Ernesto Prado Jr. São Paulo: Abril, 1973.

ENGELS, Friedrich. Ludwing Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã, in *Obras Escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, s.d.

FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as formas jurídicas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Cadernos da PUC-Rio. Caderno n. 16. Departamento de Letras, 1995.

_____. Genealogia e poder, in *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GAIBROIS, Manuel Ballesteros. *Historia de América*. Madri: Pegaso, 1946.

HART, Richard. *Esclavos que abolieron la esclavitud*. Havana: Casa de Las Américas, 1984.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes.* Tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Abril, 1994.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia del espiritu.* 1ª ed. 7ª reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos.* Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril, 1973.

_____. *Introdução à metafísica.* Tradução de Emmanuel C. Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

JASPERS, Karl. *Cifras de la transcendencia.* Madri: Alianza, 1993.

_____. *La filosofia.* México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

KIERKEGAARD, Aabye Søren. *Doença mortal e desespero.* Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril, 1994.

KI-ZERBO, Joseph. História crítica da África ao sul do Saara, in JAGUARIBE, Helio. *Um estudo crítico da história.* Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LAMARCA, Carlos Navarro y. *Compendio de la historia general de América.* Buenos Aires: Angel Estrada, 1910/1913. 2 volumes.

LACAN, Jacques. *Escritos.* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MAHIEU, Jacques de. *Vikings no Brasil.* Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MARCEL, Gabriel. *Posición y aproximación concreta al misterio ontológico.* Tradução de Luis Villoro. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1955.

MARX, Karl. *Contribuição à critica da economia política.* Tradução de Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MELLAFE, Rolando. *Breve historia de la esclavitud en América Latina.* 3ª ed. Buenos Aires: Sap/Setenta, 1973.

MENESES, Paulo. *Para leu a fenomenologia do espírito: roteiro.* São Paulo: Loyola, 1992.

PADRON, Francisco Morales. *Historia del descobrimiento y conquista de América.* 4ª ed. Madri: Nacional, 1981.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social.* Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril, 1973.

SARTRE, Jean Paul. *A idade da razão*. Tradução de Sérgio Melliet. São Paulo: Abril, 1979.

_____. *A prostituta respeitosa*. Tradução de Miroel Silveira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. *A imaginação*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes, in Os pensadores (v. XLV). Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Vergílio Ferreira, in Os pensadores (v. XLV). Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger. São Paulo: Abril, 1973.

_____. *O muro*. Tradução de H. Alcântara Silveira, 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. 12ª ed. Petrópolis : Vozes, 2002.

_____. *Questão de método*. Tradução de Bento Prado Júnior, in Os pensadores (v. XLV). Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

URABAYEN, Julia. *El pensamiento antroológico de Gabriel Marcel: un canto al ser humano*. Pamplona: Eunsa, s.d.

DISCURSO DE POSSE

*Valério Mesquita**

Sócio Efetivo

O tempo é a dimensão da mudança. Esta instituição é o único bem que ficará após tudo o mais passar. Nela ingresso, eleito por aclamação dos confrades, numa atitude reverente àqueles que a criaram e aos dois últimos presidentes que me precederam: Enélio Lima Petrovich e Jurandyr Navarro da Costa. Não posso olvidar deles o exemplo e a dedicação que tiveram em manter a guarda e a segurança de tão valioso patrimônio. Não chego tão tarde assim. Ainda trago um pouco de juventude no rosto e entusiasmo para o combate. Por isso, não desconheço a magnitude que o novo desafio exige de mim.

Sempre atuei em defesa de uma cultura comprometida com os princípios da preservação do patrimônio histórico e artístico do Rio Grande do Norte. A nova diretoria que hoje assumiu chega para renovar a identidade da mais antiga casa da memória potiguar. Todos desembarcam sem alarde, com a plena convicção de que farão o possível por merecê-la.

Aqui, estamos, nós confrades, reunidos com as autoridades e a sociedade norte-riograndense com o desiderato de modificar o rumo e o prumo do Instituto Histórico, com vibrações novas, renovadoras, nascidas do ideário dos luminares fundadores do ano de 1902.

Excelentíssimas autoridades, caríssimos confrades, minhas senhoras e meus senhores.

O prédio do Instituto foi construído por Augusto Tavares de Lyra, entre 1905 e 1906, na área nobre e histórica da cidade, vizinho a antiga catedral metropolitana e ao palácio do governo erguido por outro conterrâneo Alberto Maranhão. Tem frentes, tanto para a rua da Conceição como para a praça André de Albuquerque. E um chão sagrado de antepassados. Bem próximo, está a praça padre João Maria, hoje, transformada num lastimável camelodromo. Ainda, ali perto, o museu Café Filho, a primeira construção assobradada, ainda do período colonial e o Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional, casarão restaurado onde residiu o prefalado e santo sacerdote. E um pouco mais adiante, o sobradão clássico onde funcionou o Tesouro Provincial, hoje Memorial Câmara Cascudo e o Convento Santo António, todos monumentos tombados pelo Património Histórico. E com importância político-administrativo estão cravados também nesse quadrilátero de ocorrências históricas as sedes atuais dos Poderes Legislativo e Judiciário.

Todavia, minhas senhoras e meus senhores, encareço a atenção das excelentíssimas autoridades para os cuidados que essa contextura patrimonial, histórica, turística, representa para Natal nos dias de hoje, quando a capital será palco de assinalados eventos de envergadura nacional e internacional em 2014. Os prédios, as praças, a iluminação pública ao derredor, necessitam de paisagis-

mo compatível como berço da cidade dos Reis Magos.

Nesse território emocional e dominó de reminiscências inapagáveis imperam o lixo, a predação, a escuridão, o abandono e a insegurança. Urge, para essa área, um tratamento diferencial e seletivo de ressurreição de ambiente.

E o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, pobre mas altivo, capataz dos mistérios circundantes, há cento e onze anos - a completar no dia 29 de março - ele é o guardião do mais importante acervo histórico do estado, cuja sede abrigou inclusive, o Tribunal de Justiça, o Tribunal Eleitoral, a Academia Norte-Riograndense de Letras, além de outras entidades culturais. Agora, eu indago, deve continuar abandonado? Ele detém a guarda de todas as leis e decretos de governo de 1835 a 1952, documentos de demarcação de terras de 1615 a 1807, sesmarias de 1702 a 1716 e de 1748 a 1754. O livro de Barleus, no qual Gaspar Van Barle descreve os oito anos do governo holandês de Maurício de Nassau, de 1647, bíblias antigas, bibliotecas, mapas geográficos, objetos de museus, versos, manuscritos e registros eclesiásticos, fotografias de personagens da história política, social, cultural, jurídica e religiosa do Rio Grande do Norte de cem a trezentos anos passados desde os períodos: colonial, imperial e republicano. Todo acervo mencionado continua sendo fonte de pesquisa e de estudo de nossos universitários e de visitantes de outros estados.

A advertência que dirigimos, esta noite, às autoridades públicas do estado, às empresas privadas, a sociedade potiguar é que a entidade carece de atenção especial a fim de preservar a história do Rio Grande do Norte. É urgente fazermos a digitalização documental, a climatização da sua sede, com a restauração da rede elétrica interna e a inadiável recuperação física do imóvel.

Não existe outra maneira de salvar esse enorme património sem o apoio resoluto, dos órgãos governamentais, das instituições privadas e da sociedade de modo geral. Com os companheiros Ormuz Simonetti, Carlos Gomes, Odúlio Botelho, Lúcia Helena, João Felipe da Trindade, George Veras, Eduardo Gosson, Adalberto Targino, Edgar Dantas, Tomislav Femenick, Paulo Pereira e Eider Furtado, vamos bater em cada porta em nome da preservação da memória do Rio Grande do Norte. Este património que estamos guardando é público, é da história, é do povo.

Meus agradecimentos, nesta hora se estende as autoridades e aos amigos, pelo prestígio das presenças que representam pata todos nós o prévio apoio ao que propomos fazer.

Concluo as minhas palavras e permitam, mais uma vez, repeti-las, com o esplendor do pensamento do escritor Mário

de Andrade que constitui para mim um ideário extraído do seu «Valioso Tempo dos Maduros»:

"Contei meus anos e descobri que terei menos tempo para viver daqui para a frente do que já vivi até agora. Tenho muito mais passado do que futuro.»

"Já não tenho tempo para lidar com o supérfluo.»

"Já não tenho tempo para conversas intermináveis.»

"Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos, quero a essência, minha alma tem pressa... "

"Caminhar perto de coisas e pessoas de verdade. O essencial faz a vida valer a pena. E para mim, basta o essencial!"

Por último, agradeço ao confrade presidente da coirmã Academia Norte-Rio-grandense de Letras, Diógenes da Cunha Lima, por haver nos acolhido aqui nessa noite especial de abertura de novas esperanças para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e de forma extensiva aos colegas do Conselho Estadual de Cultura.

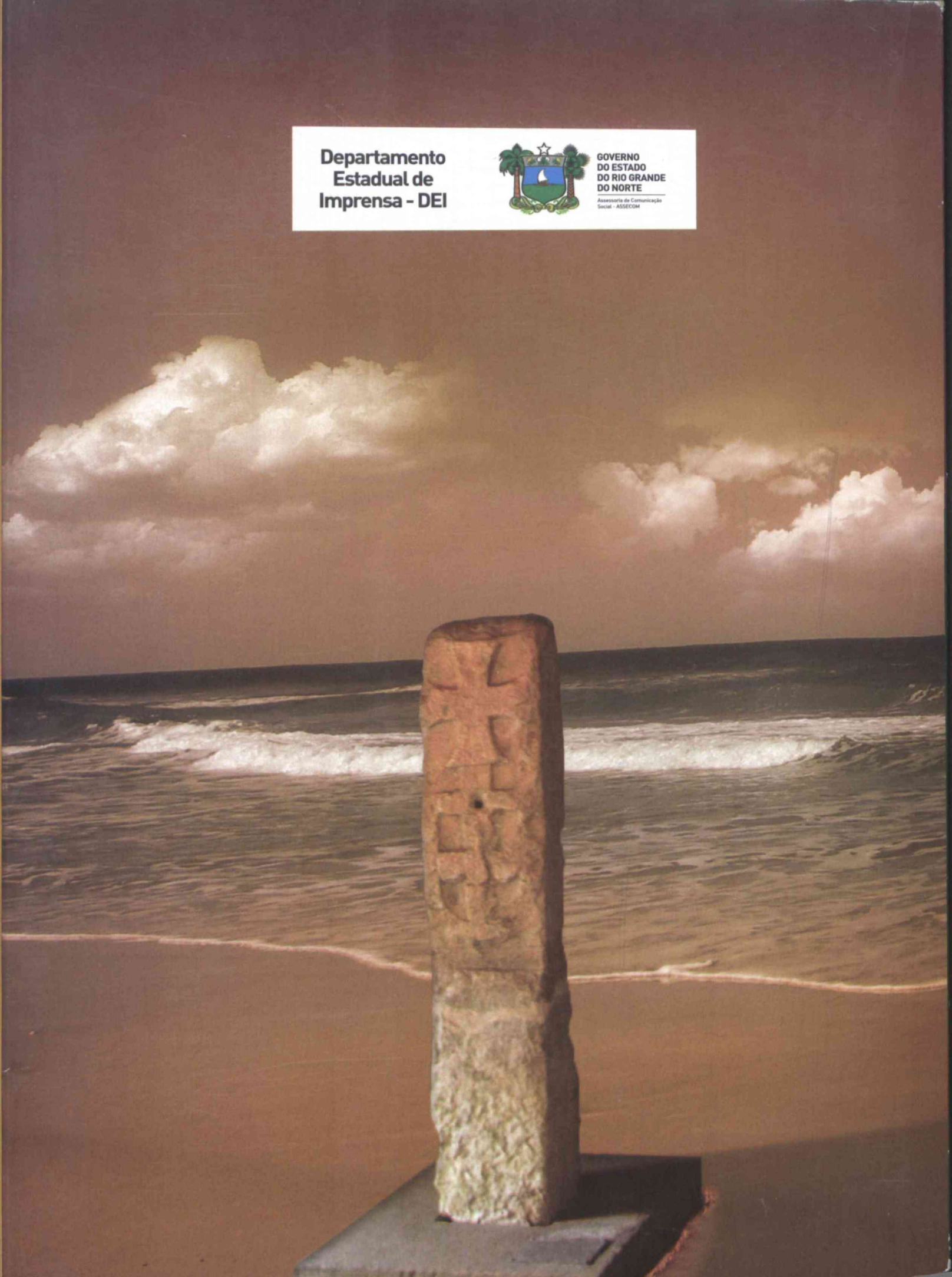
---

*Discurso proferido na sede do IHGRN – 15 de março de 2013

(Footnotes)

1 (HANSEN,1995; pg. 89)

A Coluna Capitolina, originária do Monte Capitólio em Roma, foi doção do povo italiano, através do ditador Benito Mussolini, em agradecimento a boa acolhida que os potiguares deram aos aviadores Carlos Del Prete e Arturo Ferrarin, após um vôo de mais de 7 mil quilômetros, sem escalas, entre Roma e a costa do Rio Grande do Norte. No dia 5 de junho de 1928, os pilotos tocaram o solo potiguar, num vôo que teve duração de mais de 49 horas.



Departamento Estadual de Imprensa - DEI

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Assessoria de Comunicação Social - ASSECOM